No. 447

O MUNDO DO LIVRO
11 - L. DA TRINDADE - 13
TELEF. 36 99 51
LISBOA

RB 183,221

Presented to the

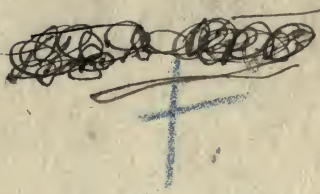
LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton



ELEGIADA
DE
LUYS PEREYRA
Dirigida ao Sereniſſimo Senhor Cardeal
ALBERTO
Archiduque de Auſtria, e Governador dos Reynos de Portugal.

Fielmente copiada da Ediçam de Manoel de Lyra anno 1588.

POR

BENTO JOZE DE SOUZA FARINHA,
Profeſſor Regio de Filoſofia, e Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

LISBOA
Na Of. de JOZE DA SILVA NAZARETH.
ANNO M. DCC. LXXXV.
Com licença da Real Meza Conſoria.

ELEGIADA

DE

LUYS PEREYRA

Dirigida ao Serenissimo Senhor Cardeal

ALBERTO

Archiduque de Austria, e Governador

dos Reynos de Portugal.

Pelo mesmo estudante da Academia Real

de Lysboa anno 1738.

POR

BENTO JOZE DE SOUZA

FARINHA,

Professor Regio de Philosophia, e Socio

da Academia Real das Sciencias

de Lisboa.

LISBOA

NA OFFICINA DE JOZE DA SILVA NAZARETH.

Com todas as Licenças necessarias.

Soneto de Franciſco D'andrada.

DE lagrimas, de mortes, de crueza,
De ſangue inda oje freſco em Barbaria,
Brandos verſos fazer, doce armonia,
Que dê goſto a pezar da mor triſteza,
Mayor eſpanto foy, mor eſtranheza,
Que o que fingio d' Orpheo a Poeſia:
Que ſ' eſte as couſas naturaes mouia,
Eſtoutro moue a meſma natureza.
Eſta eſtranheza tal que em mor eſpanto
O que melhor a entende oje tem poſto,
A ti Pereyra ſó foy concedida:
Ditoſo aquelle a quem chegar teu canto,
Que pois de ſua dor fizeſte goſto
Tambem de ſua morte ſerás vida.

Soneto de Diogo Bernardez.

CAntas Luys, e choras juntamente
O gram Sebaſtiaõ Rey ſem ventura,
Banhando com tal pranto a ſepultura
Que nunca ſecará ſua corrente:
Naõ direy ſoo a Luſitana gente,
Mas qual no mundo póde ſer taõ dura,
Que negue ſentimento com brandura,
A dor ſentida mais de quem mais ſente?
Os verdes e altos louros do Parnaſo
A tua Portugueza e triſte Lyra
Em funebres Cipreſtes converteo:
Apolo antelles chora, amor ſuſpira,
E Marte duro autor do duro caſo
Mil vezes do que fez ſe arrependeo.

Soneto de Pedro D'andrade de Caminha.

Pereyra que na mor altura mora
Das Muſas, cujos nomes mais leuanta,
Cantando a vida que chorando canta,
Chorando a morte que cantando chora:
Co amor ao morto Rey o Ceo namora
Co eſtilo, co artificio, o mundo eſpanta
E em memoria immortal ſeu nome planta
Com mil nomes ornado mais cad'ora.
Neſtas lagrimas ſuas, neſtes cantos,
Que mortes choram, que cellebram vidas,
Que a vida e morte de ſeu Rey ſeguiraõ:
Se vem de ſeu engenho mil eſpantos,
Marauilhas do Rey, ſó delle ouuidas,
Dos ſeus lealdade, e amor com que o ſerviraõ.

Do meſmo Pedro D'andrade.

Quem canta Sebaſtiaõ? Canta Pereyra.
Que canta do ſeu Rey: A vida e morte.
Da vida que? Sua onra verdadeyra.
Da morte? Que a venceo com animo forte.
Na terra que ganhou? Memoria inteyra.
E que no Ceo? Glorioſa e alta ſorte.
E de Pereyra quem? Quantos o lerem.
Quantos o lerem? Si, ſe o entenderem.

Epigrama de Hieronymo Corte Real.

COſtume antiguo he da natureza,
(De dar yguaes engenhos já canſada)
Moſtrar de tempo em tempo huma eſtranheza
Em qualquer faculdade deſuſada:
A ſabia experta mãe tanto ſe preza
Fazer hũa perfeyçaõ auentajada.,
Que nos ficaõ por guya, e por eſpanto
Aquelles que antre tantos onrou tanto.

Em ti Pereyra illuſtre nos tem dado
Rariſſima e famoſa abilidade,
Deute engenho antre todos leuantado,
E feſte onra, e valor da noſſa idade:
De quantos a Caſtalia tem chegado
Te deu a ti do verſo a ſuauidade,
E ficas com razaõ tu ſó no mundo
Por vnico, perfeyto, ſem ſegundo.

ELE-

ELEGIADA

DE

LUIS PEREYRA

CANTO PRIMEIRO.

Sae á caça Sebaſtiaõ, e perdido vay ſeguindo huma fera. Emboſca-ſe, e naõ ſe ſabe ſayr. Deſpois he agazalhado de hum velho, que lhe conta os principios e antiguidades de Portugal, e ſeu nacimento.

MOrtes, danos, caſtigos, magoas canto,
Males que todo o mundo chora e ſente,
Hum nunca viſto eſtrago, e o rouco pranto
Nunca enxuto em Portugueſa gente:
Armas, furor, e temeroſo eſpanto,
Em que ſe abraſa toda a Lybia ardente,
Quando Sebaſtiaõ paſſar queria
A reſtaurar o Rey de Barbaria.

Deſte

Deſte Sebaſtiaõ o peito forte
Cantarei, e alegre nacimento,
Com toda a curta vida, e triſte morte
A que o trouxe ſeu feroz intento:
A ſua condiçaõ, e dura ſorte,
O ſeu ſubido, e alto penſamento,
E como foi dos ſeus temido, e amado,
Com ronca tromba aqui terá canſado.
Mam ſem fauor diuino quem tam rudo
Será, que humana lingoa atreua ouſada
Sem ficar a ſeu erro atado e mudo,
Depois de qualquer couſa começada,
Donde tudo nos vem que ſó he tudo,
E ſem o que, naõ he tudo mais nada,
Nos conuem ter o eſtilo ſonoroſo,
E naõ do antigo rito fabuloſo.
Por onde áquelle peito de amor cheo,
Fonte de perenal ſabedoria,
Que em todo cego engano, e errado enleo
He clara luz, e verdadeira guia,
Peço fauor, co qual roto o receo,
A minha Muſa fereis vós Maria:
Que já que tal fauor a lingoa abraça,
Darlhe-a graça quem tudo enche de graça.
Verdades canto dinas de memoria,
Caſtigos juſtamente merecidos,
Naõ fabuloſa, ou ſonhada eſtoria
Que engana peitos, e embaraça ouvidos:
Naõ de Alcides a fingida gloria,
Nem caſos que naõ foſſem acontecidos:
Nam de Buſiris altares indinos,
Nem Jaſſaõ, e Teſeo peregrinos.

Cante

Cante Homero o que chorou Dardania
Cante depois Virgilio o amor de Dido :
Inuentem danos da fatal inſania ,
Por ſer ſeu nome mais engrandecido :
Que eu choro o Rey da triſte Luſitania
Sentido , até das pedras ſem ſentido ,
Cuja eſtoria certa e doloroſa
Excede toda a outra fabuloſa.

Bem vejo a quantos votos auenturo
O fructo do trabalho começado ,
Mas a dor de ficar o nome eſcuro
Da patria minha , me faz ſer ouſado :
Quero que ſaiba o tempo la futuro
Quando quiſer culpar eſte paſſado ,
As rezões que moueraõ o Luſitano
Para principio ſer de tanto dano.

Empreſa onde com groſſeira e ruda
Lingoa já me vejo , como aquelle
Que ouſado vay ao perigo , e naõ ſe muda
Depois que ſe ve perto , e junto delle :
Antes olhando ſe acha quem lhe acuda
Arrependido já de ſe ver nelle
O roſto muda de huma , e de outra cor
Cercando hora vergonha , ora temor.

Naõ ſendo de eſpantar eſte receo
Pois ſe louuar os meus como me pede
A verdade e razaõ , entendo e creo
Que niſto a toſca pena o modo excede :
E ſe os naõ louuar ingrato e alheo
Me deue de chamar a patria ; vede
Se a tanta obrigaçaõ contraira atado
Se deuo com razaõ ſer deſculpado ?

Engrandecer seu ser verdade escreuo,
E louuar gente minha o nome nosso
He pelo grande gosto que inda leuo
De ser com minha culpa o louuor vosso:
Onde se eu naõ differ tudo o que deuo
Desculpa-me fazer tudo o que posso,
Que tudo he bem pouco, eu bem o vejo
Mas pode mais que tudo este desejo.

Que forçado me leua a seu intento,
Por este escuro vale tenebroso,
Cercado de tristeza e sentimento
Esteril, duro, esquiuo, e pedregoso:
Por onde antes que moua o passo lento
Por terreno taõ seco e escabroso,
A ti Senhor dirijo o rudo canto
A quem da Lusa perda coube tanto.

A ti benigno Alberto, espelho claro
De virtudes, de exemplo nunca ouuido,
Em tal poder e idade nouo emparo
Do Luso, com tal dita engrandecido:
A ti, a quem naõ pode o tempo auaro
Negar as esperanças do florido
Ramo, do tronco de Austria taõ famoso,
A ti dirijo o canto doloroso.

Naõ olhando do rudo e tosco engenho,
O aspero sogeito com que a lira,
Que atreuidamente á boca tenho
Tristezas soa, e lastimas espira:
Se naõ ao puro amor em que sostenho
A grande confiança, que respira
No que deuidamente te offereço
E confiando agora te mereço.

Já

Já Baſtiaõ dos verdes annos tinha
Paſſado o principio deleitoſo
Pendendo o gouerno da Rainha,
Que taõ canſado acha e trabalhoſo:
E o Sol por antre nuues de ouro vinha
A entrar no ſeu acaſo tenebroſo,
Quando perdendo atraz huma fera o dia
O moço Rey, num boſque ſe perdia.

Atras da fugitiuo animal leue
Torcendo vai o curſo preſuroſo,
Parece-lhe o fim do intento breue,
A breue effeito taõ deficultoſo:
E como que o ſeguir mais lhe releue
Que o deſenganar-ſe, no eſpinhoſo
Boſque, de tal maneira já ſe embrenha
Que nem ſabe onde vay, nem donde venha.

Cos braços vai a rama diuidindo,
E cos pés do caualo já canſado
Nouos caminhos ſem caminho abrindo,
A cada paſſo indeterminado:
Huma vereda eſtreita em fim ſeguindo,
Lugar de humanos pés já mais piſado:
Torcida guia que ſuſpenſo o leua
Onde naõ cuyda, e muyto lhe releua.

Confuſo aſſi, vay dar num prado ameno
Cheo de claras fontes criſtalinas
Onde pendendo eſtaõ do verde feno
Roſas, çucenas, lyrios, crauellinas:
Eſtá o Ceo ali ſempre ſereno
Melificando polas matutinas
Flores, a aſtute abelha ſuſurrante
No rocio que pende ſcintillante.

O cul-

O culto e brando vento murmurando
Por antre as leues folhas do aruoredo,
Co rouco som das agoas concertando,
Parece que praticaõ algum segredo:
Onde as verdes rãs andaõ escutando
Saltando de hum penedo em outro penedo
Tambem cantando queyxas amorosas
Por cima das correntes vagarozas.

O negro melro la de quando em quando
Com amoroso canto e vam porfia,
Pola fabrosa espoza suspirando,
A voltas de suspiros assouia:
E Filomena, e Progne lamentando
Em vez de pranto, fazem melodia:
Som que tam docemente se diriua
Que faz firmar a Limpha fogitiua.

Bem no meyo do prado deleytoso
Huma ruina rodeada estaua
De verde era, leito sumptuoso,
Que antigua perfeiçaõ inda mostraua:
Onde de abrigo o moço desejoso
Polo edificio derribado entraua
Ouvindo voz suaue, e doce Lira
Som que enternece, perfeiçaõ que admira.

Com duuidoso passo, e prompto ouuido,
No desejo afiando a ousadia,
De cauerna em cauerna entra atreuido,
Por onde o baixo, e o doce som sahia:
Hum velho ve alegre encanecido,
Que de ondada barba se cubria,
Brancas estrigas pendem à ceruiz cumba,
Retumba doce som na escura tumba.

Sus-

Suſpenſo fica o moço e eſpantado,
Do decrepito vendo o ledo aſpeito,
Que curuo já ſobre hum torto cajado
Taes palauras tirou do ſabio peito:
Quem he o que aſſi comete ouſado
Entrar no defendido antigo teito,
Quem ſem repouſo meu repouſo turba,
Quem do Letheo ſitio as leys perturba?
Seguro a repoſta graue e breue
O moço Rey a lingoa deſenlea
Dizendo, que culpar com razaõ deue
Quem ſem ella comete o que recea:
Moue outra vez o velho a lingoa leue,
Depois que quatro vezes cabecea,
Dizendo ſuſpirando: Os tenros annos
Apos que fim correis, apos que enganos!
Que eſperança vos leua, lhe replica,
E depois brandamente o perſuadia
Que em pobre caſa, de vontade rica
Naõ engeitaſſe o pouco que podia:
Huma e outra repoſta purifica
Nouo amor, que ali o nouo dia
Faz eſperar ao Rey, onde ſentados
Saõ varios caſos de ambos recontados.
Depois de largo eſpaço, perguntando
O Rey ao enrugado, que ventura
O trouxe a lugar que do paſſado
Tempo lhe parecia ſepultura:
Leuanta o velho a voz, e do cajado
(Onde pegando as palmas ſe ſegura)
Erguendo a barba, e tremula cabeça,
Mudo primeiro hum pouco, aſſi começa.

Pri-

Priuado fuy dum Rey que a terra cobre
Na idade dos Luſos mais dourada,
Que já de prata foy, oje he de cobre,
Taõ differente em tudo da paſſada:
Mas o tempo que tudo em fim deſcobre,
A malicia do carrego, embuçada
Com capa de ambiçaõ, me foi moſtrando,
O tranquilo repouſo me enſinando.

Fui rico, muito rico entaõ de amigos,
Fui poderoſo, e com poder bem quiſto,
Agora rodeado de enemigos.
De todo mundo entaõ ſeruido e viſto:
Por antre eſtes marmores antigos
De eſquecimento a memoria viſto:
Da preſente malicia eſtou ſeguro,
Viuendo ſem temor do mal futuro.

Tudo o q.e paſſa eſcreuo na memoria
Materia ás vezes ſou de vãs lembranças,
Paſſada magoa repreſento gloria,
Paſſada gloria tirolhe eſperanças.
Conta-me (diz o Rey) alguma eſtoria
E ſe quiſeres, ſeja das mudanças
E principio do Reyno que lamentas,
Por ver ſe teue os bens que repreſentas.

Contar o alto valor do Luſo peito
(Reſponde o velho) naõ me ſerá dado,
Que me terá o mundo por ſoſpeito,
Em louuar a quem eſtou taõ obrigado:
Fica-me delle o caminho eſtreito,
Mas com tudo, ſeguindo teu mandado
Contar quero o que pedes (lhe dezia)
E deſte modo auante proſeguia.

Deſ-

Deshabitada esta prouincia esteue
Depois já do diluvio muitos annos,
(Se auemos de seguir o que se escreve)
Até virem a ter nome os Lusitanos:
Fenicios, que o breado lenho leue
No mar puseraõ para tantos danos,
O mundo discorrendo aqui chegaraõ,
E muitas partes della pouoaraõ.

Traces dizem tambem, que desgarrados
Polo Oceano aqui desembarcando,
Da deleitosa terra namorados,
A foraõ pouco e pouco pouoando:
Do tormentoso mar aqui lançados
Outros de outras naçoẽs, já mais tornando
Aa patria; fazem crer que era o sombrio
Rio de Leça, ó Letheo Rio.

Aqui pois figuraraõ os Poetas
Bosques opacos, Satyros syluanos,
Deidades vaãs, que as gentes indiscretas
Tinhaõ por altos Deoses soberanos:
Aqui vinhaõ saber cousas secretas
De longes partes rusticos serranos.
Dos Sybilos, que nestes aruoredos
Morauaõ por asperrimos rochedos.

E Lusitania nome diriuado
De Lysa, ou Luso foy, que em tempo antigo
Aqui nesta prouincia agasalhado
Dizem de Bacco ser interno amigo:
O qual como às armas era vsado,
E de todo repouso e paz imigo,
Vendo robusta a gente desta terra,
A fez sabia na paz, dura na guerra.

De-

Depois, ſendo os Troyanos abraſados
Polos ſagaces Gregos, e querendo
Tornar á Patria muitos deſgarrados,
Andaraõ varias terras diſcorrendo:
Das quaes dizem que hum dos celebrados,
Que ó nome Grego foy engrandecendo,
(Chamado Vlyſſes) no Tejo ancorou,
E que Vlyſſipo aqui edificou.

Creceo a Monarchia dos Romanos
O mundo a ſeu jugo ſometendo,
Quis tambem pôr o freo aos Luſitanos
Do que ſe foy depois arrependendo:
Que hum paſtor arreceando os danos
Que tal jugo eſtaua prometendo,
(Viriato chamado) a lança toma,
E a ſoberba quebrantou de Roma.

Em catorze batalhas vitorioſo
Foi o forte e ruſtico varaõ,
Até que num banquete frauduloſo
O mataõ os Romanos á treiçaõ:
Depois vem hum Sertorio belicoſo
Que em lugar de reparo, armada maõ
Leuanta contra a patria ouſadamente,
Vendo-ſe com taõ forte e dura gente.

Em fim que ſempre foraõ valeroſos
Em todo tempo os Luſos, reſiſtindo
Naõ ſó aos no mundo mais famoſos,
Mas ſempre os abatendo e oprimindo:
Com poder deſigual vitorioſos
Perpetua e alta fama conſeguindo
Fazendo o ſeu nome alto e preclaro,
A peſar da enueja, e tempo auaro.

De-

Depois o infelice Rey Rodrigo
Abrindo á prophecia, onde theſouro
Cuidou achar, vencido do enemigo,
De Eſpanha fez Senhor o Lybio Mouro:
Qual o de Babylonia em tempo antigo,
Que querendo abrir o cofre de ouro,
Hum corrupto vapor ſó dentro achou,
Que toda Babylonia inficionou.

Pois por Caba entregue toda Eſpanha,
Como Troya, pola maluada Helena,
(Tendo como he razaõ culpa tamanha,
Para exemplo de maos, tamanha pena):
Fez ſe ſenhora della gente eſtranha,
Como a diuina permiſſam ordena,
Mas nunca podem tanto Mauritanos
Que acabem de domar os Luſitanos.

Empreſa ſobre á qual hum Rey andaua,
(Chamado Alboazar) junto do Douro
Onde dali as terras procuraua
Someter ao eſquiuo jugo Mouro:
Mas Ramiro (outro Rey) que pronto andaua
Por alcançar ſeu bem e ſeu theſouro,
(Que era a molher que o Mouro lhe furtara)
Secretamente polo rio entrara.

Por baxo do aruoredo entrando veo
Co a frota Ramiro manſamente,
Por ſer o rio entaõ cubertò e cheo
De boſque, ſe á antigua voz naõ mente:
Alheo vay de perigos, como alheo
Que era, porque amor lhe naõ conſente
Temor de auenturar a liberdade
Nas maõs que lhe roubàraõ a vontade.

E deixando a ficar ali secreta,
Da por final, que quando já tiuessem
Ouuido alguma canora trombeta,
Que sem emor a terra cometessem:
E porque mais seguro se entremeta,
Vai de modo que naõ no conhecessem,
Onde la nũa fonte se sentava,
Em quanto o Mouro Rey à caça andaua.

Logo vem huma Moura a tomar della,
Com vaso, que de sua esposa era,
Onde hum anel lançou, porque a cautela
Lhe diga como ali seu bem a espera:
Fica a esposa muda e amarela,
Depois que tanto amor e fe pondera,
Mandando sem tardar logo chamalo
Depois de com promessas seguralo.

Vai o coitado sem sospeita ledo,
Que por chegar a ver a por quem chora
Naõ sey se perigo algum bastara ou medo,
Pera que a tal chamado assi naõ fora:
Manda a esposa entaõ pôlo em segredo
Que muyto mais do Mouro se namora,
O qual vindo da caça lhe dizia
A quem lhe de Ramiro que daria.

Nestas, e noutras graças descontente
Sendo trazido o brando namorado
Ante o Rey, e adultera presente,
A ser a dura morte ali julgado:
Perguntando-lhe o Mouro grauemente
Se delle fora preso, e condenado,
Que maneira de mor e lhe ordenara,
Em que mais cruamente o atormentara.

Ao que lhe reſpondeo ſabea e diſcreta
Mente o Ramiro : O mayor tormento
Que o odio que te tenho te decreta ,
Era fazer-te dar alma co alento :
Tangendo tanto eſpaço huã trombeta
Que ſe te deſſizeſſe o corpo em vento ,
E ſe inda outro mayor tormento ouuera
Nelle perpetuamente te tiuera.

Hora (diz o Rey Mouro) a meſma pena
Que executar em mi cruel querias ,
Eſſa meſma te dou , que inda he pequena
Para o que ſo por iſſo merecias :
Logo ſuplicio a crua gente ordena ,
Iá deſtroncam aruores ſombrias ,
Iá denuncia alto cadafalſo ,
Da mà , e falſa eſpoſa o peito falſo.

Sobe Ramiro nelle , e a rir prouóca
A ruda plebe , vay com confiança ,
Põe groſſa tromba retorcida à boca ,
O meo de pena he meo de vingança :
Oo quam de preſſa o poder ſe troca !
Quem ſe pode jactar de ſegurança ?
Eſtaõ os ſeus no mar com pronto ouuido ,
Soa já rouco e tremulo ruido.

Ouue a gente da frota , que aduertida
Eſtaua já , e dá na deſcuidada ,
Que eſtaua vendo como acaba a vida
Quem a morte lhe aſſi tinha ordenada :
Ferro omecido paſſa ao Rey omecida
O peito cru : furor de aguda eſpada
Deixa pendendo em ombros corpulentos
Barbudos roſtos , já ſanguinolentos.

Aſpera corda já as mãos rodea
(Preſas atras) da perfida Rainha,
Fermoſa de feições, de culpas fea,
Co roſto a terra murmurando vinha:
O Mouro eſpoſo rabida nomea,
O paſſo a força de ombros encaminha,
Roga, promete, auiſa, e amoeſta,
A viſta torce turbida e moleſta.

Tantos eſtremos faz de ſentimento,
Tantos proteſtos vãos deſatinados,
Que já rompendo a ira o ſufrimento,
Limite põem ádulterinos brados:
Com modo aſperiſſimo violento
No niueo colo lhe atão os ſoldados
Pendente corda, preſa a pedra graue,
Que a morte aſſegure, e a viſta agraue.

Fazendo-lhe (enojados) com que deſſe
Nome ao pego Dancora profundo,
(Que aſſi ſe chama agora) onde puſeſſe
Co a lembrança delle exemplo ao mundo.
Algũs dizem que o nome aqui tiueſſe
De Leixois o começo, e ſegundo
Deixada foi aſſi, bem lho puſeraõ,
Se os tẽpos outro algum naõ corrõperaõ.

Onde Caya de entaõ dizem que teue
Eſte nome, porque a fonte fria
Em que Ramiro aſſentado eſteue,
Sacaya em Maura lingoa ſe dezia:
Donde o nome corrupto tomar deue
Indà que a fama niſto deſuaria:
Tudo faz eſquecer tempo comprido,
Mas Mouriſco parece eſte apelido.

Ou-

Outros dizem que hum capitaõ Romano,
(Chamado Gayo Seruio) aqui chegou,
Que vencido do braço Lusitano
Em hum castelo ali se restaurou:
Ficando a tal lugar se naõ me engano
Gaya por nome, como se chamou,
E chama inda agora este alto monte,
Que do Porto está casi defronte.

Pois do Porto e de Gaya, o nome veo
A Portugal, segundo se publica,
Ou do porto dos Galos, como creo,
Que porto dos Franceses sinifica:
Que como sempre estaua de naos cheo
Segundo se inda agora verifica,
Dos Albiones Galos, este rio,
Naõ he porlhe este nome desuario.

Em fim que Portugal oje he chamada
Esta prouincia deleitosa e amena:
Que por Condado foi a Anrique dada,
Onra naquelle tempo naõ pequena:
Naõ era entaõ tamanha, que tomada
A mayor parte della à Agarena
Gente foy polos Lusos, quando empunha
Pelayo a lança, e a fama he testemunha.

E qual o Baldouino industrioso
Que de Carlos Caluo ousado leua
A filha, roubo assaz alto e ditoso,
Culpa que por amor se lhe releua:
Que nos Belgicos bosques astucioso,
Onde naõ ha contrelle quem se atreua,
Incultos aruoredos desbastando,
Vilas, Cidades, foy edificando.

Assi o Conde Anrique a esposa bela
Trouxe a Portugal, mas naõ roubada,
Felo seu genro o Rey que he de Castela,
Deuia origem ter assaz onrada:
Dalgũ Iffante Vngaro se apela
Outros lhe daõ por patria a celebrada
Austria, ou Lothoringia (nouo nome.)
Que de Lothario he bem que depois tome
Aa força aqui de lança e de segura,
O estado dilata, e casi isenta,
Tropheos glorioſos dependura,
A ousadia Babara afugenta:
O filho Afonso proua outra ventura,
Leuar auante quer tudo o que intenta,
Cinco Africanas coroas vence e pisa,
Quanto despojo achou, quanta diuisa.
Este nome de Reyno principia
Aa terra que primeiro era Condado,
Com forte braço e contuminz porfia
Se melhorou de titulo e de estado:
Onde a rezaõ, que às vezes desconfia
Do tempo, entaõ contrella de aço armado,
Faz que depois se ordene hum calamento
Em que se assolua o Luso juramento.
Baldouino rompendo a inculta terra
Que oje de Frandes he taõ opulenta,
Ora a fouce, ora a exada aferra,
E assi a renda e pouos acrecenta:
Mas o feroz Afonso a pura guerra
Com Lusitania so se naõ contenta:
Ambos a jurdiçaõ tem dilatada,
Mas hum a estende a ferra, outro a espada.

Os

Os descendentes deste dilatando
Portugal sempre foraõ ferozmente,
Reinos no Oriente edificando,
E insignes Cidades no Occidente:
Varios Reys e terras sojuzgando,
Tambem domando a Barbarisca gente,
Em toda parte em fim sempre temidos,
Nunca medrosos, nunca já vencidos.

Ioaõ melhor que Numa, e que Antonino
O pai gerou de Bastiaõ que canto,
Que por decreto do saber divino
As esperanças lhe conuerte em pranto:
Mostraua vir a ser justo e benino,
Alegria dos seus, do imigo espanto:
E naõ deuia o saber aos anos,
Que sem elles regéra os Lusitanos.

Cortoulhe a crua morte a doce vida,
Bem na florida adolescente idade,
E amor cuido que foi misto o mecida,
Mais que ardente e graue infirmidade:
Que partido tirou desta partida
Morte cruel? senaõ deixar saudade
A quem nella descansa a dor que sente:
Se pode descansar amor ausente.

Prenhe lhe fica a doce e amada espoza,
Magoa que môr naõ pode ser parella,
Que era de alto valor, moça e fermosa,
Filha do Emperador Rey de Castella:
Põese logo em custodia a desditosa,
Porque dependem as esperanças della
Da gente Portugueza, que pendia
Do que esta senhora pariria.

An-

Anda turbada, eſpera, e deſconfia;
Murmura deſcontente graues danos,
O juuenil furor já entaõ porfia
Co a prudencia de maduros anos:
Eſcura tempeſtade parecia
Que ſe hia armando contra os Luſitanos,
Acodem os prudentes ao gouerno,
Temendo o furor do brauo inuerno.

Olhos no ceo já regaõ a terra dura,
Pedindo Rei a Deos, conueniente
A ſeu deſejo, que lhes afegura
Domarem a Lapia fria, e a Lybia ardente;
Ia a penitente branca veſtidura
Banha em ſangue peccadora gente:
Ia he rezaõ que o ceo o rogo ouuiſſe,
E a princeſa grauida pariſſe.

Sendo o termo do eſperado fructo
Chegado ja, quando ſe deſconjunta
A fermoſa Princeſa, ao eſtatuto
Da natureza ſendo a monçaõ junta:
Que de lagrimas viuas pouco enxuto
Tendo o roſto, dentro em ſi pergunta
A amor, polla paſſada primauera;
Queixa q̃ afrõta amor, no amor que eſpera.

Noua que polas ſombras deſcorrendo
Do nocturno ſilencio, alli murmura,
Que eſperta alegre gente, parecendo
Que pór o jugo a todo mundo jura:
A hum famoſo templo concorrendo
Com fe, que a eſperança lhe ſegura:
Donde ſahia ja em longo fio
Na coſtumada ordem o Clero pio.

Auan-

Auante proſeguindo, diuidida
A clauſtra, e obſeruancia differente
No trajo, pola ordem poſſuida,
Hũa fieira a outra precedente:
Inſignias do que morto nos deu vida,
Da aruore da vida ali pendente,
Do murado caminho enchem o meo
Com vagaroſo e igual paſſeo.

Lumes de viua fe lhe reſplandecem
Nas mãos, que rõpem o veo da noite eſcura,
Lagrimoſas palauras reuerdecem
O temor, que curar cada hum procura:
E atraz ſeguem mui os que enternecem
O ceo à que ſo foi perfeita e pura:
Na eſtrelada terra, e Ceo eſtrelado,
Se ouue hum canto ſonoro e concertado.

Dous dos religioſos leuantando
A vniſſona voz, doce, acordada,
O comum ſacerdocio replicando,
O rogo, à petiçaõ principiada:
Tres peſſoas hum ſõ Deos inuocando,
E a Virgem, filha, mai, e eſpoſa amada,
Com tudo o mais, que a ſanta Ladainha
No glorioſo verſo em ſi continha.

Naõ com ſangue de Touro derramado
Em crepitante chama, ou de Briceo
Licor feruido, naõ com degolado
Iouenco, abre Deos agora o ceo:
Com obras, coraçaõ ſacrificado
De contriçaõ, de dor, de culpas cheo,
He o por onde todo bem ſe alcança,
E o que ſegura aos Luſos a eſperança.

Entran-

Entrando já o sol no fino Aquario,
Vinte do mesmo mes, tendo passados
Mil cursos polo seu curso ordinario,
Com mais quinhentos, sendo numerados
Iuntos cincoenta e quatro, do Cesario
Numero pera cá continuados:
Quando a princesa pare o filho amado,
No dia de Bastiaõ, Bastiaõ chamado.

Mas elRei dom Ioaõ da magoa interna
Que polo morto filho lhe ficou,
Como quis a bondade alta e superna,
Aa Libitina o tributo entregou:
Posse tomou da vida sempiterna
O que sempre nesta outra procurou.
Tornase a renouar de nouo o pranto
Da perda atraz, que a gente chorou tanto.

Vestindo-se de dó e de tristeza,
A que dantes de gala e de alegria
Anda vestida, e chora o que despreza,
Que os bõs sempre se choraõ toda via:
O mundo de seus bẽs mostra a auareza,
E, vesse de seu modo a zombaria,
Que atraz o dia alegre, o triste ordena,
E apos hum breue bem, comprida pena.

O mal que está por vir naõ presumindo,
Que mal se cre, e sempre he arreceado,
O tempo, pouco e pouco descubrindo
Indo ja entaõ o bom que era passado:
A varias queixas o caminho abrindo,
Andar taõ differente e taõ mudado
Tudo, que mostraua bem que os meos
Segurauaõ o fim dos arreceos.

Temo-

Temores em que o triſte Reyno eſtaua,
Quando por Rei os Luſos leuantaraõ
O tenro Baſtiaõ, que ja moſtraua
O que delle depois pronoſticáraõ:
Que preſença parece que ſentaua
No colo da ama, aos que lhe a maõ beijaraõ,
Como ſe conheceſſe a dinidade
Que teue antes de ter no mundo idade.

Ordenando-ſe logo as alegrias,
Quaes naõ viraõ no Reino antigos anos,
Em varias queſtões, varias porfias
Renouando louuores Luſitanos:
Glorias ſe cantaõ, de futuros dias
Figurando triumphos ſoberanos,
Tropheos cuidaõ já que dependuraõ,
Senhores do vniuerſo ſe afeguraõ.

Paſſa o Rey algũs annos na doutrina
Do meſtre, a quem em tudo foi ſogeito,
De Belica e Minerua diciplina
Aa militar inclina mais o peito:
E como o que ao moço o meſtre enſina
Lhe fique por juſtiſſimo preceito,
Caſto ficou, de mil virtudes cheo,
Sogeito em tudo ao parecer alheo.

Em eſtorias antigas ſe recrea,
Todos os feitos grandes pouco eſtima,
E ficalhe ſeruindo a fama alhea
De interno vèrme, e riguroſa lima:
Nota o que tem a ſua eſtatua, chea
De tropheos, e outro a quem ſublima
A leue fama, fazlhe tudo enueja,
Mal o pode alegrar nada que veja.

Qual

Qual nouo Cirne, que de branca pruma
Ia caſi reueſtido, nas ribeiras
De Meandro, piſando a branca eſcuma,
Bate as aſas; por ver ſe as tem ligeiras:
Olhando o largo bando, que cuſtuma
Vir fazendo no ar às tortas fieiras,
Que de enuejoſo o bico às penas vira,
E correndo as por elle ao ceo ſuſpira.

Aſſi o tenro moço belicoſo,
Vendo tantos nas aſas leuantados
Da fama, de imitalos deſejoſo,
Confuſo, ſe rodea de cuidados:
Acha o ligeiro tempo vagaroſo,
E dias que taõ breues e apreſſados
Parecem aos de idades ja maduras:
Que ſempre eſperaõ ver couſas futuras.

Por eſcuros e eſpeſſos aruoredos,
(Na adolecente idade ja entrando)
Por cauernoſos e aſperos rochedos
As forças anda ſempre exercitando:
Feras crueis, perigos, graues medos,
Com animo inuenciuel deſprezando:
Qual o que vence o animal Nemeo,
A Idra, o Touro, e derriba Anteo.

Contar as eſtranhezas eſpantoſas
Os perigos e eſforços nunca ouuidos
Deſte moço, as couſas venturoſas,
E os cometimentos atreuidos:
Seria imitar as fabuloſas
Eſcrituras, e ſonhos prohibidos,
A quem contar verdades ſo procura,
Que em caſos de admirar naõ eſtá ſegura.

Naõ

Naõ lhe faltaõ os termos de auiſado,
Nem para moço Rey pronto ſentido,
Era dos ſeus temido e muito amado,
Em tudo para Rey varaõ cumprido:
O valeroſo delle era enuejado,
E o couarde e fraco aborrecido,
Paſſar por toda ſorte irreparauel
Queria, como o pobre, e miſerauel.

Naõ ſofre bem que algum dos ſeus lhe acuda
Quando ſe vê de perigos rodeado,
Que ſem temor deſpreza toda ajuda,
Como de tal ſocorro enuergonhado:
Nunca caſo nenhum a cor lhe muda,
Sempre nas mores couſas confiado:
Medo nunca ſe vio neſte ſem medo,
A que naõ tenha o graue aſpeito ledo.

As ondas do ſoberbo mar furioſo,
Quando as aues maritimas medroſas
Voando fogem ao ronco tormentoſo,
De que no ceo inda andaõ temeroſas:
Contraſta aquelle peito belicoſo.
Em roto e fraco barco, e ás valeroſas
Palauras aos ſeu ſempre trazia,
Que Iulio a Amilas timido dezia.

Iſto contaua o velho ao Rey, que ouuindo
As ſuas meſmas couſas, pronto eſtaua,
Ser o Rey meſmo nunca deſcobrindo,
Que o deſcuidado velho mal cuidaua:
Mas antes muitas vezes ſe ſorrindo,
Que dizem as gentes delle preguntaua:
Notando o de què o mũdo o mais reprẽda,
Com pronto ouuido pronto á noua emẽda.

Em

Em vario praticar a noite escura
Passando vaõ, depois de agreste cea;
Em quanto o sono os olhos naõ pendura,
Em quãto a lingoa naõ se turba e enlea:
Pena que cansa ja, falar que dura,
Temor de ser prolixo, que refrea,
Interrompendo aqui a estoria breue
Pois mais que ao dezejo á razaõ deue.

****

CANTO SEGVNDO.

Gouerna a Rainha, & chegalhe hum correo de Mazagaõ, que conta como fica cercado. Vay Aluaro de Carualho de socorro. El Rei se despede do velho, & dalhe o Cetro o Cardeal dõ Anrique, que tomára da Rainha. Enojase Lucifer, & manda tentar o Rey, & os maiores do Reino.

IA no governo trabalhoso e graue,
Tinha o doce repouso perturbado
A alta Rainha, no rigor suaue,
Franca no galardaõ cedo esperado:
Palaura que moleste, olhar que agraue
Naõ vsando ja mais: quando hum cansado
Correo a seus pés o rosto inclina,
Que da Africana terra peregrina.

Turbado o meſſageiro ſe apreſenta,
Palida a cor, a voz rouca e tremante,
A noua a que he mandado repreſenta,
Propõe em certo mal terror que eſpante:
A perigos ſuſpiros acrecenta,
E a furia denuncia de Trudante,
Dizendo: Acode, acode ja Senhora,
Que muito mal fara pouca demora.

Cercados tem os pouco leuantados
Muros de Mazagam, os Africanos,
Soberbos andaõ ſem temor ouſados,
Fazendo em pouco tempo grandes danos:
E ſegundo por dous foraõ auiſados,
(Que dos Mouros fugiraõ) os Luſitanos:
Grande poder conuoca o Mouro braũo,
Que lhe ſera no fim dobrado agrauo.

Confuſa fica, e na vingança pronta
A Rainha prudente e valeroſa,
Pouco reſolue em ſi, muito ſe afronta,
Irada, muda, inteira, e duuidoſa:
Conta-me logo (diſſe) o que ſe conta
Deſſa Iornada oculta e preſuroſa,
As cauſas, o principio, e modo della,
Que nouo me he o acharme noua nella.

Sabe (reſponde o rouco meſſageiro)
Que ſe conuoca toda Barbaria,
Se o que publica a Fama, he verdadeiro,
Se o principio que vi naõ he zombaria:
E porque ſaibas, a razaõ primeiro
Do cerco que grã dano denuncia,
Dos que fugidos do arrayal vieraõ
Nada me eſquecera do que diſſeraõ.

Diz que dormindo o Mouro hũa noite eſtaua
Quando de roupa Arabia, e cor terrena
Hum fraco Cacis ve, que caualgaua
Num quadruple animal da eterna pena:
As cartuligas aſas meneaua
A trifauce Chimera, e qual ſe ordena
O que triumpha à glorioſa entrada,
Aſſi firme ſoltou a voz canſada.

Dizendo: ô de meu ſangue excelça prole,
De minha ley coluna, e ſegurança,
Coroa exemplar de ocio mole,
Intenſa corrupçaõ da Maura lança?
Como conſentes que teu Reyno aſſole
O fero Portugues? de eſperança
Penduras o remedio de cobralo?
Se ſem o defender deyxas tomalo?

Naõ ves como te oprime e te rodea,
Os maritimos portos ocupando?
(Oo vergonhoſo caſo:) que te enlea,
Que eſtás, dize couarde, receando?
Acorda, acorda Hamete, e remedea
O que o valor corruto eſta bradando,
Abraſa, abraſa ja os edificios
Que a teu furor o tempo tem propicios.

Iſto dizendo, a ſombra triſte e eſcura,
Cum funeſto ſoſpiro doloroſo
Cobre de pranto a palida figura,
Mouendo o paſſo froxo, e vagaroſo:
Onde o Xarife que ſoltar procura
A encerrada voz, de temeroſo
Orror cercado, perturbado e lento,
O nó rompeo do laço ſonorento.

Naõ

Naõ tendo a menhã moſtrada a fronte,
Que ſe coroa de nuues prateadas,
Quando à luz confuſa do Orizonte
Saõ confuſões do Rey ja declaradas:
Mal ſe póde ſofrer que naõ reconte
Aas peſſoas que ſaõ delle chamadas
O nouo caſo, logo ſe conſulta.
Donde breue, e cruel guerra reſulta.

Ocultamente gram poder conuoca:
Iuſtamente pregoa premio e pena:
Fortes incita, timidos prouoca:
Aparatos de guerra aſtuto ordena:
Murmura Fama ja de boca em boca,
A noua empreſa pola Sarracena
Gente: ja das ribeiras caudelofas
De Inauem, vem as gentes valeroſas

E das terras que banha o claro e fundo
Tenſiſt, a ruda plebe a lança aperta,
Vindo tambem o pouo furibundo
Que a fonte do Mirabi ſábe mais certa:
De Deime naõ fica o Alarbe imundo,
Nem de Oder a gente dura e experta:
Dos que as agoas de Eſuerga e Lucus bebem
Tambem ja grande dano os teus recebem.

De Mazagam a fertil terra piſam,
Por toda a parte imigos a rodeaõ,
Polo que toca a ti os teus te auiſam,
E naõ polos perigos que receaõ:
Do muro as varias cores ſe deuiſaõ,
Muro que como póde remedeaõ:
E temo que já agora o imigo ouſado
Se chegue á baxa caua atrincheirado.

Ouue a Rainha pronta o fero intento
Do Barbaro Xarife, onde enojada,
Caſtigue (diz) o vam cometimento
Logo ſem mais tardar a Luſa eſpada:
Exemplo faça crú, ſanguinolento,
De que fique oprimida, e amedrontada
A idade futura, e na preſente
Eſpanto ponha á mais remota gente.

Naõ tendo a Fama inda publicado
Aquella noua, quando ja murmura
Rumor de armas, furor acelerado,
Que a vingança naõ viſta ſe conjura:
Ia todo o caualeiro que eſforçado
A vida por ganhar onra auentura,
Por hũa parte e outra ſe deſterra
Paſſando todos a Africana terra.

Mas ja por altos cumes eſtendia
O rutilante Sol ſeus rayos de ouro,
Quando o Xarife o combate vrdia,
O credito entregando a hum falſo agouro:
No arrayal o Barbaro trazia
Hum Nigromante feiticeiro Mouro,
E hũa afamada encantadora,
Nas cauernas de Dedes moradora.

Eſta pois vendo quanto ali conuinha
Para vencer varões taõ valeroſos,
O lento paſſo palida encaminha,
Por negra noite a montes cauernoſos:
E quando ja riſcada em terra tinha
Oblica defenſam, com temeroſos
Apupos inuocado almas auernas,
Fazia tremer as Tartaras cauernas.

Naõ

Naõ tendo quatro vezes replicado
O potente falar, eſcuro, e breue,
Quando o ar ja grauido raſgado,
Vibra com rouco eſtrõdo fogo, e neue:
Hũ negro animal mal aſombrado
Cõ temeroſo aſpeito, e paſſo leue,
Da tormentoſa nuue em pé caindo,
A cornuda cabeça ſacodindo.

A raſto traz a barba, e o cabelo,
Fulgurantes os olhos e moleſtos,
Muito para temelos, com temelo,
Muito para fogir de ſeus inceſtos,
A orriſſona voz, torna amarelo
O roſto, da que com brados funeſtos
As couſas lhe pergunta que deſeja
Saber, qne eſta temendo que naõ veja.

Dizendo en rouco ſom orribelmente,
O' maldita cruel que me perguntas?
Que nada do por vir ſe me conſente
Que ſaiba, onde a hũa dor outra me juntas:
Vejo queimada a Luſitana gente,
Vejo companhas Barbaras defuntas,
O fim deſte ſuceſſo em mim naõ cabe,
Que ſo quem tudo ordena, tudo ſabe.

Mas por te comprazer, e porque ſejaõ
Vencedores os meus, eu te prometo
Que meus miniſtros ſempre alerta eſtejaõ
Em modo vtiliſſimo, e ſecreto:
E para mais temor dos que pelejaõ
Por Chriſto, cumpre em tudo meu decreto,
Fazendo que ſe a caua e muro mine,
Que eu terei preſtes la quem tudo enſine.

Faras mais que as trincheiras começadas
Sejao por tal maneira repartidas,
Que fiquem muito faceis as entradas,
E muito impossiueis as saidas:
Isto dizendo, as grificas pégadas
No leuodo terreno ali imprimidas
Deixando, na escura nuuem fea
Pola leuar trez vezes a rodea.

Mas a Moura preuersa ali tremendo,
Seus conjuros replica, que espantaraõ
O negro capricornio monstro orrendo,
A quem outros quinhentos rodearaõ:
Todos supitamente desfazendo
Cedros, Cipreste, Palmas, que arrancaraõ,
Se recolhendo la ao centro auerno
De larga porta, e tormento eterno.

Indo-se logo a velha feiticeira
Postrar aos pes do Rey, que receoso
Estaua, de sairlhe verdadeira
A promessa do agouro fabuloso:
Onde com feo rosto prazenteira,
O peito lhe segura duuidoso:
Dizendo-lhe o que ja sabido tinha
A ordem dando a tudo o que conuinha.

Mandando logo o Rey que breuemente
Se ordene o que a Moura ali traçaua:
A real mando, turba diligente
Os braços ao trabalho logo daua:
Com vagaroso obrar, poder de gente
Serras erguia, montes arrasaua:
Donde com ferreas canas, vãs, compridas,
Fazem a robustos corpos breues vidas.

Naõ

Naõ tendo inda o Sol bem trasmontado
Os Albiones montes, de douradas
E de rosadas nuues rodeado,
Variamente distintas e pintadas:
Quando aquelle capitão, chamado
Aluaro de Carualho, ás ja cercadas
Muralhas, co socorro se chegaua,
Que o Mouro rigoroso rodeaua.

Rui de Sousa, que a terra entaõ regia,
Caualeiro animoso, ousado, e forte,
As portas manda abrir, que naõ temia
Carranca algũa de medonha morte:
Igual do capitão he a companhia,
Igual o esforço, e diferente a sorte:
Ia se fazem alegrias, e os temores
Conuertem em furor os defensores:

E porque Cidamuça principal
E executor da furia Mauritana,
Como quasi supremo general
Aflige e cansa a gente Lusitana,
Soando ja o concauo metal
A turba espedaça Tingitana;
Onde hum Portugues nouo Arquimedes
Era Nestor, e ás vezes Palamedes.

Isidoro de Almeida se chamaua
Este sabio varam artificioso:
O qual belicas fabricas trataua
Ocultas minas, fogo temeroso:
Com nouo modo os Mouros abrasaua:
Com duro braço o corte riguroso
Da larga espada, membros dissipando,
Se foy da ley do tempo libertando.

Este

Eſte pois duuidoſo, e acautelado
Do que dos enemigos imagina,
Pronto no dano, delle arrecadado,
Sente fazer o imigo oculta mina:
Logo por terra aqui e ali proſtrado,
O romor rouco oculto determina,
A eſcura gruta ali contraminando,
Pouco e pouco ſentindo, e trabalhando.

Vinhaõ (cuido) os demonios conuocados
Abrindo a dura terra ouſadamente,
Sentennos vir ja perto tres ouſados
Naõ dos melhores da cercada gente:
Eſtaõ ja de furor aparelhados
Contra os que vem de la do Reyno ardente,
Rompeſe o veo terenno, e braua guerra
Iuntamente debaixo la da terra.

Orriſſonos bramidos ſe ouuem fora,
Eſpadanas de fogo tremolando
Em negro fumo enuoltas, ja vapora
A fea gruta, os Luſos eſpantando:
A voz que grita ouſada, voz que choia,
Piedade parece eſtar clamando,
Pola boca infernal caliginoſa
Sae no rumor vitoria glorioſa.

Naõ ſe detendo muito os temerarios
Mancebos, que afumados, vencedores
Naõ tornem, e os deſpojos aduerſarios,
Dos brutos e infernais trabalhadores:
Quem vio de guerra taõ extraordinarios
Combates? quem taõ fortes defenſores,
Que debaixo da terra batalhando
Eſtejaõ o nome ſeu perpetuando?

Pois

Pois vendo isto a Moura feiticeira,
A nouo intento dando nouo efeito
Qual famelica Loba carniceira
Reuolue irada o vorace aspeito:
Correndo logo auida, e ligeira,
A hũ espesso bosque, opaco teito
De verde sitio ameno, onde cortando
Antigos troncos, tralos arrastrando.

Seguemna ali ministros corpulentos,
Ia se ve rasa a caua de faxina,
Ia com ferreos pelouros corpulentos
Romper o muro o Mouro determina:
Fremendo estão os Lusos sofrimentos,
Onde hum remedio Isidoro imagina
De setas, que de fogo se lançarão
Na mal seca materia que queimaraõ.

Sobem ao Ceo as chamas crepitantes,
De tremulas faulas rodeadas,
E apos ellas as vozes sibilantes
Das Lusas gentes ja aluoraçadas:
Crece o rumor nos feros militantes,
Coas vidas ao ferro aparelhadas;
Mas por entaõ dilataõ o combate,
Em quanto o bronzeo vão os muros bate.

Ia no cercado sitio a sede ardente
Os valerosos corpos consumia,
Quando a justa bondade prouidente
Com larga mão os seus fauorecia:
Dũa cisterna só bebia a gente,
Mas quanto mais gastaua, e mais bebia,
Mais se acrecenta a agoa milagrosa,
Cousa (se foy assi) marauilhosa.

Ia

Quieto eſtando o campo Mauritano,
Indicio a noſſa gente de ſoſpeita,
Onde temendo algum ſecreto engano
O noſſo capitaõ, aſtuto o eſpreita:
Manda hum Pero Paulo, que Otomano
Por noſſa lei deixou a Arabia ſeita,
O qual de noite parte à graue empreſa,
Com prudencia igual da fortaleza.

Armado ſo ſe embarca o valeroſo
Chriſtão, e coſteando a larga praya,
La deſembarca, aonde hum lagrimoſo
Mouro eſtaua, ao pé dũma groſſa faya:
Chega Paulo, e prendelhe orgulhoſo
Com mão neruoſa o braço da azagaya,
E o colo na outra lhe apertando
O traz por varios matos arraſtrando.

Meteo no barco leue, e logo rema
La para onde o Souſa o eſperaua,
Que em naõ ſaber do imigo a ſtratagema,
Em conſelho nenhum ſe aſſeguraua:
Chega Paulo co Mouro, que na extrema
Ora da vida ja de medo eſtaua.
O qual da eſcura morte ali ſeguro
Naõ deixa ao capitaõ ſegredo eſcuro.

Dizlhe, ſenhor a caua que entulhada
Ia outra vez eſtá de lenta terra,
Por que naõ poſſa vir a ſer queimada,
Oculta e larga mina dentro encerra:
E a duro combate aparelhada
Eſtá com pertinaz e eſquiua guerra
A Mauritana gente, quando eſteja
A tua mais ſegura de peleja.

Iſto

Isto dizendo, logo o industrioso
Isidoro a minar começa o muro,
Chegando ao entulho pedregoso,
A Mouros firme, a nos pouco seguro:
Onde de sulferino pó, o escuro
E curuo centro enchendo vaporoso,
Sospiros deixa, e medulante vea,
Por onde se depois o fogo atea.

Mas neste tempo hum caualeiro forte
Que Pedro e Lourêço era chamado,
A fama rouba (a pesar da morte)
Do glorioso tempo ja passado:
E pondo o rosto a toda aduersa sorte,
Naõ podendo sofrer verse cercado,
Da vila sae com sós seis caualeiros,
A incerto fim seguros companheiros.

Entra polas tranqueiras de secreta
Maneira astutamente fabricadas,
Ali trincheiras, Labirinto em Créta
De arcabuzeiros todas ocupadas:
Pasmam todos ver que hum so cometa
Tantas gentes assi em campo armadas:
Prontos estaõ a ver que determina
Vendo de seu furor logo a roina.

Que curuo a grossa lança sobraçando,
Largando a redea ao belico caualo,
O campo todo vai desbaratando,
Naõ ousando nenhum ja de esperalo:
Os seis atras por terra derribando
O fero pouo, fazem retiralo,
Mas infinita gente que crecia
Certissima prisaõ lhes prometia.

On-

Onde voltando aqui, e ali ferindo
Co duro corte da luzente eſpada,
Rompendo o enemigo, vinha abrindo
A ſorte, e largo braço, larga eſtrada:
Venos atras os Mouros perſeguindo,
Qual de ſabujos timida manada?
Que atras de Ibernio alam que vai ſeguro:
Vai cada hum batendo o queixo duro.

Pouco mentado a lei poderoſa e certa,
De muitos contra poucos, que corrupta
Do valor Luſitano, fica incerta
Neſta gente ſem medo braua e aſtuta,
Onde entrando na cidade aberta
Tintos de ſangue, e fereza bruta,
São do ruſtico dedo ali amoſtrados,
E dos fortes amigos abraçados.

Naõ durando o ſilencio da ſerena
Conuerſaçaõ, eſpaço prolongado,
Que interroto da gente Sarracena
Ocaſiona hum milagre deſuſado:
Auia hũma igreja ali pequena
Do valeroſo ſanto aſſeteado,
Na qual (ſegundo entaõ ſe verifica)
Hum ſo ſino que tem por ſi repica.

Da com celeſte maõ claro rebate,
Acode a gente que ſegura eſtaua,
Vendo ordenarſe o orrido combate,
Que taõ ſecreto mal ſe imaginaua:
Com pelouros duriſſimos ſe bate
O groſſo muro ja, que titubaua,
Iá do ſeu baſtiaõ que tem de terra
Fazem aos noſſos fulgurante guerra.

Com

Com fero assalto, e orrisonos gritos,
Chouendo agudas lanças e pelouros,
Seguindo vem os escoadrões malditos
A ordem de seus perfidos agouros:
Caem já sem almas corpos infinitos,
Com panelas de fogo abrasam Mouros
Os fortes Lusos, com agudos cortes,
Varias portas abrem a varias mortes.

Aqui Carualho, Sousa, e o forte Melo,
Martiafonso de Sousa, e o valeroso
Irmão, passam a fio de cutelo
De Africa toda o sangue generoso:
Fazem arriçar aos Mouros o cabelo,
Iuntamente co brauo e animoso
Antonio, que Monis Barreto ha nome,
De quẽ naõ se ha temor que temor tome.

Pois os dous caualeiros (fortes Cunhas)
De Saõ Ioaõ, e os outros que naõ digo,
Suas obras que sam as testemunhas,
Bem sei que afrontão agora o siglo antigo:
Ferrando vinha ja no muro as vnhas
Do baluarte (o Barbaro enemigo)
De dom Diego, estancia combatida,
Quando apertando a espada, arrisca a vida.

Remete o Manoel esquiuo e duro,
Fere, derriba, e o perigo ali mais crece,
A tam seguro pe, lugar seguro
A tal furor, louuor que se escurece.
Ia se desdenta o coroado muro,
Ameas dam na gente que parece,
Hum executa a ferro e a sangue a ira,
Outro vasos de fogo ardente atira.

Vi-

Vitoria e defenſam que vendo a fea
Encantadora, ja ſem ſofrimento
Os ſeus anima, e operigo remedea
Cum que chamou do Reyno do torméto:
Vai (lhe diz,) e nos vaſos fogo atea
De noſſa perdiçam duro eſtromento
E queimenſe os que tantos têm queimado
Senam os teus ſam ja desbaratados.

Naim tarda para males o maluado
Eſpiritu infernal, que auſtramente
Nas alcanzias poem o fogo ouſado,
Como quem ſempre viue em fogo ardente:
Arrebenta o furor acelerado,
Aſas da ja o fogo á Luſa gente,
Ficam os Mouros quedos e paſmados
Do eſpantoſo caſo deſcuidados.

O que vendo Iſidoro, que ja eſtaua
Pronto na ocaſião do imigo dano,
Ao que lhe dá eſperança, o fogo daua:
(Triſte de ti, ô pouo Mauritano,)
Ateaſe o furor que medulaua
No poluerino centro, e o Africano
Intento deſordena, e desbarata,
E infinita gente abraſa, e mata.

Conuerteſe hum em outro Elemento,
Naõ cabe o fogo onde cabe a terra,
Com orribel eſtrondo torbulento
Do improprio lugar ſe deſencerra:
Leua ao Ceo o impetu violento
No mobil ſolio, agente ali de guerra:
Dentro no negro fumo gritos ſoão.
Ardidos corpos variamente voam.

Vai polo ar ardendo a feiticeira
Que sempre a gente animando andaua,
A pouo iniquo e mao, peor conselheira,
De senhor infernal, prescita esperaua:
Nam sendo parte a nunca verdadeira
Promessa que ella a Muça seguraua,
Pera deixar a empresa belicosa
Tam fera; cruel, taõ duuidosa.

Mas mais endurecido, apalpa e intenta
Outra noua maneira de combate,
Artificios de fogo ordena e inuenta,
Com que os Portugueses desbarate:
E outra vez solicito esperimenta
(Depois que cum trabuco rompe e abate
Ás fracas casas) cauernosa guerra
Debaixo la do intimo da terra.

Vinhaõ com ferreos picos ja rompendo
A caua os imigos, quando ouuindo
Isidoro o som que vem fazendo,
A foi tambem de cá depressa abrindo:
Hús e outros se vaõ apercebendo
Para quando se fosse descobrindo
A interna espelunca, e larga mina,
Que ali descobre supita ruina.

Vense supitamente os militantes,
Naõ metem tempo antre a vista e efeito,
Iá de sulfereas chamas crepitantes
Se tolda o curuo e terreno teito:
Pelouros de arcabuzes sibilantes
De rosto a rosto ali, de peito a peito
Se esperaõ: sam os nossos quatro ousados,
E os seus os mais feroces e esforçados.

Iá

Iá das eſpadas os agudos fios
Se eſcondem polos membros ſanguinoſos.
Iá caem na fria gruta corpos frios,
Iá ſoão extremos gritos doloroſos:
Correndo vão ſanguinolentos rios,
Tecidos andão já nos braços neruoſos,
Ventres apartão, alentos afadigaõ,
A duras máos os colos ſe ſogigão.

Como Olimpicos rudes eſperimentão
Herculeas forças, teſtas vmedecem,
Curuos, dereitos a vitoria intentaõ,
Torcidos, pernas, braços ali tecem:
Quaes os ramos da parra que ſe aumentão,
Que no olmo ſombrio ſe entretecem,
Cortado ja do ruſtico machado,
A' terra vem, dá vide acompanhado.

Aſſi os Mouros caem, co já perdido
Sangue; do Luſo ferro ataſſalhados,
O vencedor deſpoja ali o vencido,
Vencidos ficam em vida ſepultados:
Tapaſe o lugar curuo omecido,
Iá diſto os Agarenos enojados
Deſenrolão o Barbaro eſtandarte,
E outra vez cometem o baluarte.

Vem com tanto furor, com tanta ira,
Que os animos dos Luſos aquebrantam
Hũ dardo, outro fogo ardente atira
Apos de vozes altas que leuantam
Acode Ruy de Souſa, e o roſtro vira
Aos que ſo de velo ali ſe eſpantam,
Os ouſados imigos derribando:
Que brauamente vinham ja trepando.

Cor-

Cortar as robuſtas mãos, que dependurão
Hum corpulento Mouro valeroſo
Dũa ruina: abate os que fulgaram
Com ferro agudo, e modo, e riguroſo:
Os ſem ventura Mouros ſe aventuram,
Vendo ſeu Rey diante ja furioſo
A quebrantar as leis que medo ordena,
A pura força entam de premio e pena.

Tornam com fero impetu animados
Tragando ouſadamente ferro e morte
Precipitando logo eſuicerados
No meſmo intento; dũa meſma ſorte:
Saõ os mais delles ja eſpedaçados,
Bem ſe ve nelles ſe era agudo o corte
Da Luſa eſpada: ameas ſe peſauam,
Arrebentados corpos o moſtrauam.

Ardido andaua o Souſa pelejando,
O Carualho tambem de furia ardia
Vanſe ja os imigos retirando,
Vendo quanto os engana a vã porfia:
Os Portugueſes guerra inda bradando
Guerra, que eſpato, e larga paz fazia
Nã tornão os Mouros não, mas leuãtarão
O campo, e as trincheiras abraſarão.

Leuanta o Rey o arrayal vencido,
E deixa o campo de tropheos cheo,
Leuanta as mãos o Luſo, agradecido
A quem lhe he ſempre de vitorias meo:
Chega a noua do caſo acontecido
Ao Reyno que eſta cheo de receo,
Fazenſe nelle ja pola vitoria
Prazeres de importuna, e longa eſtoria.

Mas

Mas nam muito depois a alta Rainha :
Avò do moço Rey , que gouernaua
Como quem ſabe que lhe nam conuinha
Tam graue peſo , o carrego deixaua :
Prudencia , e ſaber , virtude tinha ,
Mas a repouſo a idade a obrigaua ,
Poriſſo quer largar o peſo delle
A quem nam era antam menos parelle.

Larga o cetro peſado , porque entende
A grande obrigação do bom gouerno ,
Do qual a paz e a juſtiça pende ,
Onde o deſcuido cauſa pranto eterno ,
Secretamente niſto ſe contende
Que Caterina do deſgoſto interno
Do ſeu morto Sicheo , ſo queria
O fim de Egeria ter que pretendia.

E niſto reſoluta , os grandes chama ,
Que pera caſos taes chamar deuia
E antre lagrimas triſtes que derrama
As palauras ſeguintes lhes dezia :
Pois conheceis taõ bem quanto vos ama
Eſta Rainha chea de agonia ,
Naõ queirais co gouerno diuertila
De ſua magoa , e lagrimas que eſtila.

Buſcai quem vos milhor gouerne e reja ,
Mas guardaiuos de quem mandar procura ,
Porque nunca ninguem mandar deſeja ,
Que a conſciencia tenha limpa e pura :
E deſagora antre vos ſe eleja
Outrem , que minha idade ja madura
Naõ he pera o grauiſſimo e perigoſo
Cetro , que a tantos he taõ deleitoſo.

Iſto

Iſto dizendo, logo deſiſtio
Do gouerno, que a Anrique os grãdes derão,
Licença que a rezaõ lhes permitio,
Pola muita ſobeja que tiueraõ:
O que caſi por força conſentio,
Que as cauſas juſtas que lhe propuſerão
A mayores perigos o leuaraõ,
Inda que mais temores o cercarão.

Toma a balança do gouerno Anrique,
Deſpõe a vida ao proueito alheo,
Mão que perdoe, amor que juſtifique
Moſtra por juſto, e benino meo:
Gloria que tenha, fama que ca fique,
Faz moderar o riguroſo freo:
Tudo gouerna em paz, todos contenta
Segurança que adquire, amor que aumenta.

Trono, em que deixalo me he forçado,
Porque no ſitio la do eſquecimento
Sebaſtiaõ naõ fique ſepultado,
Enuolto em ſeu turbado penſamento:
Se bem vos lembra, la no derrubado
Edificio, paſſando o ſonorento
Noturno eſpaço, ja quando amanhece,
O verde intento nelle reuerdece.

Tornar ſe quer aos ſeus, tornar procura
Ao caminho que perdido tinha,
Eſtrada lhe enſinou larga e ſegura
O branco velho que co elle vinha:
Deos te dê filho (diz) milhor ventura
Do que foi ſempre a ventura minha,
Deos te encaminhe, e aqui mudo ſuſpira
Como que a alma do corpo lhe faira.

Naõ ſem igual amor, naõ ſem repoſta
Prenhe de galardões, delle ſe parte
O ſaudoſo Rei, alta traſpoſta
Negando á viſta a deleitoſa parte:
A varias ſerras o caminho o encoſta,
Varias eſtradas, eſta ſó reparte,
Doces e varios pomos ſe penduraõ
Por cima d' agoas claras que murmuraõ.

Mas nada baſta para que interrompa
O tranquillo caminho começado,
Naõ quer deſcanſo que o deſcanſo rompa,
Que cuidados lhe dé naõ quer cuidado:
E naõ renunciando a Regia pompa,
Cuida que viuer pode deſcançado:
Oo manifeſto erro! ô grande engano!
De que fugir naõ ſabe o Luſitano.

Em varios diſcurſos caminhaua,
Quãdo dos ſeus, que andauaõ derramados,
Ora hũm, ora outro, achando o que buſcaua,
De ſe canſarem mais vão deſcanſados:
Por diferentes couſas perguntaua,
Saõ diferentes casos recontados,
E a importuna via aſſi paſſando,
Foi pouco e pouco em Vliſſea entrando.

Onde ja de varões da Tranſpadana
Se enche a caſa Real, nouos louuores
Cantando a ruda plebe Luſitana,
Nouas queixas de amor, doces amores:
Quando da Luſa origem ſoberana
Ia cobiçoſos, mandão embaxadores
Principes, que de lingoas diferentes
eSnhores ſam de belicoſas gentes.

A

A Fama, que a Maria oneſta e bela,
Quanto merecem inda naõ leuanta,
Faz de remotas gentes pretendela,
Depois que o nouo eſpanto o mundo eſpãta:
Que merecer podia merecela,
Que louuor chegarà a louuar quanta
Graça naõ viſta tem, quanta beleza,
Pois tão mimoſa foi da natureza?

Nouo Sol reſplandece, nouo dia:
Noua pureza, e alta marauilha,
Da Iſante Iſabel naceo Maria,
De taõ fermoſa mai taõ bela filha:
Eſtranho embaxador que a recebia
Com Regia pompa o Real ſolio trilha,
Ditoſa foſte Parma em tal ſenhora,
Quem com tamanho bem o aſſi naõ fora?

Nouos prazeres fazem os Luſitanos,
Que Amor conuerte em lagrimas ſaudoſas
Ia polo mar a leuam os Parmezanos,
Magoas em terra ſe ouuem doloroſas:
Peitos ſoſpiram de maduros anos
Cabeças ſe meneaõ lagrimoſas,
Naõ ſofre amor futuras eſperanças
De bem futuro, em taõ freſcas lembranças.

Mais do que alegra o bem, canſa a triſteza,
Deixa breue prazer, longa ſaudade,
Corta polo amor da natureza
A grande obrigação da calidade:
Em nenhum peito ha tanta aſpereza,
Que naõ fique ſaudoſo de verdade,
Sente tambem o Rey irſe Maria,
Porque a razaõ do ſangue o requeria.

Corre depois o tempo, tudo esquece;
A mais firme lembrança se consume,
Largo esperimentar tudo conhece,
E tudo admite em fim longo costume:
No Rey co entendimento o corpo crece
Ia em tomar o Cetro se resume:
Liure poder em taõ moderna idade
Conuem que tenha grão capacidade.

A catorze annos ja chegado tinha,
Com noua luz de claro entendimento
Quando Anrique o peso que sostinha
Do Reyno, lhe deixou e o regimento:
Ou por que alli parece que conuinha,
Ou por ventura a requerimento
Do pouo, elle em fim do peso graue
Quer dar ao nouo Rey o cetro, e chaue.

E pera isto ser em tempo breue
Num Recio que bem no meo estaua
Da Cidade, de madeira leue
Fazer hum tabernaculo mandaua:
Onde o que cada hum ao outro deue
Em breues cerimonias se mostraua,
Entrando no teatro acompanhados
De Condes, de Senhores, de priuados.

Dizendo ali ao Rey o velho Anrique,
(Banhado todo em choro de alegria,
Como que amor ali lhe certifique
O que lhe o graue aspeito prometia:)
Ia agora á morte a vida sacrifique,
Que ja cheguei ao desejado dia
Pera todos os vossos tam ditoso,
Como para mi he doce, e sabroso.

Gra-

Graças dou a meu Deos, que me chegou
A ver o ledo fim de meu desejo,
Que se para bens grandes me guardou
Nam me pode goardar mor do que vejo,
Tomai o cetro que a tantò chegou
Que tributario fez o Indo ao Tejo,
E se nelle nam fiz o que devia,
Desculpa-me fazer o que sabia.

Vmilhando-se entam, o moço erguido
Alegremente o abraça, e rindo disse,
Que o pouo ficaria mui sentido
Se do gouerno se elle despedisse,
Que taõ justò louuor, e tam deuido,
Como lhe todos dam, nam permitisse
(Com nam no aconselhar) escurecelo
Pois determina em tudo obedecelo.

Logo ali os mais lhe a maõ beijando
Sam recebidos delle afabelmente,
A todos recebendo, e agasalhándo
Como tal Rey, e em fim como a tal gente,
Foram-se os prazeres renouando
Esquecido o passado co presente,
Reformanse alegrias, e esperanças,
Que taõ sogeitas sam sempre a mudanças.

Pois o Rey, que o gouerno tem tomado
Depois de cerimonias ja passadas,
Co viuer para si renunciado
Aas cousas ordem dà mal ordenadas:
E as que cuidauam ter seguro estado,
De nouo sam por elle reformadas
Do Reyno perguntando, e vendo tudo,
Como nouo no carrego, e sesudo.

So-

Sogeito Baſtiam em tudo eſtaua
A hum prudente proteitor que tinha,
Como da verde idade ſe eſperaua
Como parece entam que mais conuinha:
Co elle hum ſeu irmaõ ſe acomodaua
Que do gouerno o mor peſo ſoſtinha,
Saber, virtude delle ſe preſume
Tendo de Pedro o abito, e coſtume.

Que como erão ſabios virtuoſos
De profiſſam que eſtaua prometendo
Hum nouo exemplo, emendão criminoſos
Caſos, em todo o licito prouendo,
Onde la nos abiſmos cauernoſos
Deſte principio Lucifer orrendo
Ia enojado, piſa a ardente coroa,
Noua que polo Reyno eſcuro ſoa.

Soa o rumor, qual Boreas enojado
Vai por eſpeſſos e altos aruoredos,
Ou qual do fero Noto o mar inchado
Do fundo moſtra os intimos ſegredos,
Que formando o medonho, e rouco brado
Por cauernas de concauos rochedos,
Arroinar-ſe o mundo repreſenta,
Sinal dalgũa orrida tormenta.

Aſſi vai o mormurio diſcorrendo
Polo oſpicio triſte, eſcuro, e inorme.
Onde hum blasfema, outro eſta gemendo,
Em pena deſigoal, pranto conforme:
Vai-ſe ja de Plutaõ a gruta enchendo,
Dos eſpiritos maos (turba disforme)
Acodem os Penates, e os maiores
Do inferno, Iuizes, Regedores.

Eſtá

Está lá num sulfureo acento posto
Lucifero, lançando fogo ardente.
Da negra boca, e serpentino rosto,
Desenroscando o rabo de serpente:
Con fera vista mostra o prosupposto
Danado, contra a fraca vmana gente,
De aguia sam os pes, e braços delle,
De lixa tem a verdenegra pele.

Os outros que o rodeam diferentes
Figuras tem, a qual peor figura
De Dragos, Onças, Tigres, de Serpentes,
Todos com negra cor à sombra escura
Os que lugares tem mais preminentes
Nesta casa de pena eterna, e dura,
Mais perto de Plutam estam sentados,
E os outros por cauernas encostados.

Todos esperam ver o que queria
Neste caso Plutam ordenar delles,
Que já com voz medonha, lhes dezia,
Que toda sua esperança tinha nelles:
E contra a vangloria prosseguia
(Depois que se aconselha contra aquelles
Portugueses) dizendo, ô vã senhora
De meu primeiro erro executora.

Vai, vai vencer aquelle Lusitano
Noua esperança do valor passado,
E tu cobiça com sedento engano
Todos os grandes traze a teu mandado:
Tecei no Luso Reyno hum nouo dano
Qual nunca foi no mundo imaginado
E vos outros ministros do tormento
Chegai a breue fim meu fero intento.

Isto dizendo, já pegada á coma,
(A vãgloria) dũm Drago esquiuo e orrendo
A figura que vio Nabuco toma,
Qual grande Colosso parecendo:
Leua de Cetros infinita soma
O leue vento, inchada vem bebendo:
Hum olho só qual Polyphemo tinha
De cabos de pauões cuberta vinha.

Esta chegando a Bastião que dorme:
(Por que a seus conselhos se disponha)
Começando de abrir a boca inorme,
A voz aleuantou rouca e medonha:
E pera que co zelo se conforme
Do moço, que sem tal sospeita sonha,
Funda sobre virtude o falso intento,
E torres vans lhe fabricou de vento.

De todo imperial huá cerrada
Coroa, antre outras muytas lhe oferece,
Eterna fama, vida prolongada,
Que tudo afirma ao Rey que lhe obedece,
Do moço he ali logo abraçada,
E porque admite e cre quẽ não conhece
As promessas aceita de seu dano,
Que acordado o leuão ao cego engano.

Voando logo a infernal Chimera
Victoriosa, no seu Drago immundo,
Domando altiuos peitos, braua e fera,
Como lhe manda o Rey do escuro mũdo:
Ficando o Luso enuolto no que espera,
(Desejo grandioso alto e profundo,)
Mas como espera fara tal tardança
Que he erro esperar esta esperança.

CAN-

****

CANTO TERCEIRO.

Deseja fazer Sebastião guerra aos infieis, e sobrcuem hũa grande peste, depois de mandar descubrir as minas de Manopotapa, e Angola.

ATras de grandes bẽs, grãdes mudanças,
Sempre ordena o mudauel tempo auaro,
Tempestades crueis, logo bonanças,
Reuolução a que não ha reparo:
Descompõe as mais certas seguranças,
E vende qualquer bem dos seus tão caro,
Que por hum dia de contentamento,
Nos ordena mil anos de tormento.

Vivião os Portugueses triumphando
De Reys potentes, com superna gloria,
A fama e nome seu perpetuando
De hũa em outra temporal memoria:
Mares, terras abrindo, e sojuzgando,
Dando materia de naõ vista estoria:
Seguros de mudanças por ventura
Do tempo que já mais nada assegura.

Na-

Nacelhe Baſtiam, que o emigo brauo
Domar quer, como o ſanto zelo o inclina;
Iá faz tardança a ſeu deſejo agrauo
Do que no peito traça e determina:
Ve polo mundo (do maldito eſcrauo
De Mafamede) a géral roina,
Naõ lhe cabe no peito dor tamanha
La conuertida em terribel ſanha.

O ſono perde, e atras do penſamento
Paſſa á Oriental e rica parte,
Onde com tanta gloria eſtende ao vento
Nos Gangeticos campos ſeu eſtandarte:
Fazendo pouco e pouco fundamento
Da fama eſcurecer de Baco, e Marte:
Pondo no Eritreo eſtreito os marcos
Que o forte Alcides pós nos mõtes Briarcos.

Naõ parando aqui ſó aquelle intento
Que tinha de meter no jugo Luſo
Tudo quanto rodea o orbe lento,
E quanto deſcobrio o vmano vſo:
Que outro mais alto e juſto fundamento,
(Quiça por Deos no tenro peito infuſo)
Iá o deſuela, em que faceda cedo
As piſadas ſeguir de Godofredo.

E com eſte cuidado, em tempo breue
Ordena a conquiſta da aurea ſerra,
Para que a ferro e ouro auante leue
A mais dificultoſa e dura guerra:
Aſſaz de juſta cauſa e razaõ teue,
Naõ ſem conſelho grande a eſpada aferra
Contra o negro Rey da zona ardente,
Senhor de branca prata, e negra gente.

Ali

Ali nam passa o sol a ardente meta,
E cria em vez de pedras pedras de ouro,
Adora a lua esta gente preta,
E tem por Deos tambem o Egipcio touro,
A verdadeira ley la lhe interpreta
(Para co ella acharem mor tesouro
Por mandado do Luso) hũ varam sancto.
A quem naõ fez nenhum martirio espanto.

Manda o cruel ministro do inferno,
Que fosse o Sacerdote degolado,
Fica gozando o santo o bem superno
E o negro a esta conquista condenado.
A hum que teue o Indico gouerno,
(Que Francisco Barreto era chamado)
O catolico moço chamar manda
Para tam dura e aspera demanda.

A outro que já andou em roda o mundo
Sofala já sogeita, ali encomenda,
Para que do imigo furibundo
Em todo aduerso caso lha defenda,
Encomenda-lhe mais que la segundo
Visse crecer a belica contenda,
Que desfazendo esta, outra edifique
Mais forte, no ilheo de Moçambique.

Este era o que por pai o ceo medeu,
Que de Antonio Pereira tinha o nome,
Onra me he e louuor, o louuor seu,
Não conuem que lho de, nem que lho tome,
Larga licença tinha o estilo meu,
Nao falsaõ cousas grandes de que assome
Glorioſos tropheos, e altos feitos,
Mas soam mal louuores tão sospeitos.

Outro

Outro Vasco Fernandes tambem chama
Que o clima ja pisou da serra de ouro,
Aonde do Carneiro a Libra inflama
Tanto o sol, como da Virgem ao Touro:
Este que interpreta a leue fama
Das cousas do Imperio negro Mouro,
Custumes, leis declara, e ardis de guerra.
E dà imformaçam da mais da terra.

Indo-se logo a embarcar, leuando
Dentro nos peitos a amorosa fragoa,
A que hiaõ saudades assoprando,
Com lagrimas fazendo o fogo de agoa,
Ficando esposas, máis, e irmás chorãdo,
Tirando con soluços magoa e magoa:
Das tristes almas lá que lhe leuauaõ,
Que mil naofragios já lhe adeuinhauaõ.

E com razaõ, pois todos lá acabaraõ
Sendo dos negros brutos mantimento,
E em lugar de ouro a morte acharam,
Vede em que para o vmano intento:
A seus erdeiros as agoas so deixaram,
Que assi tarde se poem em esquecimento,
He tempo em fim que cursa, e desordena
A hum a esperança, a outro a pena.

Manda tambem a descobrir as minas
De Angola, que esperança lhe dão certa
De prata, ouro, de esmeraldas finas,
Menos remota regiam, e incerta:
Iá se desgarram as gentes peregrinas,
Iá vem a porta a tanto dano aberta,
Iá duuidosa e triste aduersidade
Sospiram peitos de madura idade.

No-

Nouas leys da o moço juntamente,
Em companhias logo os seus adestra,
Armas reparte pola braua gente,
Que já esgrime a furibunda destra:
De reucas trombas o rumor se sente,
Beligero animal trota, e campestra
Meuda area: tanta voz apupa
Que parecia a gente Catalupa.

Mas quando mais alegre e mais furioso
Traçando andaua de Africa a roina,
De orribel vista, e modo riguroso
Eleto chega perfida, e malina:
Cargada de licor, la do amargoso
Tartareo lago, donde peregrina:
Por onde passa tudo auenenando,
Prados, seáras, aruores secando.

Náõ como a astuta abelha, que de puras
E oloroſas flores, vay voando,
A doce peſõ dando aſas ſeguras,
O ar que deixa atras melificando:
Que chea de poſtemas já maduras
A torpe vltrice, vinha derramando
O fetido veneno: que onde chega
Todo remedio e cura ao viuer nega.

Qual morbido vapor do podre lago,
Ao nacer da luz que o mundo aquenta,
Turbando o leue ar, ſereno e vago,
Dũa nuue ſe tolda enferma e lenta:
Que do mortal e venenoſo trago,
A manada lanigera ſedenta,
Deſcuidada correndo a mal tamanho,
A morte bebe ali no verde eſtanho.

Naõ de outro modo a Portugueſa gente
Leuantada ao nacer da manhã clara,
Tornando ao Trabalho conueniente
Aa vida, de que dantes deſcanſara:
Diſcorrendo a Cidade hum cae doente,
Outro ſupitamente a vida cara
Deixa nos braços do que ali lhe acode,
Que bolir-ſe tambem logo não pode.

Vão o vapor no alento recolhendo,
Por resfriar o coraçaõ afflito
Que o veneno lhe abraſa, e enfraquecẽdo
Daõ pouco e pouco ali o fraco eſprito:
Onde o pouo já palido, naõ crendo
O mal que até entaõ naõ lhe eſtá dito,
Da morte alheos perdem a doce vida,
Cegueira de peccados conhecida.

Por onde ſe miſturaõ geralmente,
Que o Rey tãbem naõ quer q̃ ſe pubrique
Que de corruto ar morria a gente,
Porque deſerta a terra e ſo naõ fique:
Mas para que cos sãos nenhum doente
De nenhuma maneira comunique,
Ordena que aia caſas de ſaude,
De Chriſtandade exemplo, e de virtude.

Publica a morte ja, deſordenando
Muedanas eſperanças, vãos intentos
Com riguroſa maõ cruel, cortando
Os fios de compridos fundamentos:
Grandes, pequenos, todos derribando
De falſos goſtos e contentamentos:
Ferindo a cada hum cũa poſtema,
Que a alma da vniaõ do corpo eſtrema.

A mui-

A muitos logo ali ſupitamente
Acabando, com duro e aduerſo corte,
E como o ſeu viuer he diferente
Aſſi he nelles diferente a morte:
Onde qual do amigo, e do parente
Se eſpede, qual do pai, qual da conſorte,
E a qual vencendo amor o frio medo,
A doce eſpoſa abraça (e á morte) ledo.

Onde com doloroſo e triſte pranto,
Com magoas e ſaudoſas deſpididas,
Naõ ſentem os que morrem a morte tanto,
Quáto aos viuos doe ficar co as vidas:
Porque as eſperanças vás de quanto
Bem tinhaõ, os que viuem vem perdidas
E os q̃ morrem, de tudo o em que ſe canſam,
Na morte (alegre a triſtes) ſo deſcanſaõ.

O pai a longa barba ali arrepela
Polo amado filho, que amarelo
Ve ja na extrema hora, e ſe eſcabela
A mái, que em trago tal foge de velo:
Trabalha a eſpoſa ali por conhecela
O eſpoſo, chegando o roſto belo
Ao ſeu, que en roncos triſtes lhe reſponde,
E apos iſto a turba viſta eſconde.

Vireis ali a candida menina,
E tenro moço no duro acidente,
Quoal cõ palida cor o roſtro inclina,
Quoal a alma tira num ſoſpiro ardente:
Quoal co trago da morte deſatina,
Quoal a mái ſe abraça eſtreitamente,
E quoal morta, perdendo a cor roſada
Nos braços da ama fica deſcorada.

Bem

Bem como quando a freſca, e ſuaue roſa
Polo auaro Outono amanhecida
Na deſfolhada pranta, da fogoſa
Febea ardente lux emmurchecida:
Que vai perdendo aquela gracioſa,
E matutina cor, perdendo a vida,
Hiam aſſi aquelles inocentes,
Polas culpas dos pais, e dos parentes.

Vireis tambem o ruſtico membrudo
Que a morte deſprezaua, e tinha em pouco
Com cor terrena, e boca negra, mudo
A alma tirar num ronco orrido e rouco:
Como quando ſe mete o ferro agudo
Na garganta do touro pouco, a pouco
Que com roncos en aluo olhos vira
E os neruoſos pés tremendo eſtira.

Vira-ſe em fim ate nos animais
Empécer o peſtifero veneno,
Mais enterrarem filhos, filhos pais,
E a muitos falta até lugar terreno:
Onde por ſer o medo e eſpanto mais,
Do ar que parecia eſtar ſereno,
Mortas cahiam as aues, vindo os frutos
De ſeus maternos troncos já corrutos.

Sendo já neſte tempo morta tanta
Gente, que eſcaſſamente ſe contaua,
Fogindo os mais da pena que os eſpanta,
O que lhe o Rey até entaõ negaua:
Donde de boca em boca ſe leuanta
Huma voz, que confuſa mormuraua
Antre o medroſo pouo, a qual dezia
Que a cidade já ſe ſouertia.

E como

E como em tempestade a destroçada
Nao, a hũa banda e outra vai pendendo,
Sem mastos, sem gouerno, atrauessada,
Pouco e pouco já de mar se enchendo:
Que dum impetu grande embalançada,
Algum cheo de medo, a voz erguendo,
De la da escotilha diz chorando
Que sem remedio já se vai alagando.

Hũs ao mastareo logo subindo,
E castello de popa, outros lançando
Fora o Batel e esquife, indo fugindo
Aos que na fralda atras lhe vaõ pegando:
Assi a Lusa gente a voz ouuindo,
Que mal tamanho vai adeuinhando,
O pae o filho deixa, o filho o pae,
A qual de casa mais depressa sae.

Sae-se a gente medrosa da cidade,
Fogindo cada hum como podia,
Naõ se respeita ali a tenra idade,
Do que socorro atras a mãe pedia:
Fia a donzella a pura castidade
De qualquer sospeitosa companhia,
Naõ dà lugar o medo ao rico auaro
A sepultar o seu thesouro caro.

Nem lembra já fazenda que acquirida
Co trabalho que teue amiga a sorte
Foi, que onde entreuem perderse a vida,
Naõ voga amor da filha, ou da consorte:
Cada hum busca com temor guarida,
Mas quem pode fugir da fera morte?
Quem do forçado natural limite?
Quem do que Deos com justa mão permite?

Pois vendo já o Rey tamanhos danos,
Tanto estrago, tanta desuentura,
Sobre os seus aflitos Lusitanos,
A quem leuar a crua morte jura:
Ao que entregou a vida, e tenros annos
Por seu Deos, a martirio e sepultura
Tomou por valedor, porque lhe peça
Que de seu Reyno já se compadeça.

Dizendo, Bastiam em cujo dia
Fú vim ao mundo: nome como o meu,
Que por ser teu, ninguem no merecia
Que naõ fose có ele tambem teu:
Naõ negues puro santo essa valia
Que tens co alto Deos, pois que nos deu
Os teus membros por nossos valedores,
Para nos perdoar móres errores.

Acode acode já senhor aquelle
Pouo, que em seus altares te venera,
Porque por tua bondade a culpa delle
Lhe seja perdoada como espera:
Olha como cruel anda sobrelle
Braua, sanguinolenta a morte fera,
Poem já os rogos teus a Deos diante
Porque deste castigo a maõ leuante.

E eu te prometo humà casa, onde se veja
Sempre a memoria deste beneficio,
Viua, e que em letras de ouro esteja
Escrita no sagrado frontespicio:
E que teu braço mais temido seja,
Botando o meu a pedra no edificio
Primeira, sendo o dia e nome teu
Cadanno festejado naõ por meu.

Isto

Isto dezia o moço em terra posto
Cos giolhos, os olhos leuantando
Ao ceo, que lhe banhauaõ o triste rosto;
Sospiros dalma ás vezes arrancando:
Sendo de tanta força o prosupposto
De se irem suas gentes emendando,
Que enternecendo o santo, faz que peça
A Deos, que de seus erros ja se esqueça.

O qual huma tormenta em continente
Manda, que o ar corrupto espalha e apura,
Naõ morre mais nenhum, nem cae doente,
Perca o credito logo a vmana cura:
Que em vaõ cansa (por mais q̃ busq̃ e intẽte)
O que seguir Galeno só procura,
Em dar remedio a vidas condenadas,
Antes de serem culpas perdoadas.

Foge o morbido podre, e grosso vento,
Das casas da cidade perdoada,
Atalha-se a Plutam o duro intento,
E os ministros a tençaõ maluada:
A morte se despede a passo lento
De vidas infinitas carregada;
Fica a cidade qual teito arroinado,
Que he de noturnas aues habitado.

Entraõ rebanhos de cornudo gado
Pacendo polas praças, como quando
Iunto do Istro a sol já trasmontado,
Vaõ por Abril as cruas repastando:
Com cujo bafo o ar taõ arrecadó
Cuida a gente que vem irse apurando,
Ainda toda uia entrando a medo,
O que mais tarda crendo vir mais cedo.

Entrando vem, quaes timidas medrosas
Pombas, que na cauerna salitrada,
Onde rulando queixas amorosas,
Estaõ por curuos cantos derramadas:
Que com temor errando furiosas
Da serpente que viraõ amedrontadas,
Saindo ao leue ar mil voltas dando,
Vaõ depois huma e huma atento entrando.

Assi a Lusa gente entrando vinha
Hús apos outros, antre temor ledos,
(Prazer que chega tarde, e vaise asinha,
Inda que seja de passados medos)
Qual ja naõ acha o que deixado tinha,
Qual pudera contar mal polos dedos
As vidas que lhe leua a crua morte,
Para lhe fazer rica a pobre sorte.

Naõ achaõ os filhos paes, tudo mudado
Se ve, cortaõ-se longas esperanças,
Nem se acha tal memoria em algum lembrado,
Que julgue por razaõ vagas eranças:
Todos os trajos eraõ de orilhado,
Da magoa que passou, tristes lembranças,
Tudo sam longas barbas e cabelos,
Olhos vermelhos, rostos amarelos.

Saido tinha o Rei da venenosa
Cidade, de desgosto e temor cheo,
Porque em segurança duvidosa
Sendo, cansa o amor, cansa o receo:
Por hũa serra esquiua e pedregosa
O passo moue, de si proprio alheo,
Estreito he o caminho e alcantilado
Naõ me parece bem ir descuidado.

Trepa

Trepa o cauallo: ja tropeça e embica,
Iá pende o moço, mas valor o anima,
Todo perigo que teme atras lhe fica
Do deſejo que tem de verſe encima;
Trabalhe, pois aſſi ſe verifica
Quanto o premio do ſofrer ſe eſtima;
Queu moſtrarei depois quam eſtreita via
E trabalhoſa he a da alegria.

CANTO QVARTO.

Eſtá el Rei em Sintra, apparecelhe o Engano em figura de tratante, e afirmalhe fazerſe armada em França por ſecreta conjuraçaõ. Cre o Rei o auiſo, e apercebeſe de grande frota que ſe perde.

QVando de furioſa tempeſtade
E mar irado, ve a morte fera
O triſte nauegante, (aduerſidade
Em que nenhum remedio vmano eſpera:)
Socorrendo-ſe á ſuma piedade,
Promete maſtos, gaueas, naos de cera,
Mas paſſado o perigo turbulento,
Co temor leua a promeſſa o vento.

Li-

Liures eſtauaõ já de tantos danos
(Como paſſando eſquecem facilmente)
Os choroſos e triſtes Luſitanos ,
Naõ pondo os olhos mais que no preſente
Deixando de veſtir funebres panos ,
Que pae , eſpoſa , mãe , irmaõ , parente ,
Naõ lembra mais q em quãto a doce eraça
Lhe traz polos cabelos a lembrança.
Parece-lhes que foi por acidente
O caſtigo por culpas permitido ,
A vapor groſſo lento , frio , ou quente ,
He do vulgo inorante atribuido :
Em tudo obedece a cega gente
A ſeu interno imigo endurecido ,
Que pronto em ſeus deſcuidos , ja lhe ordena
Nouas ocaſioens de noua pena.
Mas tornando â eſtoria começada ,
Seguir quero o caminho pedregoſo ,
Onde de ſoluçar a voz canſada
Me faz a alegres gentes odioſo :
De laſtimas e pranto he eſta jornada ,
E ſó a triſtes choro he deleitoſo ,
Por iſſo ſó a quem o for queria
Leuar neſte caminho em companhia.
Bem vejo que laurada a curioſa
Tea de varias cores , que pudera
Ser muito mais ſuaue e deleitoſa ,
A quem com ſem danado intento a lera :
Pois cada hum a fruta mais ſabroſa
Neſte jardim a ſeu goſto colhera ,
Sendo lhe a toſca Lira mais ſuaue
Variando-ſe o ſom triſtonho e graue.

Mas

Mas a quem a verdade hade ir contando,
Sem faltar do deſejo a ardente ſede,
A ſeu ſabor eſtoreas ordenando,
Eſta licença naõ ſe lhe concede:
Por onde quem quiſer irme eſcutando
Naõ eſtorue o que meu cuidado pede,
Que he moſtrar de continо a triſte magoa
Que fez eſtes meus olhos fontes dagoa.

Deixei (ſe vos bem lembra) o moço ouſado
Sobindo pola ſerra penhaſcoſa,
Onde quanto mór bem he o eſperado,
Tanto a eſperança delle he mais fabroſa:
Canſado ſobe, muito mais canſado
Da tardança que faz graue e penoſa,
Mas quando acima já chegar preſume,
A noua eſperança eſta reſume.

Com tudo auante vai, canſa e porfia,
Ate chegar ao fim do monte erguido,
Que a regiam das nuues eſtendia,
No mundo pola fama conhecido:
O Olimpo Teſſalico excedia,
Onde dos ventos he claro e labido,
Que no templo de Iupiter moſtrauaõ,
Que a taõ alto lugar nunca chegauaõ.

Deu-lhe ſeu proprio nome a bela filha
De Latona, por ſer ja ſua morada,
Ve bem no cume huma maranilha,
Que naõ cuido que foſſe igual contada:
Só cem paſſos de terra o moço trilha,
Em cima, que naõ foſſe alcantilada;
Os quaes ocupa hum templo, que ſe inuoca,
A ſenhora da Pena, ou da alta Roca.

Aqui

Aqui vio claras fontes chriſtalinas;
Que em duras pedras tinhaõ o nacimento;
Edificadas altas officinas,
Dum conſagrado e pudico conuento:
Hum peregrino alli de peregrinas
Pedras, com ja mais viſto entendimento
Hum retabolo fez, que parecia
De rica e futil Macenaria.

De Pario alabaſtro marchetaua
O Corintio Porfido, enxerindo
O Iaſpe em Luſo marmore, que eſtaua
Suſpenſo o Rei, pintarſe preſumindo:
Bruteſcos e cordões dependuraua,
(Tudo de pedra) que ſe eſtará rindo
Quem naõ vio eſta obra deſuſada
De muitos que a viraõ celebrada.

Naõ ſo no altar ſanto ſe embebia
O moço Rei, que eſtá rapto e enleuado;
Ouuindo taõ ſuaue melodia,
Que lhe parece eſtar beatificado:
Mas como para o mundo em fim pendia;
Saeſe do templo a ver o mar inchado,
Deſcobrindo dali do Olimpio monte
Do meu orbe terreno o orizonte.

Tendo ſempre preſente na memoria
O que lhe o ſeu eſforço prometia,
Dos ſeus paſſados a ſuperna gloria,
Que nelle o tempo aſſi eſcurecia:
A prelongada empreſa, e obrigatoria
A quem a lei de Chriſto pretendia
Eſtender até o vltimo terreno,
Contra a força do Barbaro Agareno.

Magoa

Magoa com que ao mar o roſto vira
Por lhe naõ renouar triſtes lembranças,
E caminhando aſſi triſte ſoſpira
(Efeito de compridas eſperanças)
Do monte dece em fim, onde ſubira
A ver o que he ſogeito de mudanças,
E fonte de perigos naõ cuidados,
So para cobiçoſos ordenados.

Ve que as nuues abaixo errando andauão
Cobrindo os vales que altas ſerras fendem,
Dece até que por cima lhe ficauaõ,
Que em fria ſombra polo ar ſe eſtendem:
Boſques de fertis prantas ſe moſtrauaõ,
De cujos ramos varios frutos pendem,
Hũas e outras ſempre florecendo
Como que ſempre foſſe amanhecendo.

Ouuindo as rotas limphas, que caindo
Por antre liſas pedras murmurando,
Parece certo alí que vem ſentindo
O que no peito o moço eſtá traçando:
Onde Flora de Zefiro fogindo,
As eſquecidas folhas meneando
Do boſque, bem parece que dezia
Porque taõ cruelmente lhe fugia.

Sendo Netar e Ambroſia alí o rocio
Que em matutinas flores lento e graue,
Caindo la do ceo coalhado e frio,
Da eſtuta abelha era manjar ſuaue:
Debaixo de hum caſtanho alto e ſombrio,
Se aſſenta Luſo, porque mais o agraue
Seu mal, ouuindo ao ſom de claras agoas
Paſſarinhos cantarem tenras magoas.

Alí

Ali pois diuertindo o vagamundo
Penſamento, mil couſas conſidera
Por aplacar o peito furibundo,
Que com nenhum repouſo ſe modera:
Ali ve que ó que foi ſenhor do mundo
Que mais depois de ſelo naõ quiſera
Que lograr o repouſo deſejado
Em doce companhia congregado.

Mas nada o ſatisfaz, porque faltando
Ao apetite aquillo que deſeja,
(O peor muitas vezes deſejando)
Nada o queira em fim por mais que veja:
E aſſi todo o repouſo deſprezando
Abraça hũa interna e vã peleja,
Donde turbado e triſte ſe leuanta,
Deſpois que de confuſo ſe quebranta.

Por antre os liſos troncos corcouados
O paſſo moue, onde eſcritas crecem
Varias tenções de peitos namorados,
Que em perpetua memoria permanecem;
Eſtaõ do tempo ali dos Reis paſſados,
Que os corteſãos dagora jà aborrecem,
A pureza de amor, porque chorando
Naõ andem as pobres aruores riſcando.

Sintra ſe chama eſta deleitoſa
Parte, onde repouſo o moço engeita,
Vai penſatiuo achar huma cauernoſa
Pedra, de largo ventre, e porta eſtreita,
Ouſado entra na gruta temeroſa,
E huma lamina dentro eſcrita eſpreita,
Toda Arabios verſos a ocupauam,
Que grandes couſas lhe pronoſticauam.

Sae

Sae o Rey muito mais triſte, e turbado,
Do concauo penedo, imaginando
No nouo caſo, onde deſcuidado
Em varios deſconcertos vai cuidando,
Oo como me leuara aluoraçado,
(Se a cauſa fora amor) atraz chorando,
Pois claras fontes, verdes aruoredos,
Naõ puderaõ fazer ſeus olhos ledos.

Deſcobre á breues paſſos altos teitos,
Por antre a eſpeſſa e verde rama,
Dalgũa mais que vmana induſtria feitos,
Quaes naõ cantou moderna ou antiga fama
Naõ conſumindo outros taõ perfeitos
O longo tempo, ou Dardania chama,
Igualmente o louuor ſe ali reparte,
Naõ excedendo a materia á arte.

Entra ſubindo por torcida eſcada
De marmores luzentes jaſpeados,
A varios corredores, de eſtremada
Viſta, e parapeitos releuados:
Ouuem a voz vmana retumbada
Os paſſaros noturnos, e eſpantados,
Fogindo vaõ da luz, e teitos ricos,
A dar nas mãos dos enemigos bicos.

Entrando logo na maranilhoſa
Caſa dos brancos Ciſnes, que guardando
O cuſtume na morte tenebroſa,
Parece cerro ali que eſtaõ cantando,
Auante paſſa, onde huma doloroſa
Nimpha moſtraua eſtarſe-lhe queixando
Da agoa que por cima lhe corria,
Que numa curua concha ali cahia.

Dũa

Dũa banda do ſolio coarteado
Saindo de clara agoa hũa eſpadana,
Que mais de duas lanças leuantado
Parece que repugna a induſtria vmana:
Da outra parte hum teito eſtá dourado,
Que os quatro ventos tem, por onde mana
Freſco rocio, e ás vezes ſe eſprementa
De brauo inuerno ali braua tormenta.

Logo a Galé auante a viſta eſpanta,
De tarjas chea, onde eſtá pintado
O monſtro da ſeptiuoca garganta,
E Cerbero Trifauce encarniçado:
Ipomanes, que aras vai de Atlanta,
Cefalo, que madruga namorado,
Boſques, batalhas, e ſeluajes feras,
Sulfureas grutas, orridas Chimeras.

A camara das Pegas, antre aquelles
Apoſentos eſtaua, e outros que calo,
Cujo lauor o grande Praxiteles
Nem Calicrates, mál podem igualalo:
Pois Parracio, Protogenes, e Apeles,
Timante, com os mais em que naõ falo,
Se ficáraõ ſuſpenſos na pintura,
Parceiros achariaõ na Eſcultura.

Em fim (por dar remate) o moço entrádo
Pola caſa dos Ceruos, eſtendia
A viſta, em varias couſas ocupando,
Que alj de ſeu cuidado o ſoſpendia:
O eſpirito brauo leuantando,
Vendo que hum forte eſcudo ali pendia
De cada hum dos Ceruos, que moſtraua
Leuar gloria no peſo que leuaua.

Os

Os escudos, brasoẽs sam do esforçado
Brauo Luso, e de tropheos antigos,
Onde se ve o que he por sangue onrado;
E o que deue a onra a graues perigos:
De Reis, Duques, o sangue derramado,
De capitães (flagelo de enemigos)
E o da que morta, Pedro lhe procura
Melhor que Mauseola sepultura.

Os Loronhas, os Essas, Alencastros,
Meneses, Melos, Sousas, Manoeis,
Coutinhos, Telos, Telez, Faros, Castros,
Syluas e Aragões tambem vereis:
Almeidas, e Mendoças, e outros Castros
Castelosbrancos, e outros que sabeis,
Que aqui naõ he rezaõ que vos nomee
Porque com tanto nome os naõ enlee.

Tambem ali dos inclitos Pereiras
As cruzes tam temidas se mostrauaõ,
Barretos, Attaides, e Silueiras,
Tauoras, e Saldanhas tambem estauam,
Castelos, serpes, barras, e bandeiras,
Nos pendentes escudos se pintauam,
Memorias dos tropheos que ganharaõ,
Os que de si memoria alta deixaraõ.

Os Gamas, Alburquerques animosos,
Que com razaõ aqui no alto pinduraõ
Do teito seus brasoẽs, mais glorioſos
Que os dos que superalos naõ procuraõ:
Os Cunhas, e outros muitos valerosos,
Que a vida por ganhar fama auenturaõ,
As diuisas aqui tem pinduradas
Das cousas que fizeraõ sinaladas.

Pois

Pois ali o cuidado variando
O Rei, em nouas sombras diuertido;
Hum passageiro ve, que atrauessando
A fresca serra, finge ir afligido:
Tratante lhe parece, o qual mostrando
Andar buscando o Rei inaduertido,
De inorancia vestio breue pregunta,
E a cortés mouimento industria junta.

Chega-se á companhia afadigado,
Mas logo dá a entender que alcança
Ser Bastião aquelle que apartado
Mostra suspensa e graue segurança:
Com baxa inclinação desbarretado
Lhe diz: Senhor a grande confiança
De teu sincero peito, te assegura
De quem te busca a morte por ventura.

Ouue a treição senhor, e a grande frota
Que nos Galicos portos se prepara,
Armada de furor, gente remota
Traz a te conquistar cobiça auara,
Turbase o Rei, e aduertido nota
Tamanho auiso em que intento para,
Prosegue o tratante, e dos concertos
Dos conjurados, da indicios certos.

Isto dito, se parte diligente,
Executando seu maluado intento,
Turbada tinha ja a Franceса gente,
Caminha agora para o Reino lento:
Outra figura forma diferente
Da que trouue do Reino do tormento,
Agora toma a propria de Protheo,
Velho enrugado, ja barbudo e feo.

De lontras se vestio, como conuinha
A marinho pastor, hum curraõ leua
De lixa, goarniçaõ de aljofar tinha,
Cajado de coral que lhe releua:
E alli por baxo la do mar caminha,
Que tanto a baxa terra sobreleua,
Triste se mostra, porque o graue aspeito.
Represente melhor a dor do peito.

O mar lhe esconde o mar, que corre tanto
Dos olhos, mas nõ gesto se mostraua
A dor que delles tira o oculto pranto,
Que polas agoas ja se mesturaua:
Os peixes moue a magoa, e enche despãto
Quando lhes por Neptuno preguntaua
Que mudos naõ respondem: alli seguindo
O caminho que vai pola agua abrindo.

Em pouco tempo vendo huma deleitosa
Montanha, chea de asperos penedos,
Nos quaes a natureza artificiosa
Cria tambem espessos aruoredos:
Naõ moue a agoa naõ a pranta aquosa,
Saõ do profundo mar altos segredos,
Mas dos que pescam que estes ramos prendẽ,
A ver grandes boscages la comprendem.

Caminha, e de Coral huma espessura
Ve logo, e doutra pranta que parece
Ter de lagosta a casca crespa e dura,
Que ás vezes com tormentas aparece:
Esta depois de idade ja madura
Quando o pao transparente lhe apodrece,
No tronco do pé cria Ambar cheiroso,
Que nacer da Balea he fabuloso.

E como antigua anzinha carcomida
Cria o tortulho, aſſi em parda eſcuma
Sae a cheirosa maſſa, e endurecida
A lança o mar onde ſe achar cuſtuma,
Vé outra mata arborea empedernida,
Que porque he ja razaõ que me reſuma
Naõ conto por extenſo cada pranta
Da ſerra eruoſa, a quem ſe della eſpanta.

Saõ la as pedras creſpas e eſponjoſas
Com o agreſte fauo, e de mil cores
(A maneira de orgãos cauernoſas)
Douradas conchas criaõ em vez de flores;
Por eſtes vales vaõ Nimphas fermoſas,
Por darem a doce amor ricos penhores,
Colhendo finas perolas, cantando
As duras Pynoteres mariſcando.

Em vieiras azues vaõ recolhendo
Meudo e groſſo aljofar, (rico fruto)
Dos Tritões motejando, diſcorrendo
Aſſi o boſque aquoſo nunca enxuto:
Veſe tambem ali o monſtro orrendo,
O Drago, a Seluage, a Serpe, o Bruto,
Que a natureza la de varia forma
Os animais da terra tambem forma.

Prados naõ faltaõ la nas pedras duras,
De argaço, e perrexil apetitoſo,
E doutras muitas vmidas verduras,
Mantimento maritimo ſabroſo:
La neſſas rochas concauas e eſcuras,
Onde a eſponia, o leuodo, e poroſo
Corpo conſerua do vmor ſalgado,
O mariſco Lunar ſe ve pegado.

Veſe

Vese qual esquadrão de Franca gente
Estar despinhos o ouriço armado
E o cangrejo tirar co curuo dente
Da roxa concha o peixe descuidado:
Hum seixo lança dentro, como sente
Que se abre, do perigo acautelado:
Vese a Lagosta, e a Centola fea,
Que esmoem (como Ema ferro) grossa area.

Polos arboreos troncos vaõ trepando
Os corcouados buzios vagarosos,
A casa lisa ou crespa acarretando,
Onde mil vezes morrem de medrosos:
Estaõ os mudos peixes espreitando
Como passa Protheo, e temerosos
Dentro de rotas conchas, e furados
Cascos (de varios bichos) já quebrados.

Vai vendo o velho grandes marauilhas,
Ve o padre Oceano, ve Nereo,
Hum de filhos cercado, outro de filhas:
E mais acima o Rei do mar no meo:
De perolas ornado, de manilhas
De coral (a seu modo) todo cheo,
Metido dentro está nũa vieira
Que naõ tem forma naõ para cadeira.

Madreperola he o rico teito,
Tres voltas faz o rabo em que se assenta,
De escamas verdes tem armado o peito,
Barbas de salmonete, e vista isenta:
Entra Protheo onde o Real conspeito
Mui grande Majestade representa,
E as orelhas ve do Rei do pego
Que representaõ asas de morcego.

Nas mãos que sam compridas berbatanas
Toma com longos braços o Tridente,
Vé de Protheo ja as roupas serranas,
E enganao o meneo reuerente:
O velho brada ô glorias soberanas
(Postrado em terra) da marinha gente,
Que foi de vos? ô Rei naõ sou Protheo,
Mas hum sogeito so de angustias cheo.

Ati venho senhor por auisarte
Do Lusitano Rei fero orgulhoso,
Que determina ca de conquistarte,
Por se vingar do cabo tormentoso:
Tu es senhor de Eolo, elle de Marte,
De porte o jugo viuo temeroso:
Olha ô soberano Rei das agoas
Naõ te segurem confianças magoas.

Isto dizendo, crespo e arriçado
Torce Neptuno o escamoso colo,
E cum orribel e soberbo brado
Batendo co Tridente, acorda Eolo:
Está o Rei dos ventos sepultado
(Que faz tremer hum Polo e outro Polo)
La dentro na montanha cauernosa,
Se a fama naõ he nisto mentirosa.

A parte aerea (no lugar profundo)
Do aquoso e terreste he resumida
E sae por oyto grutas ca ao mundo,
Por nós em oito ventos repartida:
Os quaes se deuem la mouer, segundo
Crece do Elemento, diuidida
A leue parte, ja liquida e pura,
Reconcentrada a Solar quentura.

Eolo

Eolo aqui dizem que se encerra,
E que Hypotades la ministra os ventos,
Teme Neptuno a futura guerra,
Tem para defensam dous Elementos:
No fundo se apercebe, e ca na terra
Crendo o Luso auisos fraudulentos
De quem taõ falsamente lhos segura,
Prender so por sospeita algũs procura.

Curuas e fortes naos logo ordenando,
Com que possa vencer todo vniuerso
A braua frota o temor trocando,
E o desenho ao Luso o tempo aduerso:
Mil vitorias o vulgo ja cantando,
Quaes se naõ leraõ nunca em prosa ou verso
Sendo Duarte filho da estremada
Iffante Isabel, géral da armada.

Fidalgos dos illustres e esforçados
Eraõ os capitaens da mais da frota,
Os Soldados, mancebos namorados,
Qual de escopeta, e qual de lança e cota:
Telas, brocados, sedas, recamados,
Vestidos da feiçaõ da mais remota
Gente, da mais braua, e mais pujante,
Leuauaõ todos, a qual mais galan e.

Mas fortuna, que os altos prosupostos,
Ditosas vidas, prosperos estados,
Sabrosos bens em fim, supremos gostos,
Corta e destrue, com dar males dobrados:
E fundamentos váos e descompostos,
Faz que sejaõ mil vezes acertados,
O fio lhe cortou das esperanças,
Com suas desiguaes certas mudanças.

Que de pesadas ancoras tenaces,
Do Tejo estando o aureo fundo cheo;
E se tingindo as Francesas faces
De roxa ira, e palido receo:
Pronosticauaõ em pranto aues voraces
Com hum e outro circulo e rodeo,
A futura tormenta que viria,
Que a Lusa armada ali destruiria.

Vendo-se já de brancas nuues chea
A Esphera celeste, que parece
De vazia maré ondada area,
Ou peito de Falcão quando enuelhece:
Bradando pola praya só passea
A negra gralha, o gálo se entristece:
Vemse as adens dançar nos lagos frios,
E polo ar voarem brancos fios.

Vamse os aereos grous letras pintando
Dos baxos vales contra o Oriente,
E polos lagos anda entaõ chorando
A triste andorinha o mal que sente:
Da lodosa palude adeuinhando
A rãa cantante a furia do Tridente
De Neptuno, e o mar rouco gemendo
As ondas nas ribeiras vai rompendo.

Niso e Cilla crespos assouiaõ
E as mais aues maritimas, na terra
Do arado reuolta, ali porfiaõ
Sobolo bicho que se desenterra:
As Alcioneas aues ja se ouuiaõ,
Que receando a futura guerra,
Sobre penedos la co triste opieo
Passando estauaõ as penas polo bico.

Turbas-

Turba-ſe a fria eſtrela de Saturno
E a Cilenea luz fogoſa gira :
E atras das coſtas ja do veo noturno
Iupiter rayos tremolando atira :
Promete a Lúa ali venrto diurno
Cos turbos cornos, que purpureos vira,
Naõ eſtaõ as eſtrellas cintilantes,
Mas mil cometas vaõ caindo errantes.

Nace embuçado o ſol, e a freſca aurora
Palida apareceo, de cor da morte,
Parece em fim que a Luſa armada chora
A paſſar mar aſſi ninguem me exorte :
Oo deſeſtrada frota, (ô infelix ora)
Como alhea eſtás da aduerſa ſorte
Que ſe te aparelha, ó abre o ouuido
E ouuirás dos boſques ja o ruido.

Das cauernoſas portas ſalitradas
Todos os ventos vinhão ja ſoprando,
Hypodates as tem deſemparadas,
Obedecendo ao ſupremo mando :
As ondas galopando ja enojadas
Vem polo Tejo pouco e pouco entrando
E o pardo ceo turbado parecia.
Qual terſo ferro quando ſe embacia.

Ia tricoloreo circulo rodea
A luz Febea que o reflexo imprime
Delle na oppoſta nuue eſcura e fea,
Sinal de pacto doutro aquoſo crime :
Por Iris dos antigos ſe nomea,
Naõ ſe ve couſa que o temor anime,
Correm os rumos ja contrarios ventos
Como que ſe confundem os Elementos.

Ia

Ia vem chegando a aſpera procela;
(O mundo ruinando) à forte armada
Que pronta para dar ao vento a vela
La junto de Belem eſta ancorada:
Dando a tempeſtuoſa furia nella;
Polos Pilotos tarde adeuinhada:
Que vendo tal furor bradando apitaõ,
E dúa e outra parte alerta gritaõ.

Podendo mal á ſupita ruina
Valer, groſſas amarras reformando,
Que a furia da tormenta os deſatina,
Maſtos, antenas, lemes lhe quebrando:
Onde huma e outra onda repentina
Os curuos lenhos ja embalançando,
Faz com que hús com outros ſe encontrauaõ
E de improuiſo ali ſe eſpedaçauaõ.

Eſtaõ hús ja a outros perſuadindo
A breue confiſſam, e leuantando
Ao ceo os olhos, gritaõ a Deos, pedindo
Perdaõ, o roſto em lagrimas banhando:
Outros polo conues tombaõ caindo,
Cos balanços da naõ, indo rodando,
Outros no duro pao pondo os giolhos
De gritos enchem o ceo, e dagoa os olhos.

O mar ja entaõ encima reuoluia
(Moſtrando as entranhas cauernoſas)
A groſſa area, e o ceo em fogo ardia
Onde ſubiaõ as ondas impetuoſas:
E o dia (ſe ſe pode chamar dia,
Tempo que paſſa em oras tenebroſas)
Por ellas numerandoas ſe conhece,
Tanto a luz do dia ſe eſcurece.

Os

Os ramos (bem pegados no profundo
Nos aſperrimos penedos) de coral ,
Que foſſem arrancados la do fundo ,
Polos ventos crueis , cuidaraõ mal :
E as aues do argaço , e oſtrinho imundo ,
Naõ cuidaraõ que o mar taõ liberal
Foſſe , que la as nuues lho mandaſſe ,
Nem que o que cria o mar ao ceo chegaſſe.

Bem cuido eu que a timida Oritia ,
Do furioſo Boreas pouco ouuida ,
Medroſa e arrufada ſe eſcondia
Onde naõ tinha por ſegura a vida ;
E que a Noto goſtos prometia
Galatea , dalgum tronco eſcondida ,
Porque a furia abrandaſſe , pois certeza
De deſamor mais clara , he aſpereza.

Ia Filis , Amarilida , e Nerea ,
Naõ cuido que teriaõ o roſto enxuto ,
Que a qual dellas de mais agrauos chea
De ſeus rogos chorauaõ o pouco fruto :
Mas furia , que a taes rogos naõ ſe enfrea ,
E intento a taes magoas reſoluto ,
Naõ deuia de ſer ſenaõ de gente
Que vento era , e vento o mal que ſente.

Aqui quebraua ja a furia poderoſa
Do mar amarras , onde as naos ſe enfreaõ ,
Quoaes tubaroes caindo na enganoſa
Arte , que em groſſas cordas ſe meneaõ :
Outras vaõ dar na praya pedregoſa
Outras ali ſem ordem ſe rodeaõ ,
Ao aluedrio dos furioſos ventos ;
Que cada vez ſoprauaõ mais violentos.

Outras

Outras de algum encontro a curua quilha
Rota, ao brauo mar caminho abrindo,
Eſcondem nelle a vltima eſcotilha,
Indo-ſe aſſi a tombos ſomergindo:
Outras cheas de mar pola cauilha
Que ſe foi da cauerna deſpedindo,
Por naõ auer nenhuma ali que fique
Sem caſtigo, ſe vaõ ao fundo a pique.

Os mares cheos ja entaõ andando
Dos que nos fortes braços ſe confiaõ,
O remedio das taboas deſprezando,
De que tarde depois ſe arrependiaõ:
A muitos junto a terra leuantando
As ondas em ſeu rolo, onde ſe viaõ
Eſpedaçar nas pedras cauernoſas,
Quando eſperanças lhe eraõ mentiroſas.

Em fim que deſte modo deſtruida
Foi toda a armada, algũs chorando a ſorte
Que pera os mais canſar lhe guarda a vida,
Para ver de quem amaõ a triſte morte:
Começando a tormenta embrauecida
A aplacar o furor medonho e forte
Por rogos dos que a Deos por elles oraõ,
Apreſentando as lagrimas que choraõ.

De fora Baſtiaõ à viſta eſtaua,
Que a fazer embarcar a gente fora,
Onde o que lhe o deſejo afiguraua
Com vãs promeſſas, ao reues chora:
Dali a muitas couſas ordem daua
Que ſe lhe offereciaõ cada ora,
Mas vendo a armada rota e deſtruida
Naõ quis o pranto ouuir de tanta vida.

Que

Que ao longo da ribeira ſanguinoſa
Do enojado Tejo, em pranto andaua
Ia a triſte mãe, irmã, amiga, ou eſpoſa.
Quem por marido ou filho preguntaua,
Quem co a eſperança duuidoſa
Saber o deſengano naõ ouſaua,
Quem huma e outra magoa vai dizendo
Cadaueros deſpojos reuoluendo.

Onde antre roncos triſtes, e gemidos
Saem de dentro dos peitos magoados
Soſpiros, com tal magoa deſpedidos,
Que bem moſtraõ o donde ſam cauſados:
Antre elles juntamente referidos
Contentamentos, goſtos ja paſſados,
Promeſſas, e eſperanças enganoſas,
Que ſempre em fim ſam vans e mentiroſas.

Muitos daquelle perigo tormentoſo
Eſcaparaõ nas taboas que quebrauaõ,
E em remedio ali taõ duuidoſo
Orando a Deos, os mais remedio achauaõ,
Outros naõ prouaõ o trance riguroſo,
Que neſte tempo ainda em terra eſtauaõ,
Eſcapa em fim Duarte, e os eſforçados
Mancebos, que naõ foraõ acelerados.

Mas elRey (como digo) naõ querendo
Ver tanta magoa e dor na gente ſua,
Ao amor que lhe tem correſpondendo,
Naõ leua a alma de triſteza nua:
E o meo (com tamanho eſtrago) vendo
Roto, da deſejada guerra crua:
Perdendo a eſperança ao que deſeja,
Mal o pode alegrar nada que veja.

Aſſi

Aſſi ſe foi dali meter naquelle
Lugar, que de Almeirim era chamado,
Porque conſigo ſó la ſe querele,
Sem auer quem lhe eſtorue ſeu cuidado:
Onde pungentes pinhos de Cybele
Saõ as prantas do nunca cultiuado
Terreno, a cuja ſombra ſe ſentaua,
Porque alegria ali jamais entraua.

Tambem de mirtos (pranta Cyterea)
E de louros (em quem foi transformada
Aquella, a quem ſeguio na branca area
Apolo) eſtaua a terra pouoada:
Em fim daruores triſtes toda chea,
Terra ſo para choro aparelhada
He eſta, onde o ſol mais reuerbera,
Quando em Virgo rodea a quarta Eſphera.

Aqui tinha tambem de mil maneiras
Caça, o moço Rei, quando a queria,
Veados, Iaualis, Corças ligeiras,
Que para ſi ſomente defendia:
Aqui chorando as nunca verdadeiras
Eſperanças (que a leue fantaſia
Lhe ſeguraua, em bens nunca ſeguros)
Traçando andaua aſſi tempos futuros.

Em toda a parte ſempre acompanhado
Dum poderoſo e alto penſamento,
Com quem viuia ſó, ſempre apartado
De todo natural contentamento:
Ponderando a quanto eſtá obrigado,
Quem tem algum ſupremo regimento,
E como ſam das gentes mal julgados
Os que eſcurecem a fama a ſeus paſſados.

Andan-

Andando qual em velhas officinas
O Solitario paſſaro, gaſtadas
Do largo tempo ja, de peregrinas
Gentes ſomente a caſo pouoadas:
Que de pendentes friſos e ruinas
Suas queixas ao vento derramadas:
Nos mais triſtes lugares ſempre mora,
Por ſó chorar o mal que ſempre chora.

Chora ali com rezaõ muito ſobeja,
Ver naõ crecer a fama aos Luſitanos,
Chora romperſe o fio ao que deſeja,
Chora futuros bens, paſſados damnos:
Teme chegar a eſtado em que naõ veja
Meo de jugo pôr aos Mauritanos,
Sente naõ ter lugar com que dilate
A lei de Chriſto, e a ſua disbarate.

Em fim tudo choraua, que o cuſtume
Duma preſente dor, he que os paſſados
Desgoſtos, todos juntos vos reſume,
Porque os males vos ſejaõ aſſi dobrados:
Que o tempo magoas ſo nunca conſume,
E bens ſam logo delle ſepultados,
Mas em quanto elle chora a rota armada,
Bom ſera deſcanſar a voz canſada.

****

CANTO QVINTO.

Saé el Rey de Almeirim, e entra no boſque da triſteza, onde ao pe dum ſombrio pinho adormecendo ſonha: e determinaſe paſſar a Barbaria, para ir começando fazer aos infieis guerra.

DAs móres couſas ſempre eſquecimento,
E do q̃ ha deſquecer grãdes lembranças,
Em fraco ſogeito firme fundamento,
Em cur a vida longas eſperanças:
Oo errado caminho, ó cego intento,
Oo vans, e duuidoſas ſeguranças,
Apos que enganos vas vida canſada,
Pois taõ depreſſa es deſenganada?
Olhai a belicoſa e forte armada,
De que ao mundo a barba ja tremia,
Em quam breue momento deſtroçada
O mar em ſi a tragaua e conſumia:
Olhai quam cedo foi deſenganada
Do que lhe a eſperança prometia,
Vede do bom Duarte o fundamento
E como larga a eſperança ao vento.

Foge

Foge da corte chea de mudanças,
Estorua a occasiaõ a seu tormento,
A parte poem terrenas esperanças,
Celeste faz e alto fundamento:
A doce vida dà doces lembranças,
Caminhà entanto a passo enfermo e lento;
A morte que lhe atalha endurecida
Co a comprida magoa a curta vida.

Em fim todo o viuer esta faz breue,
E tudo o tempo poem em esquecimento;
Do curso natural ligeiro e leue,
O mais cõmum e certo mouimento:
He tributo que a vida à morte deve,
He vida sonho, sombra, leue vento,
E o homem sogeito so do pranto,
Que nos pode fazer confuso espanto.

Derriba sempre do mais alto trono
O mundo aos que engana, e sobe nelle;
Comunmente seus bens sam bens sem dono,
Pois tira deste, para por naquelle:
A huns o nome poem em eterno sono,
E o doutros claro faz na tromba impele
Da Fama leue, como o tempo auaro
No Lusitano Reino mostrou claro.

Que estando na mayor felicidade
Que imaginar podia, descuidado
De tanta desuentura e variedade,
Tudo o que espera ve roto e trocado:
Vem huma peste, vem huma tempestade,
Com que o Luso poder he destroçado:
Bastando-se hum sopro descomposto
Para atalhar tamanho prosupposto.

Eis

Eis-aqui em que para o vmano intento,
Vedes a Luſitana armada rota,
O vento aſſi deſtrue glorias de vento,
Quem tal cuidara da ſoberba frota?
Cercado eſtá o Rei de ſentimento,
O caſo aduerſo penſatiuo nota,
La onde o deixei de anguſtias cheo,
Naõ vendo ao zelo ſeu propicio meo.

Cuidado com que ſae da agreſte vila
A hum pinhal dali pouco apartado,
Onde lembranças triſtes recopila
Quando o aflige o coraçaõ canſado
Dando lugar a lagrimas que eſtila
Num lugar de prazer deſemparado,
Apartado dos ſeus, e do caminho,
Sentado ao pé dum groſſo pinho.

Tolda-ſe ali o ceo de rama eſcura,
E eſtá derua meuda o chaõ tecido,
Dantre a pungente folha ſe pendura
O enconchado fruto endurecido:
Eſtila negro pez a caſca dura,
Ve ſe do bufo ali entretecido
Eſpeſſo ninho, e a cruja eſtar bradando
Por que a vaõ os outros depenando.

No domicilio (concauo madeiro)
A Niticora rula a luz que teme,
O animal cantiligo ligeiro,
Por negras ſombras co as aſas treme:
Parece o boſque ronco verdadeiro,
No como ali de eſpaço em eſpaço geme,
Eſtá enuolto o moço em ſeu cuidado
De ver a luz turbada perturbado.

Naõ

Naõ acha duro o ſolio pedregoſo,
Sendo-lhe eſpinhos o dourado leito,
Dum em outro diſcurſo duuidoſo
Traça vitorias vans no vaõ conceito:
E qual a nao no impetu furioſo
Do rolo inchado, vira o curuo peito
Pendendo aqui e ali a varios ventos
Aſſi o trazem os altos penſamentos.

A tombos vai mil couſas reuoluendo;
Vaõlhe fugindo couſas deſejadas,
Canſa o juizo claro, defendendo
Seguir veredas ſem diſcurſo erradas:
Pouco e pouco aſſi adormecendo,
Depois de fantaſias baralhadas,
Podendo tanto o laço ſonorento
Que as redeas tomou ao entendimento.

Naõ lhe tendo Morfeo bem ligados
Os membros ja perplexos, e eſquecidos;
Quando em profupoſtos vãos e errados,
Sem ſentido lho daõ falſos ſentidos:
Andando os penſamentos ocupados
Em varios deſconcertos diuertidos,
E o vital deſenfreado ſpirito
Atras de ſombras vãs canſado e aflito.

Sonha que todo o boſque ve ocupado
De gente armada de ſoberbo aſpeito,
Onde de orgulho o coraçaõ turbado
Lhe bate no aflito e tenro peito:
Vé logo Athlas de cortiça armado,
A quem a turba moſtra ter reſpeito:
Que parece que cumbo hum pouco vinha
Do grauiſſimo peſo que ſoſtinha.

De

De seco esparto eraõ seus cabelos;
Dos lagrimáis correndo ali lhe vinha
Salitre: dentes longos e amarelos,
Mostrando as portas dos que ja naõ tinha:
Da cinta pendem dous largos cutelos:
A as costas traz por maça hũa grossa amzinha
Çapatos (que naõ cose rijo linho)
Enformados no pè, de porco espinho.

Abre-se logo hum tronco polo meo,
Sae de dentro huma ninfa alumeando
A sombra escura, como quando veo
O belo Adonis, a aruore rasgando:
Ornada vem de pastoril arreo.
Fita de cor de lirio atras lhe atando
(Em varios laços) os cabelos de ouro;
De taõ rica tençaõ rico, thesouro.

Com Alparcas de seda lirios trilha,
Guarnecidas de fina pedraria,
Brial laurado de ouro a marauilha,
Curraõ darminhos branco que pendia:
Camisa de delgada beatilha,
Que escassamente a carne lhe cobria:
De Aguila odorifera (laurado
Com peregrina estoria) era o cajado.

Dos outros troncos saem logo Amadridas
Com capelas de Louro e verde Era,
Faretradas tambem, belas Oriadas,
Que a meo rosto a pastora espera:
Faltaõ Naiades, Napes, mas vem Dríadas:
Huma em tocar de Coridon se esmera
A frauta, outra a li com tenra auena
Naõ enueja de Titiro a Camena.

Pois

Pois deſte modo vai com confiança
Contra o monſtro feo a Ninfa bela,
Ella lhe da co a viſta, amor co a lança,
Quem a vinha render ſe rende a ella:
As mãos atras com graue ſegurança,
(Cum ſó cabelo) lhe ata eſta donzella,
E por mais que trabalha elle rompello
Ia mais pode quebrar eſte cabelo.

Aonde dorme o Rei chega a paſtora
Co elle preſo antre as Ninfas belas,
Qual por florido Abril roſada Aurora
Ou por Agoſto Lũa antre as eſtrelas:
A ſeu ſenhor ſe inclina eſta ſenhora,
As outras embicaram nas capellas:
E com alegre roſto, oneſto e graue,
A doce voz ſoltou branda e ſuaue.

Dizendo, Eu ſou a tua Luſitania,
Que neſte boſque tem o antigo aſſento;
Duro flagelo da infiel inſania,
Caſi Princeſa ja do Imperio lento
Temme agrauada a falſa Mauritania,
E vindo ambas ja em rompimento,
Manda eſte monſtro contra mi ſenhor,
Cuidando poder mais Marte que Amor.

Eu o tenho vencido, e feito eſcrauo,
Tempo he de tomar dela vingança,
Iuſta eſperança dá taõ juſto agrauo,
Mas naõ quiſera longa eſta eſperança:
Reparo he ſempre ſeu o monſtro brauo,
Igualete o valor à confiança,
E naõ te eſtoruem pueris receos
Vir pendurar aqui tantos tropheos.

Isto dizendo, pondo força ao aleuto,
(Pera lhe responder) o Rei, abrindo
A boca, os nós rompeo do sonorento
Trabalho, a voz com impeto saindo:
Achando-se ali só turbado e lento,
As sombras vás que via lhe fugindo:
Cuidando ora ser sonho, ora imagina
Que possa ser reuelaçaõ diuina.

Onde dali se torna resoluto,
Ia se publica furiosa guerra,
Vai polas bocas o rumor corruto,
Terrenos rostos faz de cor de terra:
Medula o furor no pouo bruto,
Ia cada hum a arma antiga aferra,
E a hum capitaõ Bastiaõ manda
Que va diante a belica demanda.

Presteza em tudo, animo, e cordura,
Com seuera presença lhe encomenda:
Partirse logo o varaõ procura
Antes que lhe a tardança o gosto ofenda:
Da Lua o quarteiraõ tempo segura,
Teme que o mobil curso se arrependa:
Todos ja se apercebem de ginetes,
De espadas, lanças, peitos, capacetes.

Alimpaõ-se ali armas ferrugentas,
Que por tropheos foraõ ja ganhadas
Em batalhas asperrimas, cruentas,
De veros escritores taõ cantadas:
Mil maneiras de varias ferramentas
Eraõ tambem nas naos ali embarcadas
Exadas, aluiões, serras, machados,
Fouces, leuanças, e marrões pesados.

Bor-

Borrachas, odres, botas, mantimentos,
Que à corrupçaõ naõ foſſem taõ ſogeitos,
E outros muitos apercebimentos,
Que ſe procuraõ para taes efeitos:
Incitando ja entaõ galernos ventos
Propicios, os belicoſos peitos
Dos fortes Portuguezes a embarcarſe,
Que começaõ nas naos a congregarſe.

Depois de todos preſtes, leuantando
Os curuos ferros do areoſo fundo,
Que em altas vozes os Nautas arrancando
Foraõ de la do intimo profundo:
Os traquetes vaõ logo deſaldrando
Da armada (que ameaçando eſtaua o mundo)
Saindo vaõ do Tejo deleitoſo,
Qual arrogante, e qual triſte e ſaudoſo.

Mas deixemolos ir polo ſalgado
Mar, que ſereno e tranquilo eſtaua,
E tornemos ao Rei, que afadigado
Em dar efeto à partida andaua,
Teme, que lhe ſera certo eſtrouado
Dos ſeus eſte caminho, ſe lhe daũa
Conta de como parte, e aſſi dezia
Que ſo ate Tauira chegaria.

Muitos dias depois naõ ſe paſſando,
Que naõ entregue a vida ao vento leue,
O mar, e vento, tudo deſprezando,
Como quem quer que ſô fortuna o leue:
Diſſimuladamente ſe embarcando,
Como quieto o Reino todo teue:
Mas partido, por quem mandado ficã
Que a jornada publique, ſe publica.

O que visto dos seus, a todo perigo
Todos vaõ apos elle: como quando
Desgarra a Mestra abelha, o doce abrigo
A outro tronco concauo mudando:
Indoa seguindo la no oco antigo
Humas tras outras pouco e pouco entrando
Que achando ocupado o aposento,
A vida outra vez entregaõ ao vento.

Assi os Lusos o seu Rei seguindo,
Huns apos outros passam o Herculeo estreito
As agoas dos dous mares diuidindo
Com taõ leal, como animoso peito:
Diante delles o caminho abrindo,
(Pera males taõ largo, e taõ estreito
Pera bẽs) Bastiaõ que pois nauega,
Torno ao capitaõ que a Africa chega.

Ia pela barba daua o mar salgado
Ao sol, querendo entrar no escuro Ocaso;
E no Rio Leteo, o carregado
Morfeo, enchia o sonorento vaso:
Quando da graue grita aluoraçado
(Como quem nouas traz de alegre caso)
Hum marinheiro, em alta voz dizendo
Terra, se naõ me engano, ja vou vendo.

Terra, terra dezia se bem vejo,
Inda que comummente a vista engana,
Mas se me a mi naõ engana o vaõ desejo,
A terra he de Taniar Africana:
Alegraõ-se os que vem do patrio Tejo,
E deleitosa praya Lusitana,
Todos se leuantando, o alto rochedo
Mostrando huns aos outros ja co dedo.

Vaõ a Cidade e porto deſcobrindo,
Onde fenece o ſeu breue deſterro,
Vaõ pouco e pouco o mar tranquilo abrindo,
Até chegarem ao Barbareſco certo:
Vai-ſe de gente a praya ali cobrindo,
Onde vaõ os feroces lançar ferro,
Diſparaõ bronzeos tiros, tremem vales
Tocaõ trombas, tambores, e atabales.

E dando a clara Aurora cor ao mundo,
E nouas aos mortaes do alegre dia,
(Que cada hum paſſando vai ſegundo
Tem trabalhoſa ou ditoſa a via):
Começa-ſe o eſtrondo furibundo
Dos caualos e gente que ſahia
Das curuas naos, piſando a branca area,
De varias pegadas toda chea.

Deſembarcaõ caualos, mantimentos,
Petrechos, muniçoens de toda ſorte
Vaõ-ſe as gentes a ſeus alojamentos,
Como a cada hum lhe coube em ſorte:
Fazem-ſe alpendres, e repartimentos
Nas ruas, de madeira groſſa e forte.
Porque ja na Cidade naõ cabia
A gente que concorre cada dia.

Naõ cabia nas praças da Cidade
A Portugueſa gente, que ſabendo
A partida do Rey, à lealdade
Todos a vida vaõ oferecendo:
Qual vai de já madura, ou tenra idade
Qual de enfermo bulirſe naõ podendo,
Qual traz todos ſeus filhos, naõ deixando
Algum que va ſeu nome renouando.

Ia

Ia neſte tempo o Rey indo cortando
A branca eſcuma dos furioſos mares,
Cos tremolantes remos, coſteando
Cidades, montes, vilas, e lugares,
Ao porto de Tauira em fim chegando,
Onde nobres varoens, e populares
O ſaem a receber alegremente,
Deſembarcando ali a mais da gente.

Daqui a grandes de ſeu rico eſtado:
(E aos mais fidalgos) logo eſcreue,
Que a Africa paſſa, indo confiado
De cada hum ſeguilo como deue:
Mais lhe diz, que aqui tem determinado
Darlhes embarcaçoens, que a Ceita os leue,
E que tragam (ſe ſam leaes vaſſallos)
A mais gente que poſſam, e mais caualos.

Dando ordem da qui ao que ficaua
No Reino ſem nenhuma, que admirado
A huma voz confuſo ſe queixaua
Da fortuna do Rei, do triſte eſtado
Onde aquelle que comprador achaua
A aquillo de que viue, aluoraçado,
Ao ſeruiço do Rei ledo e diſpoſto,
Troca a vida e remedio por ſeu goſto.

Nam lhe ſofrendo o peito belicoſo
Repouſo em parte alguma, que embarcado,
Os ferros faz leuar do pedregoſo
Fundo, e as velas dar ao vento irado:
Atraueſſando vaõ o tormentoſo
Eſtreito, por Alcides celebrado,
Ia perdendo de viſta vaõ Tauila
Afaſtados do Calpe, junto a Abila.

Os

Os montes claros vendo, e o da Condeſſa
Mais perto, e logo o vale deleitoſo
Que teue as maçãs douro, onde começa
A lançar ferro o Rei, forte, orgulhoſo,
Diſparando ora huma, ora outra peça,
De duro bronzo, cujo tormentoſo
Eſtrondo, faz que a terra toda treme,
Como quando Encelado tomba e geme.

Deſembarcando o Rei contente e ledo
Com toda a mais da gente que leuaua,
Podendo a fama ter mal em ſegredo
O que a eſperiencia ja bradaua:
Cauſando eſte rumor tamanho medo
Na Africana gente, que deixaua
A mãe com preſſa o filho, e tenda amada,
Correndo qual Menade enfuriada,

Deſpois de tempo algũ, que acha comprido,
Partindo para Tanjar, a eſperanças
Dos ſeus, dando o termo prometido,
Que tantas vezes deſcompoem tardanças:
Onde ja reſoluto e ofrecido
Aas inumanas Barbareſcas lanças,
Dos ſete irmãos ouſado as eruas pace,
Do que ſe faz ao imigo roxa a face.

Mas naõ eſteue muito aſſi potente
Pacifico, que hum mouro belicoſo
Apercebido de infinita gente,
Caminha com engano fraudoloſo:
De noite vai marchando manſamente,
De dia ſe emboſcando aſtucioſo,
E aſſi ao Luſo Rei ſe vem chegando,
A elle e aos ſeus deſafiando.

Sae-

Saelhe o Rei cos poucos que ali tinha,
Porque os muitos naõ eraõ inda chegados
Dum duro arnes de proua armado vinha,
Naõ dos que fez Vulcano celebrados:
Este todo o pilouro em si detinha,
Agudas frechas, dardos arrojados,
Naõ foi na agoa Estygia caldeado,
Que era de aço só bem temperado.

Num caualo de raça noua e estranha,
O qual no curso excede ao vento leue,
Vinha, q̃ o pae de Italia, e a mãe d' Espanha
(Como era comum voz da gente) teue:
Reprimindo-lhe ali a fera sanha,
Dom Luis d' Ataide, como deue,
Pois por maior ali foi declarado,
A naõ errar, por lei e onra obrigado.

Estorua ao moço com razoens prudentes
O impeto e furor desordenado,
Andando repartindo as Lusas gentes
Como quem era sabio e esforçado:
Pondo os mais animosos e valentes
No lugar dos couardes receado,
Galopando ja entaõ polos outeiros
Alguns Barbaros, de onra auentureiros.

Dos quaes hum que parece mais ousado,
Arrogante, feroz, robusto, e feo,
Diante vinha, todo foteado,
Em ruço potro, de tascante freo:
Que para ser da fama leuantado,
A onra antepondo ao vaõ receo,
A todo auentureiro desafia:
Que por seu Rei, e lei morrer queria.

A isto

A isto hum mancebo valeroso,
Que taes afrontas naõ dissimulaua,
Nam lhe sofrendo o peito belicoso
Mais tardança, o caualo arremessaua:
Que ainda que hum castigo riguroso
Mereça, porque entaõ se desmandaua,
Tambem fama e louuor alto merece,
Pois à morte por ella a vida ofrece.

E leuando o mancebo a lança forte
Debaixo do dereito ombro metida,
Procura antes comprar onra co a morte,
Que com desonra larga e infame vira:
Nam lhe sendo escassa e auara a sorte,
(Tantas vezes cruel e fementida)
Que a lança pondo ao Mouro, os pés lhe vira
Ao ceo, e apos ella a alma lhe tira.

Outro tambem ali, co a ousadia
Que se esperava delle, a hum fero Mouro
Remete, que sem medo ou couardia,
A elle vem como enojado Touro:
Crece a escaramuça, e a porfia,
Treme o vale que teue as maçãs douro,
Soa o rumor das armas e caualos,
Naõ manda o Rei por poucos ajudalos.

Porque hum só feroz e denodado,
A muitos Mouros juntos arremete,
Que de qual por detras he encontrado,
Qual no caualo aguda lança mete:
Mas elle no seu braço confiado.
A outros muitos brauos acomete,
Fazendo larga praça a aguda espada,
De muitos ja temida e esprimentada.

Anda antre todos, como de raiuoſos
Rafeiros, o Podengo rodeado,
Que prouando ſeus dentes riguroſos,
Cada hum o comete acautelado:
Com tudo pouco podem valeroſos,
Se he de ajuda o valor deſemparado,
E fora certo preſo, e mal ferido,
Se naõ fora depreſſa ſocorrido.

Manda o Rei em tal preſa ſocorrelo:
Fogindo vaõ os Mouros ja de medo,
Vendo que vem alguns a defendelo,
Fica o Gouuea vitorioſo e ledo:
Qual do Luſo valor frio amarelo,
De longe olhando eſtá paſmado e quedo:
Qual julgaua dos Portugueſes, quanto
Muitos fariaõ, quando hum ſo fez tanto.

Timidos lobos, la de altos outeiros,
As cabeças atras quedos virando,
Que perſeguidos foraõ dos monteiros,
De ferrugentas lanças eſcapando:
Naõ com tanto temor correm ligeiros,
Que os vaõ perſeguindo imaginando,
Como eſtes Africanos ſe alongauaõ,
Quando que os Luſos vaõ atras cuidauaõ.

Recolhe-ſe o Gouuea, e o esforçado
Peranriquez, que o prado vem tingindo
De ſangue, que do colo atraueſſado
Do caualo, bulhando vem ſaindo:
O qual he do Taide ali abraçado,
Onde a ſeus pês o animal caindo
Ia morto: outro muito diferente
Lhe manda dar o Capitam potente.

Quem

Quem a temeridade ofereceo
Tamanha, nunca a vida e o receo?
Que Romano valor braço eſtendeo
Contra o duro e Toſculano freo?
Que poder celebrado defendeo
O alto monte Galico Tarpeo?
Que poſſa ter lugar mais leuantado,
Que o Luſo braço nunca ja domado?
Eſta ſó briga e recontro teue
Com rebates alguns de pouca conta
Sebaſtiaõ, no tempo que ali eſteue,
Segundo por verdade ſe reconta:
Onde conſiderando ao que ſe atreue
Sem meo de ſair da dura afronta
Ofrecida, a terra conquiſtando,
Em ſe tornar ſe foi determinando.
Sobre o que naõ falta quem lhe diga
Que acerta, polo muito que auentura,
Vendo a quanto a jornada o obriga,
E quam pouco a victoria eſtá ſegura,
Medindo a infinita gente imiga
Que á defenſam da patria ſe conjura,
Co a pouca que ali conſigo tinha,
E a que vem quam de vagar caminha.
Ve que pera a conquiſta que pertende
Lhe conuen mais poder e mais dinheiro,
Mais armas, ja ſeu erro claro entende,
Que a conhecer-ſe vem por derradeiro:
Do em que ſe tem poſto ſe arrepende,
Mas ſe iſto ponderara bem primeiro,
Naõ paſſara por elle tal vergonha,
Nem ſe doera agora do que ſonha.

Traz

Traz à memoria o ſonho e vaõ engano
Que tornado lhe foi em ſombra e vento,
Guarda no peito todo deſengano
Que lhe deu algum liure entendimento:
Tornar ſe quer em fim o Luſitano,
Mas faz primeiro aos ſeus hum juramento
Solene, de tornar tam furibundo
Que tomar poſſa Lybia e todo mundo.

E aſſi naõ eſperando que ſegura
A paſſaje do brauo Eſtreito eſteja,
Contraſtar quer os mares, e a ventura,
Como quem ſempre contra ella peleja:
Naõ pondo ante os olhos deſuentura
Nenhuma, co a colera ſobeja,
Indo-ſe a embarcar, e ſe topara
Primeiro algum batel, nelle paſſara.

Mas acha hum galeaõ, que apercebido
Eſtaua, para a ſupita partida,
Onde vai com alguns dos ſeus metido,
Deſprezando a fortuna, o mar e a vida:
Atraueſſando o golfo embrauecido
Em que ſe a nao mil vezes ve perdida:
Seguindo toda a outra companhia,
Como antaõ cada hum melhor podia.

Quando apertado a mãe choroſa
Conſigo tinha o filho eſtreitamente,
O ſaudoſo eſpoſo, a doce eſpoſa,
No mór eſtremo emfim do mal preſente:
Corre a fama ligeira, e a duuidoſa
Eſperança, confia a Luſa gente,
Publicando que o Rei tornado era,
Se baſta para o crer quem naõ no eſpera.

Pois

Pois assi se tornou o Rei, jurando
A tornada com firme prosupposto,
Que inda que de tornar va duuidando,
Sempre se apega a huma esperança o gosto:
Armas, petrechos, munições deixando
Porque como a tornar está disposto,
Naõ quer tanto embaraço, e assi tornaraõ
Nam mais que só as gentes que passaraõ.

Tornaraõ-se tambem a noua ouuindo
Logo, os leaes e fortes companheiros,
Por mar e terra ja se diuidindo
Duques, Condes, senhores, caualeiros:
Vem o Rei co breado peito (abrindo
Os mares, que parecem altos outeiros)
Do Galeaõ, que pouco as ondas teme,
Por mais que desordenem o largo leme.

E porque o pesado e tormentoso
Tempo, co pouco gosto da jornada,
Lhe dobram no cuidado riguroso,
Hum mal sobre outro, cousa costumada:
Aliuio de passar o trabalhoso
Caminho, com alguma desestrada
Estoria, busca, porque lhe resiste
A toda a cousa alegre o peito triste.

E assi a hum fidalgo que ali vinha,
Pantaliaõ de Sá sendo chamado,
Que mil perigos já passados tinha,
Corresam, gracioso, e auisado:
Manda que conte aquella estoria asinha,
Em que se achou, do Galeaõ quebrado
No promontorio orrido Sygeo,
Case de admiraçaõ, e magoa cheo.

O qual

O qual depois que com suaue auiso
Mil graças respondeo, a voz leuanta,
Improprio parecendo nelle o siso,
Com que todos os q̃ ouuem admira e espãta:
Prouocando-os a choro mais que a riso
A magoa, que de magoa ali quebranta
O coraçaõ mais duro, e inumano,
Ouuindo tam piedoso, e nouo dano.

Mas porque deste peito ja conheço
O mal, que qualquer mal lhe faz alheo,
Naõ me culpe ninguem porque emmudeço
Pois assaz de querelas estou cheo:
Basteme agora só o que padeço,
Para obedecer a este receo:
Com prometer que conte tudo quanto
O Sá contou ao Rei no outro canto.

CANTO SEISTO.

Vem el Rei de Tanjar e contalhe Pantaliaõ de Sá a perda de Manoel de Souſa, em que ſe achou vindo da India.

O Triſteza, abrigo de afligidos,
De ſaudoſas magoas companheira,
De conſumir a coraçoens rendidos
A mais ſuaue, e mais certa maneira:
Em penſamentos vãos e fementidos
Peſada mas amiga verdadeira,
De todo eſtado emfim liure ſenhora,
A quem amor por ſeu teſouro adora.

Como de ti apartas todo o meo
De ter lugar num coraçaõ canſado
Nenhum contentamento (inda que alheo)
Polo teres melhor ſenhoreado:
Es hum veneno doce, hum duro freo
Hum concerto de dor deſconcertado,
Fazes que quem te mais foge e reſiſte,
Naõ buſque mais deſpois, que ſó ſer triſte.

Olhai o Luſo Rei, como aborrece
Toda a memoria, e conto de alegria;
Onde bem claramente ſe conhece
Quanto a triſteza nelle entaõ podia:
Que porque lhe a lembrança reuerdece
(Daquela mágoa) la na fantaſia
A outra noua triſteza pronto eſtaua
Ouuindo o que lhe o Sá principiaua.

O qual a ſua eſtoria começando,
Diz: Saberas ſenhor que nos partimos
Do porto de Cochim, no tempo quando
Nos dous peixes o ſol entrado vimos:
A tres do meſmo mes daſamarrando,
Na era em que quinhentos reſumimos
Com cincoenta e cinco mais encima,
Mez de feruido Eſtio neſte clima.

Por noſſo capitam o ſem ventura
Que Manoel de Souſa foi chamado
Vinha, co a molher que ſe auentura
Aa morte, antes que o ver de ſi apartado:
Os filhos traz tambem, de que pendura
A eſperança de ſer perpetuado,
E tudo em fim aſſi deſta maneira,
Nas maõs o poem da ſorte carniceira.

Sendo do mes em que o ſol entraua
No Touro roubador da bela Europa
Treze dias paſſados, e deixaua
Meo caminho o Galeaõ por popa:
Quando hum Nauta, depois que derramaua
A viſta polo mar tanto que topa
Co ella diuiſiuel, terra brada,
Terra, a terra do cabo deſejada.

Foiſe

Foiſe logo a todos deſcobrindo
O Cabo, taõ temido e deſejado,
Em eſperança o medo reſumindo,
Quem depois chora o bem cedo eſperado:
Que eſtaua ja ſeguro preſumindo
O capitam, e niſto confiadõ,
Co Piloto prudente ali porfia,
Que ver a terra do Natal queria.

Naõ ſendo á viſta della, quando os ventos
Reprimindo os aſſopros, deixaõ liſo
O creſpo mar, de braños torbulentos
Mares, e tempeſtades certo auiſo:
Todos juntos depois feros, violentos,
Dando na nao ja velha de improuiſo,
Que as velas que trazia rotas tinha,
E cũas remendadas ſó caminhá.

O que vendo o Piloto, amaina grita,
Amaina, arriba, aqui remedio certo,
E hora de hum e doutro modo apitá
Por naõ cauſar mor perigo o deſconcertó;
Arriba, arriba, que ſera deſdita
(Dezia) dar na terra, que eſtá perto,
Deſſe hum e outro velho papafigo,
Por poderem melhor co eſte perigo.

Sigamos o furor do fero Oeſte,
E a ſeu aluedrio naueguemos,
Pois naõ temos remedio ſenaõ eſte
Co as velas que vedes que naõ temos:
Niſto ſe vira o vento Aleſnordeſte,
E a Nordeſte, os vltimos eſtremos
Do Orizonte em roda fulminando,
O dia negra noite alomeando.

Vem leuantando brauos e furiosos
Nos nouos mares ja brancas capelas,
Encontraõ-se huns com outros impetuosos,
Sobe a escuma delles às estrelas:
Combatem inumanos, rigurosos
Os tristes Nautas cheos de querelas,
Embalançando a nao de tal maneira,
Que a ora vimos todos derradeira.

Corre com tudo a nao, seguindo aquella
Furia, que mais poderosa a conquistaua,
Crecendo sempre a orrida procela,
Com que o mar o furor aceleraua:
Mas vendo que naõ podem assi rendela
Os ventos, cada hum o ventre inchaua,
Ficando a nao em calma trabalhando,
Cos enojados mares pelejando.

Naõ se passando largo espaço, quando
Todos juntos ali supitamente
O maior papafigo espedaçando,
Deixaõ sem vela a desestrada gente:
O Piloto aqui alto bradando,
A morte escura vendo ja presente,
Amaina, amaina, o outro papafigo,
Para remedio do vltimo perigo.

O qual naõ era inda bem tomado,
Quando ficou a nao atraueſſada
Ao impetu do mar medonho e irado,
Onde cuidamos fosse soçobrada:
Eis vem hum feo mar encapelado,
E hũa e outra onda acelarada,
Que dando nella, chea dagoa pende,
Onde o temor as lingoas nos suspende.

Apos

Apos iſto, o furor embrauecido
Dos feros ventos, ſupito romperaõ
Todos os aparelhos, conhecido
Fim dos triſtes, que a morte entaõ beberaõ
Varios gemidos vaõ num ſó gemido
Ao ceo, dos que mil laſtimas diſſeraõ,
Alguns perdaõ pedindo de giolhos,
No ceo pondo a eſperança apos os olhos.

Acudindo os miniſtros cos machados
Para cortar o maſto que pendia
Cos balanços da nao deſordenados,
Onde vimos que aſſi claro ſe abria:
Em tal perigo ſendo entaõ eſcuſados,
Que ſupito os tirou deſta porfia
O vento, na mor força do receo
O quebrando dum ſopro polo meo.

Onde ſem velas, maſto, e ſem aparelhos
Sem antena, ordenamos nouo emparo,
De podres velas, e maſtos velhos,
Para tormenta tal fraco reparo:
Seruindo mais preſtezas que conſelhos,
Mas o furor do tempo pouco auaro,
Nos tornou a leuar a podre vela,
Que pudera cum ſopro meu rompela.

Eis a nao ſe atraueſſa, e a gente geme
Em alta voz, que o ceo eſcuro atroa,
Eis hum inchado mar lhe leua o leme,
O garoupes, e maſto (outro) da proa:
Vede ſenhor ſe com rezaõ me treme
Inda a voz (do temor, que naõ perdoa
A nenhum coraçaõ por mais ouſado
Que ſeja, e valeroſo) em tal eſtado?

Olhai que tal deuia eſtar o Souſa,
E que tal a molher e a companhia,
Onde nenhum eſpera ali outra couſa
Por aliuio, que o fim do que temia:
Vede quem ama como naõ repouſa
Em quanto amor magoa e deſconfia,
Que naõ teme Lianor tanto o perigo
Do mar, quanto naõ ver ſeu doce amigo.

Metida la de baixo da eſcotilha
Eſtaua, ora temendo, ora eſperando,
Romper o mar a mal vedada quilha
A cada eſpaço a triſte imaginando:
Fazendo a todos magoa e marauilha,
No tenro peito os filhos apertando,
Naõ deſcanſando a bomba em botar fora
As ſaudoſas lagrimas que chora.

Podendo pouco co a tempeſtade
Força de choro, nem de fermoſura,
Que cada vez com mais riguridade
Se moſtra contra nos eſquiua e dura,
Onde a induſtria da neceſſidade,
(Extrema defenſam contra a ventura)
Nos enſina, da roupa que trouxemos
Ordenando huma vela que puſemos.

Alguns num nouo leme trabalhando
Que depois por pequeno naõ ſeruio,
Outros a amada terra vigiando
Que hum delles pouco e pouco deſcobrio:
Terra, depois em alta voz bradando,
Afirmando-ſe o cabo ſer que vio,
Chamado de noſoutros da Eſperança,
Por ſer ditoſo quem dobralo alcança.

Pondo

Pondo o capitaõ logo em conſelho
O que fazer-ſe em tal caſo deuia,
Reſpondendo de todos o mais velho,
A quem falar primeiro competia:
Ordenar-ſe de nouo hum aparelho
Era o que aqui melhor me parecia,
Para botar o eſquife, em que podemos
Saber melhor a parte em que ancoremos.

O que poſto por obra, logo entraraõ
No fraco barco ouſados marinheiros,
Que depois que o profundo mar ſoldaraõ
Se tornaraõ de preſſa aos companheiros:
Porém por mais depreſſa que tornaraõ
Vem ja ſerem ſeus medos verdadeiros,
Porque a nao ja chea dagoa vinha,
E por milagre nella ſe ſoſtinha.

Aonde o capitaõ pouco ſeguro
No temor que dos filhos o rodea,
Temendo o mal preſente, co futuro
(Que muito mór ſera) o remedea,
Tomando por conſelho mais maduro
(Vendo ja ſem remedio dagoa chea
A deſtroçada nao) no batel leue
Saluar a quem mais ama, e a quẽ mais deue.

E aſſi nelle embarcado, os mais deixando
Num pranto ja mais viſto taõ piedoſo,
As enojadas ondas foi cortando
Do mar, inda cruel e rigoroſo:
Da força da crueza o caſtigando
O rolo leuantado, e impetuoſo,
Que o barco fez na area mil pedaços,
Onde remos fizeraõ alguns dos braços.

Sae

Sae Lianor sem cor e sem sentido,
E assentada na area esmorecida,
Mais teme o que teme do marido
Que o que cre de naõ ver remedio á vida:
Dizendo, ja tomara por partido,
Ficando-lhe a palaura ali partida
Polo meo, da dor que nalma sente,
Ate tornar do palido acidente.

A nao ja neste tempo indo chegando
Aberta casi toda, á rocha dura,
Onde o mar inchado a espedaçando
A muitos fez tragar a morte escura:
Alguns a leues taboas se pegando,
(Que bem pode escusar quem tem ventura)
Outros a nado a terra indo saindo,
As vergonhosas partes encobrindo.

Viuos e mortos, todos o furioso
Mar, botando no rolo inchado fora,
Onde huma os filhos chora, outra o esposo,
Outro fazenda, irmãos, e amigos chora:
Aqui se atea hum pranto lastimoso
Da dor que em cada hum forçado mora,
Vendo a presente triste desuentura,
Cos olhos na certeza da futura.

Aqui nos congregamos alguns dias
Com tranqueiras, das quaes nos rodeamos,
No fim de varios votos e porfias
Em que neste conselho conformamos:
Onde somente virão as vigias
Noue Cafres, com que nos alegramos,
Cuidando virem ja fazer resgate,
Mas elles vinhaõ a nosso disbarate.

E por-

E porque tomar lingoa nam podemos
Desta barbara gente, (que só vinha
A saber que maneira de ordem temos
Para a que em nosso fim traçada tinha:)
Antre nos tres ousados escolhemos,
Que sem temor mouessem o passo asinha
A descobrir a terra, porque achassem
Alguns que as cousas della aclarassem.

Os quaes tendo dous dias caminhado
Sem verem mais que rusticas cabanas,
Com frechas bem fincadas (modo vsado
Na guerra destas gentes inumanas:)
Vendo vaõ o trabalho começado,
E vans as esperanças Lusitanas,
Temendo o certo perigo se tornaraõ,
E differentemente caminharaõ.

Ficando nos mais cheos de temor
Com esta noua, que de confiança,
Por ser em tal estado inda maior
A dor da falta, que o bem da esperança,
Consultando podernos ser peor
Fazer neste lugar muita tardança
Pois nelle naõ auia mais que meos
De excederennas faltas os receos.

E nisto assi confusos praticando,
Ia de remedio ali desesperados,
Vimos qual de estorninhos negro vando
Sobre hum outeiro congregados:
Que huma vaca que trazem rodeando,
Dos nossos por acenos segurados
Decem co ella presa do alto cerro,
Pola troca que esperaõ dalgum ferro.

Vede

Vede senhor o vão discurso vmano
Em que poem o valor, o preço, e estima,
Olhai a opiniaõ do mundo, e engano,
Quam longe da rezaõ cansa, e lastima:
Que se tenha por rico e soberano
Hum que acertou a ter do alheo clima
O que nelle se engeita e se despreza,
E que isto seja bem sumo e grandeza!
Oo inquieta gloria, e vaõ tesouro
A que naõ dou mais culpa que seu erro,
Pois almas, vidas, huns trocaõ por ouro,
Outros vemos que trocão ouro por ferro:
Mas tornando os que trazem a vaca ou touro,
Tanto que o preço acertaõ, doutro cerro
Lhe bradaõ outros cinco que espreitauaõ
Que os nossos claramente os enganauaõ.
Onde sem mais tardança se recolhem,
Leuando a vaca, e os olhos todos nella
Dos que para melhor remedio escolhem
Antes seruir tal gente, que offendela:
Ficando nos (cos meos que nos tolhem
De ter remedio algum) vendo a cautela
Com que os brutos roubarnos entendiaõ,
Como ja neste tempo pretendiaõ.
Malicia, que entendida nos esperta
A naõ fazer ali tardança larga,
Para o perigo maior a porta aberta,
Que sem remedio mal depois se adarga:
Dano que o capitaõ por cousa certa
Tendo, nem hum momento o termo alarga.
De por em parecer o que conuinha,
Cos mais sabios que ali consigo tinha.

Dizen-

Dizendo, Amigos meus, e companheiros,
A quem ſobeja eſforço e valentia,
Portugueſes leaes, e verdadeiros,
Fiel, como ſegura companhia:
Bem ſei que de taõ fortes caualeiros,
(Por mais que contra nos dura porfia
A fera ſorte) em todo o aduerſo eſtado
Naõ deuo ſer de vos deſemparado.

Mas porque a todos ſam perigos feos
E mudaõ muitas vezes peitos duros,
He bom medir paſſados arreceos
Cos louuores e bens que vem futuros:
Nunca glorioſiſſimos tropheos
Se alcançaõ, e claros nomes, nos ſeguros
Caſos, e nunca o bem ja mais contenta
A quem primeiro o mal naõ eſprimenta.

Naõ temais da fortuna a força dura,
Que tudo nela ſam varias mudanças,
Quando mais deſeſpera, entaõ ſegura,
Quando ſegura, entaõ fruſtra eſperanças:
Chegando ao mais que pode a deſuentura,
Entaõ conuem maiores confianças,
Sobindo a tronos de vangloria cheos,
Entaõ conuem maiores arreceos.

O perigo preſente olhai e vede,
E o que nos eſtá aparelhado,
A eſperada fome, e ardente ſede
Que padecer nos ha de ſer forçado:
Ponderai bem o danno que procede
De ſer eſte caminho prolongado,
Tudo vede e medi, que eu reſoluto
Eſtou em ſó ſeguir voſſo eſtatuto.

Isto dizendo, logo murmurando
Todos diuersas cousas arguirão,
Conforme a seus discursos porfiando,
Num parecer os mais se resumirão
A rouca voz hum delles leuantando,
A quem falar os outros permitiram
Primeiro, que por sabio e por mais velho
Declara ali o vltimo conselho.

Tirando a voz de lá do antigo peito,
Desta maneira ao capitão dizendo,
(Que com seuero e benigno aspeito
O coraçaõ na lingoa lhe esta vendo)
Senhor, a quem deuemos ter respeito
Porque o estais em tudo merecendo,
Da parte dos que aqui conuosco estamos
Vos quero declarar o que tratamos.

Tomando as armas com sanguinea guerra
Nos parece escapar a cara vida,
Atrauessando esta deserta terra,
Naõ tendo dilaçaõ nossa partida:
Porque o temor que vemos que se encerra
Nesta canalha, a paz oferecida
Aceitaraõ, em vendo que marchamos
Senno temor que cuidaõ que leuamos.

Maes te diz esta gente que te segue
Que porque vejas a vontade sua,
Nam auera nenhum que nam entregue
Mil vidas, por saluar a vida tua:
E que nam temas que nenhum se negue
Em nenhum perigo orrendo, ou morte crua,
Aa deuida rezaõ, a que os obriga
O nome, amor, e a fe que os mais sogiga.

Mas

Mas que quinhentas almas q̃ aqui eſtamos,
Repartilas em tres eſquadroens mandes,
Cuja vanguardia ati encarregamos,
E a bagaje ao meſtre André Fernandes:
E Pantaliaõ de Sá aos que ficamos
Gouernará, porque ſeguro andes
O caminho incognito que ves:
Ate chegar ao rio do Marques.

Parece bem ao capitaõ prudente
O conſelho de todos acertado,
Mandando logo pór em ordem a gente
Da maneira que eſtaua praticado:
E fazendo reſenha ali, ſomente
Achando oito eſpingardas, o eſforçado
Vendo de armas e gente a pouca copia
Que tem, naõ teme aſſi toda Etiopia.

Aa ſua amada eſpoſa (a quem pretende
Aliuiar todo trabalho eſquiuo)
Hum andor ordenou, que de ombros pende
De catiuos, de quem ficou catiuo:
E tanto menos qualquer dano o ofende
Dos que pode ſofrer hum corpo viuo,
Quanto o temor de velos a ſeu bem
Lhe faz dobrar a dor que nalma tem.

Os filhos pos nos ombros dos eſcrauos
Que inda a leal ceruiz ledos inclinaõ
Aa dura ſeruidaõ (fonte de agrauos,
Que em tal eſtado ſempre ſe ruminaõ)
E aſſi ao furor dos Cafres brauos
Ofrecidos, todos peregrinaõ,
Fazendo hum e outro alojamento:
Sem nenhuma agoa, e menos mantimento.

Vae

Vae na ordem que diſſe a triſte gente,
Prouando ja os receados danos,
Atraueſſando aquella terra ardente
Daquelles brutos feros, inhumanos,
Seguindo vaõ a Chriſto omnipotente,
Que por bandeira leuaõ os Luſitanos:
Quennos pode agrauar, ſe naõ peccados
Por quem ſam ſempre danos ordenados?

Hum mes tendo de tempo ja gaſtado,
Que a muitos delles limitou as vidas,
Em que ſomente tinhaõ atras deixado
Trinta legoas prolixas e compridas:
Sendo ja morto entaõ Diego Dourado,
Soldado forte, das mortaes feridas
Que teue numa briga, onde a vitoria
Seria agora aqui prolixa eſtoria.

Sendo ſeu mantimento eruas campeſtres,
Que as entranhas às vezes venenauam,
Erutas amargas, aſperas, ſilueſtres,
Que as ſecas bocas nos melificauam:
Perdidos (por aſperrimos alpeſtres
Boſques, rochedos, brejos que paſſauam,)
Sendo ja dez, ou mais, perda em que coube
Hum Sampayo, dos quaes ja mais ſe ſoube.

Ora hum, ora outro, atras hiaõ ficando
Que as pernas de canſadas nam podiam
Nem vagaroſamente ir compaſſando
O chaõ, que para tanto mal mediaõ:
Quando menos hum filho o Souſa achando,
Filho, em quem memorias ſe acendiam
Dum doce bem que foi, e ainda fora
Se nam fora o que dentro nelle mora.

Que

Que tanto que entendeo que era perdido,
Porque nam entendeſſe o que perdia,
Lhe fez perder ali todo o ſentido
A ſaudoſa magoa que ſentia:
Mas ſendo de eſperanças ſocorrido,
Aonde as ſaudades ſoſpendia:
De vir comigo tras, ſofreo melhor
(Depois de dilatada) a graue dor.

Contar Senhor as fomes, os perigos,
As ſedes, e as triſtes deſpedidas
De filhos, e de irmaõs, de paes, de amigos,
No fim das ja deſeſperadas vidas:
Os rebates e ſaltos dos imigos,
As crueзas das feras atreuidas:
Seria deſfazer de magoa pura
Em choro, coraçoens de pedra dura:

Porem por naõ deixar eſcuro á gente
Os trabalhos que paſſam peregrinos,
A ordem contarei conueniente
A contraſtar os aſperos deſtinos:
O cobiçoſo ali mais que valente,
Nam temendo dos Barbaros ferinos
A crueldade, a tudo ſe auentura
Polo preço que o Souſa lhe ſegura.

Daua o Souſa ali ſuma valia,
A quem a buſcar agoa ſe auenture,
A qual depois por preço aſſi vendia
Que todos bebaõ, e o cabedal ſegure:
Modo com que dinheiro ſempre auia
Para que combiça o valor dure:
Caminho de remedio verdadeiro
O que ſe poem em preço de dinheiro.

Che-

Chegando a tanto mal senhor os vossos
Lusitanos, que por manjar sabroso
Rohiaõ de animais torrados ossos,
Para quem nos achou dia ditoso:
Ia couros secos sam banquetes nossos
Bichos manjar suaue e deleitoso
Vede senhor que fomes que padecem
Os que ante vos depois pouco merecem.

Ficaua atras o amigo e companheiro
Ia sem alento a voz fraca esforçando,
Cortando-lhe o acento derradeiro
Os suspiros que dam em se apartando:
Manjar da Onça e Tigre carniceiro,
Ficaõ, que logo o vaõ desentranhando,
Ali se ve o amor e vmanidade
Onde entreuem igual necessidade.

Muito esquecem merces ja recebidas,
E rezoens de leaes sanguinidades,
Saõ corrutas ali fees prometidas,
Saõ negadas de amor claras verdades,
Pouco montaõ promessas referidas,
Todos padecem taes calamidades,
Que sentem muito mais a crua estrela
Da trabalhosa vida, que perdela.

Tres meses sendo casi ja passados
Que assi desta maneira caminhauaõ,
Quando de meo algum desesperados
De remedio, vaõ dar no que buscauaõ:
Lugares vem de Cafres habitados,
Amigos no aspeito que mostrauaõ,
Hum Rei negro rodea a bruta gente
Que nos espera ja alegremente.

O qual

O qual com ledas moſtras e menços
Quanto poſſiuel foi nos aſſegura
(Sem fingida tençaõ) os arreceos
E o perigo que o temor nos aſegura:
Coraçoens de razaõ e magoa cheos,
Em gente taõ cruel, que nos procura
Ateli deſtruir, dando ſoſpeita
Que era aquela vontade contrafeita.

Mas porque nos conſtrange o grande aperto
A tomar por remedio qualquer dano,
Em quanto nos naõ era deſcuberto
Nos ſeruimos dos meos deſte engano:
Naõ ſendo tal, que o negro por ter certo
Ser vencedor co braço Luſitano,
Contra outro Rei com quem ſempre peleja,
Aa conta do que eſpera nos feſteja.

Mandando-nos trazer dos mantimentos
Com que a terra ao trabalho reſpondia,
Leuandonos a ſeus alojamentos
Com grandiſſimas moſtras de alegria:
Tendo ſeus coſtumados comprimentos,
Onde os maiores leua em companhia:
Para ſerem co elle agaſalhados,
E a ſeu vſo ali banqueteados.

Dando-nos igoarias nunca vſadas
Doutra gente, eſte Rei manſo e benigno,
Aues doutro ſabor das coſtumadas,
Em modo de ſeruiço peregrino:
Onde depois das meſas leuantadas,
Eſpantado do Luſo deſatino,
Que a tal miſeria traz os ſem ventura,
A voz aleuantou graue e ſegura.

Di-

Dizendo pola lingoa que interpreta,
Oo cobiça, principio de taes danos,
Ardente sede, que se naõ quieta,
Desta ambiçaõ, em coraçoens vmanos:
Quando por mais que afirme e que prometa
A fortuna de tronos soberanos,
Foi verdadeira? quando a vida breue
Tem bens, q̃ a morte em fim tudo naõ leue?

Como num fraco pao de tam remota
Regiaõ, por taõ largo e tormentoso
Mar vosoutros seguis vossa derrota
Apos dum sonho vaõ e cobiçoso?
Quem do doce repouso aqui vos botaõ
Quem tanto perigo ordena trabalhoso?
Naõ he milhor que a vida se quiete,
Que o que a maluada ambiçaõ promete?

Oo d' esperanças falsas razaõ cega,
Que cuidem que mais facil muito seja
Acabar co a fortuna o que ella nega,
Que negar ao desejo o que deseja:
Quando se hum coraçaõ desassossega,
Que a razaõ co a cobiça vam peleja,
O que acabar naõ pode co enemigo,
Ou amigo, o acab'o omem consigo.

Vos outros conquistar quereis aquilo
Que o Ceo pudera daruos se quisera,
E por força tomado e descobrilo,
Como se por ser a outrem se dera:
Deos o da terra ca quis repartilo
Como quis e entendeo que melhor era,
E naõ quer que nenhum cego apetite
Exceda a juridiçaõ de seu limite.

Naõ

Naõ indo mais auante, porque sei
Que isto todos melhor que eu entendeis,
Pedindo-uos que à vossa patria e lei,
Costumes, cõ mais della me conteis:
Contou-lhe entaõ o Sousa de seu Rei
O que vós melhor que ele inda sabeis,
E depois lhe pedio que naõ passasse
Auante, que ali se reformasse.

Naõ parecendo ao Sousa limpa e pura
Esta vontade, e assi se determina
A vida antes nas mãos pôr da ventura,
Que o remedio na condiçaõ benigna:
Dizendo-lhe que ali muito segura
Bem ve que està a gente peregrina,
Mas que passar auante lhe he forçado,
Por estar antre os seus determinado.

Ao que lhe o Rei tornou, que pois queria
Pôr em tamanho risco tantas vidas,
Que hũa merce mui grande lhe faria
Em pago das pequenas recebidas:
Que elle tomar vingança pretendia
Dũas gentes crueis e atreuidas,
De quem era contino molestado,
Estimando por elle ser vingado.

Onde o Sousa contente lhe oferece
Com gratulas palauras a pessoa,
(Que no tempo das obras se conhece
Dum peito illustre a natureza boa:)
Mas a mi que grande erro me parece
Aquelle, a voz soltei que o negro atroa;
Dizendo que a empresa a mi conuinha,
Pola rezaõ que co capitaõ tinha.

E assi vinte omens só tomei comigo;
Com mais quinhentos Cafres que leuaua,
E fui a pelejar co este enemigo
Que atras onde ficamos nos ficaua:
O que fiz só co estes ná-no digo,
Nem nas gentes que ali desbarataua,
Por naõ tornar louuores destes feitos
Em sospeitas de timidos defeitos.

Basta que todo o gado lhe tomei,
(Despojos nesta gente de mór gloria)
E tudo a ferro e a fogo ali passei,
Materia de comprida e longa estoria:
E co esta vitoria me tornei,
Se isto contar se pode por vitoria,
Ao negro Rei, ao Sousa, e à companhia
Crecendo em me abraçar longa porfia.

E deixando isto feito, o errado intento
Pretende de seguir Manoel de Sousa,
Tendo que era o conselho fraudulento
Do Rei, com que hum momento naõ repousa
Mandando que abalasse a passo lento
O arrayal, com ordem em cada cousa,
Naõ querendo que o Rei o acompanhasse
Mas lhe pede lhe de em que passasse.

Auia auante hum rio caudeloso
Que sem bateis passarse naõ podia,
Os quaes lhe nega o negro primoroso
Polo mal que futuro lhes temia:
Faz isto o Capitam mais receoso
Do que por mal julgado se naõ cria,
E assi tanto importuna o Rei, que deixa
Vencer o zelo bom da errada queixa.

As

As almadias todas lhe mandando
Desatar, das prisoens onde as segura,
Por importunos rogos se tornando,
Como quem a alma tinha limpa e pura:
Primeiro alguns soldados se embarcando
A fazer o caminho á desuentura,
Por segurar o que seguro estaua,
Que cada hum de nos naõ imaginaua.

Passando todos este rio alem,
Como em tal pressa ali melhor puderam,
Indo buscar no mesmo rio o bem
Que por peccados seus mal conheceram:
Este era o do Marques, este era em quem
Buscando saluaçaõ, ahi a perderam,
Tanto monta ter bens sem conhecelos,
Como magóa e doe naõ poder telos.

Dali fomos marchando aos outros braços,
Com que entraua no mar o mesmo rio,
Achando muitas cousas em pedaços
Como que ali estiuera algum nauio:
Onde vimos hum barco de omens baços
Que sem defesa ou temor de frio
Por acenos e mostras nos disseram
Que outros como nos ali estiueram.

Mas porque era ja tarde, e nam podiam
Por vso seu fazer de noite nada,
Pera o dia que vinha prometiam
Passarnos por valia acomodada,
Em sós tres almadias que traziam,
Sendo primeiro alem gente passada
Para guardar do passo, onde pudessem
Desembarcar sem perigo os que viessem.

Ordem com que seguro se embarcou
Co a molher e filhos, confiado
O capitam, que aqui claro mostrou
Vir do trabalho ja alienado:
Porque vendo que o negro desuiou
O barco dum perigo acostumado,
Sem mais considerar, com vista irada
Da bainha despio a terza espada.

Furor a que nenhum espera efeito,
Que dentro nagoa todos de mergulho
Escondem o turbado e aflito peito,
Que contrastar naõ podem tanto orgulho:
Hum circulo e outro mais estreito
Fazendo ali dos saltos o marulho,
Embalançando o barco de tal modo,
Que casi cheo dagoa ficou todo.

Mas tornando a ficar posto em carreira,
A terra como podem se chegaraõ,
Passando o rio assi desta maneira,
Que para taõ crueis danos passaram:
Começando a seguir na dianteira
O caminho, que todos começaraõ
Apos elle, que vai bem descuidado
Do fim que ali lhe estaua aparelhado.

Iá Lianor o aspero deserto
Auia muitos dias que pisaua
Cos brancos pés: ô duro e graue aperto
Em que esta o femenil sexo illustraua:
Cos filhos vai fazendo igual concerto
No modo em que no colo os rezertaua;
Naõ lhe he o peso graue, mas sabroso,
Que o trabalho de amor he deleitoso.

Le-

Leuando os filhos piza a terra dura,
Dura, pois naõ ſe abranda e enternece
A tanta perfeiçaõ e deſuentura,
Que nella qual he mor ſe naõ conhece:
Onde parece amor que lhe ſegura
Mór gloria no trabalho que padece,
Que na eſperança van e mentiroſa
Que o deſejo aſegura venturoſa.

Caminha ſem moſtrar ja mais fraqueza
Nas palauras que diz ou belo geſto,
Repugnando o temor da natureza
Cum ſorriſo ſeuero, graue e oneſto:
Noſſa pouca conſtancia e fortaleza,
Em trabalho tam aſpero e moleſto
Animando, com taõ viril aſpeito,
Que os coraçoens nos faz crecer no peito.

E indo deſte modo, hum negro bando
Vimos vir, que ſeguro chega á fala,
O que nos fala ali interpretando
Huma Cafra que temos de Sofala:
A qual nos foi a onra declarando
Que ſeu Rei nos promete, onra que abala
Com intereſſe, em fim toda a vontade
Naõ em tanta miſeria e aduerſidade.

Dizem que de ſeu Rei agaſalhados
Seremos, num lugar que perto auia,
No que ficamos todos confiados
Que o deſejo ligeiro ſe confia:
Os males ſempre ſam arreceados,
Quando menos perigo prometia
O ſucceſſo nenhum nam arreceando,
Que aſſi o hiaõ culpas ordenando.

E crendo aquelle embaxador maluado
Guiados da escura e negra gente,
Chegamos ao lugar tam dezejado,
Do desejo eficaz tam differente:
Antes de la chegar sendo alojado
O arrayal (maldade ja euidente)
Onde com mil sinaes de imigo intento)
Nam vemos inda nosso perdimento.

Aqui nos trazem poucos mantimentos
Por preço quanto a elles bem vendidos,
Aqui a seus conselhos fraudulentos
Estamos ja de perto sometidos:
Executam em nos seus mandamentos,
Como em omens entregues e rendidos,
Aqui se determina em fim o Sousa,
A esperar nauio, aqui repousa.

Onde lhe diz o Rei que porque veja
Que sam gente fiel, em quem nam mora
Alguma oculta ordem de peleja,
Como perfida, falsa, roubadora:
Que as armas depositem porque seja
A todos mais suaue tal demora,
Nao nos temendo a gente, que segura
Lhe sera mais afauel por ventura.

E que polas aldeas derramados
Nas casas que com gosto lhes daria,
Muito melhor seriam agasalhados,
Nam sendo sospeitosa companhia:
Aqui nos foram assaz manifestados
Os enganos que o Rey maluado vrdia
Nam bastando a certeza deste dano
Para o capitam crer tamanho engano.

Nam

Naõ cre as claras moſtras da maldade
Com que o Rei deſtruirnos procuraua,
E aſſi lhe poem nas maõs a liberdade
De todos, co partido que aceitaua:
As armas nos tomando, da verdade
De quem debaixo della nós buſcaua
Todo mal, concebendo tal certeza,
Que todo outro conſelho ali deſpreza.

Mas Lianor em quem naõ cabe menos
Prudencia que valor e fermoſura,
Enchendo dagoa os belos e ſerenos
Olhos, a voz ergueo graue e ſegura:
Dizendo, ô meus filhinhos taõ pequenos,
Nacidos para tanta deſuentura,
Ia toda a ſaluaçaõ o ceo nos nega,
Pois quem cuidei liurar-vos entrega.

Naõ ves eſpoſo meu o claro engano
Que eſtas gentes te ordenaõ, e nos procuraõ
Olha como he mais certo ſempre o dano
Nos que da fé de imigos ſe ſeguraõ:
Naõ ves como ſem medo o Africano
Terreno atraueſſam os que penduraõ
De Tolomeu as falſas eſperanças,
E quam erradas ſam taes confianças?

As armas que ati te defenderaõ
Queres tu entregar aos enemigos?
E dos que nunca fé ja mais tiueraõ
Fiares a molher, filhos e amigos:
Quem ſegura as promeſſas que deraõ,
Que mais certos naõ tenhas mil perigos:
Quem de tua prudencia te preuerte?
Que em deſatino o eſforço te conuerte?

Naõ

Naõ ves que o menos mal que se te ordena
(Entregando-lhe as armas) cego esposo,
Que he passar para mais desonra e pena,
Polo jugo Samnitico afrontoso?
Naõ imagino afronta, que pequena
Naõ seja às que vejo no enganoso
Partido, que este negro te oferece.
Se naõ he mais do que inda me parece.

Naõ acabou Lianor inda o protesto
Que a seu esposo faz, quando enojado
Responde com turbado e esquivo gesto,
Que no proposto està determinado:
E que quem no tiuesse por molesto
Acabasse o caminho começado:
Apos isto entregando aos enemigos
Armas, esposa, filhos, vida, amigos.

Nam sendo entregues, quando repartidos
A como ali lhes coube por ventura,
Nas barbas, e nos ja rotos vestidos
Os negros dedos cada hum segura:
Onde hum porque lhe dem os escondidos
Tesouros, polas pernas dependura
Os que teue por sorte, outro inhumano
Nam trata os seus com taõ sofriuel dano.

A muitos dando os negros liberdade
Depois que ja naõ tinhaõ que roubarlhe,
Onde eu por pura industria e abilidade
Naõ andei mal senhor em escaparlhe:
Mas porque a desastrada aduersidade
Do Sousa e Lianor fazem ficarlhe
Atras os graues danos que passaram,
Naõ contrarei o como se saluaraõ.

To-

Tomados por despojos tinha o preto
Rei o Sousa, a molher, e a companhia,
Pauto que fez cos seus, mudo, e secreto,
Quando roubar os Lusos pretendia:
O qual depois conforme a seu decreto,
Despoja todos de ambar, pedraria,
Ouro, prata, vestido que traziam,
Que inda cem mil cruzados valeriam.

Ao Sousa e molher, que chora e clama
Lhe deixando somente as vestiduras,
A ministros mandando que ali chama
Que as estradas lhe dem liures, seguras:
Naõ sendo assi, que á triste aflita dama
Co marido, por brenhas e espessuras
Os encaminha aquella crua gente,
De os despir final claro euidente.

Nam tendo atraz deixado mil passadas
Por aquelles desertos cauernosos,
Cheos de feras ja encarniçadas
No sangue destes tristes desditosos,
Seguindo algumas ja mortas pisadas
Dos que liures dos laços riguroſos
Roubados caminhauaõ diuididos,
Inda assi destes brutos perseguidos.

Quando outra vez se acharam rodeados
Dos ministros do Estigio Radamente,
Que sem piedade alguma acelerados
Querem despir Lianor e incauto amante:
Todos ficando mudos e pasmados,
Nam me espantando que o temor espante
A quem ve condiçaõ taõ esquiua e fera,
A rogos que tornaram as pedras cera.

Naõ

Naõ ſendo parte a timida fraqueza,
Para que Lianor as armas renda,
Que lhe deu a vergonha e a natureza,
A quem taõ cruamente a diſpa e ofenda:
Que moſtrando nas vnhas a aſpereza
Que elles moſtraõ nas mãos, naõ ſe lhentenda
Que ja perder a vida ſó buſcaua,
No como ſem temor os arranhaua.

Mas naõ reſiſte a força feminil
Que em ſua defenſam executaua
A tanta taõ cruel, dura, viril,
De cada ouſada maõ que a moleſtaua:
Que qual a pranta no florido Abril
Deſpojada de Noto, derramaua
As roupas, e madeixas de cabelos,
Deſcubrindo os eburneos membros belos.

Naõ podendo ſofrer aſſi deſpida,
Que triumfem vmanos olhos della,
Eſtimando a vergonha mais que a vida
Primor de nobre e pudica donzela:
Na area ſe lançando, ſó veſtida
De ſeus cabelos, que por cima della
Eſtendidos, parece que ſentindo
Eſta vergonha, a eſtauaõ ali cobrindo.

Naõ lhe faltaua ſo a veſtidura,
Nem ſo o neceſſario mantimento,
Mas forças com que paſſe huma eſpeſſura
Onde por certo tem ſeu perdimento:
Os dous filhos dos ombros dependura,
Naõ pode naõ ja mais o fraco alento,
Por iſſo cae em terra eſmorecida
Tendo ao extremo fim chegado a vida.

Pende

Pende a cabeça ali da ceruiz cumba,
Poem a barba no peito, mas tornando
Em si o rouco orgaõ lhe retumba
A voz pola garganta murmurando,
Helhe veſtido a terra, e depois tumba
Que co as tenras máos eſtá cauando,
A que corpo vergonha fez tal guerra?
Que a meſma terra cubra a ſi de terra?

Cobre-ſe Lianor, deixando fora
Os braços em que aperta os dous pequenos
Filhos daquelle amor, e pai que chora
Cujas magoas naõ eraõ muito menos:
Da graue, e interna dor que nella mora
Dando os olhos canſados, e ſerenos
Claro ſinal, a voz ja nam podendo,
Por ſaluços a eſtarem interrompendo.

Onde de eſpaço em eſpaço leuantando
Os olhos a ſeu Deos que a deſaliua,
Eſta-ſe claramente ali moſtrando
Num caſi morto corpo magoa viua:
Senhor de piedade eſtá chamando,
Tende-a deſta alma miſera e catiua,
E deſtes innocentes que criaſtes,
Pois que por voſſo ſangue nos compraſtes.

Naõ entreis (ah ſenhor) com voſſa eſcraua
Na juſtiça e rigor, de que alma treme,
E perdoai a quem vos tanto agraua
Que coraçaõ culpado aflito teme:
Iſto dizendo, a lingoa ſe lhe traua,
Ouuindo o eſpoſo que ſoſpira e geme,
Os olhos pondo nelle, ou fontes dagoa,
Magoa que ali lhe faz dobrada magoa.

Eſtá

Eſtá o Souſa ja de dor taõ cheo
Que o coraçaõ no peito lhe rebenta,
Sente ſeu mal no coraçaõ alheo,
Dano que eſtima, troca que atormenta:
Naõ ve o triſte de remedio meo,
Huma agonia a outra ſe acrecenta,
Ora ſe tomba o ſiſo, ora ſeſudo,
Por tudo chora, rindo antes de tudo.

Mas vencido ja entaõ, e obrigado
De huma lembrança natural paterna,
Como o que traz no bico ao ninho amado
O com que os filhos ſem na mãe gouerna:
Polos boſques ſe vai deſatinado
Por huma e outra orrida cauerna,
Buſcando agreſtes fruitas amargoſas
Em que ſoſtenhaõ as vidas deſditoſas.

Foi, e fica Lianor, mas como fica
Quem no pode dizer bem na verdade?
Em fim no como mais ſe verifica
Eſta dor, he que foi dor de ſaudade:
Que torne o doce eſpoſo, ali replica
Mil vezes, que mouera de piedade
Hum Tigre, onde deſta dor vencida
Caem-lhe os braços em terra eſmorecida.

Mas naõ eſteue muito repouſando,
(Que quem de verdade ama naõ repouſa)
E aſſi acorda, la dalma arrancando
O doce nome do ſeu triſte Souſa:
Antre ſoſpiros rouca a voz ſoltando.
Dizendo couſas, mas a cada couſa
Interrompem eſtremos amoroſos
Os brados vaõs que daua doloroſos.

Aqui

Aqui cortou a parca os tenros annos
Dum dos filhinhos que apertados tinha
Consigo estreitamente, vãos enganos
Em que a força da paixaõ sestinha:
Aqui o mais cruel dos inumanos
Brutos, com pronto ouuido se detinha,
(Conuencido de magoa) ouuindo as mãgoas
Que tornauaõ atrás correntes agoas.

Naõ bastando leuar-lhe desta sorte
Amor o coraçaõ a dor tamanha,
Que com o mesmo riguroso corte
Logo hum irmaõ ali outro acompanha:
Com vagarosa e piadosa morte
Lhe acrecentando a dor cruel e estranha,
Onde naõ pode tanto o sofrimento
Que as redeas naõ largasse ao sentimento.

Dizendo, esposo meu, abrigo e emparo
Dos filhos e da mãe que sôs deixaste,
Torna, torna cruel, que o tempo auaro
Tos leua dos olhos que apos ti leuaste:
Olha quanto me foste nelles caro,
Lembrete Lianor que tanto amaste,
Para te naõ causar esquecimento
Taõ breue (e ami taõ longo) apartamento.

Apos isto, qual neue endurecida
Do rayo ardente, feruido Nemeo,
Co a vista turbada e escondida,
De fuor frio o rosto todo cheo:
Com boca pouco aberta, denegrida,
Cum esquecido e mortal meneo,
Qual cortada do arado alua bonina,
Pouco e pouco a cabeça e corpo inclina.

Assi

Assi fenece esta illustre dama,
De perpetua memoria e louuor dina;
No mundo alcança peregrina fama,
Quem nunca vio tãa casta peregrina?
Onde naõ basta ao choro que derrama,
(Nem o naõ ver remedio naõ lho ensina)
Para enxugalo, a companhia triste,
Que á graue dor ja mais razaõ resiste.

Chora, mais nisto vem cos braços cheos
De fruitas o culpado em taes tardanças,
Muito mais carregado de receos
Que andam ombro por ombro de esperanças
O qual crendo dos gritos e meneos
O que lhe afirmaõ ja desconfianças,
Certo o que naõ cre no que adeuinha,
Sem alma os corpos vé que nalma tinha.

Os filhos ve nos braços de Lianor,
Da riguroſa morte, esquiua e dura
Cortada a fresca e tenra idade em flor,
E a ella morta e palida a figura:
Que inda parece viuo ter o amor,
No como lhe dos braços dependura
Cada filhinho, o rosto amortecido,
Semnos soltar o corpo sem sentido.

Naõ chora, e posto que ja tinha perdido
O juyzo, naõ perde o sentimento,
Que amor lhe da na dor nouo sentido,
Apos do natural conhecimento:
Da qual internamente conuencido,
Depois de respirar o grosso alento,
As maõs deu ao trabalho suspirando,
A doce esposa e filhos enterrando.

A pos

Apos iſto furioſo vai correndo
Por aquellas floreſtas e eſpeſſuras,
Com rouca voz mil laſtimas dizendo,
De magoa enternecendo as pedras duras:
Onde a fome cruel ſatisfazendo
Alguma fera nelle, a deſuenturas
Tamanhas deu o fim que tenho dito,
Ia mais taõ deſaſtrado em carta eſcrito.

As eſcrauas e o meſtre (que chamado
Era Andre Fernandez) ſe apartando
Em triſte pranto do deſuenturado
Sepulchro, ſem caminho caminhando:
Por quem depois foi tudo iſto contado,
Que eu eſcapei primeiro, atraueſſando
A Cafraria com induſtria e manha,
Que a vida me ſaluou em ſer tamanha.

Ves aqui Rei a quanto teus vaſſalos
Dinos de fama eterna ſe auenturaõ
Por ti, e como em remuneralos
Dum cabelo as merces ſe dependuraõ:
Alarga a maõ Senhor em contentalos,
Que eſtes a onra e Reino te aſſeguraõ,
E naõ deixes medir a fracos peitos
(Onde he a enueja certa) illuſtres feitos.

Mais pretendia o Sá ir proſeguindo
Nas verdades que ao Rei liure falaua,
Quando da gauea foraõ deſcobrindo
A patria terra que ſe diuiſaua:
Onde tomando as velas, e ſurgindo
O galeaõ, o Rei deſembarcaua,
Num moſteiro de frades, que ſegundo
Tenna vida, naõ viuem neſte mundo.

Ali

Ali o moço foge a que naõ veja
Concurſos, onde ſempre os pareceres
Vulgares culpaõ Reis, por bem que os reja;
Que mal inda excediaõ nos poderes:
Por onde com razaõ muito ſobeja
Perto de magoas, longe de prazeres,
Da gente ſe apartaua, deſejando
De a eſtar em tudo contentando.

No templo entra, onde conhecendo
O vaõ deſcurſo do terreno intento,
Vai a vontade á razaõ rendendo,
E o deſejo a puro entendimento:
Eſtà contrito pranto oferecendo,
Deixemolo eſtar eſte momento,
Que rico ſe farà de graça infuſa
Em tanto deſcanſando a aflita Muſa.

CANTO SETIMO.

Tornado el Rei de Tanjar, veo sobre Portugal huma grande fome, e vai Sebastiaõ verse a Guadalupe com seu tio Filipe, conta-se tambem a destruiçaõ do Xarife

DEsastres da fortuna naõ vigia
Quem segura o temor do enemigo,
Que naõ dá asas tanto á ousadia,
Valor, como o seguro do perigo:
A segurança do que se temia
Traz sempre corromper a fe comsigo,
Que he taõ imprudente, que auentura
Na piedade imiga o que o segura.

Oo desestrado Sousa, quanto erraste
Em emtregar co as almas tantas vidas,
E quanto á tua custa nos deixaste
Exemplo de naõ crer fes prometidas:
O temor dos imigos seguraste,
Só meo de promessas corrompidas:
Tiraste á malicia humana o freo
Em lhe tirar o peso do receo.

Mas deixote, que assaz te basta o dano
Que mereceo tal erro, e resumindo
A vida irei do triste Lusitano:
A começada estoria proseguindo:
Que em destruir o Barbaro Africano
Lhe estaua o coraçaõ o peito abrindo:
Conquista em que triste se desuela,
Polos estoruos que ha de cometela.

Ia co a noua luz do nouo dia
Do obseruante templo, e penitente
Abrigo, o Lusitano Rei sahia,
De seu intento atras naõ diferente:
E quando suspendido discorria
Varios caminhos, murmura corrente
Ouuindo, moue o passo vagaroso
Contra o ruido rouco e sonoroso.

Do pronto ouuido o desejo guiado
Pouco e pouco descobre hum fresco rio,
De espessa e verde rama està toldado,
De branca area mostra o fundo frio:
Ao pé dum grosso Freixo, ja gastado
Do longo tempo, concauo e sombrio:
Huma molher sentada ve chorosa
Com trajo pouco bom, pouco fermosa:

O triste rosto palido sostinha
Sobre a palma esquerda, e no dereito
Braço, consigo apertados tinha
Tres filhos, reuezando o seco peito:
De longe lhe parece que caminha,
Estreita vida mostra, e amor estreito,
Chegase o Rei à ja casi defuncta,
E a terceira vez assi pregunta.

Di-

Dize-me ô molher (ja rodeado
De noua confuſam) que te deſterra
Da patria, e repouſo deſejado,
A mendigar aſſi de terra em terra:
Senhor (reſponde a voz, que no canſado
Peito mil vezes a dor graue encerra)
Neceſſidade ſó poderoſa e dura
Faz com que tudo a tudo ſe auentura.

Fome ja mais ouuida e deſumana,
(Que cuido que ordenou culpa ſobeja)
Da minha Beira la patria ſerrana
Me trouxe' que ja choro que naõ veja?
Fecunda foi a terra Luſitana,
Rica de tudo o mais que ſe deſeja,
Agora pobre, auara naõ diſpenſa
Ao ruſtico com juſta recompenſa.

Ceres, e Tritolemo, conjurados
Contra a ſilueſtre lauradora gente,
Danos nunca de nos imaginados
Ordenando nos foraõ ocultamente:
Onde os tempos ja deſordenados
Com modo eſquiuo, e curſo diferente,
Co a ordem natural que preuerteram
Os elementos cuido corromperam.

Vendo-ſe lá as aridas ſearas
Que fecundo tributo as gentes dauaõ:
Negalo ao laurador ſecas e auaras,
Do que os ruſticos nellas ſemeauaõ.
Ia ſoſtentar nam podem as vidas caras
Que com tanto trabalho ſoſtentauaõ:
Ia naõ achaõ verdura em nenhum prado,
Por ſer da neue entam tudo queimado.

Mil maneiras de bichos infinitos
Pacem o que renoua o lento orualho,
Bandos de gafanhotos e mosquitos,
Que fazem vaõ o rustico trabalho:
Podendo tanto os esquadroens malditos,
Que verde anzinha, ou rustico carualho
Naõ escapa da turba immunda e crua
Que faz a terra de verdura nua.

Como quando ao Rei duro obstinado
Que os Tribus de Israel tinha catiuos,
Do mal nociuo taõ perseuerado
Nacem no Reino males taõ nociuos:
Mandando Deos em pago do peccado
Nos Niloticos campos, crus e esquiuos
Bandos, que comem prantas, fruto e feno,
Esteril tornando o facundo terreno.

Anda em varios bandos esta immunda
Praga, cuja perfida semente
Receo que na terra antes fecunda
Se augmente como em Reino delinquente
Em pena em fim a culpa nos redunda,
Como se ve na Portugueza gente,
Da qual porque naõ sei se em fim o merece
A dantre Douro e Minho mais padece.

Padecem estes tristes mor castigo,
Tudo se feca,, queima, e nada nace,
Comem-lhe as aues em semente o trigo,
E depois esta praga em erua o pace,
Onde hum rouba o vezinho, outro o amigo
E a outro faz vergonha roxa a face,
Naõ podendo encubrir necessidades
Que corrompem vergonhas e amizades.

Qual

Qual deruas venenoſas faz teſouro,
Outra nenhuma ja no prado achando,
Qual vende a fraca egoa, ou magro touro,
Qual vai todo o rebanho degolando:
Qual hum peſo de paõ da por dous douro,
Qual de animais nociuos ſuſtentando
A familia, cõ eles cae enfermo
Pondo-lhe a morte a tanta pena termo.

Ali filhos atras das mães andauaõ
Polos aridos campos, apanhando
A ſeca eſpiga, que por dita achauaõ,
Ou raizes, ſobre elas pelejando:
Da boca algumas mães entaõ tirauaõ
A ſeca teta aos filhos, que chupando
O proprio ſangue, ja nada lh' importa
Mamando elles na mãe depois de morta.

Achauaõ-ſe nos campos (de verdura
Auaros) por mil partes derramados
Innocentes ſem vida e ſepultura,
Nos braços dos paes mortos apertados:
Tragando alguns amarga e mal madura
Fruta, e outros muitos os bocados
De venenoſos pomos engolindo,
Lh' eſtaua pouco e pouco a alma faindo.

Deixando a gente taõ deſemparada
A terra (dos que ſendo conſtrangidos
Da lei pode roſa e neceſſitada)
Que naõ ſe achaua erdeiro a bens perdidos:
O filho o pae, o pae a filha amada,
E eſpoſas tambem deixãos maridos:
Naõ ſe achaõ dous ou quatro que eſcapaſſem
Que ſós grandes aldeas pouoaſſem.

Naõ

Naõ com tanta razaõ deſabitauaõ
O Egipcio terreno os moradores
Delle, quando os prudentes ſe jactauaõ
Na fartura, dos miſeros temores:
Nem quando á doce Eſpanha atras deixauaõ
De fome pura os proprios lauradores,
Nem quando Mouros trocaõ a liberdade
Por paõ, ſe vio taõ gram calamidade.

Tudo eraõ gemidos doloroſos,
Tudo mortes crueis de fome pura
Moſtraõ entaõ o zelo os virtuoſos,
E os maluados a auareza dura:
Se naõ falta comer aos cobiçoſos,
Faltalhes a ſaude por ventura,
Vede quanto melhor fica a virtude,
Pois ſem ella naõ ha goſto e ſaude.

Enchiaõ-ſe os caminhos e as cidades
De fraca, palida, e faminta gente,
Onde ſe viaõ taes calamidades
Que a magoa recitalas naõ conſente:
Naõ montaõ eſtados, onras, dinidades,
Que Deos caſtiga a todos igualmente,
E quem da fome eſcapa por dinheiro
Nas mãos da morte cae por derradeiro.

Naõ eſcapa da pena eſquiua e dura,
Que as furias infernaes voando andauaõ,
Inficionando ali a Eſphera pura
Co corruto alento que ſoprauaõ:
Dos corpos que ſem vida e ſepultura
Polas eſtradas ja podres achauaõ,
Recolhendo os vapores fedorentos
Que depois recolhiã nos alentos.

A mór

A mór parte dos Luſos enfermando
Da palida doença venenoſa,
Poucas Vilas, Cidades eſcapando
Da repentina morte riguroſa:
Indo-ſe polas vidas ateando
Tanto, que a gente com temor choroſa
A Deos pede remedio deſte dano,
Depois de naõ achar remedio vmano.

Leuanta ao Ceo chorando altos clamores
Cos giolhos em terra, aſſi obrigando
(Com promeſſas de emenda) os proteitores
Que eſtaõ por nos a Deos ſempre rogando
O qual tambem ouuindo a peccadores,
Sofre que lhos eſtejaõ deſculpando
Os que ſoſpiros, lagrimas recolhem,
Que à diuina juſtiça o furor tolhem.

Rogaõ por nos a Deos os padroeiros
Sanctos, e outros muitos naturais,
Que eſcolheram eſtados verdadeiros
Deixando caſas, rendas, filhos, paes:
De Luſitania muitos Caualeiros
Sairam, mas de ſantos muitos mais:
Eſté da Fama o Trono ſatisfeito,
Que o Ceo nos da mais onra e mais proueito

Fica liure por elles o culpado
Reino, da fome, e mortes que padece,
Naõ crendo ſer por rogos perdoado,
Que o erro antre as máos mal ſe conhece:
Eſquece logo todo mal paſſado,
Mas o paſſado bem mui tarde eſquece,
Que ou por ſer breue, ou porque ſe eſtima,
Sempre a memoria de paſſar laſtima.

Eis

Eis aqui te contei em eſpaço breue
De meu longo deſterro a cauſa juſta
Aſſaz doe pouco ter quem muito teue,
Pouco naõ canſa o que muito cuſta:
Iſto dizendo a fraca voz deteue
No tronco daquella aruore vetuſta
Encoſtando a palida figura,
Quando os filhos das tetas dependura.

Turba ſe o moço ali conſiderando
Da miſeria comum a eſtreita lei,
Paſſar tambem por ella deſejando
Como a infelix miſerauel grei:
Ser rico, pobre, o mal e o bem prouando
O fara ſer depois perfeito Rei,
Que quem do mal naõ proua o duro meo
Mal poderá ſentir o damno alheo.

Varias couſas reſolue penſatiuo
La no interno peito belicoſo,
Pondera e mede o trabalho actiuo,
Co a fama de nome glorioſo:
Nas aſas ja do penſamento altiuo
Sobe ligeiro, e logo ao vagaroſo
Carro de temor juſto, pronto dece,
E ora ſe alegra, ora ſe entriſtece.

Qual com turbado Ceo aue marinha
De la vem deſcanſar no mar inchado,
Que grande tempeſtade lhe adeuinha,
Naõ achando ſeguro gaſalhado:
Que ora nas ondas, ora no ar caminha,
O ſol ora ſereno, ora nublado,
Onde ſuſpenſa aqui e ali voando
De quando em quando vai aſſouiando.

Aſſi

Assi o forte moço está notando
Naquella molher pobre enfraquecida
A quanto a miseria está obrigando
Huma necessitada estreita vida:
Onde o forçado fim remedeando
Com larga maõ, cerrada e escondida
A pobre deixa alegre (que sospira
Com louuores ao Ceo) e as costas vira.

Desuiase do rio caudeloso,
Pera a Cidade os passos encaminha,
Iá casi diuertido do orgulhoso
Vaõ prosupposto, que traçado tinha:
Passa hum tempo, chega presuroso
Outro, que tudo emfim se acaba asinha,
E renoua no Rei intento nouo
Senhor se vendo de tam fero pouo.

Esposa lhe conuem, rendido estaua
A tudo o que em tal caso se ordenasse,
No mundo entam parelha lhe faltaua
Que com seu tronco illustre se igualasse:
Porque a que por sangue lhe tocaua,
Naõ era bem que nisso se tocasse,
Senam quando seu pai caminho abrisse
A que taõ justa esposa se pedisse.

Livre era de amor, liure de aquellas
Doces penas que dá por gloria suma,
E liure de sospeitas, e querelas
Com que pagar no fim sempre costuma:
Nam padecia a magoa de cautellas
Que naõ sofre que hum peito inda resuma:
A Cipreas dilicias nam se inclina,
Que só de Marte busca a dicipilina.

Nam

Nam desprezaua amor, mas naõ no tinha,
E nam por ser de natureza esquiuo,
Mas por entender bem quanto conuinha
Ao Rey, nam vir a ser de Rey catiuo:
Quando lhe Amor promete huma Rainha
Qual lhe traçaua o desejo altiuo,
Sogeito està a tudo o que se ordena,
Mas toda a outra pena, lhe da pena.

Tem hum primor de brio acompanhado,
Que só a cousas grandes o somete,
Iá o desuela entam outro cuidado,
Que grandes esperanças lhe promete:
O tio (que de Espanha he Rey) chamado:
Felipe (que da ley do Elisio Lete
A Fama o libertou) ir ver deseja,
E a mais o obriga a afeiçaõ sobeja.

Correm já de hũ, e de outro embaxadores,
Tratаõ o modo mais conueniente,
Praticanse resgoardos, e primores,
Antes que o dia de partir se assente:
Vem co Manho Felipe alguns senhores,
Ambos trazem dos seus taxada gente:
Vem com Sebastiaõ doze vassalos,
Porque nam pode mais agorentalos.

Pondo-se cada hum logo em caminho
Que para Guadalupe se traçaua,
Saindo cada Rey do patrio ninho,
Como primeiro antre elles se ordenaua:
Onde abraçando o tio ali o sobrinho,
Igual amor antre ambos se mostraua,
E em todas ceremonias que guardaram
Em tudo sem cautelas se igualaraõ.

De-

Depois se vem banquetes que se deraõ
Ali, quais naõ comeo Sardanapalo,
Nem os que depois delle succederaõ,
Nem Marco vio, nem deu Eliogabalo:
Já festas que nas vilas se fizeraõ,
E as merces que fez entrando, calo,
Porque se o que passou tudo contara
Naõ sei se quem me ouuira tanto achara.

Onde, que ali de guerra se tratou
E casamento, dizem muitas gentes,
E que nenhuma cousa se assentou
Segundo ha pareceres diferentes:
Mas que o Duque de Alua aconselhou
O Luso Rei, com sabias e eloquentes
Razoens, a naõ passar á Lybia terra,
Por quanto auenturaua nesta guerra.

Tornando-se hum Rei e outro contente
Do que em cada hum o outro enxergaua,
De boca em boca já, de gente em gente,
Se publicando o bem que se esperaua:
O desejo que sempre a todos mente
Dizendo que sem duuida ficaua
O casamento feito: segurança
Que de repouso dá certa esperança.

Noua com que os demonios receando
Quietarse o Rei moço, em furia ardendo,
Sobre caso tamanho consultando
Nouos estoruos andaõ ja tecendo:
Armas vaõ entre os Mouros baralhando,
Onde o Xarife roto recolhendo
Alguns dos mais leaes numa serra braua
Queixar-se manda ao Rei de quem no agraua.

Man-

Manda hum ſagaz Mouro, que paſſaſſe
Là do ſoberbo Abila ao Calpe erguido,
E que ao Luſo moço declaraſſe
Tudo o de que o tinha já aduertido:
Dizlhe mais, que co 'elle contrataſſe
Em pago do ſocorro algum partido,
E conforme ao zelo que entendeſſe
Aſſi neſte contrato diſpuſeſſe.

Parte o Mouro eſcondido caminhando
Sempre, por brenhas aſperas correndo,
Das vegias do imigo deſuiando
O caminho, que vinha retorcendo:
Com aſſaz de perigo aſſi chegando
Ao Eſperido porto, onde fazendo
Pouca detença, paſſa o brauo Eſtreito,
Por dar ao que lhe foi mandado efeito.

Chegando co a preſſa que trazia
Em pouco tempo a portugal, julgando
Perigos da tardança, que fazia,
Medos certos em quem viue eſperando:
E aonde o Luſo eſtá (que já ſabia
A vinda ſua) graue e triſte entrando,
Ante ſeus pés em terra de giolhos
Fez duas fontes dagoa de ſeus olhos.

Dizendo, graõ ſenhor o nome eterno
De teu valor, me traz da Libia aqui,
Naõ crendo achar na terra nem no inferno
O reparo que deuo achar em ti:
E cum ſoſpiro doloroſo, e interno,
Diſſe: filhos, molher, patria perdi,
E meu Rey perderei ſe naõ lhe acodes
O que (ſe tu hes juſto, e queres) podes.

Do

Do Rey Xarife sou, que destruido,
Polo fero Maluco, a huma alta serra
Se recolheo, depois de ser vencido
(A treiçam) na ciuil e injusta guerra:
O qual dos seus buscado e perseguido,
Tornandose-lhe alhea a propria terra,
Ati me manda Rey poderoso e forte
Que ajas dò de tam dura e aduersa sorte.

Dizendo-te que se co a ajuda tua
Recuperar o cetro Mauritano,
Que os portos juntos ao mar da terra sua
Entregará ao jugo Lusitano:
E que se a palma ouuer da guerra crua,
Liurando o Reyno de tamanho dano,
Que elle te pagarà grande tributo,
Nam tendo em quanto fala o rosto enxuto.

Ouue o Rey com seuera segurança
O afligido Mouro, naõ podendo
Deixar de magoa de fazer mudança
No rosto, deste modo respondendo:
Atras te fica toda a esperança
Do que polo teu Rei fazer pretendo,
E sabe que onra, vida, e rico estado
Porei, por ser no seu recuperado.

Mas conta-me essa guerra que me admira
Taõ injusta e cruel como parece,
E como a propria gente se conspira
Contra o proprio Rei a que obedece;
A isto o Mouro palido sospira,
E começando, a lingoa lhe arrefece
Porem tornando em si, Senhor dezia
Que naõ farà cobiça e couardia?

Sabe

Sabe que hum Turco de Real reſpeito ;
(Chamado Age Morato) pondo hum dia
Sobre huma curua rocha , o antigo peito ,
Donde huma fonte hum lago ali fazia :
Que hũ monſtro dentro ve d' eſquiuo aſpeito
Como que alguma couſa lhe queria ,
O qual com olhos turbos e moleſtos ,
Lhe começa a fazer diſformes geſtos.

Os cabelos atras , vinhaõ torcendo
Os veperinos colos : qual ſerpente
Que a preſa eſpera da aruore pendendo ,
Quando a Segonha já encima ſente :
Na negra e eſcura cor do monſtro orrendo
Se enxergaõ alguns ſinaes confuſamente ,
Que polo cerro vaõ ao fim do rabo ,
Que outro roſto de ſerpe tem no cabo.

Ardendo em viuas chamas dentro nagoa
Eſtaua o torpe ſpiritu nefando ,
(Tal calidade tem a infernal fragoa)
Sulfureas fezes rabido eſcumando :
Moueſe o Turco de piedoſa magoa ,
E arriçado foilhe preguntando
A cauſa de tal vinda , onde mordendo
Elle as veloſas mãos , foi reſpondendo.

Eu ſou Argel , que no Tartareo lago
(Ardendo como ves) tenho a morada ,
De meus inormes vicios juſto pago ,
De Mogorra e Bigam tambem pouſada :
Do teu Mafoma Arabio te trago
(Se a queres ouuir) huma embaxada ,
E tendo fora da agoa já a cabeça
(Vendo o Turco pronto) aſſi começa.

Gran-

Grande senhor, o Rei do escuro inferno
Procura fazer Reis taõ descendentes,
Como permitte o saber eterno,
Para açoute de torpes delinquentes,
Outro mayor e mais alto gouerno,
Do que tens em Argel, a teus parentes
Verás, e naõ te seja marauilha
O ser de Fez Rainha essa tua filha.

Casa co ella hum que for chamado
Moley Maluco, o qual eu te seguro
Que seja obedecido e leuantado
Por Rei, a força de seu braço duro:
E naõ tenhas por sonho vaõ e errado
O que com tanta instancia te procuro
Porque taõ alta sorte elle concede
Ao teu Propheta Arabio, Mafamede.

Dizendo isto, lhe desaparece
A orrenda Eumenide, e o velho fica,
Como quem quer dizer o que lhe esquece,
Que só consigo o trata e communica:
Hora de medo sua, hora arrefece,
Hora huma e outra vez ali replica,
O que lhe diz a Vltrice, e como astuto
Consigo só se cala resoluto.

Mas quando o claro sol ja desataua
Das oloroſas flores, o coalhado
Orualho, e que o rustico as pisaua
Rompendo a terra co torcido arado:
Na real casa o graue Turco entraua
Onde elRei Ramadaõ do Regio estrado,
Leuantado, o recebe, e assi contente
Consiguo o assentou nelle igualmente.

Pessoa era poderosa, e de respeito
Age Morato, e tudo merecia,
Por ter taõ forte, como sabio peito,
E porque de Rei altós decendia:
O qual com venerando e graue aspeito
Ao Rei tudo contou (que emmudecia)
E quando disso hum pouco propuseraõ
No fim já de razoens se resolueraõ.

Resoluen-se em casar a illustre dama
Co valeroso Turco, que a merece,
Se pode merecer illustre fama
Quem só a fama illustra, e enriquece:
A conselho Ianicero se chama,
Que dè efeito ao que lhe parece
Porque ás vezes desfaz com dura lei
O que assenta no seu conselho o Rei.

Consultaõ todos que se dè a espoſa
Ao ditoso Maluco, que esforçado
Se hè muito, inda ella he mais fermosa,
Partido (quanto a mi) inda roubado:
Dalhè elle a esperança duuidosa
De ser Rainha, em dote (costumado
Estilo, de o darem nesta terra)
E o Rei tres mil Ianiceros de guerra.

Interrompe a cobiça o estreito gosto,
Deixa o Maluco a espoſa de saudades
Tristes chea, segundo o prosupposto
Que conuinha a tam altas calidades:
Pondo a toda a fortuna ledo o rosto,
Que he chea de inconstantes variedades:
Naõ lhe estoruam a via inconuenientes,
Mas antes junta infinitas gentes.

Neste

Neſte tempo o Xarife o perigo vendo
De ſeu eſtado, já no campo andaua,
De couſas importantes ſe prouendo,
E naõ da que lhe entaõ mais importaua:
Que os ſeus andauaõ já contas fazendo,
Onde diante o intereſſe andaua
Mas encobre o intento eſta canalha
A te veremno Rei poſto em batalha.

Encobre nos eſtamagos danados,
Acodindo com tudo como deuem,
Ao Xarife, por quem foraõ obrigados;
Inda que ſeu intento ó reues leuem:
Vaõ com ricas marlotas bem armados
Contra os que entrar por ſeu Reino ſe atreuem
Começamna batalha ſanguinoſa,
Tam aſpera, cruel, e duuidoſa.

Tocaõ tambores, trombas diſſonantes
De huma, e doutra parte ſoam gritos,
Pifaros a ſeu modo ſybilantes,
E outros inſtrumentos infinitos:
Ondeanſe as bandeiras tremolantes,
Canhões diſparaõ, vóam os eſpritos,
Quoal ſem perna coxea, qual ſem braços
Fica, e quoal deſfeito em mil pedaços.

Ali qual dono fica ſem caualo,
Quoal caualo ſem dono vai correndo,
Qual debaixo em vaõ quer leuantalo,
Quoal vai na eſtribeira o pé metendo:
Quoal naõ canſa fogindo de picalo,
Qual vai na ſela aqui, e ali pendendo,
Qual blaſfema do falſo Mafamede,
E qual em alta voz ſocorro pede.

Vaõ ja os brauos Turquos de vencida
Mas animoſamente ſe entretinhaõ,
Porque pera ſaluarem a cara vida
Só na eſpada o remedio tinhaõ:
Mas da batalha crua embrauecida,
Vendo o Xarife como brauos vinhaõ
Os eſcoadrões Turqueſcos, ſae fugindo
As nouas da treiçaõ dos ſeus ouuindo.

Ouuio que ſeus vaſſalos ſe paſſauaõ
Aa enemiga parte, e arreceando
O que elles antre ſi determinauaõ,
Se foy antes do efeito anticipando:
E os Turcos que em ſaluar ſó ſe ocupauam
As vidas, vaõ entaõ recuperando
O campo, onde aſſi eterna gloria
Alcançaraõ com proſpera vitoria.

Ficaõ no campo os Turcos vencedores,
E os Mouros vaõ apos ſeu Rei fugindo,
Os que naõ foraõ a ſeu ſenhor tredores,
Como leaes até morte o ſeguindo.
Tomaõ por derradeiros valedores
Aſperos cerros, onde vaõ ſobindo,
E ali o Mouro Rey ſe fortalece
Cos que primeiro por leaes conhece.

Ali ſe reparou, e diſcorrendo
Pola memoria o que mais lhe conuinha,
Foi ſua perdiçaõ clara entendendo
Se ali comprido tempo ſe detinha:
E huma e outra couſa reuoluendo,
Lembroulhe que na ſua priſam tinha
Hum forte caualeiro Luſitano:
Que remedio baſtante era a tal dano.

Man-

Manda logo por elle breuemente,
O qual vendo no colo o duro corte
Como cuidaua, vem ledo e contente
Por lhe acabar tal vida qualquer morte:
Foy o fim da esperança diferente
Do que lhe prometia a iniqua sorte,
Porque esperando ao menos morte esquiua,
Ve a vida liberta de catiua.

Promete a liberdade desejada
Ao mancebo Cunha, que naõ sente
Tanto prazer na vida libertada.
Como de a por por elle està contente:
Dizlhe que a vida e onra que obrigada
Lhe será sempre em tudo, naõ consente
Deixalo em tam estrema desuentura
Ingrato, indo buscar vida segura.

Mas que como leal, e seu vassalo
O seguiria sempre em qualquer sorte,
Naõ vendo outra melhor que acompanhalo
Ou em prospera vida, ou dura morte:
Manda-lhe entaõ o Rei dar hum cauallo,
(Que armas despreza todo peito forte
Naquella terra) no qual sobe ousado
Por defender o Rei desbaratado.

Recolhe a fraca gente desarmada,
Qual sem pastor rebanho derramado,
Salteado da fera acelerada,
Que aqui, e ali se esconde amedrontado:
Faz que recee o imigo a Lusa espada,
Anima o pouo triste e acobardado,
Segura o Rei do timido receo
De que està com sobeja rezaõ cheo.

Mas porque cada vez mais se juntauaõ
Co vencedor os falsos Mauritanos,
Esforços muyto pouco aproueitauaõ
Senaõ pera principio de mais danos:
Perigo sobre o qual se aconselhavam
Co Cunha, o Rey e os outros Africanos;
Conselho donde sae que se pedisse
Socorro a ti, e que eu logo partisse.

Eis-aqui de meu Rey a triste estoria,
Ves aqui tens (senhor) materia justa
Para alcançar a mais excelsa gloria
Que nunca ja contou fama vetusta.
Fica feuero o Rey: e na memoria
Entalha a magoa da treiçam injusta,
Com termos de quem mostra estar sentido
Assegurando ao Mouro o prometido.

Determinando logo dar a efeito
O socorro que lhe o Mouro pede,
Larga vontade para tempo estreito,
Que a breues termos o desejo mede:
Onde hum varaõ de antiguo e sabio peito,
Temendo danos de que o Rey concede,
A vóz aleuantou graue, e segura,
Confiança da idade ja madura.

Começa de falar, mas eu cansado
Conuem que cale o que prosseguia,
Espere hum pouco assi o velho onrado,
Se em velho o esperar naõ he zombaria:
Tenha o que quer dizer muy bem cuidado,
Pois naõ se traça muito num so dia,
Que logo se verá em breue escrito
Tudo quanto por elle ao Rei foi dito.

CANTO

CANTO OITAVO.

Ha pareceres diferentes sobre Sebastiaõ passar a Africa. Entra hum Ermitaõ na cidade que ensina a ordem militar aos Portugueses: e chegansе já os Tudescos.

QVem naõ cuyda primeiro o que promete
A quebrar a palaura se auentura,
Pois a cousas às vezes se somete
Que comprilas naõ he onra, e cordura:
O que se entrega ao que lhe naõ compete,
He desejo que colhe a naõ madura
Fructa do entendimento, naõ se agraue
Se depois o cercar tormento graue.

O pio Bastiaõ pronto escutaua
O caso do Xarife doloroso,
Naõ vendo o dominio que tomaua
A magoa de seu peyto generoso:
Tardar em lhe valer ja arreceaua,
Petrechos administra corajoso,
O que vendo o varaõ (que a tras dezia)
Desta maneira auante proseguia.

Bem

Bem parecem ſenhor taes penſamentos
Dinos ſó de tal Rei, mas meu officio
Me obriga a te lembrar que os fundamentos
Conforme haõ de ſer ao edificio:
Que nauegar contra contrayros ventos
Sem no porto eſperar vento propicio,
Naõ ſó ſe arriba do que ſe pretende,
Mas dum cabelo o naufragio pende.
He onra, he proueito, e cordura,
Ponderar-ſe primeiro o mal futuro,
Pois naõ ha eſperança tam ſegura
Que do que eſtè por vir nos dè ſeguro:
Bem ſey que do ſuceſo ſe pendura
O bom conſelho, mas o mais maduro
He, que o que certo for naõ ſe auenture,
Pois que naõ ha quem o por vir ſegure.
Deixares o teu Reino polo alheo,
Que em tranquilo repouſo e em paz eſtá,
He troca errada, e o mais certo meo
Que a grandes danos o principio dà:
Olha Vencelao, que do receo
Que lhe conuinha iſento, antes que vá
Contra a Napolitana, naõ pondera
Que auentura o que tem polo que eſpera.
Pois de Conrado olha a confiança
Com que entrega á fome e ao cutelo
Os ſeus (quando quer por em Alaph a lança)
Cuydando Michael fauorecelo:
E nota Cleopatra, que mudança
Faz em ſeu Reyno, com oferecelo
A Antonio, e bem podes ver deſtinto
Da Tomirica yra o Araſſeo tinto.

E por-

E porque mais me entendas Rey potente,
Olha nos campos de Solumber o dano
Que em Segiſmundo fez Turqueſca gente
Quando quer enſerrar ao Otomano:
Em vez de o conſumir, faz que acrecente
Reputaçam, poder eſte tyrano
Chorando tanto em taõ a triſte Vngria
Antecipar aſi o que temia.

Onde tres couſas (para quem pretende
Naõ dar paſſo a caminho errado)
Conuem que elle pondere, pois depende
Dellas o fim ou mal ou bem acertado
Antre as quaes a primeira donde pende
Ficar ſempre o conſelho bem julgado
Em tudo o que ſucede, he que procure
Que mais do que pretende naõ auenture.

A ſegunda he, que os meos trabalhoſos
(Que caſi ſam em tudo commumente)
Naõ ſejaõ mais que o fim dificultoſos,
Que he hum grande, e peſado inconueniente:
A terceyra he tambem, que duuidoſos
Naõ ſejaõ tanto os fins, que diga a gente
Que o que contra razaõ quer pretendelos,
Eſcolhe antes perderſe, que perdelos.

Agora neſte caſo aqui ſe veja
O que perder ſe pode, e o que ſe ganha,
Que aquelle que co bem o mal coteja
Nunca depois ſeu dano tanto eſtranha:
O partido grande he, mas a peleja
Que ſe oferece he couſa tamanha,
Que me canſa no meo a eſperança,
Temendo alguma perfida mudança.

Iſto dezia ao moço o velho onrado;
Porque turbado o intento, o apetite
Se esfrie que com termo prolongado
Sempre lhe o tempo faz breue o limite:
Mas outro varaõ ſabio e auiſado,
Porque deſeja que ſe eſtabilite
A ley de Chriſto em todo o deſcuberto,
Tal parecer encontra a campo aberto.

Dizendo, quem naõ proua da ventura
Os varios caſos, e a maneira eſtranha,
Sepulta a fama numa tumba eſcura,
E a onra que poſſue em parte acanha:
Tudo ſe demenue, nada aſſegura,
Em certo modo perde quem naõ ganha,
Tudo he errado a modo de contenda,
Conuem que duma couſa a outra dependa.

Naõ ſe ordenou na nao a vela, e o leme
Para no porto eſtar ſegura e ſurta,
Naõ ſe liura da guerra quem a teme,
Antes ás vezes com fazela a encurta:
Olha como a Roma a barba treme
Da gente ja, que furibunda furta
E diſipa o Imperio, e quanto atalha
De Marco Aurelio a cruel batalha.

De Claudio ſegundo olha a vitoria,
Quando rios de ſangue entaõ correraõ
De Caro e de Ecio a alta gloria,
Polo que ſem temor acometeraõ:
Ve dos de Probo a famoſa eſtoria,
Que quatrocentos mil co ele venceraõ,
E de outros muytos como anticipauam
As armas ao temor, que remedeauam.

Pois

Pois como Scipiaõ (ao Africano
Furor) cos membros çarra o paſſo eſtreito
Aſſi çarray vos forte Luſitano!
A porta Occidental ao Mauro efeito :
Pois vedes ja preſente o géral dano
Com que a Turqueſca maõ forma dereito
No que pretende , e acaba a vida onrada
Antes de perſeguida e acouardada.

Iſto dizendo , logo o moço ouſado
Se determina en dar á guerra efeito ,
Buſcar eſtranhas gentes tem mandado
De belicoſo e feroz aſpeito :
O Mouro embaixador vay deſpachado
Cheo de nouas boas , pelo eſtreito
De Gibraltar cortando as aguas frias ,
E hum dia lhe parecem cem mil dias.

Mas na cidade já (do mundo coroa)
Taõ proſpera em tudo , e taõ temida
(Que chamamos agora de Lisboa)
Com razaõ enuejada , e conhecida :
Entra hum Ermitaõ de quem pregoa
A vulgar voz eſtreita e ſanta vida ,
Que juntamente nelle tem notado
Melhor lhe eſtar a eſpada que o cajado.

Deſte correndo vay a fama leue ,
Tropheos publicou que tem ganhados ,
Que a morte largo tempo , ou idade breue ,
Naõ eſcurecem feitos ſinalados :
Premio que com aſſaz rezaõ ſe deue
A peitos valeroſos e eſforçados ,
Que oferecem a vida pola gloria
Que lhe fica depois em longa eſtoria.

Pois

Pois discorrendo a penuda fama ;
Chega ao Rei, que cheo de alegria
O velho Ermitaõ ante si chama
De quem tanto louuor se lhe dezia :
Chamaua-se este velho Ermitaõ Gama,
E bom será saber que pretendia,
E que principio teue, e como vinha
A guerra cum bordaõ que o mal sostinha.

Este era Portugues, e bem nacido,
De animo forte, e natureza braua,
A quem o tempo tinha bem comprido
O que na tenra idade antes mostraua :
Do belico desejo constragindo,
(Quando a vinte annos inda naõ chegaua)
Se despede dos pais e patria amada,
Por ir buscar a guerra desejada.

Atraueſſando vay a larga Espanha,
E o Reyno que ja foy delRey Latino,
Dũa prouincia estranha em otra estranha,
Moço robusto, ousado e peregrino :
Da terra a que o Rim, e o Reno banha,
Até Meotis funda e mar Euxino,
Soando a rouca tromba belicosa,
Aa Christandade hum tempo taõ danosa.

Ouue o mancebo o som medonho e fero
Que por cima dos Pireneos voaua,
Vindo de França, e do terreno Ibero,
Que encima hum com outro se encontraua :
Dizendo antre si, que mais espero ?
Pois inda vejo mais do que esperaua ?
A qual destes seguir em rezaõ deuo
Co a tençam sem afeiçam que leuo ?

A Car-

A Carlos que de Eſpanha he Rey potente
Emperador da Igreja valeroſo,
Forte, Chriſtaõ, afauel, e prudente,
Seguir quero contra o Frances odioſo:
Apreſenta-ſe entaõ ao reuerente
Emperador benigno alto e poderoſo,
Que alegremente o aceita e lhe agradece
A vontade que em obras ſe conhece.

Segue entam eſta guerra, onde declara
Ao mundo ſeu valor e fortaleza,
Com vida onrada tendo fama clara
Adquerir naõ podendo mor riqueza:
Naõ lhe ſendo porém a ſorte auara
Que mil vezes encontra a natureza,
(De ſeus bens enemiga) mas coluna
Que tudo emfim deſculpa a boa fortuna.

Gaſta os floridos annos trabalhados
Veſtindo ſempre arnes, eſcudo, e malha,
Trabalhos que naõ vi galardoados
Sem lhe ficar o premio na baralha:
A perigos na guerra coſtumados
Vencendo ora huma e outra batalha
Ofrecendo a vida e goſtos della
Pola gloria que eſpera de perdella.

Mas vendo enrugada a teſta liſa,
De neue o cabelo, e barba larga,
Voar a vida aſſi leue e preciſa,
Em todo eſtado em fim lembrança amarga:
Vendo a cumba ceruiz que jà o auiſa
De como os annos ſam peſada carga
Vira ao enganoſo mundo a folha
Sem eleger, ſuſpenſo, certa eſcolha.

Com

Com tudo olhos abrindo ao entendimento
Entregando á razaõ preſa a vontade,
Cheo de pranto e arrependimenro
Se mete no caminho da verdade:
Ao companheiro arnes co roſto lento
Nega a liança antiga e amizade
A hum cabo deitando a terza eſpada,
A outro cabo o eſcudo e a celada.
Indo-ſe por caminhos deſuſados,
Fazendo de peccados penitencia,
Por aſperos deſertos abitados
Só de feras, em ſumma continencia:
Deſpio co velho Adaõ velhos cuydados,
E veſte o zelo bom de diligencia,
Executando o verdadeiro intento,
Fazendo alto e celeſte fundamento.
E aſſi os patrios montes deſcobrindo,
Onde a vida a ſeu fim ſempre ſe inclina,
Numa Ermida, que acha, a Deos ſeruindo
Rime culpas, com dura dicipilina:
Porem a belicoſa tromba ouuindo
Que tanta gente ajunta perigrina,
Naõ podendo ſofrer a juſta queixa
Que delle armas tem, a Ermida deixa.
Entra em Salacia, ou Iulia (que chamada
Ia aſſi foi dos antigos) preguntando
As cauſas principaes da começada
Guerra, que tanto ſe anda preparando:
Do que pregunta foy lhe razaõ dada,
Onde ſobriſſo largo praticando
Moſtra bem nas palauras que dezia
Quanto no forte peito ſe eſcondia.

O que

O que dito ao Rey, contente o chama,
(Como atras vos contey) e o perſuadia
A naõ fazer eſcura a clara fama
Co a vida ſem perigo que eſcolhia:
Dizendo-lhe: prudente e forte Gama
O teu nome e valor, nam permitia
Que idade que nam acaba a morte dura,
Venha acabar o tempo de madura.

Porém ſo por deixar o mundo vaõ
Riquezas e onras delle deſprezaſte,
Dando a todos os bens de ca de maõ,
Que com tantos perigos procuraſte:
Naõ he com tudo iſto inda razaõ
Deixar as armas (que ja tanto amaſte)
Pois para dilatar he claro e viſto
Que ſam, e defender-ſe a ley de Chriſto.

Ao que o Ermitaõ lhe reſpondeo
(Naõ lhe peſando de leuar Capelo)
Que nunca mundo quis, nem pretendeo
Depois de conhecer-ſe, e conhecelo:
Mas que obrigaçaõ lhe pareceo
Oferecer ao Barbaro cutelo
A vida por ſeu Rey, inda que velho,
Por ſer melhor que a lança o bom conſelho

Começando a moſtrar á Luſa gente
Logo (como do Rey lhe foy mandado)
A ordem de Diomedes conueniente,
A campo inteiro, ou ja desbaratado:
De Sinom os ardis aſtutamente,
Em modo ſempre fero e concertado,
Fazendo e desfazendo eſquadroens varios,
Conforme a tempo, ſitio, e aduerſarios.

A tres

A tres, a cinco, a sete, e a noue enfia
A gente, a onze, a treze, acrecentando
Sempre dous mais na conta que crecia
Se a fieyra queria ir prolongando:
Donde tirando a arcabuzeria
Conforme a ella os piques ordenando
Deuisos, pera mais presteza em partes
Ordena em batalha os estandartes.

De noue por fileira, e de comprido
Que tenha dezasete fabricaua
Batalha cujo rosto resumido
Em cincoenta e coatro se mostraua:
Segurando ventaje de partido
Contra outra qualquer que ali ordenaua
De menos fronte, posto que tiuesse
Mor corpo, se ao longo se estendesse.

E se de onze so era a fileyra,
Dezanoue em comprido requeria,
E de sessenta e seis fica a fronteira
Do escoadraõ pungente que fazia:
Proseguindo assi desta maneira
Com que sempre no numero excedia
Da imiga batalha o rosto fero,
Como vsa a gente do famoso Ibero.

Mostraua mais o modo que se tinha
Em leuar a bagaje bem guardada,
E como a pouca gente se sostinha
Contra muyta sem ordem desmandada:
E quanta artilheria lhe conuinha
Para guardar a escoadra que traçaua,
E os caualos que bastam, e o modo vario
Para desalojar ao aduersario.

Or-

Ordem que mal aprende, inda que auia
Muytos dias que nella se exercita,
Como gente que tudo em fim vencia
Sem manhas, mais por força que por dita:
Tempo em que o moço Rei já despedia
Miniſtros, que eſcolheſſem a gente eſcrita,
Que polo Reino auia muytos dias
Que andaua repartida em companhias.

Eſcolhem eſtes moços belicoſos,
Deſpadoas largas, peytos releuados
Sedeudos, meãos, pretos, neruoſos,
De eſtranhas forças, e valor dotados:
Fazem-lhe prouar peſos monſtruoſos,
E dar tiros e ſaltos deſuſados,
Onde excedia a ruſtica ſerrana
Luſa força, a toda força vmana.

Qual Milom rompe os troncos mal abertos,
E qual Tideo em Tebas dardos lança,
Qual mais que Euryciom da tiros certos,
E qual Lada o vento naõ no alcança:
Qual Camila nos Voſcouos deſertos
Aos gamos de eſcapar tira a eſperança,
Qual Oriom e Olfete em fim correndo
Parece Atalanta ir merecendo.

Se eſtes á guerra foraõ, pouco auia
Que fazer na conquiſta Mauritana
O que ao Rey potentente parecia,
Mas o dano depois o deſengana:
Onde já neſte tempo ſe partia
O Coſta para a patria Luſitana
Co a Tudeſca gente belicoſa
Que acode ao ſom da tromba ſonoroſa.

De

De la do frio e gelado clima,
Trazia a famosa e braua gente,
Mais destra em valor que em pronta esgrima;
Tam dura na razaõ, como impaciente;
Onde doce saudade, que lastima
A quem de triste amor doçuras sente,
Atras lagrimas faz grandes efeitos,
Por naõ arderem os coraçoens nos peitos.

Trocanse pais, irmans, e patria amada
Ali pola fabrosa companhia,
Inda que percaõ mais naõ perdem nada,
Pois tudo na esperança se perdia:
Vay de tristes cuydados descuydada
A nunca ja estabil alegria,
Naõ na cansa o temor que sempre a cansa,
E em parte o coraçaõ no amor descansa.

Onde qual a cordeira, que apartada
Ve para o talho a doce companhia,
Que atras bradando ja desatinada
Co pastoril cajado o amor porfia:
E assi no largo bando misturada
Buscando aquelle bem que lhe fugia,
Perder naõ teme a vida, que o receo
Naõ obra nella contra o esforço alheo.

Assi segue a esposa ao doce amante
A té o estremo fim da vida incerta,
Quem pode crer auer peito constante,
Onde mudança sempre foy taõ certa?
Todauia naõ quero que se espante
Ninguem, pois esta clara e descuberta
De muytas a constancia e a pureza,
Amor, virtude, engenho e fortaleza.

Vede

Vede que eſtoria ha das celebradas
Que naõ eſté de raros feitos chea,
Das couſas de Orethia ſinaladas,
E de Antiope e gram Pantaſilea:
De Zenobria, e Tomiris afamadas;
E doutras, cuja fama o mundo enlea,
Que induſtria e trabalho de eſcritores,
Pode chegar ao fim de ſeus louuores.

Quem dode encarecer que diga nada
De Camilla, Symiramis poderoſas,
Que tanto nome alcançaõ pola eſpada,
Quanto peito renderaõ por fermoſas:
Pois em pureza que he tam mal guardada,
Penelope, Lucrecia, Hypo famoſas,
E Herſilea, exemplo nos deixaraõ
De quanto por virtude ſe exaltaraõ.

Ia nas artes e Muſas ſonoroſas,
Vede a Lyra de Safo, e melodia
Das tres Corinas, vede as glorioſas
Palpas, que tanto Pindaro ſentia:
Pois em lagrimas triſtes e amoroſas
Cantar tanta firmeza quem podia:
De Euadne, Atis, Bibli, e a que chorando
Morre, Proteſilao ſempre chamando.

Vede Porcia, que poem ao mundo eſpanto,
Comendo braſas, vede a que por Numa
Se conuerte chorando em triſte pranto,
E o que Artemiſa a beber coſtuma:
O ſeu querido eſpoſo amando tanto,
Que quer que dentro nella ſe conſuma,
Dando á cinza fim na meſma ora
Que dá á vida, e lagrimas que chora.

Pois logo a lingoa ouſada e atreuida
Que contra vos ſenhoras for tam ruda
Que ſeja ſem paixam deſcomedida,
Merece ſó por iſſo ficar muda:
Tendo deſculpa a minha mal ſufrida
Pois inda que ſe queixe nam ſe muda,
Daquella obrigaçaõ que ſe vos deue
Quando a ſer contra vos outras ſe atreue.

Aqui fazendo pauſa por ágora
A pena, do que mais dizer pudera
De vos damas ſermoſas, ſe naõ fora
Tudo pouco, por muyto que diſſera:
Dando lugar ás lagrimas que chora
Quem naõ ſera jamais quem dantes era,
Tomando alento a fraca voz que eſpira,
Para tocar com mayor força a Lyra.

CANTO NONO.

Chega o Mouro ao Xarife co a noua do ſocorro, e entregaſe Arzila a Sebaſtiaõ, morre a Ifante dona Iſabel, e Ifanta dona Maria, e mãe delRey, e a Raynha dona Caterina: chegan-ſe tambem as gentes Portugueſas, e ſabendo o Maluco eſtas nouas ſe aconſelha.

PRoua he grande de ſer couſa eſtimada
A que nunca vos canſa por ſobeja,
Pois ſó tem preço quando imaginada
Sem eſperança della ſe deſeja:
Qual pode auer em fim muito tratada
Que importuna e peſada vos naõ ſeja
Senaõ falar de amor, que paſſatempo
Pode gaſtar melhor prolixo tempo?
Ditoſo Anacreonte, e o brando Alceo,
Tibulo, e Propercio, e o namorado
Catullo, que por Lesbia o mundo cheo
De louuores deixou de ſeu cuydado:
Ditoſo o que naõ canta o dano alheo,
E que chorar o ſeu naõ lhe he vedado,
Ditoſos os que emportuno e graue
Tempo, cantando amor fazem ſuaue.

Eſtes alem de acharem varias flores
No deleitoſo e amoroſo prado,
De publicar ſeu mal tiraõ louvores,
E eu de encobrir o meu, mayor cuydado:
Vede agora com laſtimas, e dores,
Que alheas, me hà de ſer contar forçado
Em materia tam triſte e eſcabroſa,
Como he furor, e guerra ſanguinoſa.

Que fruto tirar poſſo da importuna
Tromba, ſenam ſer aborrecido,
Que ſe me ajudarà inda a fortuna,
Dos que (viue quem vence) fora ouuido:
Mas declarando a ocaſiaõ oportuna
Por onde veo a ſer meu Rey vencido,
Quem me ouuirà que o triſte canto aproue
E que com me culpar me naõ reproue?

O quem pudera neſte pego eſcuro
Lançar tenace ferro deſcanſado,
Ou naõ tiuera tam fragoſo, e duro
Caminho, como tenho começado:
Ou que tornar a tras fora ſeguro,
Tendo a mór parte delle ja paſſado,
Pera ſer de meu mal ſo o rouco canto
Que exemplo fora á gente, e ô mundo eſpãto

Mas pois naõ pode ſer, irey paſſando
A viaje comprida, e tormentoſa,
O conto interrompendo, e variando,
Porque aſſi fique a eſtoria mais ſabroſa:
Qual muſico que as falſas apalpando
A conſonancia faz mais deleitoſa,
Deſte jardim colhendo varias flores,
Por ſerem diferentes os ſabores.

E por-

E proſeguindo a começada eſtoria,
Deixemos os Tudeſcos que chegauaõ,
Por ſer couſa forçada e obrigatoria
Tornar aos que na Libia me eſperauaõ:
Perdido nam deueis ter da memoria
Aquelles que eſperando duuidauaõ
O ſocorro do moço Luſitano,
Que co ſeu remedea o alheo danno.

Eſperaua o Xarife, e bem podera
Recear de naõ ter ſocorro a vida,
Que quem hum grande bem temendo eſpera
Naõ no deue eſtimar ſe o nam duuida:
Cada Mouro que ve cuyda que era
O que tinha mandado, da comprida
Tardança ja julgando ſem ventura,
O que hum grande temor ſempre afigura.

Mas o Mouro prudente e atreuido
Rompe por toda a môr dificuldade,
Que o vaſalo na fe, e amor comprido
A tudo antepoem na lealdade:
Chegando onde o Rey no monte erguido
Eſperando do tempo a variedade
O recebe turbado, e juntamente
Lançando-ſe a ſeus pes lhe diz contente.

Alegra-te Senhor, que a belicoſa
Tromba Luſa em teu fauor ſoando,
Ia polo mundo rouca e temeroſa
Ferozes gentes anda conuocando:
E de teu enemigo a duuidoſa
Fortuna o deue eſtar ja atormentando,
Que da armada que faz o forte Luſo
Com razaõ todo mundo eſtá confuſo.

O Rey

O Rey benigno: justo e valeroso;
Taõ afabel como he claro esforçado,
Mouido de teu caso lastimoso,
Iura hum exemplo ao mundo desusado:
E ou porque he de peito belicoso
Ou das tuas promessas obrigado
Elle socorro e ajuda te promete,
E que taõ justa causa a elle compete.

Mais diz, que porque mais seguro estejas
Dos teus, mudes o assento á forte Ceita,
Ou a outro lugar qualquer que elejas,
E que tua aliança e amor aceita,
Que quando restaurado o Cetro vejas
Que os portos prometidos nam engeita,
E que nam farám longa a esperança
Os incouenientes da tardança.

Ouuindo o Rey a noua desejada,
Correos manda logo a toda parte,
Publicando o soccorro e forte armada
Que lhe promete o Lusitano Marte:
Animándo à ja desesperada
Gente, que era por elle Tagadarte
Correndo com tal noua prazenteiro,
Porque espera sair de catiueiro.

Foy este rio hum tempo posuido
Dos Portugueses, quando a forte Arzila
No jugo tinha o colo sometido
Que tudo aprime, o que hade Arguim a Abila
Veo hum Rey (de conselhos persuadido)
A nam querer com outras oprimila,
E assi a larga aos Mouros onde estaua
Hum que entam por alcayde a gouernaua.

Este

Este pois os perigos receando,
Que por leal nam sem razaõ temia,
As cousas do Maluco reprouando
Donde o temor e a culpa lhe nacia:
De suas seguranças duuidando,
Polas nouas que do socorro ouuia,
A terra entrega ao Luso, e assi segura
A vida, a fama, e filhos por ventura.

Entrega Albiquirim esta cidade,
Porque polo Xarife ainda estaua,
O que fizeraõ as mais, se a lealdade
Se naõ fizera da cobiça escraua:
Mandando logo dar seguridade
Ao Capitaõ que Tanjar gouernaua,
Dom Duarte chamado, e que viesse
Porque o menaje delle recebesse.

Naõ dilata a partida o esforçado
Capitaõ, como tal caso requere,
Que a tudo ofrecido e acautelado,
Co a ida a promessa lhe difere:
Sae (em chegaudo) o Mouro acompanhado
Dos seus, e a grande onra lhe refere
Que do Xarife tinha recebida,
Para guardar a obrigaçam deuida.

As chaues apos isto ali entregando
Ao Luso Capitaõ, que ledo as toma,
Da terra (sem tardar) se apoderando
Com menos perigo que Tarquino em Roma:
Templos que foram ja redificando
Cheos de torpes aras de Mafoma,
De mantimentos e armas se prouendo
Como estaua tal caso requerendo.

Isto

Isto feyto, a hum que era chamado
Pero da Sylua (illustre caualleiro)
Deixou por Capitaõ, tendo traçado
De se tornar, fazendo isto primeiro:
Leuando Albiquirim Mouro esforçado,
Entendido, prudente, e verdadeiro,
Consigo, as cortesias lhe fazendo
Que tal pessoa estaua merecendo.

Sendo ja neste tempo morta aquella
Dona Isabel Infante alta senhora
Alegrando-se o ceo tanto co ella,
Quanto a terra por bem tamanho chora:
Mil virtudes a magoa espalha della,
Com que o amor dos seus, amor penhora,
Geralmente de todos he sentida,
Louuando-se na morte, a onrada vida.

Tambem outra Infante, que chamada
Era dona Maria, a morte esquiua
Cortou os annos, magoa que chorada
Será no mundo, eternamente viua:
Ficando della tam apoderada
A dor a que se entrega por catiua,
Que padece, de ver que a começada
Guerra nam pode ser della estoruada.

Que ali de saudade e magoa chea,
Cria doença, da qual ja fenecida
Cura o que teme ver na vida alhea,
Co ganho de perder primeiro a vida:
E alli cum mal o outro remedea,
Do que nella perdemos esquecida,
Bem que sempre se chora e se conhece
Depois que a falta delle nos empece.

Naõ

Naõ ſe ſatisfazendo a morte dura
De mortes tam choradas e ſentidas
Que outra Princeſa leua, e yrada iura
De os ombros carregar de Luſas vidas:
Eſta era mãe do moço que procura
Antre as lanças dos Barbaros compridas
Acabar co a flor dos caualeiros
Portugueſes, ſeguros companheiros.

Apos ella cortando a longa idade
A Caterina, avó do Rey guerreyro,
Podendo ſo lembranças de ſaudade,
De magoa, acabaremna primeiro:
Vede quando huma grande aduerſidade
Vem, em que eſtado poem tam derradeiro
Huma prouincia, vede quanto danno
Quer conſumir o Reyno Luſitano!

Enche-ſe todo com razaõ de choro
De negros panos ja ſe ve cuberto,
Pagando à graue dor diuido foro
Os olhos, como entrambos he concerto
Alegra-ſe o celeſte e ſancto Coro,
Fica o mundo ſem tanto bem deſerto,
E orfaõ Portugal, cum Rey que jura
De porlhe a paz e a onra na ventura.

Eſte quer apalpar os mouimentos,
Da inconſtante roda irreparauel,
Que ſempre ajuda altos penſamentos
E aborrece peito miſeraueL:
Deſpreza o furor dos elementos,
Vendo ſe ja co a gente irrepunhauel,
Que do frio Amaſſis e Albis tinha
Chegada, quando a Luſa á guerra vinha.

Vinhaõ

Vinhaõ chegando já os que recebem
Raros engenhos na corrente fria
Do caudeloſo Douro, como bebem
La na Caſtalia a Sabeduria:
Os do Minho tambem ja ſe apercebem
E os do Lima naõ ficaõ, e os da ſombria
Ribeyra, que do Zezère banhada
Eſtà ſempre de flores adornada.

Naõ ficaõ os que vem do furioſo
Tamega a turbada e rouca enchente,
Nem os que do Mondego impetuoſo
Temem o furor da rapida corrente:
Pois os que ouuem do Tejo caudeloſo
Os Lymphos murmurar tam docemente,
Naõ ſaõ os derradeiros: Lisbonenſes
Preſtes eſtando já, cos Eborenſes.

E porque nam he bem que a gente fique
Da Beira, tambem vinhaõ caminhando,
Por outra parte a paſtoral de Ourique
As vandeyras das aſtes desfraldando:
Onde para que a fama os clarifique,
Cada hum vinha guerra ja bradando,
As Algarauias gentes naõ querendo
Que nam ſe foſſe delles eſcreuendo.

Campos de Ibero, ou Ebro tambem piſam
Os de Bethica terra gente dura,
Ia por diuerſas partes ſe deuiſam
Deuiſas dos que vem buſcar ventura:
Correm gentes maritimas que auiſam
O Rey do que no mar ſe lhe afigura,
Dizendo que por antre a neuoa fria
Eſtranha frota ja ſe deſcobria.

Huns

Huns dizem ſam caſtelos de madeira,
Outros que inchadas nuues, e aporfiam,
Logo ſe ve a couſa verdadeira,
Que as brancas velas ja ſe deſcobriaõ:
Entrando os Nautas vem pola ribeira,
De eſpeſſo fumo os lenhos ſe cobriam
Dos canhoens que diſparam, e a braua gente
Nos bateis fende a Tegica corrente.

Antre eſta companhia hum Marques vinha
De graue aſpeito, e comprida idade,
Forte, ſabio, prudente e aſſi conuinha,
Por nam ſer nelle impropria à dinidade:
O qual contra o real teito encaminha,
Aonde o Rey daquella nouidade
Aluoroçado, e ſuſpenſo o eſpera,
Por ſaber o que vinha, e donde era.

Eſte depois que ali ao Rey ſe inclina,
Ao que lhe pregunta lhe reſponde
Em lingua que em principio foy Latina,
Vou para onde o Sol no mar ſe eſconde:
Mas como da jornada peregrina,
A meu deſejo o fim nam correſponde,
Contraſtada a já canſada frota
Sempre me empede a aſpera derrota.

Perigos nunca viſtos, impetuoſas
Tormentas, ventos brauos, enojados,
Ondas crueis, ſoberbas, furioſas,
Se deuem conjurar com meus peccados
Mas pois em aparencias duuidoſas,
As vezes eſtaõ grandes bens guardados
Naõ quero eu perder os que cobiço
Na onra que he ficar em teu ſeruiço.

O Pa-

O padre e paſtor ſancto me mandou
Da ja florente Roma, commouido
Do pouo Hibernio, que ſem Rey ficou
Ao dos Anabatiſtas ſometido:
O qual porque a Chriſtam ley nam deixou
Martyrizado he ſempre, e perſeguido,
E chamado d'alguns Chriſtaõs deuotos,
Hia por deſtruyr os Vganotos

Mas forçado dos ventos, ancorey
A caſi ja perdida frota aqui,
No que ſe em ſer teu muyto ganhei,
Em naõ no ſer mais cedo aſſaz perdi:
Por onde belicoſo e forte Rey,
Ia que da minha patria me parti
Por defender de Chriſto a ley, naõ erro
Em pôr tambem no falſo Arabio o ferro.

Onde porque eu nam quebre o regimento
Do que deuo guardar, nos ombros toma
As diſculpas do juſto impedimento,
Que nam no deuem ter por culpa em Roma:
Que eu naõ verey mayor contentamento
Que a ceruiz que de medo já ſe doma
A teu jugo, outra vez rumine o eſtrago
Que chorou tanto tempo, de Cartago.

Dizendo iſto o Marques, o moço ledo
Fazendo-lhe mil onras, reſpondeo
Que de cayr em culpa he juſto o medo,
Mas de a tomar, por ſua prometeo:
E que eſperaua ſerlhe muyto cedo
Com tal ajuda o mar, a terra, o ceo,
Tudo em ſeu fauor, porque melhor
Pagaſſe tal vontade, e tanto amor.

Vindo

Vindo ja entam Senhores, e Perlados,
Duques, Marqueſes, Condes, Caualeiros,
Procuradores, velhos Magiſtrados,
Officios que requerem omens inteyros:
Que por cartas do Rey foram chamados,
Para forma de mudos conſelheiros,
Liures eraõ, e lingoas liures tinhaõ,
Senaõ vinhaõ a falar, naõ ſey a que vinhaõ.

Os quaes juntos em conſelho hum dia
Na real caſa, o Rey a voz ſoltando
Deſta maneyra a todos lhes dezia
Com veneranda viſta os rodeando:
Pois até agora nam ſe oferecia
O meo que ſe foy ocaſionando,
De eſtar deuiſa a Lybia, razaõ he
Que alarguemos de Chriſto a ſanta fe.

Sabereis varoens ſabios e prudentes,
Que o Xarife do Reyno he já priuado,
E que de feras e Turqueſcas gentes
Foy por treyçaõ dos ſeus desbaratado.
E que diuiſos andaõ, e diferentes,
Ainda alguns no Barbariſco eſtado,
E que me pede o Mouro que lhe acuda,
A quem ja tenho prometido ajuda.

Os maritimos portos nos promete,
Alem doutros tributos que aſſegura,
Couſa que a eſte Reyno mais compete,
Onra que mais ſe eſtima e ſe procura:
Emfim no jugo meu a ceruiz mete,
E vaſſalage me oferece, e jura
Onde eſte Rey cos outros tributarios
Quero ter para freo de aduerſarios.

Dei-

Deixando a parte o grande e certo perigo
Que ja nos moſtra a Turca vezinhança,
E ſer razaõ ainda que a enemigo,
A juſta cauſa dar juſta vingança:
Pois telo por vaſalo e por amigo
He da paz deſejada a ſegurança,
A qual vejo cerrado ja o caminho
Se o Maluco nos fica por vezinho.

Eu determino ir acompanhado
Dos meus, a quebrantar a arrogancia
Deſte tyrano injuſto, e a mal ſeu grado
Abater a ſoberba de Bizancia:
De proſperas victorias confiado,
Que foram eſquecer a de Numancia,
Iſto porque conheça o Otomano
Quam duro he o braço Luſitano.

E para que eſte Reyno em tudo fique
Como conuem, ſos quatro regedores
Quero que tomem o trabalho a Anrique,
A quem deixo de amor grandes penhores
Quaes ſeraõ antre vos ſe comunique
Para tam grande carrega os melhores,
E niſto quero ſer ſó aconſelhado,
Que ja no mais eſtou determinado

Dizendo iſto o Rey, todos turbados
(Sem reſponder nenhum) ſe eſtaõ olhando,
Huns apertando os beiços deſcorados,
Outros os olhos prontos regalando:
Mudos, parecem em pedra eſtar tornados,
Tomando a medo o alento: e ſoſpirando
Alguns, nam ſe animaraõ ao deſenganno
Que nam tomara mal o Luſitano.

O' esfor-

Os esforços de peitos tam temidos,
Como de vos estam os liuros cheos,
Antre tantos chamados escolhidos,
Do naõ alheo perigo tam alheos:
Que vos atou as lingoas, que oprimidos
Vos tem varoens illustres? que receos
Saõ estes que emmudecem a verdade?
Que isto naõ me parece lealdade.

Soube hum varaõ antiguo (que presente
Naõ se achou no conselho vniuersal)
Como se turbaõ todos juntamente
Mal reprouando os meos de seu mal:
Onde como quem he sabio e prudente,
Isento, graue, e sem temor leal,
Ao moço Rey com voz seuera e inteyra,
Começou a dizer desta maneyra.

Oo Lusitano sabio e entendido,
Oo do valor antigo claro espelho,
Que conselho he este endurecido?
Que tira a força a todo outro conselho?
Seja seja de tija agora ouuido
Este sempre tam mal ouuido velho,
E toma tudo aquilo que te falo,
Como de taõ leal e bom vassalo.

Pois em nome de todos te protesto
Que mudes o conselho, vaõ errado,
E que ajas dó do pouo aflito, e mesto
Que a te seguir está determinado,
Olha quanto castigo cru, molesto,
Passou, e o que lhe está aparelhado,
Muda muda conselho, e cuyda tudo
Que o mudar conselho he de sesudo,

Pala-

Palauras de enemigos ſam enganos,
Tudo o que o Xarife te promete
Saõ ſe me queres crerem, buço a danos;
E ſegurança ao que lhe mais compete:
Quam pouco lhe dara de deſenganos
Depois deſtar quieto, pois remete
As promeſſas às leis, o Rey prejuro
Que ſó pretende o Cetro andar ſeguro.

Quando o Maluco guerra te fizer,
E for teu Reyno delle perſeguido,
Que guerra mor te pode elle fazer
Que a que fazes a teu Reyno afligido?
Emfim que o que pode acontecer
De mal, he menos mal que o acontecido,
E o com que cuydas que iſto remedeas
He dares principio ao que receas.

Pois que certeza tens tu da ventura
Que fauorauel, proſpera te ſeja,
Que ventaje tamanha te ſegura,
Que rezaõ, e que gente te ſobeja:
Que ſe tens no que nam na tendo a jura,
Como cres facilmente quem deſeja
Seu bem, e forçado tua ruina
Como pode no peito te imagina?

Olha o conſelho de Atabro a Dario,
Quando contra os Scitas cobiçoſo
Mouia guerra, e como he ordinario
Ser o falar verdade aos Reys perigoſo:
Conquiſtar lhe reproua o aduerſario
Pobre em fazenda, em armas riguroſo,
Foy do ſoberbo Rey eſte mal crido,
E o Dario depois arrependido.

San-

Sandanes que aconſelha a Creſſo ouſado;
Que tam mal a verdade lhe recebe,
Que nam conquiſte pouo acuſtumado
Lhe diz, a dura roupa, e que agoa bebe:
Naõ foy do Rey o conſelho aprouado,
Que contra o fero Cyro ſe apercebe,
Olha o pago que teue o Rey altiuo,
Que de ſenhor ſe fez ſeruo e catiuo.
Se ao Xarife ajuda prometeſte,
Naõ me parece a mi que tu lha negues;
Mas que todo aparelho que fizeſte
Para ſe reſtaurar, na maõ lhe entregues:
Que a preſſa da promeſſa que lhe deſte
Naõ te obriga que te deſaſſoſſegues,
Nem elle quer, que diſſo chora e geme,
Que inda perder o já perdido teme.
Iſto dizendo o Rey ſuſpenſo fica
Eſtando de antes tam determinado.
Mas deixoo co varaõ, a quem replica
Duuidas do que lhe era reprouado:
E torno á Mauritania, onde publica
A Fama, como o Rey Luſo enojado
Da tyrania do Maluco crua,
A auçaõ do Mouro Rey toma por ſua.
Publica ſe na Lybia, que mouido
A compaxaõ o Luſo, da maldade
Com que o Xarife foy roto e vencido,
Vencendo a cobiça á lealdade,
Que eſtaua ao ſocorro apercebido,
A parte pondo a antigua enemizade,
Que elle lhe ja tiuera, como aquelle
Que mais póde a razaõ que a yra nelle.

Chega a nóua ao Maluco, que abſolnot
Senhor eſtaua já da terra toda,
Que como era ſagaz, prudente, e aſſuto,
Com todos ſabiamente ſe acomoda?
Pratica, como eſtaua reſoluto
Sebaſtiaõ, cos que lhe eſtaõ á roda,
A reſtaurar o Rey desbaratado
Quanto a ſeu parecer intento errado.

Pede a todos conſelho todauia,
Sobre caſo tamanho, naõ querendo
Tratar conſigo ſó o que faria,
Os animos dos Mouros conhecendo;
Que do que lhe o temor já prometia,
Se eſtauaõ inclinando, reboluendo
Cada hum no turbado e falſo peito
Como poſſa o Xarife ſer aceito.

O que vendo o Maluco, da cadeira
(Que ſendo Turco vſaua) leuantado
Lhes começa a dizer deſta maneira,
Tendo o que entende delles bem guardado:
Se a voſſa lealdade verdadeyra,
O Cetro a meus paſſados vſurpado,
Me quis agora dar, quanto acertou,
A ſobeja razaõ bem o moſtrou.

Agora que outra vez conuem que ſeja
De vos eſta verdadade ſuſtentada,
Na ſanguinoſa e orrida peleja
Que vemos ao preſente aparelhada:
Quem a deuida ſe romper deſeja
Que com temor me nega, e me foy dada,
Naõ encubra o maluado e falſo intento,
Que os Reis ſabem o que eſtá no penſamento.

Mas

Mas claramente todos conſultay
O que ſobre eſte caſo vos parece,
Pois tanto como a mi niſſo vos vay,
E a quem a guerra ſempre mais empece:
Os inconuenientes ponderay
Do perigo que agora ſe oferece,
E declarayme voſſo profupoſto,
Que eu a ſeguilo em tudo eſtou diſpoſto.

Dezia iſto o Turco, rodeando
Com fera viſta os que eſtam ouindo,
Por ver ſe o temor roſtos mudando,
Lhe foſſe peitos falſos deſcubrindo:
Eſtando alguns turbados eſcutando,
Aos culpados peitos acodindo,
A ſagaz lingua antre os quais ouſada
Começa huma a falar diſſimulada.

Fala hum Mouro antigo valeroſo,
Das paſſadas batalhas tam canſado,
Como da paz ſaboroſa deſejoſo,
Temendo algum reues do tempo vſado:
Foy eſte Mouro ao Xarife odioſo
E teme de o ver recuperado,
E conforme ao temor aſſi pratica,
Moſtrando bem o que lhe dentro fica.

Mas porque de eſcreuer tempos paſſados
Tam triſtes, tenho a pena e mão canſada,
E muitos inda agora enuergonhados
Da malicia no mundo coſtumada:
Bom ſerá que os que eſtão tambem canſados
De me ouuir, co a folha aqui dobrada
Dem tempo, a que a voz aflita e meſta,
Não venha de importuna a ſer moleſta.

CANTO DECIMO.

Chega dom Sancho por terra da India, e conta como se lá estende a ley de Christo e o fim da conquista de Monopotapa

QVe a culpa naõ tiuera mor castigo
Que a afliçaõ do animo culpado,
Bastaua o temor que traz consigo,
Para ficar o erro castigado:
Olhay como naõ ve seguro abrigo
Em nenhuma esperança hum peito errado;
Vede como se ja perturba e finge,
O Mouro a quem vergonha as faces tinge.
De roxa cor, e de temor terreno,
De varias mudanças descompostas,
Cobre o rosto o perfido Agareno,
Aas palavras do Rey ali propostas:
Mas animando, em si torna sereno,
E vira ao temor futuro as costas,
Pronto no que dirá que eu deixo agora
Pois chega Sancho donde nace a Aurora.

Iá

Já casi resoluto o Luso estaua
No efficaz intento, e nouos meos,
Para ajuntar tesouros intentaua
Por alheo querer, de bens alheos:
Quando da terra lá que o Ganje laua
Os caspios montes vendo, e Nabeteos,
Dom Sancho (hum mancebo Lusitano)
Vem, antepondo a onra o proprio danno.

Varias lingoas e leys passando, e vendo
Varios custumes, varias regioens,
A ley do patrio amor obedecendo,
Que rende aos mais isentos coraçoens:
Ou fosse que a fama discorrendo
As nouas dè dos Luzos esquadroens,
Ou desejar de ver terras estranhas,
Do largo mundo em fim couzas tamanhas.

Elle tanto que chega á desejada
Patria, ao Lusitano se apresenta,
Na ordem antre os Lusos costumada;
Que de velo se espanta e se contenta:
Depois de cada couza preguntada
Com que o moço Rey saber intenta
Seu temerario intento, preguntando
Como se vay a fé lá dilatando.

Responde Sancho, sabe que parece
Que quer mudar a fe, o clima, e assento,
No como abrasa lá, e ca arrefece,
No como lá se exempla o santo intento:
Iá todo Idolatra reconhece
A verdadeira ley, e o perdimento
Que em seu preuerso e maluado rito
O Reyno lhe aparelha de Cocito.

E assi

E assi huns que de ouro em forma orrenda
A Capricornios Idolos veneram,
Tomando de tam graue culpa emenda
Para templos de Christo os desfizeram:
Outros que esperam prontos que se estenda
O tenebroso manto, porque esperam
A Lua adorar, ou as estrellas,
Ià por senhor conhecem o senhor dellas.

Emfim, outros que a brutos animaes
Adoraõ (qual ao Apis se fazia)
Dando de grande fe grandes sinaes,
Todos jà crem no filho de Maria:
Pois toda a Armenia la, e os que no mais
Interno coraçaõ da Idolatria,
Dentro na ardente Etiopia moraõ
Muitos em Christo crem, e a Christo adoraõ

Mas bem no cabo la das fertis terras
Orientaes, hum sitio se rodea
De penhascosas e talhadas serras,
Abitado de gente bruta e fea:
Que com futura ley futuras guerras,
Sendo do tempo ja a conta chea,
Dizem que polo Pòlo de Califto
Viraõ seguindo o perfido Antechristo.

Gente dizem que he silueftre e esquiua,
Que de vmana carne se apacenta,
Como a Massageta, quando a priua
A morte, do que a fragil vida intenta:
Vezinha dizem ser da que a catiua
Turba, com so correas afugenta,
Naõ sey se sam Erimaspos Polifemos,
Ou se doutra naçaõ que naõ sabemos.

Se

Se ella de Sacha he, ou Bactriana,
De cauernas ſómente abitadora,
Iá ſenhor ja cruel e deſumana,
Entra em tuas conquiſtas vencedora:
Forte robuſta a Tartara ſerrana
Vem a Bengala ja chegando agora,
Tudo oprime, tudo ſenhorea
E todo Oriente aſſi rodea.

Achebar he chamado o Rey potente,
Que ſer ſenhor de tudo ſenefica,
Mogores ſam eſta ſoberba gente,
Pobre de patria, e ſe, de valor rica:
Deſeja ſer em armas teu parente,
O que por te temer ſe verifica;
Mil onças traz con que Gazelas toma,
E de Elefantes de armas grande ſoma.

Fica confuſo o Rey, mas corajoſo
De tam fero enemigo, o roſto afronta,
Moſtrando antre modeſto e riguroſo,
Pronto á vingança ja, a eſpada pronta:
E de ſaber mais couſas deſejoſo
Daquellas partes, diz-lhe, Sancho conta
Da conquiſta da aurea e rica ſerra,
E o triſte fim da deſeſtrada guerra?

Moue em reſpoſta Sancho a lingoa leue,
Que a palaura na voz forma eſgrimindo,
E conta longa eſtoria em tempo breue,
Nos coraçoens lugar á magoa abrindo:
Dizendo aſſi: Depois que já ſe atreue
A Portugueſa frota a ir diuidindo
O golfo do Oceano, e que do intento
Lhe prometia o fim propicio vento.

Bem

Bem debayxo da Equinuncia linha
Se tolda o mole ar de vapor lento,
E o maritimo ronco lhe adeuinha
De tempeſtade impetu violento:
Brada o piloto eſperto, amayna aſinha
Amayna, que vay crecendo o vento,
Correm logo ſolicitos, ligeyros,
Com timido furor os marinheyros.

Mas vmana preſteza em vaõ procura
Exceder á do vento ſibilante,
Que as rotas velas ja no ar pendura
Como folhas de cana tremolante:
Tomando por eſtrada mais ſegura
O piloto, co groſſo cabreſtante
Virar à tormenta tam importuna
Roſtos a perigos, coſtas à fortuna.

Vira a popa ao vento, e rolo inchado,
Iá leua outra derrota a Luſa armada,
Mar de lagrimas caem nò mar ſalgado,
Da gente ſaudoſa e amedrontada:
Crece o furor do tempo acelerado,
A agulha contra o mar nam monta nada,
Vaõ deſgarrados ter á coſta braua
Que o Etiopico Oceano laua.

Depois de largo tempo ſe partindo
Do Braſil onde eſtaõ, a nouos danos
Nouo caminho polo mar abrindo,
Cerrado aos antiguos tantos annos:
O Ceo de negro eſpanto ſe cobrindo
Que eſpanta os coraçoens dos Luſitanos,
La do Sigeo Promontorio, quando
O foraõ pouco a pouco diviſando.

Mas

Mas aduertidos ja do rayo fulgente
Que tempeſtades ſempre alli promete,
Com rubuſto furor, maõ diligente
Põe cada hum no que lhe mais compete:
Abertos olhos lingoa providente,
Yra irracional em razaõ mete,
A arte vence a força, o vento crece,
Mas com muyto furor pouco lhe empece.

Combate o mar, e vento impetuoſo
O curvo lenho, vencedor das ondas,
Do ceo com rouco eſtrondo temeroſo
Caem de coalhado vmor pedras redondas:
Mas por mais que tu mar com cauernoſo
Rolo, moſtres o fundo, e o ceo eſcondas,
Mais pede o mar de piedoſo pranto
Que ante o Senhor de tudo pode tanto.

A gente clama a Deos, paſſa a tormenta,
Velas daõ novamente a novo vento,
Preſente fim a viſta lhe apreſenta
Da longa eſtrada, e deſejado intento:
Sair alegre a voz, logo eſprementa,
Animada do vaõ contentamento,
De la dos roucos peitos, donde rouca
Muyto remedio achou com razaõ pouca.

Gritaõ os Nautas terra, e a terra chegaõ,
Onde gente da meſma companhia
Eſpera alegremente a que navega
Que deſgarrada fez dereita a via:
Vnhas de curuas ancoras, que pegaõ
No pedregoſo fundo da bahya,
Refreando da proa o paſſo lento,
Que lhe faz circular o mouimento.

Na

Na Ilha deſembarcaõ que chamada
He de nos Moçambique, ja pregoa
A fama na prouincia a forte armada,
Já a nenhum peito o temor perdoa:
A tromba belicoſa deſuſada
A Melinde, Faram, Tirit, atroa,
Já a Manopotapa a barba treme,
E a inutil plebe chora e geme.

Sendo paſſado já tempo comprido
Quando ſe põe em ordem a Luſa gente,
Comete-ſe primeiro algum partido,
Ao negro Emperador do Polo ardente:
Elle que as couſas tem já recebido
Que tu lhe la mandaſte, outro preſente
Manda ao gouernador, naõ de vedrino
Eſmalte, mas de cachos de ouro fino.

Pouco lhe cuſta o ouro, pouco o eſtima
De que tem em ſeu Reyno varias minas,
Muyto a cobiça delle incita e anima,
As militantes gentes perigrinas:
Saõ prenhes delle as ſerras neſte clima,
Vemſe dentro auriferas ruinas,
Grades de meſmo ouro guardaõ ouro
E hum teſouro obſerua outro teſouro.

Leua apos ſi os olhos o preſente,
E os olhos, o deſejo, e a vontade,
Ferue a cobiça já na Luſa gente,
Que lhe pode eſconder dificuldade:
Do aurifero fruto a ſede ardente
Lhe faz aborrecer toda amizade,
Gritaõ todos ſenhor ſe iſto perdemos
Por vergonhoſo medo, a que viemos?

Especula o Barreto entaõ cautelas
Que o negro Rey parece que escondia,
Liure a julgálas, pronto a corrompelas,
Tambem cobiça pronta aqui porfia:
E dando a entender naõ entendelas
Em som de guerra paz lhe pronuncia,
Desejando de ver taõ gram' tesouro,
Grutas de prata em fim, cauernas de ouro.

Querse o Barreto ver de rosto a rosto
Co negro Rey, no que determinado
Efeito manda dar ao prosuposto
Que antre todos estaua consultado:
Do arrayal que em ordem estaua posto,
Para o longo caminho desejado,
Mandando que mouessem o passo lento,
Os que que tinhaõ da gente o regimento.

Partem de Moçambique os esforçados
Mancebos, pola terra incerta e inculta,
Iá de Etiopes brauos conjurados,
Se ajunta inumerauel turbamulta:
De Armeta, de Camur os indomados
Seluages, e da parte mais oculta
(Donde nace o Veado) as armas tomaõ,
E polos cumes aridos assomaõ.

De Marzuzu, e de Agag, varias coadrilhas
Aa defensam da patria se juntando,
Por varias regioens, de varias trilhas
Os areosos campos se estampando:
Mostraõ os Lusos suas marauilhas,
Que a prisca idade estam marauilhando,
Mouendo jà as belicas escoadras
Que sem temor cometem as gentes ladras.

Com

Com cornitrombas orridas moleſtas
Eſtrumentos das Menades Bacales:
Vem atroando os montes e floreſtas,
Ao ſom de Melindanos Atabales,
Das orelhas deſarmaõ curuas béſtas,
Cujas ſetas nas pontas leuaõ males,
Do perfido veratro auenenadas,
Variamente penudas e farpadas.
Com alaridos orridos atiraõ
Paos toſtados, duriſſimos, e agudos,
Dardos pungentes: e ora as coſtas viram,
Ora fazem dos peitos nus eſcudos:
Tanto deſta maneira perſeguiraõ
Eſtes brutos ſcluaticos membrudos
Os Portugueſes, que de enojo cheos
Lhe fazem verdadeiros os receos.
Daõ fogo aos arcabuzes ſonoroſos
Reſpiraõ as eſcoruas ſulferinas,
Caem ántes dos eſtrondos temeroſos
Aquellas gentes perfidas malinas:
Remetem apos iſto os animoſos
Luſitanos, com terzas chriſtalinas
Eſpadas, e diſſipaõ os corpulentos
Membros dos troncos, já ſanguinolentos.
Ouue o ſom terriuel deſuſado,
Ve a ſupita morte a negra turba,
Diſcorre o medo o ſangue aluoroçado
Que acode ao coraçaõ que ſe perturba:
No mais eſquiuo negro, e mais ouſado,
Nouo eſpanto a ouſadia conturba,
Dando todos os pés logo á fugida
Eſcudo á morte ali, remedio á vida.

Se-

Senhoreando vam a terra ardente
Os Luſos, ſem temer dano futuro,
Contra tanto poder dous mil ſomente,
Quem vio leuar caminho tam ſeguro?
Nouo Reyno edifica a noua gente,
Ia ſe quer rodear de largo muro,
Por naõ ſer ſalteada deſtes brutos
Que viuem polos troncos já corrutos.

Parem os troncos o eſcoadraõ Ciclope
Quando por aſſouios ſe aparelha
Como no tempo antes que Cecrope
Siga o exemplo da prudente abelha:
Naõ ouuiraõ eſtes brutos Caliope
Nem Orpheo, que os rudos aconſelha,
Naõ nos temem os fortes Luſitanos,
Mas querem atalhar a claros danos.

Naõ guardar o coſtume lhe he forçado
Dos mal cercados pouos de Ogerano
E dos de Eſparta, que he conſelho errado
Ter ſempre a ocaſiaõ aberta ao dano:
Buſcaõ ſitio fragoſo e leuantado,
Seguindo o conſelho Egypciano,
Mas a ſede temendo e prouimento,
Mudaõ o duuidoſo e incerto intento.

Cheganſe a lugares paludoſos,
E á nauegaçaõ de hum largo rio,
Conſiderando mal os vaporoſos
Ares, que dali ſaem no ardente eſtio:
Deſcuydaõ-ſe em notar ventos nojoſos,
Eſcondendo a cidade ao Norte frio,
O roſto naõ voltando ao Oriente,
Erro que entaõ ſe cre quando ſe ſente.

Onde

Onde naõ co a farinha, ou graõ que come
Volante eſcoadraõ, quando deſenha
O Macedonio, e dà principio, e nome
Aa cidade que o ſeu folga que tenha:
Nem co a branca terra em que ſe tome
Pronoſtico algum de bem que venha,
Como Lacedemonia coſtumaria
O nouo muro ali ſe deſſenhaua.

Mas qual co curuo arado lá rodea
Toſcano feyticeiro Olympia Ara,
Quando co niueo gado em terra alhea
Os muros de Vrbs, ou Roma aſſina e ara:
Aſſi rompendo vay a branca area:
A gente que ainda aſi ſe nam repara
Das injurias do tempo, ſinalando
A cidade que vay principiando.

Naõ na fazem comprida qual ſe nota
Alba, por naõ ficar forma imperfeita,
Como ſe ve na India Polimbota,
Que parece que foy a caſo feita,
Nem ſimplex circular, de que remota
E antiga induſtria he ſatisfeita,
Saõ delles Troya, e Memphis reprouadas.
Que em triangulo foraõ edificadas.

De até trezentas braças a coitina
Fazem, porque melhor a artilheria
Iogue no aſſalto, onde o perigo enſina
Que atire com meuda pedraria:
Naõ quer muros de Tyro a perigtina
Gente, pera taõ bruta Cafraria,
Nem de Ecbatana, de Arfaxad aſſento,
Imitaõ a altura e fundamento.

Naõ

Naõ seguem o exemplo e a estranheza
Da soberba muralha celebrada
De Babilonia, pois conuem presteza
De abrigo, que o reparo está na espada:
De Cartago e Pireo a fortaleza
Naõ fazem, que naõ tem pedra coadrada,
Nem ligar lhe conuem neste desterro
As pedras da muralha á chumbo e ferro.

Nem tres nem coatro braças de grossura
Daõ á cortina, onde o corpo todo
Do muro naõ tem noue, nem de altura
Seguem de vso moderno o cauto modo.
Menos de vinte e tres cerca segura,
Fazem de paliçada e grosso lodo,
Pois conforme ao lugar fraco ou seguro,
Se deue engrossar ou erguer o muro.

Baluartes leuantaõ triangulados,
Naõ co a proporçaõ nem co a medida
Dos membros que estam já terraplenados,
Sem liada materia em terra vnida,
Naõ fazem contraminas, mas cercados
De larga caua, ilha diuidida
Fazem á noua Cidade que defendem
Os altos caualeyros, donde ofendem.

Aqui pois congregados lugar deraõ
A que o tempo morbido chegasse,
O furor e vitoria entretineraõ
Naõ cuydando que o tempo lha estoruasse
Ou porque co trabalho conheceram
Quanto a cobiça vaã os enganasse,
Ou porque foy emfim alto decreto
Da justa prouidencia a nos secreto.

Elles

Elles dum podre ar, groſſo e corruto,
Os caloroſos peitos resfriando,
Comprindo vaõ da morte o eſtatuto,
Figuras já de morte ſemelhando:
O venenoſo ar fetido e bruto,
Naõ perdoa a nenhum, que derribando
A todos igualmente, naõ permite
Que tal Cidade ali ſe eſtabelite.

Vence a morte cruel os vencedores,
Morrem todos ali piadoſamente,
E podem bem domar groſſos vapores
Os que domando hyaõ a Zona ardente:
Saõ da cobiça vãa juſtos penhores,
Cae o gouernador tambem doente,
Cortar a parca cruel, com ferro atroce
O trabalhoſo fio que retroce.

Recolhem ſe as reliquias que ficaraõ
Da funeſta jornada, a Moçambique
Onde Pereira eſtá, co qual traçaraõ
Que o morbido arrayal ſe redifique:
Outro nouo caminho imaginaraõ,
Que melhor galardaõ lhes certifique,
Outras minas buſcar querem mais ricas,
Dos naturaes chamadas as Manicas.

Deixa o Pereira entaõ (que gouernaua
A parte ca da coſta de Sofala)
A fortaleza, a quem a bem guardaua,
E com Vaſco Fernandez junto abala:
No rio de Cuama ſe embarcaua,
Que he do trato do ouro a rica eſcala,
Vaõ os mais polo rio, outros por terra,
A dar o fim co as vidas a eſta guerra.

Naõ

Naõ he oculto o intento á gente braua,
Que outros nouos eſtoruos determina,
Muyto a canſa o temor, muyto a agraua
O lugo que no colo ja imagina:
E como geraçaõ nõ mundo eſcraua
Da maldiçaõ do pay, que alguns enſina
De perfido veneno enchem-nas fontes
Prados, ſearas, rios, boſques, montes.

Vae da maldade oculta deſcuydado
O arrayal, que aſſombra a Cafraria,
Laura o veneno, e o corpo já alterado,
Ocultamente enfermo padecia:
Por armas eſtá já deſenganado
O negro Rey do pouco que podia,
Por manha quer moſtrar que contra Marte
Aas vezes pode mais que á força a arte.

O rio cuja fonte e nacimento,
He o lago que Zaire ſe nomea,
De Sereas, Tritoens, recolhimento,
Se a voz da fama niſto nam ſe enlea:
De cujo liberal repartimento,
O Nilo tem a mais principal vea,
Crocodilos tambem produze, e cria,
Que andam na terra, e moraõ nagoa fria,

Eſtes pois defendiaõ eſquiuamente
Tambem a antiga patria, e cometiam
Com vorace furor a Luſa gente,
Que em vaõ aos feros dentes reſiſtiaõ:
Fſcondidos por baxo da corrente
Barcos virauaõ, omens enguliaõ,
E nos roſtos dos Bois ocultos pegaõ,
Quando ao morbido rio a beber chegaõ.

Pois tendo já assi atras deixado
Grande caminho os tristes Lusitanos,
O dano que era já esperimentado,
Se veo a renouar com nouos danos:
Turba-se o ceo de grosso vmor pesado,
Termo de intentos, voz de desenganos,
Que pouco e pouco acaba e desordena
A forte gente, já de cor terrena

Toca con fria mão a morte ardente
O peito do Pereyra antigo e duro,
Tão liure, tão leal, como prudente:
Tão sogeyto, e feroz como maduro
Sae aquella alma ja liure e contente
Do carcere terreno breue e escuro,
E vay gozar na gloria promitida,
Polo meo da morte, noua vida.

Oo crua morte, ô dura lembrança
Deste filho tão triste, triste magoa,
Viua e perpetua dor, morta esperança,
Olhos, não olhos já, mas fontes dagoa:
Onde amor jamais leuanta a lança
Lingoa cruel? porque acendeste a fragoa
Com renouar o saudoso pranto,
Que tanto tempo ha que corre tanto?

Deyxaras de cantar a triste morte
De ti já tantas vezes tam chorada,
Pois não contaste aquelle peito forte
Da razão sospeitosa amedrontada:
Em fim determinaste desta sorte
Ficares só co mundo desculpada,
Tua justa cautela lembra embora,
Que a dor chorara sempre o mal que chora.

Pois

Pois ficando os que ficaõ deſgarrados,
Tornaõ poucos, ſe inda alguns tornaraõ
Ves proſupoſtos mal conſiderados,
Como coſtumaõ ſempre, em que pararaõ:
Eſtes ſam os teſouros deſejados,
Eſtas as glorias vans que lhe ficaraõ,
Eſte he o fim da guerra que eſperauas.
E os tropheos em fim que imaginauas.

Antre triſteza e magoa, o Rey ſegura
O venerando aſpeito, que turbado
Eſtaua de tamanha deſuentura,
Mais que do pouco fruto magoado:
Mas encobrindo a dor, ſaber procura
Mais couſas do caminho prolongado,
Que preguntando a Sancho, em modo breue
A lingoa deſatou ligeira e leue.

Dezendo: Ia de Diu atras deixado
Tinha os coroados muros, quando entrando
Polo golfo de Perſia celebrado,
A Metropoli Ormuz fuy diuiſando:
Onde da curua nao deſembarcado
Mercadores do Reyno acompanhando,
Me paſſey a Quiximi terra rica,
Segundo a voz commũa verifica.

Dali trajos e vſos diferentes
Mudando, atraueſſey menos ſeguro
Varias lingoas, e terras, varias gentes,
Vendo o que me era no deſejo eſcuro:
Da Arabia Felix vi as ja potentes
Cidades, da Petrea o ſolio duro,
E os cumes da Deſerta, e a ſerra erguida
Onde a Fenix na morte buſca a vida.

Logo a Meca cheguey, onde Mafoma
A torpe Seyta mais eſtabelita,
E a Medina vim ter, onde da ſoma
Dos concurſos ſe ve gente infinita:
Aqui a jurdiçaõ o Arabio toma
A noſſa ſanta ley com ley maldita,
Aqui eſtá ſepultado, aqui ſe adora
Da gente infiel que o certo inhora.

Nũa tumba de aço eſtá metido
Debayxo dũa abobeda dourada
De pedra com que o ferro he conſtrangido
A deſpregar a taboa já pregada:
E aſſi co eſte modo naõ ſabido
Eſtá no ar a tumba leuantada,
Cuydando a gente Barbara inorantes
Que por grande milagre ſe leuante.

Quem das ſuperſtiçoes contar pudra,
Quem das inormes Aras indeuidas?
E como a torpe ley lá ſe venera,
Co as couſas que manda mal compridas:
Pois partindo da terra onde diuera
Perder por huma verdade cem mil vidas,
Pera o monte Synai encaminhey,
Onde Deos deu a verdadeyra ley.

Dali a inſtabil terra tormentoſa
Que camelos alaga e paſſageyros,
Atraueſſando fuy, com duuidoſa
Eſperança, e temores verdadeiros:
Chegando a Fara, terra deleytoſa,
Morrendo à ſede muytos companheiros
Donde paſſando as agoas Eritreas,
Vi as enxutas já, ruyuas areas.

A Suez

A Suez nos chegando o freſco vento,
Donde ao grande Cayro nos partimos,
E atraueſſando o Nilo torbulento
Varias terras e ilhas nelle vimos:
E lá em Alexandria o paſſo lento
Já firme, a derrota reſumimos,
Onde em nauio que hum mercante freta
Candia atras deixey, que já toy Creta.

E logo indo a Grecia coſteando,
Corfu com outras ilhas fomos vendo,
No golfo Adriatico eſperando
O fim, que ſempre em fim ſe eſtá temendo?
Onde em Veneza já deſembarcando,
Me fuy toda Italia diſcorrendo,
E na Eſpanha pouco me detinha,
Que mais que tudo quero a patria minha.

Eis-aqui da viage prolongada
Senhor a breue ſumma e longo fio,
Nota agora os perigos da jornada,
Dos quaes grandes merces juſtas confio:
Promete o Rey ſer lhe remunerada
Aquela auçaõ, e eſtima que o Gentio
Tema lá ſeu flagelo e nome, tanto
Que amor lhe ſeja paz, e freo o eſpanto.

****

CANTO VNDECIMO.

Aconſelha-ſe o Maluco ſobre a guerra que eſpera ter cos Portugueſes, e eſcreue a Sebaſtiaõ huma carta pedindo pazes.

NAm he pouco ſabido a quanto enſina
O trabalhar, e o ver terras eſtranhas,
Nem pouco eſperimentado como inclina
O pugil ocio, a vicioſas manhas:
O que por varias partes perigrina
Vendo de terra e mar couſas tamanhas,
Leua apos ſi o ſabio que ſoſpira
Quando do que naõ ſabe, e ouue ſe admira.

Ve Sancho leys, coſtumes, lingoas, terras,
Proſperidades, caſos deſaſtrados,
Vales co tempo igualarem ſerras,
Exemplos nota bem conſiderados?
Conta da paz tranquila, e brauas guerras;
Eſtam-no ouuindo ali todos paſmados
Onde pois tem a eſtoria já acabada,
Bem he que torne á minha começada.

Cheo

Cheo de medo o Mouro que dezia
No outro canto lá, que leuantaua
A voz, para dizer o que entendia
Sobre o que lhe o Maluco preguntaua:
Começa, co que ali lhe parecia
Que entaõ co Turco mais se acreditaua,
Dizendo-lhe queixoso: Que mudança
Te faz teres de nos desconfiança?

Quem a vida saborosa, desejada,
Ofereceo ao duro e agudo corte,
Antes de estar a auçaõ tam declarada,
Como o confirma o teu braço forte?
De que maneira a fé sera quebrada
Por vans promessas, ou temor da morte,
Como te quebrará o prometido
Quem se à razaõ rendeo e naõ a partido?

Está senhor pacifico e seguro,
Pois sabes que naõ somos dos maluados,
Que o animo mostrando limpo e puro,
A nouidades sam sempre inclinados:
Esperando que algum tempo futuro
Lhes traga serem mais auentajados
Nos bens que naõ trabalhaõ, presumindo
Que deste modo os podem ir adquerindo.

A fe que te guardamos te teremos
Sempre poderoso Rey em qualquer sorte,
Que quebrantar jamais o que deuemos
Naõ tem tal força em nos temor de morte
Fazendas, vidas, tudo em fim poremos
Por ti, inda que tudo pouco importe,
Se o ceo quer outra cousa, confiado
Deues estar no que te foy jurado.

Naõ fiando com tudo da ventura
O que mais dar naõ pode neſta vida;
Pois quando mais leuanta; mais ſegura
Eſtá nella a ſupita cayda:
O adquerido conſeruar procura
Iá que o fruto e gloria prometida,
Alcançaſte de incertas eſperanças,
Nem tentes a fortuna a outras mudanças.

Os que por ti e contra ti tomaraõ
Armas, todos conuem eſtar queyxoſos,
Amigos polo muyto que eſperaraõ,
Enemigos uiuendo temeroſos:
Pois eſperanças vans que ſe fruſtraraõ,
Para peitos maluados cobiçoſos,
Achando ocaſiaõ, arrependidos,
Vè ſe eſtaraõ de yra apercebidos.

Promete ao Luſo Rey mayor tributo
Que aquelle que o Xarife lhe aſſegura
Que melhor lhe he colher ſem riſco o fruto,
Deſperanças, que polas na ventura:
E deſte modo aſſi Rey auſoluto
Se vſar depois ſenhor da ley prejura
Quiſeres, quem te pode conſtranger,
Ao que te faz o perigo prometer?

E quando romper pactos naõ quiſeres,
Os maritimos portos entregando
Ao Luſo, fazes mores teus poderes,
Pola parte do mar te ſegurando:
E mais quando fazerte iſento queres,
Da grande obrigaçaõ que ſojuzgando
Te eſtá ao Otomano, pois te deu
Eſte Reyno co forte poder ſeu.

Naõ acabaua o ſabio e eloquente,
Ainda a oraçaõ que proſeguia,
Quando outro taõ ouſado e taõ prudente
Sem ſufrimento já lha interrompia:
Eſte era tambem Mouro e impaciente,
O que ſe ali propunha naõ ſufria,
Naõ lhe eſtoruando já que naõ comece
(Deſta maneyra) o outro que immudece.

Em toda a furioſa tempeſtade
Vem ſoprando primeyro brando o vento,
E a mais graue e longa enfermidade
Coſtuma ſempre entrar a paſſo lento:
De fogo muyto pouca cantidade
Faz atear grande incendimento,
Rios que cheos vaõ de monte a monte
Vemos que nacem dũma pequena fonte.

Agaſalhaõ Eneas os Latinos,
Ve com quanta deſonra os depois doma,
E quanto choraõ Etruſcos, e Sabinos,
Deixarem edificar a antiga Roma:
Doutros exemplos de memoria dinos
Como o de Cartago, exemplo toma,
Que vendendo os Numidios campos quanto,
Hum couro cubra, lhe cuſtaſſe tanto.

Pois ſe terra que hum couro ſo rodea,
Foy cauſa aos naturaes de tanto dano,
Ve ſe o preſente perigo, remedea
Sometereſte ao jugo Luſitano:
Cuydamos conquiſtar a terra alhea,
Animados da furia do Otomano,
E entregas a noſſa ao aduerſario,
Fazendo-te de liure tributario?

Há

Há que naõ era iſto o que eſperanças
Prometiaõ á gente Mauritana,
Mas em fim para bens naõ ha mudanças,
E quem os nellas buſca aſſaz ſe engana:
Procura mais onradas ſeguranças
Se arreceas a furia Luſitana,
E naõ queiras á cuſta de teu eſtado
Viueres Rey ſogeyto, e deſonrado.

Era eſte Mouro graue, e de reſpeito,
E baralhar a guerra deſejaua,
Por dar a ſeu danado intento efeito,
Que com moſtras de orgulho rebuçaua:
Falando tam ſagaz e contrafeito,
Que delle ninguem iſſo ſoſpeitaua,
Mas com tudo vontade contrafeyta
Sempre no peito alheo ſe ſoſpeita.

Soſpeita hum Turco de quem mais ſe fia
O Rey, eſta malicia, e naõ podendo
Sofrela, cheo de yra reſpondia,
Os regalados olhos reboluendo:
Que os animos de todos conhecia,
E aqui ambos bigodes retorcendo,
Mudo ſoprando aſſi hum pouco eſteue,
Ficando os que o vem de cor de neue.

Seueramente a proſeguir tornando,
Dizendo contra o Rey que ſe enojaua,
Dos que tam liuremente eſtam falando,
Onde a graue e real preſença eſtaua:
Senhor ſobre tam graues caſos, quando
Qualquer Rey dos antiguos conſultaua
Primeyro a Pitia em Delphos preguntauaõ
E entaõ de pois ſobriſſo praticauaõ.

E ou

E ou de Deniophile, ou da Eritrea,
Ou daquella que Albunea foy chamada,
Saber procuraõ o fim que ſe recea
Da couſa, antes de a terem começada:
A repoſta que às vezes os enlea
Seguindo, que ſe bem interpretada
Era o que qualquer deſtas dizia
Muytas vezes aſſi acontécia.

Por onde com Mafoma conſultemos,
Os Cacizes chamando, e Marabutos,
A quem deſte conſelho parte demos,
Que os animos naõ deuem ter corrutos:
Naõ ſendo maõ que aqui tambem chamemos
Os que em Zoroaſtes ſam inſtrutos,
Com todos os nocturnos agoureyros,
Que às vezes ſam nas ſortes verdadeyros.

Deſtes ſaber podemos a verdade,
Se he verdade que alcançam o futuro,
E aquilo em que ouuer conformidade
Seguiremos por meo mais ſeguro:
Parece a todos que he ſeguridade
Virlhe o conſelho lá do Reyno eſcuro,
E ſem mais alterçam, alí chamaraõ
Os que por mais famoſos nomearaõ.

Antre os que chamaõ vem hum celebrado
De todos, de peſſoa veneranda,
E iſento aſpeito, Abdelá chamado,
Que por deſertos ſempre mora e anda:
Num penhaſco de boſques rodeado
Viuia eſte, la da outra banda
Dos montes Claros, onde naõ conſente
Ia mais comercio algum de vmana gente.

Pois

Pois este tresmontando a luz Phebea
Por cima la da mais remota serra,
Quando o outro Emispherio ja alomea,
Fugindo a sombra por detras de terra:
De circulos transuersos se rodea
Numa concauidade onde se enterra,
Qual a Cumana rabida furiosa,
Torcendo a boca e vista temerosa.

Do peito tira a voz num ronco orrendo,
Saluça versos com yrado aspeito,
Parece a terra ja estar gemendo,
Tituba o triste cauernoso teyto?
Vay-se apos isto o chaõ logo fendendo,
E say de dentro do lugar estreito
Hum monstro infernal ligeyro e leue,
Que breue efeito dá ao falar breue.

Este lhe ordena ali seu proprio dano,
Dizendo lhe o que em seu saber naõ cabe,
Onde elle confiando neste engano
O mal que lhe guardado está naõ sabe:
Qual o que em tempo de Domeciano,
Vendo a coroa no sol, teme que acabe,
(Longe de sua morte) a vida alhea,
Naõ vendo que assi busca o que recea.

Assi o triste Mouro feiticeyro
Ao Maluco vay graue e seguro,
Suas saluas tomando ali primeiro
Do que lhe quer dizer em modo escuro:
Enfermo andaua o Rey, onde o agoreyro
Vendo o termo da guerra inda futuro,
Parecelhe que o Turco naõ chegasse.
A começala, e assi adeuinhasse.

Abui-

Abuitres daõ final de felix sorte,
(Lhe diz) como deyxou Accio escrito,
Mas vejo contra hum Rey armada a morte
Se nisto nos naõ mente o auerno espirito:
Agora para peyto que he tam forte
Naõ-no deue espantar o que está dito,
Pois nunca tanto ao certo isto acontece
Como polas estrelas nos parece.

Naõ fica de taõ palida figura
O que naõ cuyda á morte estar julgado,
Quando lhe trazem a branca vestidura
E ve no colo o baraço atado:
Quanto o Maluco se desafigura
Do que ouue dizer amedrontado,
Onde pregunta ao Mouro se sabia
Por ventura de si o extremo dia.

Turba-se o feyticeyro ao graue aspeito
Que parece que a morte lhe prepara,
Onde tirar naõ pode a voz do peito,
Torcendo a aflita e molesta cara:
Com piedosas mostras de respeito
Perdaõ espera da presença auara,
Montando pouco lagrimas, que yrado
O Rey, manda que seja espedaçado.

Curuos alfanges logo reluzindo
Sobre a cabeça do Caciz maldito,
Hum polas costas cum fendente o abrindo
Outro entrando onde mora o espirito:
E os bofes polos peytos lhe saindo,
Dece a triste alma ao Reyno de Cocito,
Onde em perpetua dor perpetuamente
Viuira com Mafoma em fogo ardente.

Isto

Isto feyto, com gesto esquiuo e fero;
Se ergue o Maluco Rey dizendo, agora
Quero ver se a certeza do que espero
Ma pode a mi estoruar infelix ora:
Contra a fortuna, e estrelas me prospero,
E enojese de mi Mafoma embora,
Que nem elle onde está, nem em fim nada
Resistir pode á Turquesca espada.

Apos isto trataraõ o que conuinha
Sobre a guerra que o Turco determina,
Mas vendo a morte que se lhe adeuinha,
Mais ao tributo que a morrer se inclina:
E hum que antre todos mais audacia tinha
Se enlege, a quem o Rey o modo ensina,
Da embayxada sem modo e cortesia,
Porque noticia tinha da Algemia.

Parte logo o soberbo e arrogante
Turco, atrauessando a Mauritania,
Deyxando por detras o monte Atlante,
E a hum lado a fertil Tingitania:
Mas já naõ he razaõ que passe auante
Sem tornar á confusa Lusitania,
Onde deixey o Rey cos seus tratando
As razoens que lhe a guerra estaõ estoruando

Co velho que vos disse o Rey alteraua
Sobre o caminho que lhe tem estranhado,
Onde bem liuremente lhe falaua
Na lealdade, e esforço confiado:
Nisto na real casa o Cunha entraua,
Que do Xarife era ao Rey mandado,
A fazer-lhe a saber que naõ queria
Mais que só o socorro que pedia.

Entra

Entra o Cunha, que foy taõ feſtejado
Como por ſeu eſforço merecia,
A quem o Rey moſtrou o gaſalhado
Que fazer com razaõ ſe lhe deuia:
Sendo de muytas couſas preguntado
Que elle dos Mouros muyto bem ſabia,
Contando-lhe os coſtumes ſeus primeiro,
Dando ſeu parecer por derradeyro.

Dizendo: Por moſtrar toda a verdade,
Do que entendo da gente Mauritana,
Sabe que nem tem fé, nem lealdade,
E quem te iſto naõ diz, cree que te engana:
Sam cobiçoſos, cheos de maldade,
E naõ procuraõ mais que gloria vmana,
Por onde tudo aquilo com que atalhaõ
A trabalhos, ſolicitos trabalhaõ.

Saõ gente que com pouco mantimento
Paſſaraõ leuemente muytos dias,
Saõ de ſutil e agudo entendimento,
Amigos de queſtoens, e de porfias:
Por vſo tem algum conhecimento
Das artes, e por vans feytiçarias
Em tudo ſe gouernaõ. Medicina
Eſtimando-ſe muyto, nam ſe enſina.

Do pay ao filho fica o que lhe ouuio
Que era bom para iſto, e para aquilo,
E das eſtrellas ſabe o que inquirio
Como mudanos tempos curſo, eſtilo
Hum a quem a corruta arte mintio
Reprouando-a queixoſo, he graça ouuilo,
Outro abil áproua, e lhe acrecenta
O que ſem ordem ſe lhe repreſenta.

Vſam

Vsam nos arrayais trazer camelos;
Porque se falta com que sustentalos
Sem comer nem beber podem trazelos
Dias, ao que acostumam-nos caualos:
Nas batalhas derramam-nos cabelos
Tendo por arrogancia destoucalos,
Dizem que tem na testa escrita a sorte,
E por isso naõ fogem tanto à morte.

Saõ pobres commumente de fazendas,
Porque morrendo sam dos Reys roubados;
Naõ procuram adquirir estados, rendas,
Com rigor sendo delles tributados:
Verbalmente se julga nas contendas
E commumente sempre mal julgados,
Enterram-no dinheyro, e ali lhes fica,
Se em vida se o lugar naõ communica.

Estes sam seus tesouros e riquezas,
Que nos defendem riguroſamente,
Naõ tem soberbas e altas fortalezas,
Mas belicosa: e esforçada gente:
Dilicias sam as nossas asperezas
Par-elles, olha agora Rey prudente,
Que no socorro só pouco auenturas,
E a vitoria assi melhor seguras.

Porque se o Xarife acompanhado
De bastante socorro, for marchando
Polo Reyno, que casi amotinado
A seu natural Rey está esperando:
Sem duuida sera recuperado
No Reyno, o que estou arreceando
Indo tu, porque cuydaõ desta guerra
Que lhes queres tomar a propria terra.

Sof-

Soſpenſo fica o Rey, ao Cunha ouuindo
O que dos Africanos lhe contaua
Occultamente delle preſomindo
Que dos ſeus ſobornado lhe falaua:
A dôr que diſto tem mal encubrindo,
Porque logo no roſto lha moſtraua,
O que viſto dô Cunha ſe leuanta
Quebrantado de ver quanto o quebranta.

Mas já ſe ordena hum ſucceſſo orrendo;
Que faz em todos de improuiſo eſpanto;
A cauſa de tal caſo naõ ſabendo;
Noua materia entaõ de vulgar pranto:
Anda-ſe cada hum apercebendo;
Naõ pode a induſtria a tal preſſa tanto
Senaõ quando violento terremoto
Faz com que treme o terreno immoto.

Ouue-ſe hum ronco eſtrondo temeroſo;
Titubam edificios, tudo geme;
Abre-ſe a terra; e lá no mar furioſo
A meſma agoa ſe perturba, e treme:
Vem que hum penedo e outro riguroſo,
Do ceo cáe ſobre quem o ceo nam teme;
Madreyros groſſos polo ár voando
Em longes partes caſas derribando.

Paſmam todos; mas logo ſe derrama
A noua, por mil bocas murmurando
Que foy furor de ſulferina chama
O Vulgo errante em alta voz bradando
Dizendo apos iſto a leue fama,
Que dum miniſtro que anda preparando
Petrechos para a guerra, era eſta caſa,
Que com tanto ruydo ſe lhe abraſa.

Dando materia aquelle temeroſo
Sucesſo, de chorarem alguns a gloria
De Portugal, mais proſpero e famoſo,
Do que ſe leo já mais em priſca eſtoria:
Hum exemplo e outro de choroſo
Dano, trazendo ali logo á memoria
Os que eram por mais ſabios reputados,
Sendo do vulgo Barbaro eſcutados.

Dizendo huns, no tempo de Tarquino
Abuytres certo foy que eſpedaçaram
Da Aguia os filhos, e o rigor malino
Nelle depois os ſeus executaram:
Outros contam o caſo perigrino
Dos cauallos que as cobras maſtigaram
No campo Sardo, antes que chegaſſem
Os valeroſos Perſas, e o araſem.

Outros as Cruzes brancas que ſe viram
No Zenit dos Romanos vam contando,
E fogos que correram, e que cayram
Do ceo, ſempre maos fins pronoſticando:
Dizendo alguns tambem, que ſangue ouuiraõ
Que já chouera em outro tempo, quando
Tanto ſangue ſe derramou no mundo,
Que pudera fazer hum mar profundo.

Temor que ás faces hya deſcorando
Dos que faziaõ outro fundamento,
Ao moço Rey alguns logo eſtranhando
Seu eficaz e belicoſo intento:
O qual cada vez mais ſe petrechando,
Quando goſtos do falſo penſamento
Lhe facilitaõ perigos, que chegaua
Lhe dizem hum Turco, e que na ſala entraua.

Naõ

Naõ se alterou o Rey, mas manda entralo,
Desejando saber ao que viria,
Cuja arrogancia em todos fez abalo
Vendo seu pouco estilo e cortesia:
Naõ deyxa o Rey por isso de escutalo,
Este sendo o que agora vos dezia
Que o Maluco ao Luso Rey mandou,
O qual com rouca voz assi falou.

Rey Christaõ, poderoso, ati mandado
Sou do Maluco que se te encomenda
Por onra e segurança de teu estado,
Que o alto Deos no largo mundo estenda:
O qual pretende ser teu aliado,
Antre ambos estoruando auer contenda,
Naõ por temor que tenha, mas te digo
Que mais que o Reyno seu quer tal amigo.

Esta carta te manda, e veras nella
A razaõ que a mandarme ati o obriga,
Naõ dilatando a reposta della,
Que espero que aqui logo se me diga:
E porque aja mais cedo de sabela
Sendo de maõ amiga ou enemiga,
O circulo do Consul faço em terra,
Porque vejas se queres paz ou guerra.

Soberba de que o Rey graue e pesado
Ficou, mas dissimula, e a carta toma,
E hum pouco sobre si desaliuado
Lhe respondeo seuero a tudo em soma:
Dizendo antre si manso e calado,
Antes que a terra estes membros coma,
Eu quebrantarey tanta soberba
Com guerra crua, sanguinosa, e acerba.

Depois a carta pouco e pouco abrindo,
Que de Turquescas armas desafiela
Estando só os do conselho ouuindo,
Que todos tem os olhos prontos nella:
Começa, para os seus primeiro rindo,
Do que dizer podia, a ler por ella,
Vendo que no começo engrandecia
Seu estado, e o seguinte assi dezia.

Se Rey como hes poderoso, és assi justo
E se co a fama teu valor responde,
Naõ queyras embuçar o intento injusto,
Onde a cobiça ao mundo mal se esconde:
Deyxe já deyxe o Portugues robusto
De conquistar o allheo, e as terras donde
Foraõ dereytos Reys os meus passados,
Das quaes meus pays ficaram deserdados.

O Reyno que por força e auçaõ tomey,
Meu he diuidamente, e que o naõ fora,
Montando a força sempre mais que a ley,
Quem me pode botar por força fora?
As tyranias me fizeraõ Rey
Deste, de quem ainda a Lybia chora,
E só esta razaõ bastar deuera
A que ninguem dar outra pretendera.

Mas dou-as porque serte inferno amigo
He razaõ que só preze, busque, e estime,
Que a fama de altos feytos traz comigo
Afeyçaõ que se nalma oculta imprime,
E esta naõ encerra o odio antigüo
Que o Xarife tencobre em quanto o oprime
O jugo da infelice aduersidade,
Pois he sem medo, e sem necessidade.

Com

Com tudo se por pacto algum secreto
O queres restaurar, porque compete
A teu proueito só, eu te prometo
Mais do que elle do alheo te promete:
Mas se por onra leuas o decreto,
Olhe bem cada hum no que se mete,
Que naõ he taõ pequeno este aduersario
Que o naõ temera o vencedor de Dario.

Lida que foy a carta, ficou mudo
O Rey, e os do conselho embaraçados,
Ponderando com siso della tudo,
Que até sem elle acertos sam culpados:
Buscando alguns razoens co engenho agudo
Para co Rey ficarem mais priuados,
Antre os quaes hum a voz ousada erguendo
Desta maneira ao moço foy dizendo.

Senhor bem claro está a quanto obriga
A desejada paz que este oferece,
Com naõ ter essa gente por imiga
A quem tanto fortuna fauorece:
Mas já que queres que a verdade diga,
Do que sobre este caso me parece,
Sabe que nunca em nada aprouarey
Quebrar palaura prometida o Rey.

Tu prometeste dar socorro e ajuda
Ao Xarife primeiro, e pacto feyto
Co elle tens, agora que ley muda
Por cobiça torceres o dereyto?
Naõ ves que embainhada a espada aguda,
Que perdes co a auçaõ fama e respeito,
E quebras o jurado e prometido
Que naõ deue quebrar nenhum partido?

Ago-

Agora em quanto se este naõ segura
No Reyno, e tu estás no campo posto
A ocasiaõ naõ tolhas á ventura,
Nem vires á tua felix sorte o rosto:
Que quanto este promete, e quanto jura
Só he para estoruar teu prosupposto,
Porque depois que Rey seguro esteja
Enemigo mais perfido te seja.

Olha que mais ousado e mais pujante
Fazes o imigo achando-te couatde,
A ocasiaõ que tinhas por diante
Pondo-a nas máos do tempo que ta guarde:
Ve como sempre vario e inconstante
Faz que a vitoria aos fracos chegue tarde,
E àquelles que desprezaõ todo o medo
Faz que com suma gloria chegue cedo.

Bem como quando Cresso determina
A Cyro despojar de Persia terra,
Que duuidoso aqui e ali se inclina,
Temendo e desejando a dura guerra:
Que hum lhe pondo diante a diciplina
Do erro, e outro em quem ali se encerra
Zelo destender a patria, o incita
Ao que a esperança vaam lhe facilita.

Assi o como está confuso, e ousado,
E qual de lento vmor nuue que crece
No pampiroso Outono o sossegado
Ceo perturbando, e dia que escurece:
Que dentro hum vapor e outro alterado
Desopilada do que preualece,
Com supito rumor brama e suspira.
E o graue cae, e o seco vmor respira.

Naõ

Naõ de outro modo o belicoſo peito
Turbado de hum e outro penſamento,
Que já naõ cabem no lugar eſtreyto
Eſcurecem o ſol do entendimento:
Onde batalha dentro no conceito
Ao altiuo valor, co temor lento,
Reſoluendo-ſe em guerra ſanguinoſa
A confuſam, ou nuuem tormentoſa.

E naõ querendo mais por em conſelho
O conſelho que já tomado tinha,
Manda ordenar o belico aparelho,
E fazer preſtes tudo o que conuinha
Deſpedindo o Turqueſco e feroz velho,
Vmilde mais do que ſoberbo vinha,
Que por reſpoſta leua noua eſcura,
Armas, furor, eſpanto, e guerra dura.

Reſoluto ſe móſtra, mais ſobindo
Perto là do ſotil quarto elemento
Secas exalaçoens juntas ſe vnindo,
Fazem riſcoſo e eſpeſſo ajuntamento:
De tal maneyra em globo ſe imprimindo
No orbe, que lhe ſeguem o mouimento,
Tomando fogo eſta materia leue
Quando diſpoſta já o tomar deue.

Onde ſe vè hum orrido cometa,
Sobre a triſte cidade, que ſe admira,
Parece caſi o lucido Planeta
Que por Marte ſe finge que ſuſpira:
Antre o Barbaro vulgo ſe interpreta
Que o mundo abraſara ſe cayra,
Qual de fogoſa bomba rayo fulgente
O lento paſſo moue ao Occidente.

E çomo

E como quando eſtando reſoluto
Aa morte do gram Ceſar o conjuro;
Anres que no paterno peito Bruto
Inumano eſcondeſſe o ferro duro:
Que correndo eſpantando o pouo bruto;
Quando a noite eſtende o manto eſcuro,
Vendo o Cometa ſobre o Emiſpherio
Que teme entaõ turbar-ſe o manho Imperio.

Aſſi ali mais vezes aparece
Cada vez mais aceſo, onde turbada
A gente, de terror frio immudece
Polos lugares altos congregada:
Hum a eſtoria de Focas reuerdece,
Quando ſe ve contra Mauricio a eſpada;
Outro a morte de Othom terceyro adorna;
Co fogo, e ſerpente em que ſe torna.

Lembranças com que o medo ali diſcorre,
Com tremulo terror o ſangue calido
Que frio já ao coraçaõ ſocorre
Daquelle cujo roſto deyxa palido:
A roxa cor cobrando (que lhe morre)
Depois de ſe ſentir o peyto valido,
Ouuindo em roda a paſmada gente
O que interpreta o Mateoro ardente.

E qual Ericto teme infuriada
Ver os Farſalios campos empapddos
Em roxo ſangue, e da ingrata eſpada
Ficarem os proprios membros diſſipados
Que a voz leuanta em lagrimas banhada
Manifeſtando caſos deſaſtrados,
De confuſam enchendo a gente toda
Que pronta eſcutando eſtaua em roda.

Aſſi

Assi hum velho antigo, carregando
As crespas sobrancelhas, nas torcidas
Voltas de seu bordaõ as maõs dobrando,
Tremendo-lhe a cabeça encanecida:
Sobolas costas dellas encostando
A barba, mais espessa que comprida,
Começa a descansar na voz cansada,
A magoa que no peito tem encerrada.

Dizendo: Rey que culpa he a que te traz,
Taõ cego antre danos já presentes?
Que bem te faz perturbar a propria paz
Por meteres em paz alheas gentes?
Se por ventura ousado assi te faz
Quereres imitar a teus parentes
A errado caminho dás o passo
Pois te naõ lembra o temerario Crasso.

Ve como aos que seguem a Persia tuba
De Cambises, naõ val manhoso estilo
Que debayxo de areas os derruba
Soberba, com que buscam a fonte ao Nilo
E olha como a Casio empara Iuba,
E quanto se arrepende de seguilo
O valeroso Curio, e guarte guarte
De ver o mesmo em ti na mesma parte.

Oo vos que eleytos soys nos tribunaes
Dos estados, porque mudos agora
Com tanto arreceo vos mostraes,
No que o vosso Rey sem culpa inhora?
Olhay olhay que sobre vos tomaes
Tudo o de que o pouo geme e chora,
Guardayuos ó patricios de yr diante
De Eaco, Minos, e de Radamante.

Auey

Auey piedade auey, das leaes gentes,
Cujos filhos sem paes no ninho caro
Ià vejo, sem irmãos, e sem parentes,
Rodeados de negro desemparo:
Naõ sejaes omecidas delinquentes,
Pois a culpa ser vossa consta claro,
Naõ encolhaes a jurdiçaõ á lingoa,
Que vos será e he, desonra, e mingoa.

Deixay liures aquelles poucos frutos
Que Deos aos que ministraõ seus altares
Quis dar, naõ nos abranjam os tributos
De ambiciosas sedes seculares,
Olhay quam poucos rostos ha enxutos,
E como gritos rompem os leues ares
Dos pobres, que da pobre enxada, ou roca
Haõ de pagar tirando o paõ da boca.

Ah que vos vejo já andar a braços
Com vossa perdiçaõ, mas eu que digo?
Pois que já com tam claros ameaços
Deos sobre todos mostra seu castigo?
Vede quam breues tendes os espaços
Da vida, no final que traz consigo,
Auiso para o fim que se vos chega,
Abri abri os olhos gente cega.

Viray já ogora a folha a tantos dannos,
E das lingoas atadas com receos
Os nos lhe desfazey com desenganos,
E nam-nos procureis de Reys alheos:
Pois soes aquelles mesmos Lusitanos,
De cuja fama estaõ os liuros cheos,
Ah naõ vos immudeçaõ vaõs respeitos,
A razaõ que liure he em liures peitos.

Outras couſas lamentaõ outros prudentes,
A quem deraõ reſpeito antigos annos,
Outros mouem razoens indiferentes
Chorando, e naõ chorando grandes damnos:
Capis, e Laocoens bradam impacientes,
Caſandra chora a gloria dos Dardanos,
Naõ faltaõ Vcalegoens, e Anfidamantes,
Que em tudo ſe entremetem os circũſtãtes.

Hum diz que o Cometa ſinifica
Grandes vitorias, e outro já enojado
Cauſas e efeitos ſeus expecifica,
Dos que ſe moſtraõ ſabios ajudado:
Outro de lá em alta voz replica
Que tudo eſtá co elles conjurado,
Outro diz que naõ quer dizer Cometa
Senaõ que todo mundo o Rey cometa.

Mas neſte tempo já coatro vaſſalos
(Que auiam de ficar co nome onroſo,
E peſo graue) manda o Rey chamalos,
Nome menos onrado que perigoſo,
Naõ ſe canſando muito em obrigalos
Que tomem o gouerno trabalhoſo,
Que a obrigaçaõ da patria requiria,
Suſtentarem o peſo que cahya.

Iſto poſto por obra, porque entenda
Cada hum quanto delles ſe fiou,
De nouo lhe renoua e lhe encomenda
A fé, que com fe juſta lhe tomou:
E antes que nenhum o colo eſtenda
Para beyjar-lhe a maõ, os auiſou,
De como ſempre vem ligeyra e breue
A pena, a quem quebranta a fe que deue.

Mil

Mil exemplos trazendo de paſſados;
Caſos, que em caſo tal acontecerão,
Moſtrando como forão caſtigados,
Sempre os que a ſeu Rey a fé romperão:
E depois de aduertidos e auiſados,
Na ordem que depois não preuerteraõ,
De todos ſaudoſo ſe deſpede
Com perdaõ que ſorrindo-ſe lhes pede.

No mais agora aflita Muſa,
Que jà não pode mais o rouco alento
Soluçoſo, e canſado; juſta eſcuſa
Em quanto enxugo o triſte roſto lento:
O deſaſtrado fim da gente Luſa
Ainda eſpalharey chorando ao vento,
Que para contar dannos, quem os chora
Razaõ he que deſcanſe de ora em ora.

CANTO DVODECIMO.

Parte Sebaſtiaõ de Liſboa, chega a Caliz, faz lhe o Duque de Medina grandes feſtas, dahy paſſa a Barbaria, e deyxando a frota ſurta, vay buſcar o Xarife a Tanjar, o qual lhe conta no caminho a diſcripſam de Africa.

FOy adorada em Aras por ſenhora
A fortuna, no tempo que ſe tinha
Por Deoſa, cego engano que inda agora
A erro o vulgar credito encaminha:
Eſta reuoluçaõ que o mundo chora
Que tudo faz que chegue e acabe aſſinha,
Faz com que a eſperança dependura
A ignorante plebe da ventura.

Diz que o eſtado infino, e a rudeza
De engenho, a bondade, e a couardia,
Que muda com fortuna a natureza,
E que ſem ella nada tem valia:
Que naõ monta conſelho e fortaleza,
Trabalho, e ſolicita porfia,
Contra o que ordena a ſorte rigoroſa,
Opiniaõ de antiguos enganoſa.

Inſa-

Insana, e furiosa foy pintada
De Ceues já, e asas lhe imagina
Sem pes o Scyta, outros desgarrada
Molher, que encurua concha perigrina:
Danlhe coroa, e jurdiçaõ errada,
Pois tudo rege a permissaõ diuina,
Em fim que deste modo o erro e a culpa,
Daõ nome à fortuna por disculpa.

Oo quem fora tam bemauenturado
Que cortado á medida lhe viera
Sem longa esperança, e e sem cuydado,
Do que deseja ver, tudo o que espera:
Como fora por sabio reputado
Inda que claros erros cometera,
Assi como se tem por imprudente
Quando lhe he o sucesso diferente.

Como atras bom sucesso o errado intento
He em louuor, e acerto conuertido,
A inorancia fica entendimento
A couardia esforço preuenido:
Bruta temeridade, atreuimento,
E trocado ao reues este partido,
Como reproua o mundo, e aborrece
A quem o tempo em fim desfauorece!

Por onde vejo agora (valeroso
Rey meu) as lingoas mudas, que esperando
Estaõ a ver se vens vitorioso,
Nouos cantares já imaginando:
Conuertelos em pranto doloroso,
E em culpas que tambem te estaõ traçando,
Se fores o vencido, que os louuores
A Fama nam-nos tira aos vencedores.

Entra-

Entraua já nos Gemeos do Zodiaco,
Que Polos delle sam, o luminoso
Quarto Planeta, o ar rompendo opaco
De noyte escura triste e tenebroso:
No tempo em que a fronte coroa Baco
De verde agraço, Marte furioso
Andaua, contra aquelle em yra aceso
Que sustenta do ceo o graue peso.

Semeando furor na parte estrema
Occidental da rica Europa, donde
A gente faz que o mundo todo a tema,
Co a fama que a seu valor responde:
De cujo jugo he bem que a barba trema
O outro Emispherio que se esconde,
Abitado dos queimados Antipodas
Que inda idolatraõ lá nas Aras Tripodas.

Quando o Rey Lusitano aos escolhidos
Para o gouerno, tendo já tomado
Os omenages, manda que impedidos
Fossem gastos que excedem seu mandado:
Saõ mais de dous caualos prohibidos
E só quatro criados ordenado
Está que leuem, onde preparando
Se andaõ em varias cousas occupando

Huns alimpando peitos de aço duro
Outros caruaõ sulfureo salitrado,
Inuençaõ que sahyo do Reyno escuro,
Fazendo á pressa em negro aconfeitado:
Outros o ferreo cano terzo, e puro,
A partezana, o morriaõ grauado
Fazem, e qual poem a espada bota,
Na dura mó, e qual remenda a cota.

Qual

Qual aquelle animal de nouo ferra
De Zefiro a caſo decendente,
Que primeiro tyrou da dura terra
Neptuno, flagelando-a co Trydente:
Qual o menea e adeſtra para a guerra,
Qual teſteyra lhe poem de aço pungente
Emprúmada: e qual de prata a ſela
Com cubertas de aurea, e rica tela.

Ali incendios, guerras já paſſadas,
Ruynas nos fortiſſimos eſcudos
De reluzente aço, vaõ pintadas,
Nauaes batalhas, de eſporoens agudos:
Poſos arçoens e lucidas celédas
Caças, boſques, paſtores, e membrudos
Seluages, e outras couſas ſe moſtrauaõ
Que os coraçoens perplexos deſpertauaõ.

Pois dos trajos, hum veſte ali eſcarlata,
Outro roxo fetim, verde, encarnado,
Cortado ſobre tela douro e prata,
Outro faz o veſtido de brocado:
Algum co azul ſendal as pernas ata,
E qual punhal e eſtoque poem dourado,
Qual com finos robis rodea a gorra,
E qual co a branca cor a verde forra.

Os liures de amor poem arrogantes
Diuiſas de ſobidos penſamentos,
Os ſogeytos, tençoens brandas, galantes,
Conforme cada hum a ſeu tormento:
E os que em ſeu repouſo querem antes
Pôr ſeu nome em perpetuo eſquecimento
Que perturbalo, os valeroſos culpaõ
Porque cuydaõ que nilo ſe deſculpaõ.

Ou-

Outros em quem o esforço inda respira
Dos fortes peitos, já da larga idade
Cansados; qual ao ceo tempos suspira,
E qual a sua verde mocidade:
Qual sentença do sabio peito tira,
Qual fere a terra com riguridade
Co ferrado bordaõ, e assi publica
Culpas, e qual mil danos pronostica.

Chamando já entaõ o orgulhoso
Rey o Géral do mar, que pronto estaua;
(Dom Diogo de Sousa) e o vagaroso
Tempo que se prelonga lhe estranhaua:
Naõ tem culpa naõ o valeroso,
Que amor tomando coraçoens que daua,
Troca as vontades nelles por tal meo,
Que mais que o proprio gosto serue o alheo.

Despoſan-se entaõ as Lusas belas
Cos fortes e illustres caualeyros,
Querem elles na tardança comprazelas
Por animarem arrufos lisongeiros:
Porém justos temores dentro nellas
Fazendo-lhe perigos verdadeyros,
Com prontas saudades, podem tanto
Que o choro acende o fogo, e o fogo pranto.

Rogam estas donzelas (dagoa cheos
Os olhos) aos maridos que a partida
Dilatem, porque della os arreceos
Naõ lhe acabassem alí primeiro a vida:
Elles, como do bem de serem alheos
Naõ vem gloria mayor que ver comprida
A vontade daquellas que lho pedem,
Facilmente a detença lhe concedem.

Prolongando-se assi de dia em dia
Os termos de partir, que o Rey poem breues
Prestes estando as naos já nagoa fria,
Que primeiro Iasom fazer te a reues:
Co vento que propicio ali corria,
Se meneando nella os cascos leues,
Sendo as mais destas naos de caualeiros,
Em tudo em fim vassalos verdadeyros.

As curuas naos quinhentas dizem que eraõ
Sem as embarcaçoens de pouco porte,
As de Antonio na soma parecerac,
E nam sey se tambem na mesma sorte:
As agoas que a gram frota sostiueraõ
Do que dá ao tyrano Achalo a morte,
Fazendo-se tambem tyrano injusto,
Naõ tiueraõ entaõ temor tam justo.

Pois do poder de Duillo, e dos Cretenses,
Do naual milit ar os inuentores,
Quando armaraõ contra os Magarenses
Naõ fazem tanto caso os escritores:
Sobem a cima os Nautas Lisbonenses
As antenas, de Dedalo senhores
Por enxarcias de Tephis atrepando,
Velas, que inuenta Icaro, tomando.

De ferros de Anacharsis curuos dentes
Pegam no fundo là do aureo rio,
Perdoa amorosos acidentes
Aos seus em tal saudade o moço pio:
Bosques que obseruam lá Moscouias gentes,
Quando os despoja o gelado frio
Que entertecidos ficam os ramos bastos,
Parecem já nas naos os negros mastos.

Tudo

Tudo armas, furor, e guerra brada,
Quando o Rey já o eſtandarte leua
Diante, a ir tomar bençam ſagrada,
Que tanto elle procura e lhe releua:
Vay a gente louçam tam recamada
Que todo o encarecer me ſobreleua,
Magoas ſaudoſas rompem os leues ares;
Treplicando-ſe as bençoens populares.

De purpura delgada he o eſtandarte
Broslado todo á roda de ouro fino,
Excedendo (de Aragne) a ſotil arte
O nouo artificio perigrino:
A cruz de Chriſto tem duma ſó parte;
E doutra pendem as armas que o benigno
Senhor, a Afonſo deu como ſabeys,
Quando venceo os cinco Mouros Reys.

No templo ſancto entra o Rey potente,
Iá ao que desfaz Reys e faz, ſe inclina,
E aquella Mageſtade reuerente,
(Na diuida vmildade) ó mundo enſina:
Eſtá no ſacro altar ali Vicente,
Onde o Prelado com bençaõ begnina
Tres vezes ſobre o Rey o braço eſtende,
Que da eſperança della entaõ depende.

Com ſacros verſos apos iſto tira
A voz do peito, e a Deos pede a victoria;
Proſtrado eſtá o Rey, geme e ſoſpira,
Naõ por vmana mas diuina gloria:
Na celeſte eſperança ſó reſpira,
E quanto tarda tendo na memoria,
Iá ſe vay embarcar, e o mar ſulcando
A furia dos ſeus foy despertando.

Ouue-se logo alí, embarca, embarca,
(Com rouco som) já entaõ o marinheyro
O remo aperta da veloce barca,
A qual chega, e torna, e vay primeiro:
Já a longa antena, e groſſo maſto abarca
O grumete, que ao maſtareo ligeyro
Sobe, a por gálhardetes, que ondeando
Se eſtaõ já como cobras meneando.

Do chapiteo já o meſtre brada, e apita
Aa gente que parece mente cauta,
No como falta corre, trepa, e grita,
Conforme o que lhe manda o ſabio Nauta:
Já o eſtrondo a furor incita
Os fortes peitos, que da doce frauta
E charamela, ouuindo a ſuauidade,
Eſtauaõ enternecidos de ſaudade.

Já pegados nó longo cabo o fio
Os miniſtros do curuo lenho, a vnha
Da ancora delá do fundo frio
Arrancaõ, a hũma vóz que hum ſo propunha:
Já parece que até o meſmo rio
A infelis jornada lhe repunha,
Correndo ao reues, mas brando vento
Faz polas agoas creſpo mouimento.

Fys desfraldaõ traqueres, o ar ferindo,
E logo velas grandes, içá, içá,
Dizendo em alta voz, hum acodindo
Aa troça, outro á poja, outro á driça:
O Piloto já entaõ a agulha abrindo
Aa lerta diz, naõ ajá em vos perguiça
Filhos, e companheyros, atentay,
E a bombordo agora gouernay.

O dia

O dia em que partem era aquelle
Em que celebraõ a feſta do Bautiſta,
Aſſombra ja a Neptuno a tromba impele
Temendo lá taõ orrida conquiſta:
La vay o Luſo Rey, la vaõ co elle
Os olhos que perdendo o vaõ de viſta
Daquellas, que nas magoas que publicaõ
Bem moſtraõ que mais ſentem nos que ficaõ.

Dizendo ali a may ao filho amado
Num ſuſpiro canſado, que lhe ſay
Dalma, co roſto em lagrimas banhado
Aſſi perdi marido, irmãos, e pay:
Onde vos leua o coraçaõ ouſado,
Porque me naõ ouuis? tornay, tornay
Ainda que tornando logo he tarde,
Pois naõ he bem que a vida tanto agoarde.

Outra com mal formada e ſaluçoſa
Voz, começa dizendo, eſpoſo meu
Que foy da firme (agora mintiroſa)
Fe, que com eſſa alma amor me deu?
Que foy da quebrantada, e amoroſa
Promeſſa, que no mòr eſtremo ſeu
De deſejados bens, cruel me daueis,
Quando com falſas moſtras me enganaueis?

Oo eſpoſo cruel quem vos conjura
Cos ventos, que me leuaõ hum bem que tinha,
Deixando-me a eſperança na ventura
Para mòr magoa e deſuentura minha:
Porque voſſa crueza ou ſorte dura,
O duro nò deſata tam aſinha
Da doce obrigaçaõ juſta e deuida,
Sem ja romper os da amargoſa vida?

Tor-

Tornay tornay, ou day-me ja licença
Para que deſta vida fazer poſſa
A morte o que quiſer ſem voſſa offenſa,
Pois ſe ia foi minha, agora he voſſa:
Ou ſe iſto naõ quereis em recompenſa
Da vaã promeſſa à fe conforme noſſa,
Outra me day (inda que falſa) em quem
Poſſa enganar, e pôr todo meu bem.

Proſeguindo com magoas ſemelhantes,
Que outras muitas tambem dizendo eſtauaõ
Saudoſas dos Luſos nauegantes,
Que os ventos de ſeus olhos alongauaõ:
Os quaes cortando as ondas inconſtantes,
Ia o monte da Lũa atras deyxauaõ,
E coſteando os outros, logo foraõ
Onde os ventos das egoas ſe namoraõ.

Vendo a terra que cria os jaſpes duros
Azues, que de Tubal o nome toma,
Como do antiguo Romulo, dos muros
Que edificou, o nome tomou Roma:
Paſſando hora por huns e outros futuros
Montes, que o leue curſo à viſta aſſoma,
E o ſacro Promontorio antiguamente
Chamado aſſi, que agora he de Vicente.

Paſſando a ſeca terra, onde ſe cria
O infecundo eſparto duro agreſte,
Da pobre terra rica mercancia,
A quem tambem Abril de verde veſte:
Onde numa naõ celebre bahya
Co as proas na area branca enueſte,
Interrompendo a proſpera derrota
Algum eſpaço, a belicoſa frota.

Em

Em Lagos, que assi o porto se chamaua,
Cidade já mais nobre antiguamente,
O Rey que naõ descansa descansaua,
E o que se lhe consente naõ consente:
E assi sem mais repouso se embarcaua,
Vendo que desembarca a mais da gente,
Tornando a seguir o começado
Caminho, indo rompendo o mar salgado.

Abre as asas a frota ao leue vento,
Polas serenas ondas se estendendo,
A escuma cortando o lenho lento
Que no breado peito vay ferindo:
Quaes brancos Cisnes, que seguindo o intento
Do que primeiro do Tanais se erguendo
Huns apos outros torcem o longo fio,
Leuando hum e hum do claro rio.

Assi fazendo leras naõ tam certas
Como as que os grous no ar consigo escreuem,
As asas leuaõ as naos ao vento abertas,
Como sendo galerno leuar deuem:
Vendo antiguas ruynas já desertas
Que he razaõ apos si os olhos leuem,
Prespectiuas pausajes graciosas,
Verdes outeyros, serras pedregosas.

Vem os que vam cortando agoa salgada
Cidades, vilas, penhascosas serras,
Ganhadas ao Mouro pola espada,
No tempo atras de sanguinosas guerras:
Em Crasto vendo gente degradada,
E logo por diante as fertis terras
Dos Vandalos, a quem deu nome o Betis
De Beticas, tributo dando a Tetis.

Ven-

Vendo mais os Tarteſios campos cheos
De memoria do tempo de Chryceo,
Onde Oſiris ganhou tantos tropheos,
Pondo áquelle Gigante eterno freo:
Que inda que eſte naõ pos os dous eſteos
Que pos o outro Hercules Alceo,
Foy o que os gados leua do Rey douro
E rouba o riquiſſimo theſouro.

Pois já de Geriom a ſepultura
Que no mar bebe, como no paſſado
Tempo ſe cuſtumaua por ventura,
Paſſando vaõ com curſo arrebatado:
Vendo no fundo lá da clara e pura
Agoa, o aruoredo transformado
Iá em coral, das ilhas Aphrodicias,
Onde gozaua Venus ſuas delicias.

Chegando todos de aluoroço cheos
Aas portas onde he porteyro o perigo,
Porto chamado já dos Eritreos
Ilha famoſa que era em tempo antiguo:
Dentro no qual já liures de receos,
Bem no ſeo do mais tranquilo abrigo
Com ſalua dà a ſorte armada fundo,
Eſpantando a terra, o mar, e o mundo.

Lançando o bronze cano o rayo ardente
Cum eſtrondo terribel afumando
O ar ſereno e claro, breuemente,
Duma turbida nuue os rodeando:
Eſtando em terra aſſaz medroſa a gente,
Dos Orbes ſe irem todos arruynando,
E ſouerterſe a ilha tanto teme
O eſtrondo que faz, que tudo treme.

Ou-

Ouuindo-se a espaços de instrumentos
Dentro no negro fumo, huma armonia
Formada com assopros violentos,
Que a nuue desataua e distruya:
Apos isto se vendo os remos lentos
Nas mãos de quem o mar co elles rompia;
Trazendo em bateys a gente a terra
Mais prometendo paz, que dura guerra.

Onde o Rey Luso sae acompanhado
Dos seus, mais pensatiuo que contente,
Naõ fica já nas naos nenhum soldado
Que a todos a sayda se consente:
O Duque de Medina aluoroçado,
Cercado já de Castelhana gente,
Depois que ao Rey se inclina, lhe offerece
A vontade, que o Luso lhe agradece.

Depois co elle a branca area trilha,
Onde se traua pratica saborosa,
Entrando assi na celebrada ilha
Que ja foy taõ soberba e populosa:
Vay vendo huma e outra marauilha,
Rebolue a graue vista duuidosa,
Teitos marmoreos ve já derribados,
Meos arcos pendentes corcouados.

Onde o Duque sabio e eloquente,
Lhe mostra logo ali as antigualhas
Da terra, que já foy taõ eminente
Em quanto as naos refrescam vitualhas:
Taõ apressada como sabiamente
Contando guerras cruas e batalhas,
Mostrando-lhe as memorias das ruinas
Das velhas e soberbas officinas.

Di-

Dizendo, se he verdade o que se escreve,
O templo dos dous Hercules famoso
Aqui neste lugar prantado esteve,
Taõ venerado entam e tam poderoso:
O qual aquella oliua de ouro teue
Cujo estranho fruto precioso
Era so de esmeraldas, rico fruto,
Que a bruta gente põe no templo bruto.
As colunas tendo mais taõ celebradas,
De ouro e prata, onde á roda estavaõ
Todas aquellas fabulas pintadas,
Dos Hercules, que ali se idolatravaõ:
E o poço aqui esteue onde as lauadas
Enfermas gentes por sarar bradauaõ,
E ali a pranta que celebraõ tanto
Os que della escreuem o raro espanto.
E isto era ilha venerada
Dos antigos, por cousa glorioſa,
E Cauco fez a ponte celebrada
Se a fama pupular naõ he mintirosa:
E onde acola chega ja cansada
A vista (que se mostra duvidosa
Em se determinar de seu enleo)
Porto chamado foy de Menesteo.
Estas antiguidades o auisado
Duque, ao Lusitano Rey contava,
Em quanto o pouo ledo e aluoroçado,
De sua vinda com razaõ andaua:
Da gente amiga sendo festejado,
Como em taõ graue caso se esperaua,
Que ja com varias festas anda leda
Armando hum teatro de ouro e seda.

Cer-

Cercaua-se de forte paliçada
Huma praça pequena, de brocados
De varias telas ricas adornada,
Com tecidos estranhos desusados:
A qual estaua toda rodeada
De damas, onde os olhos de cansados
Cansauaõ os desejos e alegria
Do que ver mayor gloria naõ queria.

Ao som de roucas trombas, hum furioso
Touro saindo, que espantado pàra,
E das vozes turbado e orgulhoso,
Sacode aos tiros a cornuda cara:
Entra nisto hum Tudesco valeroso,
Cum punhal que contrelle ali arrancara,
Remete o touro, e o mancebo forte
Lhe dà a punhaladas crua morte.

Logo outro sae mais brauo e carrancudo;
Onde hum forte Espanhol caualo toma
Cuma maõ apertando o ferro agudo,
E as redeas co a outra e espessa coma:
Remete o touro, gri'a o pouo rudo,
(Que vio d'esforço igual a antigua Roma?)
Põelhe a lança o varaõ quedo e seguro,
E morto o deixa ali no solio duro.

Naõ tardando que outro já bramando
Co a boca de roxo sangue chea,
E de viscosa escuma, ameaçando
Com sanguinosos olhos rapa a area:
Mas ao reuolto corno se lançando
Hum moço Luso, a furia lhe refrea,
Co a neruosa maõ dura e robusta,
Com que oprimilo ali pouco lhe custa.

Naõ

Naõ com tanto poder ao duro colo
Do Candio touro, Hercules potente
Lança o braço, nem quando a Acheolo
Tira o corno das Nayades florente:
Nem com tanto ruydo brada Eolo
Encjado do vmido Tridente,
Quanto o touro bramãdo prezo e atado,
Do ſanguinoſo corro foy levado.

Fazendo outros muytos outras ſortes
Diante do ſeu Rey, que ſatisfeito
Eſtaua, de leuar varões taõ fortes,
Para o incerto e temerario efeito:
Huns porque ſaybaõ la ſuas conſortes
(Das quaes retratos trazem alguns no peito)
Que tudo vencem peitos namorados,
Outros por ſerem ſempre celebrados.

Logo apos iſto, alguns mais namorados
Mancebos, dous e dous, no corro entraram
Em fermoſos caualos, ajaezados
Com diuiſas que mais os contentaram:
Aa Mouriſca veſtidos, recamados
De fino ouro, ayroſos ſobraçaram,
E a pequena praça rodeando
Os caualos andaram arremeçando.

Depois ſe ajuntaraõ os mais queixoſos
De amor, contra os que mais fauorecidos
Eraõ delle, e por dous naõ ſoſpeitoſos
Foraõ logo igualmente repartidos:
Vede com que ventaje os venturoſos
Determinaõ vencer peitos vencidos,
Vede ſe tem por ſi largos fauores,
Se ſeraõ em mòr guerra vencedores.

Com

Com canas se feriaõ esquivamente
Huns a outros ali, de rosto a rosto,
Qual remete a vingarse diligente
Qual se recolhe ja vingado ao posto:
Mas o Rey que confuso e discontente
Da tardança, de nada nos tra gosto,
Determina partirse ao outro dia
Como a quem o prazer aborrecia.

Com palavras de amor se despedindo
Do Duque de Medina, que seguilo
Querendo, a licença lhe pedindo,
Ia mais quis o Rey Luso consentilo:
Neste tempo o estrondo ja se ouuindo
Do tiro, que como he do mar o estilo
Dispatou, porque a gente derramada
Da partida do Rey fosse auisada.

Vai por todas as partes discorrendo
O rouco som, que auisa à Lusa gente,
A quem ja hyá o ocio corrompendo,
Do robusto valor a furia ardente:
Que ouuindo o final, qual vem correndo,
Qual se embarca, e vay ligeyramente
No veloce batel o mar abrindo,
E qual lembranças tristes encobrindo.

Levaõse logo as curuas e pesadas
Fateixas, sobem vergas, soltam velas,
As proas cortaõ ja as ondas salgadas,
Que murmurando vaõ a queyxa dellas:
Vozes daõ muytas vezes tam cansadas,
Que parecendo vay que dentro nellas
Naquella voz confusa e encuberta
Inda lamenta Ino e Melisena.

Glau-

Glauco da forma vmana ja diuiſo
Tambem ajuda ò funebre pranto,
Eſaco e Alciom polo mar liſo
Apos da frota vam chorando entanto:
Seguindoa apos Scilla o yroſo Niſo,
Deixando Pico entaõ o alegre manto,
E todos lamentando noſſo danno
Parece que deziam: ah Luſitano.

Dita fora encontrar as areoſas
Syrtes, que tal jornada interromperam,
Ou Caribdis, e Cycladas perigoſas,
Scilla, ou Carina entaõ que as naos romperaõ
Mas eſtam tanto em paz as riguroſas
Ondas (porque de medo ſe eſconderaõ
Os ventos) que parece que enterrados
Os tem nos odres inda o Grego atados.

Vaõ deſte modo aſſi atraveſſando
O Herculeo canal co a braua frota,
Os olhos pelas agoas alongando
A tè verem o fim de ſua derrota:
Terra terra Africana, alto bradando
Ia toda a armada ao fundo os ferros bota,
Ia para Tanjar parte o Luſitano,
A ir buſcar o infelix Mauritano.

Eſtà ali o Xarife, de eſperanças
Duuidoſas cercado e de receos,
Que deſejos naõ acham ſeguranças
Ymaginandoas ſempre em bens alheos:
O Rey conforme o trata naõ a mudanças
De tempos (que de varios caſos cheos
Saõ ſempre) mas ali com brandos olhos
Naõ ſofre em terra os reaes giolhos.

Dizen-

Dizendolhe, ô Rey a auara sorte
Tem esta inconstancia e variedade,
Que esse peito real, constante e forte,
Ponderar deue em tanta aduersidade:
Lembrando-te que tudo acaba a morte,
E tudo recupera a larga idade,
Deyxando o que por ti fazer desejo,
Pois por ti deixo o meu amado Tejo.

Ao que o Mouro responde, a quem vassalo
He vosso, toda a onra e merce cabe,
Das quaes a obrigaçaõ eu nalma calo,
Como quem o que nellas ganha sabe:
Gosto que naõ podendo outro ygualalo
Inda temo com tudo que mo acabe,
Ou mo perturbe, ver quam pouco posso,
Pois naõ posso chegar mais que a ser vosso.

E ficando naquella obrigaçaõ
Que todo o obrigado peito sente,
Naõ tendo de a seruir ocasiam,
Tras o futuro, a falta do presente:
Dizendo tarde, ou cedo o galardaõ
Do feito beneficio communmente
Vem sempre, inda que eu nunca ja vejo
As cousas que mais preza meu desejo.

Outras e outras cousas lhe dizendo,
Conforme a obrigaçaõ em que lhe estaua,
A tudo o Luso moço respondendo
O com que cada vez mais o obrigaua:
Em ceremonias pouco se detendo,
Nas quaes, desigualdades ygualaua,
Porque a onra he mòr e mais perfeyta
Aaquelle que a dà, que o que a aceyta.

En-

Entrando à naõ dereyta ali apos elle
Na galè onde lagrimas eſtila,
Vendo que por amor, ou por dô delle
A doce patria e paz deyxou tranquilla:
E caminhando, atras deyxando aquelle
Iracleo Calpe, e Eſperido Abila,
A rogos do Rey Luſo, o Mouro conta
Antigualhas da Lybia, e a ſua afronta.

Começando à dizer, porque curioſos
Muytas vezes naõ achaõ antiguidades
De que viuem contino cobiçoſos,
Reboluendo de liuros variedades:
Chamas crueys, ou tempos preſuroſos
Eſcondendo das couſas as verdades,
As que em minhas chronicas achey
Mais antiguas, te agora, contarey.

Deſta Africa bem cuydo por ventura
Que naõ ouuiſte donde o nome teue,
Que a fama de ſuas couſas fala eſcura,
O largo tempo poderoſo e leue:
Pois ouue o que achey numa eſcritura,
Autorizada bem por quem na eſcreue,
E verás o principio e couſas della,
Iá que por armas vens à pretendela.

Bem ſabes como a cinge o mar em roda,
Que os nomes das prouincias vay tomando
Pois es ſenhor de caſi a coſta toda,
De Ceyta, ao Melinde a rodeando:
Naõ podendo chegar a inſtabil roda
A mais, que a eſtares Reynos ſujuzgando
De taõ longe, a taõ longe, e de tais gentes,
Lá com medo a teu jugo obedientes.

Afri-

Africa dizem huns que de Aphros veo,
Nome Arabio, que eſpanto ſinifica,
Porque era de animaes ferozes cheo
O ſeluatico ſitio e terra rica:
Outros que vem de Ifrichia nome alheo,
Que dizer diuidir ſe verifica,
Tambem he outra antigua opiniaõ
Que vem dum decendente Aphro d' Abrahaõ.

Mas o mais certo he que ſe chamou
Aſſi, de Ifrico Rey da Arabia gente,
Que o primeyro foy que a abitou,
Quanto a mim a razaõ mais aparente:
Outro o nome dos dous que deriuou
Que ſinificaõ terra, ou couſa quente:
Tambem diz que de Phrice, e a priuatiua
Eſte nome mais proprio ſe diriua.

Mas deixando argumentos, repartida
Foy em doze prouincias, e ſegundo
A diſcripſam daquelle que medida
Quis achar por ſua arte ao largo mundo:
Mauritania foy huma, de temida
Gente, e de terreno aſſaz fecundo,
A outra (onde he meu reyno) he Tingitania
A outra he a Cezarea Mauritania.

Africa Pentapolis, Lybia ardente,
Onde o templo de Amom foy venerado;
Etiopia, onde viue a Nubia gente,
E onde Chriſto he tambem adorado:
Egypto, Lybia interna diferente
Da outra, ſitio nunca já abitado
Se naõ dos Garamantes, e ſerpentes
De que prouou Pompeo os feros dentes.

Entra tambem aqui a manha Etiopia;
Cujos Reynos, Cidades, deyxo agora,
Por ser delles e dellas tanta a copia:
Que me fariaõ ter larga demora?
E por fugir de dar faſtio e inopia
A quem melhor que eu iſto naõ inhora,
Irey o importuno abreuiando,
E ſó o curioſo declarando.

Africa, em quatro partes repartiram
Os antigos, a huma he Barbaria,
Que de Meſſa a Mejes (monte) mediraõ;
Terra mais abitada, freſca e fria:
Numidia que he a outra concluyram
Que de Eloachar, a Num ſõ ſe eſtendia,
E leuando da Lybia o meſmo eſtilo
De Gaoga a mediram ao largo Nilo.

A quarta, Etiopia ſer differaõ,
Nome compoſto Grego ao que ſe ſabe,
Que por calida e ardente lhe puſeram
E nella muyto por ſer grande cabe:
Numidia os Latinos a differaõ
Deſta maneyra, e Sarra nome Arabe
Que ſinifica Lybia, aſſi a chamaraõ
Os que co a lingoa Grega a ſua ornaraõ.

Pois vindo á Barbaria terra minha,
Largos tempos eſtando eſta deſerta,
Dizem que Africo Rey, que roto vinha
Do Aſſirio, que ſempre o ſegue e aperta:
Que como ſaluaçaõ outra naõ tinha
Que entrar pola perigoſa terra incerta,
Gritauaõ Bar os ſeus no duro aperto,
Que ſinifica, vamos os deſerto.

Ou-

Outros dizem, que o nome he replicado
De Barbara, que em verbo sinifica
Mormurar mas tal verbo ponderado
Bem, este diriuar naõ me edifica:
Seja o que for, que já estou cansado
De tratar o que naõ se verifica,
Basta que em quatro Reynos repartida
Ser Barbaria he cousa mais sabida.

Marrocos, Tunez, Fez, e Tremecem,
Dos quaes casi dos tres, o Cetro tiue,
(Mas traz fortuna a tal estado quem
De sua auara maõ seguro viue:)
Donde o nossa primeiru origem vem
Se quiserdes que aqui vola diriue,
Estay atento, porque escrito achey
Que vem de Palestina, ou de Sabey.

Somos nas cores varias, mas parentes
Nacidos só de hum tronco, os Africanos,
Derramados dos varios decendentes
De Chus, que diuidiraõ largos annos:
Saõ as lingoas (mas pouco diferentes)
Antre os Numidios, Lybios, Mauritanos,
Mas a nobre, e de todos mais vsada
He, a que foy já Amarig chamada.

De Mauritania Mouros nos chamaraõ,
De Agar, dizem que somos Agarenos,
Do filho, Ismailitas nos nomearaõ,
De Sarra (que diz Lybia) Sarracenos:
Os de Otmen Califa nos ensinaraõ
A ley, em que criámos os pequenos
Filhos, porque melhor instruclos nella
Folguem mais de guardala e defendela.

Dizem que antiguamente naõ ſe vſaua
Letra alguma antre nos, como a naõ teue
A Tudeſca naçaõ, mas naõ faltaua
O modo antelles com que a Egypcia eſcreue:
E que o mais auiſado ſe prezaua
(Como em Lacedemonia) falar breue,
E ſe naõ tinhaõ letra, a Turca lingua.
Ao preſente cae na meſma mingua.

Depois dizem que vſaram-na Latina,
Mas a Arabia agora profeſſamos,
Que he a que antre nos ſe vſa e enſina,
Pola qual toda a outra reprouamos:
Naõ me quero meter na dicipilina
Militar e ciuil, em que criamos
Os que guardaõ dos meſtres o reſpeito
Diuido, porque ſou niſto ſoſpeito.

Quero tornar a Fez, que edificado
Dos de Mecneſa foy, e quaes ſenhores
Verdadeiros ſam delle, ſe enganado
Naõ ſou niſto dos varios eſcritores:
Os de caſa de Idres, deſte eſtado
Foraõ os verdadeyros poſſuydores,
E Marrocos ouui que edificaraõ
Os que Aduquala primeyro abitaraõ.

Pois deſtes Reynos Rey rico e ſeguro,
No mais ſupremo trono poſto eſtaua,
Quando na aduerſa roda o braço duro
De fortuna, os bens me deſandaua:
Eſtando innocente do conjuro
Que contra meu repouſo ſe ordenaua
La no Olimpo claro, e bem conheço
Que por paternas culpas mais mereço.

Por-

Porque o primeiro Rey dos meus paſſados
Com nome ſanto o Cetro vſurpou
Dos Reys Merines, que eraõ aſſi chamados,
Dos quaes a hum prendeo, a outro matou:
E meu auô tres filhos deſerdados
Por Abdelá meu pay, erdar deixou,
E Abdelá os tres irmaõs matara,
Se por meu mal meu fado os naõ ſaluara.

Deſtes que eraõ meus tios, ſe temeo
Sempre meu pay, por iſſo os perſeguindo,
Mas dos tres o mais moço faleceo,
Por ſua cauſa a gente preſumindo:
Logo o mayor e o outro ſe acolheo
Aa cidade de Argel, do irmaõ fugindo,
Onde mandou meu pay Muça que deſſe
Veneno a ambos de dous ſe ſer pudeſſe.

Ouueſe o Mouro aſtuta e ſabiamente,
Mas foy em vaõ a ſua intelligencia,
Porque no que fortuna naõ conſente
Em vaõ trabalha toda a diligencia:
Foſſe que o coraçaõ preſſago o ſente,
Ou por querer a ſuma prouidencia,
Elle mata o mayor, o outro ficando
Por ſeu bem e meu mal, viuo eſcapando.

Pois eſte em Argel depois caſando
Cuma filha do velho Age Morato,
Com Turqueſco fauor me foy entrando
Que lhe dariaõ por algum contrato:
E com medos, promeſſas ſobornando
O Reyno, que comprou aſſaz barato,
Da gente adquire as perfidas vontades,
Que commumente abraçaõ nouidades.

O

O que eu vendo, lembrando-me que tinha
Em meu poder hum Luſitano teu
Com outros que encerraua a priſam minha,
Caſtigos que lhe Deos por culpas deu:
Mandey que mo trouxeſſem muito aſinha,
Pedindo lhe que foſſe emparo meu
Lealmente em tanta aduerſidade,
Gozando logo a doce liberdade:

Nenhum outro tomando para emparo
De outra naçaõ, porque ſabido he,
Que a fama lhes naõ deu nome tam claro,
Se naõ por ſeu esforço e leal fe:
Pois eſte que me foy forte reparo
Depois que aſſi ſem animo me ve
Me diz: Naõ temas alto Rey teu danno
Onde eſtiuer o braço Luſitano.

E logo recolhendo a fraca gente
Que junta andaua em communidade,
As armas toma com furor ardente,
Soſtentando-lhes as fracas lealdades:
Pelejando leal e fortemente,
Naõ me deixando nas aduerſidades,
Mas a vmana força tem limite
Onde o contrayro o alto Deos permite.

Aſſi que enriquicendo meus tropheos
De fama meu imigo, que a victoria
Alcançando de mim, dos bens alheos
Ficou ſenhor, com ſoberana gloria:
Dos largos campos Tingitanos cheos
De mortos me parti: ó triſte eſtoria,
E me fuy pola já alhea terra
Morer naquella alta e eſquiua ſerra.

On-

Onde dos meus fuy bem aconſelhado
Em pedir-te ſocorro, que pudera
Ser menos, naõ por menos obrigado
Te ſer, pois o que o fora iſſo perdera:
Atalhando-lhe a iſto o auiſado
Rey Luſo, co que agora ſe quiſera
Dizer, de rouco já ninguem me ouuira,
Por onde o canto aqui, e a voz eſpira.

CANTO DECIMO TERCIO.

Chega Sebastiaõ e o Xarife a armada e parte para Arzila, onde desembarcaõ, e onde se assenta o arrayal, conta-se hum rebate que ali teue do qual se vindo recolhendo, acha acaso o Xarife o seu escudo pendurado num tronco, e vendo nelle grandes guerras pintadas, Dom Antonio da Cunha lhas declara.

NAm aja ninguem tam desconhecido,
Que sendo-lhe o pagar por obra caro
O beneficio de ante recebido,
Que de palauras ainda seja auaro:
Nem queyra com ventage de partido
Tomar da ingratidaõ inda o reparo,
Premio que a condiçaõ lhe estreyto traça
Encurtando tambem na lingoa escassa.

Naõ sendo tambem largo em prometer,
Que palauras sobejas sam indicio
De só co ellas se satisfazer
A esperança do feyto beneficio:
Costume que se ouuera de perder,
E naõ terem-no todos por officio,
Naõ auendo por isso quem bem faça,
Pois por obras nam ha quem o satisfaça.

Com

Com palauras de amor e corteſia
E nam com prometer muito ſobejo
Moſtraua o Mouro Rey que antes dezia,
Ao Luſitano gratulo o deſejo:
E o que debayxo dellas encubria
No proceder bem claramente vejo
Que peitos maos quando tambem procuraõ
Encubrir-ſe, com tudo vos ſeguraõ.

De boas obras ſendo eſte o deſconto,
Fruto mais certo de tençaõ danada,
Em que ymagino que hya o Mouro pronto
Quando deſcobrem a ſoberba armada:
Naõ arando o Euxinio, ou Eleſponto,
Nem em fim outra alguma agoa ſalgada
Tamanha frota nunca como aquella,
Que lhe faz reformar mais a cautela.

Fica ſuſpenſo o Mouro e penſatiuo,
Do que de tal ſoccorro lhe parece,
Ve que o fim do que eſpera he ſer catiuo
De quem por iſſo a tanto ſe offerece:
Teme ſer o ſuceſſo ao Luſo eſquiuo,
E ſerlhe tambem proſpero o entriſtece,
Vendo do vencimento alhea a gloria,
E que anda atada a auçaõ ſempre á victoria.

Mas como outro remedio naõ eſpera
Que aquelle que já ve poſto em efeito,
Tudo o que lhe conuem nota e pondera,
Moſtrando o que naõ traça no conceito:
Entendendo-ſe bem que ſe pudera
Executar o que lhe eſconde o peito,
Que a ambos deſtruira, o que merece
Quem a ſeu enemigo fauorece.

Pois

Pois chegados á frota, os marinheyros
As ancoras peſadas leuantando,
As velas daõ ao vento, dos outeyros
Barbareſcos os Mouros vigiando:
Que quaes lobos a timidos cordeyros
De cumes e cauernas eſpreytando
Andauaõ, dous e tres como em conſulta,
Pola alta ſerra, pedragoſa e inculta.

Indo os ſoldados prontos na contenda
Em que os deſpojos cada hum reparte,
Dizendo alguns que trazem de encomenda
As couſas que ali tomaõ a ſua parte:
Lançando ſortes ſobola fazenda
De que, aos que cae a peor parte,
Naõ falta antre elles quem de pura enueja
Da eſcolha co amigo ali peleja.

Muitos co vagabundo penſamento
Enuolto em ſabroſas eſperanças,
Os olhos enxugando o roſto lento,
Culpas que ſempre tem doces lembranças:
E outros de mais liure entendimento
Conſiderando vaõ varias mudanças
De fortuna, chegando entanto á parte
Que as freſcas ondas bebe a Tagadarte.

Ali de Arzila o porto pedragoſo
Com hum murmurio funebre os recebe,
Do qual o mais feroz e animoſo,
Hum ſecreto terror nalma concebe:
Mas cada hum das prezas cobiçoſo,
Para os catiuos cordas apercebe,
Quaes para os Tegeatos ordenaraõ,
Os Eſpartanos, onde ſe enlaçaraõ.

Pois

Pois aqui largaõ ferros, tomaõ velas,
Botaõ bateis ao mar, trombetas, gritos
Asperrimos, penetrânas estrelas,
Afouando nauticos apitos:
Hum escalauraõ maõs, outros canelas,
Outros remando dauam-nos espiritos,
Trazendo gente alguns, e alguns embarcaõ
Fardaje, outros caualos desembarcam.
Algum de ver chegarse a terra ledo,
Em vendo onde saltar, o barco arreda,
Indo saltando dum nout ro penedo,
Naõ resgoardando a roupa douro, ou seda:
Outro na proa em pe do batel quedo,
Que pescador parece que arremeda,
Anticipando o salto á chegada
Proua-se he agoa doce se salgada.
Huns desembarcam ali artelharia,
Outros carretas, bois desembarcauam,
Qual tomba ali co a trouxa que trazia,
Quaes dous e tres a ella se ajudauam:
E o que leuarse ás costas nam podia
Curuos puxando muitos o arrastrauam,
Enterrando os pés na branca area
O que algum graue peso so rodea.
Quaes prouidas formigas, enojadas
De verem a prouisam que feita tinhaõ
Lenta, e as esperanças acabadas
Das parganas que as vidas lhes sostinhaõ;
Que das terrenas vmidas moradas,
Donde serenos dias adeuinhaõ,
Tirando pouco e pouco o mantimento
Ao claro sol o estendem frio e lento.

Humas

Humas de leue gram se carregando,
Outras carregas mores naõ podendo
Leuar, as trazem juntas arrastrando,
Ali humas a outras socorrendo:
Outras o lento peso rodeando,
Do lugar cauernoso o naõ mouendo
De alhea e noua ajuda socorridas,
Perdem co elle tombando as caras vidas.

Naõ de outro modo os rusticos membrudos
As curuas naos ali descarregaraõ
De armas, caualos, piques, e de escudos,
E em fim dos mais petrechos que embarcaraõ:
Tendo na praya os esporoens agudos
Postos já as galês, donde saltaraõ
Na area os dous Reys, acompanhados
Dos que vinhaõ co elles embarcados.

Onde o capitaõ de Arzila estaua
Esperando o seu Rey alegremente,
O qual Pero da Sylua se chamaua,
Dos Syluas e dos Tauoras parente:
Que para a cidade o acompanhaua,
Onde co elle entrou bem pouca gente,
Porque queria o Rey que se alojasse
No campo, e naõ que dentro repousasse.

Ali pois chama o Luso a dom Duarte,
De Tanjar Capitam, e lhe encomenda
O campo e alojamentos, que reparte,
Limitando lugar a cada tenda:
Naõ tinha de general o estandarte,
E porque se melhor seu nome entenda
Nem Mestre era do campo que ordenaua,
Mas como general o gouernaua.

Pois

Pois este Capitam prudente, e forte,
As belicòsas gentes repartindo,
Aos Tudescos o sitio dà do Norte,
Donde se estauaõ perigos presumindo:
O do Sul, aos Romanos coube em sorte;
O do Sudueste, os Lusos impedindo,
E Castelhanos, que os auentureyros
Os mais eraõ illustres caualeyros.

DelRey as ricas tendas rodeadas
De Duques, Condes, prosperos priuados;
Foram logo no campo leuantadas,
Feitas conforme a tempos ja passados:
Onde estorias antiguas debuxadas,
E de cores, lauores desusados
Se viaõ, que contalos mal pudera
Inda que de metal a voz tiuera.

Ali as que ganhou là no Oriente
O valeroso auô, o illustre neto
Leuanta, onde se ve claro e presente
Do largo ceo o prospero decreto:
Ali as que o pay á bruta gente
Que tem de natureza o couro preto
Tomou, o filho que se glorifica
De tam rico tropheo, as edifica.

Prantando-se tambem as que ganhadas
Foram na mesma terra, aos Mauritanos,
E as que nos arrayaes foram deixadas,
Quando o Reyno deixaraõ aos Lusitanos:
Alguns armando algumas que tomadas
No mar foram a piratas inumanos,
Outros as que por vmidos caminhos
Compfaraõ, e as que tomaraõ a Reys vizinhos.

Ou-

Outros outras de nouo bem lauradas
Encordoaraõ, outros verdes canas
Fincando em terra, ruſticas moradas
A vſo paſtoral fazem cabanas:
Outros em piques capas aruoradas,
E com eſteyras fazem ali choupanas,
Outros ferindo fogo bruſca acendem,
Outros lenha (gemendo) e troncos fendem.

Outros varios jouencos degolando,
Mudam o nome ao prado, e a cor as flores
Outros lhe eſtam do intimo arrancando
Com crua maõ viuos interiores:
Outros comendo entranhas palpitando
Cortando-as eſtaõ dos aſſadores,
Outros contam ali ledas eſtorias,
Outros tangendo cantaõ antiguas glorias.

E outros o licor purpureo em vaſos
De prata derramando, que Briceo
Tanto ouro, propõe gracioſos caſos
Caindo-lhe da barba polo ſeo:
Outros dando-ſe as mãos tomando prazos
Eſtam, porque ali lhes falta o meo
De efeitoarem recitados goſtos,
E aſſi ajuramentaõ proſupoſtos.

O Xarife num cerro leuantado
As ſuas ricas tendas tinha armadas,
A modo ſeu na guerra coſtumado,
Naõ do Luſo arrayal muito apartadas:
E o campo deſcuberto e atalhado,
Das vigias por elle derramadas,
Segurauaõ á gente deſmandada
Poder piſar a terra deſejada.

Mas

Mas como ninguem pode eſtar ſeguro
Na ſua, quanto mais na terra alhea,
Naõ era de conſelho ali maduro
Quem ſem temor por ella ſe paſſea:
Porque ja ſendo vergonhoſo e duro,
Ao Maluco (que a colera refrea)
Aquelle atreuimento, yradamente
Reprende ja a Barbariſca gente.

Dizendo, ó que vergonha e couardia
Naſcida por ventura de mao zelo,
Com que fraqueza eſta ouſadia
Do Luſo, arriça a todos o cabelo:
Em que ley de primor e valentia
Se ſofre, o que medo faz ſofrelo?
Como a propria terra ſem reſpeito
Piſam-nos Luſos a voſſo deſpeito?

De vós ó Africanos namorados
Me eſpanto ſo, de quem me prometia
A eſperança, feitos de paſſados
Tempos, quando amor mais em vós podia:
Iſto dizendo, dos que leuantados
Eſtam por reſponder, hum reſpondia
Suphyeni chamado, ó Rey poderoſo
Porque, modo taõ aſpero, e afrontoſo?

Naõ ſabes tu que todos eſperauam
Licença tua, que lhe foy negada,
Para que quando ja deſembarcauam
Os Luſos, foſſe à força ſo da eſpada?
E que todos ſe diſto magoauaõ,
Culpa que ſem razaõ lhe agora he dada;
Pois porque nos afrontas Rey potente
Se por ti ſo ſe enfrea a forte gente?

Dame

Dame tres mil nomais, que juramento
Faço a Mafoma, de fazer tal danno
No arrayal, que exceda ao atreuimento
O eſtrago do ſangue Luſitano:
A iſto o Turco ja ſem ſofrimento
Lhos manda logo dar, com deſengano
De quem la nam fizer tudo o que deua,
Que a tornar onde eſteja naõ ſe atreua.

Partem logo por aſperos deſertos,
Eſtes mancebos Barbaros ouſados,
Por veredas eſpeſſas taõ encubertos,
Que tomaraõ os Luſos deſcuydados:
E antes que ali foſſem deſcubertos
Dos que andauam ſeguros derramados
A elles brauamente arremeteraõ
Onde por tomar lingua alguns prenderaõ.

Soaõ as triſtes vozes afligidas,
Nas orelhas dos prontos atalayas,
Que deſte mal culpados omicidas
Lançaõ maõ das ferradas azagayas:
Huns reformando as vozes refiridas,
Outros ja a caualo, lentas prayas
Eſtampaõ de gaſtadas ferraduras,
Outros rompendo vem nas eſpeſſuras.

Qual de timidas corças largo bando
Qual ruminando eſtaõ o verde feno,
Alguma polo boſque ſe apartando
Comendo a verde folha ao choupo ameno:
Que do rapace tygre, que eſpreitando
Os pes aſſegurando no terreno,
Dum ſalto faz a preſa deſejada,
Que em vaõ ſocorro pede em voz canſada.

Humas

Humas erguendo o colo e pronto ouuido,
Outras de caſos taes eſcarmentadas,
Vendo preſente o perigo conhecido,
Saltando vaõ medroſas, e eſpantadas:
Outras berrando abrem com ruydo
Polos boſques, veredas deſuſadas,
Buſcando a ſalvaçaõ no mais ſylueſtre
Abrigo, outras o buſcaõ no campeſtre.

Aſſi vem as eſcutas temeroſas
Correndo à redea ſolta, alto bradando,
Por ingrimes decidas pedragoſas,
As deſcuydadas gentes auiſando:
Ouue o Xarife as vozes riguroſas,
Socorrem logo os ſeus, ja ſe tocando
Arma no arrayal, e el Rey armado
Correndo vay dalguns acompanhado.

Mas huma que ter azas parecia
De medo tam eſtranho perguntada,
Diz, que naõ ſabe bem do que ſugia,
Como era ſempre a iſſo acoſtumada:
Onde o Rey co a gente que o ſeguia,
Com a filoſomia carregada
Aas tendas ſe recolhe, e começando
A deſarmar-ſe, chega outra bradando.

Acode Rey (dizia) preſtamente
Se naõ for tarde toda ligeyreza,
A tua aflita, e miſeravel gente
Em quem o imigo faz bruta crueza:
Dizendo iſto volta juntamente,
Vendo que o Rey com orrida braueza
Queixoſo de fazer tanta tardança
Vay ſopeſando a tremolante lança.

Torna-nſe a renouar os alaridos;
Soa a noua que o Rey ſó caminhaua;
Seguem-no todos mal apercebidos,
Conforme cada hum como ſe achaua:
Huns naõ ſomente armados, mas diſpidos;
Outro ſem elmo e armas caualgaua,
Outro ſem lança vay, e ſem adarga,
E aſſi ao caualo as redes larga.

Ardil foy do Maluco que correſſem
O campo Almogaueres ouſados,
Porque pola deſordem conheceſſem
A ordem de enemigos deſcuydados:
Que inda que entre nos ſempre trouxeſſem
Mouros, por quem de tudo eraõ auiſados,
Quiſeram ver cos olhos todauia
O que a fama do Luſo Rey dezia.

O que viſto ſe foram recolhendo
Cos Mouros do Xarife pelejando.
Antre os quaes hum ouſado arremetendo;
Vay ora hum, e outro derribando:
Deſta maneira aſſi os entretendo,
Em quanto o Luſo Rey vinha chegando;
Cid Aius ſe chamaua o Mouro onrado
Irmam de Albiquirim, moço esforçado.

Mas pouco aproueitaua, que fugindo
A redea ſolta vam ſem interualo,
Vamnos a traſ os Luſos perſeguindo,
Arrebentando ora hum e outro caualo:
Hum co triſte ſenhor geme caindo,
Outro naõ ha quem poſſa refrealo,
Onde ſubindo algum as redeas prende
Do animal, qne a couces ſe defende.

Bem

Bem como quando de animaes rapaces
O timido rebanho he salteado,
Que dos pastores e alaens audaces
Acertou o curral ser mal guardado:
Que atras depois dos timidos fugaces
Correndo todos a qual mais cansado,
Hum fica atras bradando, ora outro fica
Tomando alento, e algum topando embica.

Assi seguindo vaõ aos Mauritanos
De vale em vale, e de monte em monte
Os desapercebidos Lusitanos,
Em quanto os naõ esconde o Orizonte:
Tornando-se o Rey, que a tantos danos
Assi principio deu, limpando a fronte,
Com todo arrayal que caminhaua
E apos elle em ordem já marchaua.

Torna-se pensatiuo e descontente,
Vendo de seu furor o pouco fruto,
Que o brauo coraçaõ naõ lhe consente
Prazer, trazendo o ferro agudo enxuto:
Ouue ao longe murmura corrente,
Que sae de dentro dum penedo bruto,
Onde hum verde sabugo que pendia
Sombra de brancas flores lhe fazia.

Chega-se o Rey, a quem a calma agraua;
E por lograr melhor a sombra fria
E o odorifero ar que respiraua,
No torto tronco o animal prendia:
Logo o escudo ali dependuraua,
E depois que a tristeza suspendia
O alegre repouso, passeando
Polo vale se aparta suspirando.

Naõ esta longe naõ mas encuberto;
Varias cousas pondera e facilita,
Carrà o passo a caminho aberto,
E o que impossiuel he possibilita:
Nisto o Xarife vem polo deserto,
E vendo a fonte que a repouso incita;
Co seu amado Cunha se chegaua
Onde o fero caualo os espantaua.

Vem hum caualo preso, e pendurado
Hum escudo do tronco retorcido,
Pregunta o Mouro o caso, ao auisado
Cunha, que delle estaua suspendido:
Mas hum discurso e outro ponderado,
E o caualo bem reconhecido,
Diz o mancebo, bem seguro pende
Tropheo que taõ gram valor defende.

Do Luso valeroso he o rico escudo;
Aqui deue estar senaõ me engano,
Quem naõ tiuer temor de ferro agudo
Bem pode ir desembuçar seu dano:
Pàra o Xarife entaõ como sesudo,
Vendo que era do forte Lusitano,
E pronto na pintura que ali via,
Suspenso e enleuado se embebia.

Onde o Cunha, que sabidas tinha
As gueras que ali estauaõ debuxadas,
Aa voz que cansa em vaõ e naõ adiuinha
Atalha as cousas que pratica erradas:
Dizendo, glorias sam da gente minha
Essas vitorias que ay ves pintadas,
Saõ os cercos famosos do Oriente,
Quaes nunca vio moderna ou antigua gente.

Fica

Fica o Xarife alegre a caſo achando
Aquellas guerras que ſaber deſeja,
De taõ eſtranhos feitos duuidando
No Regio peito a mordace enueja:
Onde com longa vara aſſinalando
O Cunha as batalhas, diz que veja
Da Indica conquiſta e os cercos logo,
Que tanta vida daõ a ferro e a fogo.

Notando vay o Rey o que lhe aponta
O mancebo, que a Goa já chegaua,
Quando ſuſpende o que em ſoma conta,
Polo que lhe o Xarife preguntaua:
Ve muyta gente junta em grande afronta,
Como vay de vencida, deſejaua
Saber, por iſſo roga ao moço Luſo
Que lhe declare o que ve confuſo.

O cerco he de Goa (lhe replica
O Cunha) e do principio começando
Aponta co a vara o que atras fica,
As couſas importantes declarando:
Os limites e leys da terra rica
E cuſtumes, o vaõ marauilhando,
Proſegue o que conta, e a lingoa leue
Tudo declara ao Rey em tempo breue.

Dizendo aſſi: Ves da famoſa terra
Que denoſoutros foy Daquem chamada,
O Rey Meale preſo, e a dura guerra
Que nace de treyçaõ cruel maluada:
Niſa Maluco, e Hydalcaõ que aferra
Cada hum na partilha a dura eſpada.
Ves o lugar que tem os Luſitanos,
De conquiſtar reuoltos os tyranos?

E como

E como quando jà em paz guerna
Dom Luys de Atayde o rico eſtado,
Como dos Xatamàs com magoa interna
He nos tyranos o odio renouado:
Perſuade eſtes Reys malicia Auerna
Dos que nam querem ver lá ſojuzgado
Dos Luſos o terreno e patria amada,
Que alli procuram ſeja libertada.

Onde conuocaõ o Hydalcaõ famoſo
Niſa Maluco, e o Camori, que jura
Deſtruyr noſſa ley, onde orgulhoſo
Todo Oriente contra nos conjura:
Eis o Rey dos Achens la vergonhoſo,
Que vencido em Malaca inda procura
Leuar auante o intento, e olha os mares
Cheos na India cá de Malabares.

E aquelle que là ves que ſe aconſelha
Na opulenta Goa (acautelado
Com velhos annos, da malicia velha)
Que dos caſados he contrariado:
He noſſo Viſorey que ſe aparelha
Contra o que foy dos naturaes tratado,
Que naõ querem cuydar que guerra trate
Quem romper lhe conuinha o paſſo ao Gate.

O Gate he aquelle que ſe eſtende
Do Quomori a Carnate, pedragoſa
Serra, que o terreno aparta e fende,
De arraueſſar aſſaz dificultoſa:
Ves que nam ſe defende, mas ofende,
O Viſorey, e a frota belicoſa
Que da a Luys de Melo, porque dome
Ao Achem, com glorioſo nome.

A ou-

A outra armada que rompendo os mares
Vay prometendo ſanguinoſo eſtrago,
Ves como faz temer aos Malabares?
Do ouſado conjuro eſquiuo pago?
E como choraõ vilas e lugares,
Que nunca poderam rir de Cartago,
E como ledos nella os Portugueſes
Seguem a dom Diogo de Meneſes?

Os olhos torna a tras, namnos detenhas
La neſſas partes, e olha a forte gente,
Que ſegue a dom Franciſco Maſcarenhas,
Nouo temor, e eſpanto do Oriente:
E como em Chaul nouas reſenhas
Com prudente valor, e diligente
Braço, Luys Freyre a eſpada aferra,
Como quem era Capitaõ da terra.

E olha lá Samatra, onde parece
Que ſe entheſoura a riqueza vmana,
Como do Viſorey teme, ou conhece
De ſeu intento a furia ſoberana:
Que ſeja conquiſtada lhe parece,
Segundo eſpalha a gente Luſitana,
E aſſi jà ſe apercebe de ſoldados,
Naõ tendo fe na fe dos conjurados.

E cà em Goa ve como os deuotos
Religioſos, co a inutil plebe,
Com rotos peitos tem já os ceos rotos.
Onde lhe Chriſto as lagrimas recebe:
E como ſe chegando os naõ remotos
Imigos, o que o ſanto licor bebe,
(Falſo Gentio) foge de Salſete,
E de Bardez, negando o que promete.

Quem

Quẽ ſam (pregũta o Mouro) os q̃ já decem
Para Pondá da pedragoſa ſerra?
Reſponde o Cunha: Saõ os que obedecem
Ao Hydalcaõ, prouocador da guerra:
Seſenta mil de pè ſe o nam parecem
Seraõ, e piſam mais a fertil terra,
Elefantes dous mil encaſtelados,
Com trinta mil caualos bem armados.

Mais de duzentas peças emcarretaõ
Oo como já ſe alojaõ ouſadamente
Sem ter temor, ſeguros que cometaõ
Os Portugueſes, o arrayal potente:
Nam vem corpos que eſtoruos lhe prometaõ
Que falta aos Luſos a mais forte gente,
Que nas armadas foy, ſó na cidade
Ficando os de tenra e antigua idade.

Dous mil ſeram no mais os que defendem
A tanta ſoma, a ley, a onra, e a ilha,
Oo como ja para a goardar ſe eſtendem!
Do Hydalcaõ temor e marauilha:
Aquelle que lá ves que a eſpada prende
A quem o genro vay ſeguindo a trilha,
Baltaſar Lobo, he, de Souſa antigo,
Que os Reys Magos defende do enemigo.

E o outro que em Rachol mais o atormenta
A tardança do imigo que o receo
He Damiam de Souſa, que eſprimenta
O ſer do ſangue ſeu, no ſangue alheo:
Pois o que lá na barra ouſado intenta
A defender do porto o largo ſeo,
Numa ſo Nao, Lourenço he de Carualho,
Que por onra trabalha por trabalho.

E

E o que lá com sò cem companheyros
De Leonida moſtra o fero aſpeito,
Dom Miguel he de Caſtro, dos primeiros
Que ao paſſo ſeco fazem o paſſo eſtreito:
Ves mais auante eſtar dous companheiros,
A quem naõ cabe o coraçaõ no peito,
Sam dom Pedro de Caſtro, e o esforçado
Que Diogo Barradas foy chamado.

Os tres que no Sapal ves em fileira,
Do antigo valor moderno eſpelho,
Dom Pedro ſam de Souſa e de oliueira
Manoel, de maduro e bom conſelho:
Ao outro chamaõ Franciſco Pereira,
De velha fama valeroſo velho,
E logo dom Luys de Almeyda os guarda,
Com outros dous que eſtaõ na retaguarda.

Franciſco Marquez ſam, Vicente Dias,
E o que na força lá de Sanctiago
Fazia ao enemigo as faces frias,
Vendo em ſeu braço o futuro eſtrago:
He o que anima os ſeus com zombarias,
(Depois na guerra furioſo drago)
Dom Martinho chamado, onrado, e franco
Que por timbre tomou Caſtelobranco.

Ves outro antre todos eſcolhido
Para guardar o paſſo mais perigoſo,
Onde eſtaua o combate prometido,
E o remedio, e amparo duuidoſo:
Fernaõ de Souſa he, que no partido,
O Mouro tem ſuſpenſo, e temeroſo,
Benaſtarim guardaua, e aſtuto ordena
Hum baluarte e outros terraplena.

E aquel-

E aquelle que o Palmar Rangel ſegura,
Fernaõ Rodrigues de Carualho ha nome,
E Vaſco Pirez de Faria jura
Que o paſſo de Meurà ninguem lhe tome:
No de Caramboli à eſpada dura
Dom Manoel Rolim bem mata a fome,
E Ioaõ de Souſa a barra do Sul cerra
Cum eſcoadraõ da mais gente da terra.

Ves ca o Viſorey ao rio acode,
E cincuenta Capitães conſtantes
Como ja cada hum bate e ſacode,
A tras dom Iorge os remos tremolantes:
E como a ſeu furor valer naõ pode
A força de enemigos taõ pujantes,
Olha que entradas fazem, e que ſaydas,
E quantas mortes dam tam poucas vidas.

Olha a cidade como eſtà guardada,
Dos ſacerdotes pudicos e ſanctos,
E doutro pouo muito coroada,
Que eſpanta o Mouro, em ver q̃ fiquem tantos:
E como a maõ imiga acelerada
Deita no rio ja peſados cantos,
Groſſa madeira, e o paſſo eſtreito cerra,
Fendendo o pego àli pontes de terra.

Eis là o Viſorey eſtà ouuindo
Hum frade, que o perigo denuncia
Do cercado Chaul, e como rindo
Do palido terror o deſenfia:
Ves como em derribar ſe reſumindo
Chaul, Rachol, e Carania porfia
O conſelho da terra, e como inteyro
Segue Luys o certo, e verdadeyro.

Olha

Olha Fernam de Souſa, como eſtranha
O parecer que lhe tam mal parece,
Ves quanta onra o valeroſo ganha,
E como o Viſorey naõ ſe adormece?
Ves em tamanho aperto ſe tamanha?
No como em tudo a tudo ſe oferece:
Eilo ca deyxa atras o ſeco paſſo,
Tudo o de Fabio tem, tudo o de Craſſo.

Os dous que ves atras, que o vaõ ſeguindo,
He Fernam de Mendoça, e dom Fernando
Monroy, ves como vay ja deſcobrindo
O arrayal, o Mouro deſprezando?
E de Benaſtarim como ſaindo
(O naõ viſto valor ali exemplando,)
Dentro nas bombardadas ſe metendo
O campo imigo eſtà reconhecendo.

E aquelle que ves que lhe arrefece
Caſi morto nos braços apertado,
Dum pelouro, que o peito lhe adormece,
Que dum falcaõ ſay-o arrebatado:
Fernaõ de Souſa he meſmo, que parece
Querer moſtrar Deos nelle o graõ cuidado
Que delles tinha, em como aos pes ſe enterra
A bala, que rompera huma dura ſerra.

Olha ca hum que la deixando as fuſtas
Como peleja eſquiua, e brauamente,
E como fogem as feras, e robuſtas
Gentes, imigas do furor potente:
E como ſalua tanto às ſuas cuſtas
As bombardas que toma, e como a gente
Ia deſmandada, o enemigo a cerca,
Porque co a vida o deſpojo perca.

E como os rompe ainda todauia,
O dom Fernando, Capitaõ famoſo,
Que de Vaſconcelos ſe dizia,
Muito esforçado, pouco venturoſo:
Onde as fuſtas na marè vazia
Em ſeco, fazem ao imigo corajoſo,
E como ſe defende brauamente,
E morte ali com toda a ouſada gente.

Gonçalo de Sequeira he hum companheiro,
E Eſtevaõ Ferreira he outro conſorte,
Antonio Lopez, duro caualeiro,
Ioaõ de Figueroa, eſpanto à morte:
He Iorge Pimentel outro guerreyro,
E outros muytos iguaes no esforço, e ſorte,
Que ali ves de lançadas treſpaſſados
Que inda mortos parecem eſtar yrados.

Olha apos eſta perda a confiança
Que a dom dom Iorge Baroche ouſado leua,
A nunca viſta orrida vingança,
A que naõ cuydo que outro algum ſe atreuá:
Ves como ja enſopa a aguda lança,
E como ao imigo lhe releua
Deixar a preſa, à cuſta de ſeu danno?
Olha ca outro brauo Luſitano.

No rio là de Caporà metidas
Bem ves ſurtas embarcações medroſas,
De muitos mantimentos baſtecidas,
Do imigo arrayal forças poderoſas:
Ves como ſaem crueis e embrauecidas
As gentes do Cabral, e as riguroſas
Chamas que à terra abraſam, e eſtrago eſquiuo
Com que ali deixa a morte exemplo viuo.

Eis

Eis dom Palo de Lima em Rachol anda
E aquelles dous Picardos taõ famoſos,
O Picoto, e Franciſco de Miranda,
Noutra batalha ja victorioſos,
E dom Pedro de Caſtro á outra banda
Do rio paſſa os ſeus, taõ valeroſos,
E o Baroche nas fuſtas juntamente
Dão de improuiſo na enemiga gente.

Ves que braua peleja, e que victoria,
E como vay o arrayal vencido,
Quem nunca alcançou tamanha gloria,
Quem nunca vio taõ deſigual partido?
Oo que materia de naõ viſta eſtoria,
Que o deſpojo nas fuſtas recolhido
He de cabeças infinita ſoma,
E naõ de aneis que o de Cartago toma.

Eis o Catícoprà coſſayro duro,
Vay de ricos deſpojos carregado,
De Mangalor ſaindo taõ ſeguro,
Como de ſeu deſtroço deſcuydado:
Ves onde rompe a Aurora o manto eſcuro
Da fria noite, como o esforçado
Dom Diogo chamado de Meneſes,
Que alegres nouas dà aos Portuguezes.

Dom Luys de Meneſes ves que eſpanto
Faz ao Pirata, ja o abalroando,
Com Inaceo de Lima, que entre tanto
Eſtà outro nauio ali abraſando:
E a juſta razaõ do juſto pranto,
Que o enemigo eſtà diſſimulando,
E como paſſaõ leves e ligeiros,
Auante delles, outros dous guerreiros.

Ma-

Matias de Albuquerque esquino e duro,
E dom Ioaõ de Lima, o remo apertaõ,
Rompendo polo fumo espesso e escuro,
Co gram Caticoprà acaso acertaõ:
Olha como he partido mais seguro
Pôrem os Mouros que se desconcertaõ
O remedio no vento, que na espada,
Que ja soprando, os liura entaõ da armada.

Mas la onde parece que amanhece,
Ves outra vez trauada esta batalha,
E como a victoria se conhece,
E vay fugindo a perfida canalha
Olha onde Malaca la parece,
No rio Fermoso, a cruel batalha
Em que Luys de Melo a fama toma,
Naõ so ao Macedonio, mas a Roma.

Cinco bateis ordena, e juntamente
Com poucos mais nauios que leuaua,
Comete os Achens, famosa gente,
Que tanto esforço mal ymaginaua:
Sesenta velas saõ, cujo regente
He, o que de Samatra ja esperaua
(Como primeiro filho) as bençoes caras
Fustas, galeões tem, galês, lancharas.

Oo como ousados entraõ os Lusitanos,
Ves como rompem a enemiga frota?
Quem as victorias de passados annos
De desygual poder, ja agora nota?
Ves incendios, feridas, mortes, dannos,
Com que a soberba armada fica rota,
E quantos mil captiuos que prenderaõ,
Por vinte Portugueses que morreraõ?

Es-

Eſpanto cerca o Mouro deſte feito,
Onde o mancebo os nomes lhe propunha
Dizendo, os dous que ves de armado peito
Dom Pedro ſam, e dom Nuno da Cunha:
Eſtoutro he dom Fernando, cujo aſpeito
He de ſeu grande preço a teſtimunha,
Que tem por apelido de Meneſes,
Eis logo os outros noue Portugueſes.

Diogo da Azambuja, Eytor Carneiro,
Simaõ Reynel, Ioaõ Nunez valeroſo,
Baſtiaõ Reſende, e mais Pero Ribeyro
Ruy Mendez Figueyredo dos famoſos:
Mem Lopez Carraſco, outro companheiro
Aluaro Lopez da Coſta, riguroſos
Miniſtros do esforço Luſitano,
Que conuertem em gloria o imigo dano.

Eis ja eſtas armadas recolhidas
Com tam ſupremo nome vencedoras,
Ves como as gentes dellas repartidas
Em Goa eſtaõ, do imigo ja ſenhoras:
E olha as naos de Ormuz que perſuadidas
Do Mouro, querem ſer perturbadoras
Da Luſa defenſaõ, e como nellas
Os Luſos tiraõ ali remedio dellas.

E como dom Diogo ja alojado
Na ilha de Ioaõ Lopez, ſe aparelha
Dos que no mar o ſeguem acompanhado,
E como ali co elles ſe aconſelha:
Eis de tres mil cavalos ja afrontado,
Ves como fica a terra atras vermelha
Do ſangue que dos mortos tinge as flores?
Oo quantos mataõ os poucos vencedores!

E nota como ja de paixaõ cheo
O Hydalcaõ, os eſcoadrões ordena,
E como paſſam livres de receo,
Aa Lizira tres mil flor Agarena:
E como tolhe o vmido paſſeo
Ioaõ Rodriguez Gamboa, e que pequena
Ajuda, lhe dà tanto atreuimento,
Ve como os fauorece o mar, e o vento.

Eis Solimaõ Agar (Turco famoſo
Da guarda do Hydalcaõ) na ylha entrado,
Velo ja ſem ſocorro duuidoſo,
Cos tres mil que leuaua amedrontado:
Eis manda o Viſorey induſtrioſo
Que cada hum eſteja aparelhado,
Para a batalha, e a todos encomenda
Que cada hum ſómente o ſeu defenda.

Ves por todas as partes procurarem
Paſſar o rio os brauos elefantes,
E tranqueiras de mortos ſe arraſarem
Cheas já de vandeiras tremolantes:
E da porfia vam temor tirarem
Os que querem ſeguir os militantes
Agarenos, que eſtaõ da Luſa banda,
Contra quem dom Luys já yrado manda.

O gram Luys de Melo, e dom Fernando
Monroy, ſam os que ves na dianteira,
Dom trezentos ſoldados vaõ marchando
Tres mil ſam os de Agar gente guerreyra:
Ves como o Hydalcaõ anda bradando,
E em que perigo eſtá cada tranqueira,
E como o Viſorey a deſafia,
E com que confiança o deſconfia.

Nota

Nota á esquiua, orrida peleja,
Que antre Agar, e o Melo ja se traua,
Co poder, o valor do outro coteja,
E aduirte dambos a porfia braua:
Olha como a Lezira se despeja
E dos que vem da desterrada escraua;
Ia como vaõ os Lusos de vencida,
E quantas portas abrem a cada vida.

Oo que cruel destroço, ò que victoria;
Ves como a noite aparta aos vencedores,
E que tropheos de tamanha gloria,
De taõ rico valor ricos penhores:
Oo feito dino sempre de memoria,
Ves como se esmeraõ os pintores,
Em mostrar nesta guerra por efeitos
O supremo valor dos Lusos peitos?

Ves depois disto o Noricão queixoso
Do Hydalcaõ, como se já conjura
Co seu grande Perlado fraudoloso,
Xabolacem, que mal goarda o que jura:
E como abala o Hydalcaõ furioso
Da treyçaõ auisado por ventura,
E mete a saco as tendas do temido
Noricaõ, em prisam depois metido.

Eis a armada do Reyno já chegada
Aa cerca da cidade vencedora,
De taõ ditoso fim, ditosa entrada
De nouo Visorey embayxadora:
Cinco meses estando assi cercada
Naõ catiua do imigo mas senhora
Como sempre sera: o Luso entanto
Fazendo em Chaul ao mundo espanto.

Mais hia por diante proſſeguindo
O Cunha, quando o Rey que em ſeu cuidado
Enuolto eſtaua, o murmurio ouuindo
Da voz que ſoa, ſe leuanta yrado:
E ſerem enemigos preſumindo,
Aos que prontos eſtaõ brada enojado,
Chara ſe comprara tanta ouſadia
Porque o temor enfine a corteſia.

Conheceo o Xarife, e quedo fica
Rindo ſe das palauras riguroſas:
E aſſi naõ ſer imigo certifica,
Com moſtras aprazieis e amoroſas:
O Cunha prazenteiro entaõ replica
Liſonjas ao Luſo gracioſas
Dizendo, naõ deſprezo eu tanto a vida,
Que ſeja a leal maõ deſcomedida.

Moſtraua as guerras que no rico eſcudo
Eſtaõ, a eſte Rey, que as deſejaua
Saber, tudo quer ver, mas naõ vio tudo,
Que agora as de Chaul lhe declaraua:
Fica Sebaſtiaõ ledo e ſeſudo,
E a reſpoſta entaõ diſſimulaua:
Moſtrando ao Mouro eſtar ſentido
De naõ ſer logo delle conhecido.

E com alegre modo caualgando,
Como fazem os dous que ſe apearaõ,
Aquelle valle vem atraueſſando
Recitando-ſe as couſas que paſſaraõ:
Onde o Xarife inda deſejando
Saber as guerras que lhe começaraõ
A declarar, pedio ao Rey que mande
Contar da pouca gente a gloria grande.

Con-

Contay Cunha (dezia o Luſo) a gloria
Dos voſſos, pois elRey a ouuir deſeja,
E ſéde breue na comprida eſtoria,
Se lhe peſada naõ quereis que ſeja:
O Cunha que bem tinha na memoria
As couſas da brauiſſima peleja
Começa de contar o nunca viſto
Valor dos que defendem a ley de Chriſto.

****

CANTO DECIMO QVARTO.

Proſſegue o Cunha, e conta o cerco de Chaul ao Xarife, vindo-ſe recolhendo com Sebaſtiaõ para as tendas.

QVanto pode o valor de hum firme peito,
Quanto de hum bom vaſſalo a lealdade,
Como ſeguro he, como he dereyto,
O caminho da onra, e da verdade?
Quem nunca vio taõ peregrino feito,
Eſpanto da moderna e antigua idade,
Como eſtes cercos, onde o Luſo forte
Onra na vida achou, vida na morte.

Iá deſejoſo o Mouro Rey eſtaua,
De ouuir o fim da guerra miſeranda,
Quando o Cunha a lingua deſataua
Obedecendo ao que lhe o Luſo manda:
As couſas eſpantoſas declaraua
Com fera voz, e as brandas com voz branda;
Naõ deixa nada deſte gram ſuceſſo,
Com dar a breue fim breue começo.

Di-

Dizendo, quando o cerco a trás contado
Com tanta afronta do Hydalcão duraua,
Nisa Maluco, outro conjurado,
Em combater Chaul naõ descansaua:
Naõ tinha caua naõ, nem leuantado
Muro esta cidade, que mostraua
Bem o exemplo que os antigos dauaõ,
Quando os soberbos muros derribauaõ.

Dum campo raso occupaua o meo,
Longe de Goa, legoas cincoenta,
Com sete mais, riquissimo passeo,
Terra prospera, fértil, e opulenta:
Na boca está do deleytoso seo
Dum rio, que a nobreza lhe acrecenta,
De quem tomou o nome: huma derribada
Força so tem, do tempo ja gastada.

Aqui pois tanto que Luys Freyre teue
(Capitaõ da cidade que guardaua)
Recado, que do Balagate escreue
Lopo Soares, donde o auisaua:
Logo manda recado em tempo breue
Ao Visorey, do cerco que esperaua,
Que dom Francisco Mascarenhas manda,
Por Capitaõ mayor daquella banda.

De grossos paos solicito ordenando
Mal composstos repayros e tranqueiras,
Naõ crendo o pouo inutil, blasfemando,
Que possaõ ser tais nouas verdadeyras:
Em pouco tempo lhe verificando
A duuida que tem, gentes guerreyras
Que polo Gate larga estrada fazem
A grossos tiros, que arrastando trazem.

Naõ

Naõ eſtando ſuſpenſo longo eſpaço,
Quando do Mazquarenhas leda entraua
Iá a ſoberba frota, polo eſcaſſo
Porto; com freſco vento que ſopraua:
O qual deſembarcado, o duro braço
No militar ſeruiço exercitaua,
Derribando edificios e altos teitos,
Para ſegura defenſam desfeitos.

Curuas fouces, machados derribando,
A fecunda palmeira rica pranta,
E a verde Manga vmida eſtilando
O interno licor pola garganta:
Tudo em fim ſe ruina, huns arraſtrando
Peſados troncos, e outro ali leuanta
Com maõ neruoſa o riguroſo canto,
Sendo temor ao Mouro, e á terra eſpanto.

Onde o remedio da canſada vida
Vendo cortado os naturaes auaros,
A eſcura pobreza oferecida
Antepoem, ſem juyzo, a perigos claros:
Achaõ barata a morte aborrecida,
Cortada a eſperança dos bens charos,
(Fruto de ſeu trabalho) e deſta ſorte
Por naõ perderem vida, buſcaõ morte

O que vendo o prudente e valeroſo
Capitaõ dom Franciſco, a todos chama,
E á voz leuanta como peſaroſo
Do pouo bruto que choroſo clama:
Dizendo aſſi: Oo caſo vergonhoſo,
Que deſſe antigo ſer mazcarra a fama,
Que cobiçoſo intento a bens vos prende
Que o enemigo já por ſeus deſpende?

Naõ

Naõ vedes, ô varoens sabios prudentes,
De negro sangue tintas as vandeiras
Do enemigo, claros e euidentes
Sinaes de guerra, e mostras verdadeiras:
Que filhos, que molheres, que parentes,
Nos trazem a defender vossas tranqueiras,
Naõ seja essa cobiça, e confiança,
Do enemigo intento segurança.

Já naõ quisestes que o temor firmasse
O passo ao aduersario, dando nelle
Vosso furor, e assi senaõ julgasse
Que já naõ sois por vos, mas sois por elle:
Quereis que so com vosco dispensasse
O belico rigor, no estilo delle
Estando a defensam fraca, ou segura,
Que em vaõ depois se chora e se procura.

Pois vos desengano que entendendo
Em vos frieza, a terra desempare,
Outras mais importantes socorrendo,
E buscareis depois quem vos repare:
Isto o prudente Capitaõ dizendo,
Naõ ha nenhum que ombros naõ prepare
Ao belico trabalho, derribando
Amadas casas, ruas atrancando.

Tempo em que hum brauo Mouro entraua
Là por Chaul de cima, e ousadamente
A fertil terra sem temor pisaua,
Da que lhe foy tam temerosa gente:
Onde tudo o que ali fora ficaua
Das tranqueiras, dá ordem o prouidente
Capitaõ, como possa seguralo,
Porque o naõ tome o Mouro sem compralo.

A dom

A dom Gonçalo de Meneſes dando
Humas nam fortes caſas, que goardaſſe,
Dom Nuno Aluarez Pereira outras tomando
Na praya, porque o imigo as naõ tomaſſe:
Nuno Velho Pereira procurando
Noutras já defenſam que o repayraſſe,
As outras dando deſta meſma ſorte
A como coube a cada hum em ſorte.

Os Capitaens que a cerca rodeauaõ
Polas eſtancias della repartidos,
Eraõ de alto valor, e bem moſtrauaõ
Mais ſerem vencedores que vençidos:
Pola banda da vaza junto eſtauaõ
Dum forte tres ferozes e atreuidos,
Dom Rodrigo de Souſa era hum chamado,
Ruy Pirez outro, Tauora eſforçado.

Dom Franciſco de Almeida os acompanha,
Seſenta naturaes auante eſpreitaõ
A furia imiga nunca ja tamanha,
Outros muitos o paſſo ao Mouro eſtreitaõ:
Gomez Freire, que perigos nunca eſtranha,
Iorge da Sylva, e coatro mais que engeitaõ
Todo lugar ſeguro (marauilha
Do Mouro) hum he Chriſtouaõ Bobadilha.

Dom Duarte de Lima, Ioaõ Cayado,
Com Ianalures Soares, çarra a conta,
Em ordem eſtaõ no modo nomeado,
Prontos à defenſam da guerra pronta:
No outro paſſo de Almadias chamado
Eterno nome da enemiga afronta
Tira, com Fernaõ Telez valeroſo,
Anrique Betancor duro, animoſo.

E o remate ali daquella banda
Que mor perigo e onra prometia,
Guarda Fernaõ Pereira de Miranda
Que a terra alegra, e o Mouro desconfia:
Pero Ferreyra ja furioso anda,
Que a boca ali da rua defendia,
Huma estancia noua aqui se mete
Que a dom Anrique o Capitaõ promete.

Noutra estancia vezinha a espada cinge
Mem Dornellas tambem de Vasconcelos,
E desangue enemigo outra se tinge,
Onde tres era maravilha velos,
Da ousadia que o aduersario finge
Leuando sempre espanto nos cabelos,
Saõ Aluaro de Abreu, Diogo Soares,
E Ruy Pereira, apar dos doze Pares.

Outros tres lá da rua (alegre estrada
De sam Francisco) guardaõ a tranqueira,
De quem os guarda ali tambem guardada,
Companhia segura, e verdadeira:
Hum Rodrigo Omem he de esquiua espada,
Outro por nome tem Gomes Ferreyra,
Outro Agostinho Nunez, nouo espelho
Nam so de seu valor, mas de conselho.

Guarda outra boca ali Luys Trancoso,
Esteuam Gomez outra logo auante,
Outra Pero Fernandez valeroso,
Manoel Pereyra hum quintal diante:
E no de sam Domingos co orgulhoso
Manoel de Melo, outro militante
Está naõ menos duro e esforçado
Que todos, que he Mendoça e Ioaõ chamado.

Outra

Outra tranqueira tem dom Ioaõ de Souſa,
Que com Pero de Sylua eſta ſegura,)
Goarda que o Capitaõ (que naõ repouſa,
Muda, conforme ao que o Mouro procura:
Pois tendo dada ordem a cada couſa,
Seguindo ſempre ali da ja madura
Idade de Lionel de Souſa o auiſo
Co ce açaõ peleja, ora co ſiſo.

Iá huma nau mandada tinha a Goa,
Principio ali de proſpera victoria,
Onde o Albergaria, e Gamboa,
E o Betancor, ganharaõ eterna gloria
A yra ao ſofrimento naó perdoa
Que imigo á viſta, e onra na memoria,
Naõ ſofrem Portugueſes, que enojados
Iá daõ no campo aduerſario ouſados.

Andando neſte tempo em Baçaim
Com cinco mil caualos, dous famoſos
Mouros, ſeguindo o perfido Balim
Brauos em viſta, em obras riguroſos:
E ja ſem freo a furia do Abexim
Pontas crueis enxugaõ olhos choroſos,
Banhando-ſe nos peitos que traſpaſſam,
A ferro, a fogo, a ſangue tudo paſſam.

Socorro eſtoruaõ a Chaul cercado,
Onde o gram Fartecaõ chegado tinha,
Com oito mil caualos, brauo e ouſado
Mas elle ſabe ſo ſe ouſado vinha,
Iá eſte Abixim tinha prouado
Quam terribel he fora da bainha
A Luſa eſpada, lá de Diu quando
Com elRey de Cambaya vem chorando.

E

E tendo aſtutamente preparada,
E repartida já a braua guerra,
Abala logo (temeroſa entrada)
Confiança dos ſeus, temor da terra:
Ouue o rumor a gente deſcuidada,
Onde hum eſpada, outro lança aferra,
Batalha o Mazcarenhas lhe apreſenta
Que lhe ſuſpende o que a eſperança intenta.

Moue Agoſtinho Nunez, tremolando
A ſoberba vandeira, a paſſo ouſado,
O enemigo já deſafiando,
Que eſtá de eſpanto ali, quedo e paſmado:
Temor, vergonha nelle porfiando
O faz eſtar ſuſpenſo, e enleado,
Efeito dando ao que lhe o medo tolhe,
Depois que ve que o Luſo ſe recolhe.

Aſas lhe da terribel ouſadia
Voltando o roſto o Luſitano forte,
Lá dos Palmares brauos á porfia
Vindo buſcar victoria achando morte:
Com tudo em dom Anrique que mouia
O lento paſſo a glorioſa ſorte,
Daõ com tanto furor, com tanta yra,
Que tarda-ſe em valer-ſe antes reſpira:

Acode logo o Mazcarenhas brauo,
E rompe os Mouros com danoſa afronta,
Sobreleua a vingança o curto agrauo,
Tal zombaria naõ ſe leua em conta:
Eroja-ſe o Abeximi, maldito eſcrauo
De Lucifer, mas pouco, ou nada monta
De ſeus aſſaltos a preſteza e arte,
Que ſempre de nos leua a peor parte.

Com

Com tudo aſſeſtando a artelheria
Lá onde o rio paga ao pay tributo,
O ſocorro tolher-nos pretendia,
Crendo aſſi ter vitoria a pé enxuto:
Em ſam Franciſco lá tambem crecia
O entulho que faz o brauo e aſtuto
Illuſtre ajuntamento Luſitano,
Em quanto o Rey naõ chega ſoberano.

Decendo vinha do fragoſo Gate
Iá o Niſa Maluco, acompanhado
Com cem mil ſó de pè para o combate
E trinta mil de ſela e peito armado:
De Bengala, Cambaya, Balagate,
Perſeos Abexins pouo esforçado,
Doze mil Conquanijs vem juntamente,
Coraçoens Mogores, braua gente.

Artelharia, muniçoens, carretas,
Elefantes armados de caſtelos,
Groſſos moſquetes voadoras ſetas,
A quem nam arriçariam os cabelos?
Sobrancelhas erguidas, bocas pretas,
Trementes barbas, roſtos amarelos,
Moſtram alguns, porque o furor de Marte
Polas calidas veas ſe reparte.

Aloja-ſe eſte Rey de gente parda
Junto ao velho Chaul num monte erguido
Defronte á viſta, tiro de Bombarda,
Por ſer na guerra aſſi melhor ſeruido:
E tendo tempo, tempo naõ aguarda,
Que lhe negue depois o prometido,
Dum muro alto cerca a Luſa gente
Pola fechar ali ſeguramente.

Cega

Cega de Saõ Francisco a artelharia,
Medrosos naõ, mas já desesperados
Ficaõ os defensores, e a porfia
Saõ dos que fora ficam alí enuejados:
Onde a hum somente concedia
O Mazcarenhas, que com seus soldados
Passe, ajudar aquelles Portugueses,
O qual he dom Anrique de Meneses.

Mas neste tempo mortes, e ruina,
Promete hum canhaõ que já suspira
No forte de sancta Caterina,
Que inuisiuel pelouro ardente atira:
E quando a maõ suspensa pronto enclina
Barrucaldaõ (que cafi naõ respira
Iugando ao xadrez co Rey potente)
O espadaça o pelouro ardente.

O que Nisa Maluco vendo, yrado
A arma, arma toca em continente,
E aquelle omicido, e mal cercado
Forte, manda bater furiosamente:
Fica o pouo Christaõ amedrontado
De toda idade inutil, e inocente,
Vendo de braça e measo de roda
Chea a cidade de pelouros toda.

Trabucos, colebrinas disparando,
Teitos ruynaõ, corpos espedaçaõ,
Chorando anda o pouo miserando
Medos que afligem, damnos que ameaçaõ:
Onde co inutil vulgo despojando
Magoas que doem, lembranças que embraçaõ
O Capitaõ a esta gente enuia
A outras terras, por secreta via.

Cada

Cada dia chegando caualeiros
De braua deſtra, nunca já vencida
Que nas aras da onra auentureiros
Vem a ſacrificar a cara vida:
Eſtes em todo o perigo companheiros
Saõ da gente que eſtá já repartida,
Saõ das mores afrontas o reparo,
E clara fama em fim do Tejo claro.

Sendo de Baſtiam chegado o dia,
Depois que eſtende a noite o manto eſcuro,
Quando la Ruy Gonçaluez (que vigia
Em Saõ Franciſco) naó eſtá ſeguro:
Ouue rumor que a lingua ſuſpendia,
Da oraçaõ (louuor do aſſalto duro
Que o dia de antes deraõ ao enemigo)
Os companheiros que ali tem conſigo.

E aduertindo o belico combate,
Que ocultamente o Mouro ali ordenaua
A Alexandre de Souſa da rebate,
Por quem o forte entaõ ſe gouernaua:
Iá com groſſos Arietes ſe bate
O ſanto templo que lhes titubaua,
Iá hum gram Canará entrar procura
Aa força de picam, e de ſegura.

A capela que eſtá terraplenada,
Furar pretende o enemigo forte,
Soberba turba preſtes a entrada
No meſmo efeito eſtá da meſma ſorte:
De dom Anrique a temida eſpada,
Abre caminho a ſangue, e eſtrada á morte
Huns encontra, derriba, outros ofende,
E aſſi eſte lugar, brauo defende.

Por

Por outra parte já se dependuram
De grossos braços Mouros corpulentos,
Em seguras escadas que seguram
Das esperanças vans os vaãos intentos:
Outros romper do templo ali procuram
Com encontros terribeis e violentos
As portas, com telhados dos escudos
Que sustentaõ no ar braços membrudos.

Onde já Ruy Gonçaluez enojado
A terza espada furioso esgrime,
E o pouo atreuido e acelerado,
A ferro, a fogo, derribando oprime:
Hum cae ca morto, outro la queimado,
Naõ ha força que exemple, onra que anime
O já medroso imigo, que esprimenta
Hum nouo ardil, com que a vitoria intenta

De afligido amigo voz piadosa
Soa no pronto ouuido do esforçado
Ruy Gonçaluez, que vibra a rigurosa
Espada, ouuindo a voz dum mao criado:
Mas porque claro entende a fraudulosa
Arte do Mouro, acode acautelado,
E fulgurantes rayos arremessa
Onde sente das armas mayor pressa.

Arde o templo sagrado, e o sanguinoso
Campo, torna-se em fogo a noite escura,
Está o Mazcarenhas receoso
Dalguma grande e triste desuentura:
A Nuno Velho manda, que animoso
Romper os enemigos, já procura,
Montando pouco esforço e valentia
Onde partido desigual porfia.

Mas

Mas hum soldado de soberbo aspeito
Que Hieronimo Curvo se chamaua,
Entra nos enemigos dando efeito
(A pesar delles) ao que desejaua:
Espada em punho, e rodela em peito
Leuando, ao edificio se chegaua,
E a Ruy Gonçalvez com soberba gloria
Ouue gritar em alta voz, victoria.

Dali se torna brauo e arreuido
Ao Mascarenhas, a quem ja segura
No duuidoso, e desigual partido,
Duma naõ vista prospera ventura:
Mostrando a menham roto e vencido
O Mouro, e cuberta a terra dura
De destroncados membros sanguinosos,
E de corpos innertos temerosos.

Fica Ruy Gonçaluez abrasado,
E vay-se de Chaul, mas torna logo,
Que do fogo da oura mais queimado,
Pouco recea o inimigo fogo:
Ficando taõ esquivo e enojado
O Mouro Rey do fruto de seu rogo,
E de seu mando ser seu desbarate,
Que com grossos canhões o templo bate.

Tituba o templo à furia sulferina,
Crece cada vez mais o terremoto,
Ia por mil partes tremulo ruina,
Por cima raso, e por bayxo roto:
Saluar a artelheria determina
O Mazcarenhas, belico Piloto,
E assi manda sair os militantes
Sempre fortes, crueis, sempre constantes.

Sa-

Saen-se os brauos varoens, na deſpidida
Da voluntaria entrega, inda tomando
Vingança tal, que fique taõ vendida,
Que da comprada os vá deſconfiando:
Temerario valor, maõ atreuida,
Os eſtá da victoria aſſegurando,
Já daõ nos enemigos deſcuydados,
Em pouco eſpaço ali desbaratados.

Ganhaõ ſoberbamente oito tranqueiras;
Piſam imigos membros palpitantes,
Tomaõ eſcudos, armas, e vandeiras,
Dos mais famoſos Mouros militantes:
As coſtas viraõ já as gentes guerreiras,
Aos ſanguinos ferros tremolantes
Recolhen-ſe os eroes victorioſos,
Cingidos de tropheos glorioſos.

Mas neſte tempo tres ouſados Mouros
Ao campo ſaem, ſedentos de vingança,
Naõ temendo o perigo dos pelouros,
Que a mais ſe eſtende ſua confiança:
E quaes de jugo iſentos brauos touros
Inchados de ſoberba ſegurança,
Deſafiam os dez mais fortes Luſos
Deſte caſo ſuſpenſos e confuſos.

De baſtido algodaõ (forte armadura)
Vinhaõ cubertos, feos e membrudos,
E curuos cofos (defenſam ſegura)
Todos tres embraçauam por eſcudos:
Tortas bainhas pendem da cintura
De terçados grauiſſimos e agudos,
Saen-lhe dous Luſitanos confiados,
A deſigual partido acoſtumados.

Hum era Gomez Freire, e vinha armado
A noſſo vſo, o outro militante
Faz de Luys do Vale o nome onrado,
E eſgrime hum terzo e luzido montante:
Naõ querem os tres partido auentajado:
Que a vergonhoſa gloria os aleuante,
Hum delles poſo campo ſe apartando
Os outros á batalha ſe ordenando.

Vanſe tentando logo manſamente
Os prontos enemigos, com cautelas,
Com ameaços váos, máo prouidente,
Eſpadas baxas, altas ás rodelas:
Da ſogo hum Mouro hum reues fendente,
Que faz de dia ver ao Freire eſtrelas:
E outro apos elle reſegunda,
Que lhe deſperta a yra furibunda.

Torna em ſi o Luſo, e perturbado
De ſobeja vergonha, huma ponta atira,
Que ſe naõ fora o Mouro acautelado
Por onde entrara a alma lhe ſayra:
O outro fere eſquiuo e arrebatado,
Luys que em vaõ a larga eſpada vira,
Eſtaõ melhor os Mouros do partido,
Iá anda o Freire em tres partes ferido.

Onde co a dor Luys do danno alheo,
Vingança quer tomar de tres feridas
Leuando o montante de rodeo
Á ſo dum golpe acabar duas vidas:
Mas dá primeiro o ferro agudo em cheo
Nas pernas dum, neruoſas, e compridas
Que qual madura meſſe alí cortadas
De curua fouce, eſtaõ no chaõ deitadas.

Remete

Remete logo ao outro, que recebe
Com furioso aspeito a morte certa,
Onde lhe ô Freire entaõ a espada embebe
Por onde vio a ilhagra descuberta:
Logo em terra o proprio sangue bebe
Que de cair co a boca nelle acerta,
Reuoltos ambos em orror de morte
No negro sangue, duma mesma sorte.

Desonra de huns, e doutros alta gloria
O que a hum he dita, a outro he desuentura;
Tropheos tiraõ os Lusos da victoria,
E os enemigos pranto, e fama escura:
Onde tendo o Rey Mouro na memoria
Da dura afronta a crueza dura,
Yrado a cidade entrar pretende
Mas Agostinho Nunez lho defende.

Manda hum Capitaõ, que do deixado
Templo, segura posse tomar ousa,
Donde por Ioaõ ferreira foy lançado
Donde se tanto illustra o nome Sousa:
Em fim que até lugar desemparado
Querelo defender he forte cousa
Mostrar querem que o dado por vontade
Podem a força ganhar de feridade.

Dom Nuno Aluarez Pereira, e dom Anrique
Outra vez os botaraõ das ruinas,
Aonde fazem que memoria fique
De seu furor nas rotas officinas:
E porque se o temor mais communique
Naquellas gentes perfidas malinas,
Tomando-lhes os escudos e vandeiras
Os leuam atè metelos nas tranqueiras

E co esta victoria desmandados
Alguns soldados, deram ousadia
A que os Mouros venham acelerados,
Sobrelles, todos juntos a porfia:
Ficaõ os fortes Lusos rodeados
De dardos, setas, pedras, picaria,
Defendem-se animosos, mas nam monta
Tanto furor, a tam sobeja afronta.

Ve Antonio de Teiue o certo perigo,
E Mem Dornellas, que furioso brada,
E ambos dam no corpo do enemigo
Escoadram, onde abrem larga estrada,
Traz dom Anrique logo ali consigo
Os seus, e jà ensopa a aguda espada,
Dom Francisco Dalmeida, e o Bobadilha
Tambem fazem ao Mouro marauilha.

E Ruy Pirez de Tauora furioso,
Aquella turba Barbara amedronta,
Fernaõ Pirez brauo e temeroso,
Grande vingança faz por leue afronta:
Entra matando, esquiuo e riguroso,
Sem ter desconto, infieis sem conta,
A punho, a braços vem, mas tudo abate
O alto e glorioso desbarate.

Lançaõ do campo rotos e vencidos
Os enemigos, morrem coatro centos
E outros muitos ficam mal feridos,
Iusto pago de vaõs cometimentos:
Sete dos nossos foraõ ali perdidos,
Sete, que montaõ mais de nouecentos,
Enche-se o Rey de espanto e de fereza,
Vingança jura, e barbara crueza.

Entrando polo templo derribado
Dahi a poucos dias braua gente,
E vendo aquilo ali deſemparado
Paſſar naõ deixaõ a ocaſiaõ preſente:
Foy o gram Fartecaõ diſto auiſado,
E vem executando a furia ardente,
Entrando a cidade eſquiuo e forte
Fogo numa maõ leua, noutra a morte.

Mata derriba, fere abraſa tudo,
Hum braço eſgrime, outro fogo acende,
Victorioſo vay, fero e membrudo,
Ruyna teitos, corpos, e armas fende:
Nenhuma couſa eſpera o ferro agudo,
Iá chega a ſam Domingos, jà pretende
Entrar o ſanto templo o bruto inorme,
Oo que vergonha do valor que dorme.

Dá o rumor das armas nos ouuidos
Daquelles a quem ſeu braço aſſegura,
Do profundo repouſo ſuſpendidos
Que comumente infunde a noite eſcura:
Saem donde eſtaõ por onde repartidos
(Que ordem naõ guarda quem vingarſe jura)
E eſgrimindo ferro, mortes, fogo,
Rompem o imigo, victorioſos logo.

Nuno Velho Pereira vem armado,
E cada hum das caſas que goardaua,
Alexandre de Souſa eſquiuo e ouſado,
Rodrigo Omen que o Mouro enuergonhaua;
E Franciſco de Souſa Aluoroçado,
Com Ioaõ de Mendoça o imigo entraua,
Acode dom Gonçalo de Meneſes,
E dom Nuno Alures brauos Portugueſes.

Mal

Mal pode o Fartecaõ ſoberbo e forte,
Suſter o peſo do furor potente,
Mas ſedento de ſangue, a dura morte
Buſca por antre o ferro, e fogo ardente:
Sentir nos membros faz o agudo corte
Da Cimitarra curua, e reluzente,
Com tudo antre os ſeus vae de vencida,
A ſua vida pondo a cada vida.

Quinhentos morrem, Mouros afamados.
Poucos dos noſſos ficam mal feridos,
Noutra victoria já enuergonhados,
Noutra batalha ſam logo vencidos:
Entram no rio Paráos ouſados,
Das vigias dos noſſos eſcondidos,
E poem as proas na ſuſpenſa armada,
De tal atreuimento deſcuydada.

A qual ſe pondo em ordem de batalha,
Cortando as proas a corrente manſa,
Moſtra (virando as coſtas) a canalha,
Remar que ſalua, e temor que canſa:
Por huma e outra parte ſe esbaralha,
Que de ſe por em ſaluo nam deſcanſa,
Saõ do Niſa Maluco deſenganos,
Preſentes moſtras de futuros dannos.

Deſenganado eſtá, mas enojado
De tam terribel gente, determina
Ficar por terra tudo derribado
Aa força de tormenta e de ruina:
Com trinta e duas peças tem mandado
Qve ſe bata a cidade peregrina,
Já ſoa o terramoto, e o mar treme,
Titubam edificios, tudo geme.

Deſ-

Desconfia o valor em tanto aperto,
Mas muyto monta hum Capitaõ prudente
Já Agostinho Nunez, sabio e esperto
Nouo repairo inuenta em continente:
Seguem os mais este remedio certo,
Que nos fortes o medo he prouidente,
Em tanto sam Domingos se arrombaua
E a misericordia se arrasaua.

Do que o Mazcarenhas já afrontado
Alexandre de Sousa yrado manda,
E Agostinho Nunez, custumado
A perigos da belica demanda:
Dà hum e outro, brauo e acelerado
No enemigo ali daquella banda,
Matañ, derribá, ferem, e os Mouros domañ
Ricos despojos trazem que ali tomañ.

He Ianalures Soares o primeiro
A quem o imigo o campo entañ despeja,
Entra apos elle outro companheiro
Que faz a todos com espanto enueja:
Dezasseis annos tem o auentureiro,
Que por de trinta e cinco ali peleja,
Diogo he de Almeida, onde o Rey brauo
No Melo quer vingar tamanho agrauo.

Bate as casas da praya, e encomendadas
As de Manoel Pereira a Eytor Sampayo
Foram, para seu mal tam mal guardadadas
De alhea victoria o primeiro ensayo:
Ocultas minas tem já começadas
Prenhes de sulferino e ardente rayo,
Mas se no danno alheo se desuela
Das cautelas do Rey naõ se acautela.

Ata-

Atados membros tem, ſono profundo;
As vigias das triſtes caſas, quando
Entra calado o pouo furibundo
Senhor do forte, ſeu furor moſtrando:
Ferue o temor que atemoriza o mundo
Nos Portugueſes, outra vez prouando
Botar o imigo fora, mas que monta
Que ſempre tiram da porfia afronta?
Porfia alto valor, e aſſi refrea
A contrayra victoria, e em parte oprime
O Mouro vencedor, que já recea
Que ſeu deſcuydo o contrario anime:
Niſto fogo terribel ſe atea
(Quando já com victoria o Luſo eſgrime)
Polos cayxoens da terra ſulferina
Que o Sampayo prepara para a mina.
Saem as liuguas de fogo crepitantes
Com repentino eſtrondo, ali abraſando
Corenta Luſos brauos militantes,
Que eſtaõ mais de tres mil enuergonhando:
Crecem os alaridos ſibilantes
Dos Mouros, tudo vaõ ſenhoreando,
Sobe Ximixicam, furor de Marte,
Cinco vandeiras põem num baluarte.
Mas já Fernaõ Pereira de Miranda
Ouuindo as triſtes nouas, enojado
Matando vinha por aquella banda,
Buſcando aquelle Mouro eſquiuo e ouſado
Seguindo vem tambem eſta demanda,
Anrique Betancor moço eſforçado,
Iá a Ximixicam a barba treme,
E qual Hyrcano Vſſo eſcuma e freme.

Co

Co Pereira ſe encontra o fero drago,
Que de manhoſas artes ſe aproueita,
Fazendo-lhe a ſeu pees de ſangue hum lago
E á larga entrada a ſaida eſtreita:
Ve ja de ſua gente bruto eſtrago,
Onde de ſe ſaluar caminho eſpreita,
Che Antonio de Teiue com ſua gente,
Que acode ao rumor da guerra ardente.

Chega o Capitaõ mór, e juntos dando
No já rendido Mouro, o desbaratam,
As vandeiras do forte derribando,
Abraſam, ferem, ſem piedade matam:
Fogindo vae o pouo miſerando,
Que as maõs e naõ os pés ao temor ataõ,
Mas outro Mouro, brauo caualeiro
Anda já outro tygre carniceiro,

Lá da miſericórdia a larga praça
Occupa o Mouro, tendo já ganhadas
Algumas caſas, dando aſtuta traça
Aas tranqueiras que ali tem fabricadas:
Dali as gentes Luſas ameaça,
Que já de ſeu deſcuido enuergonhadas
Seguindo a Ruy Gomçaluez, dam no imigo
Que ja nam acha na eſperança abrigo.

Alexandre de Souſa a eſpada eſgrime
Aqui, e o forte e brauo dom Gonçalo
De Meneſes, que eſpanto ao Mouro imprime
E faz na gente temeroſo abalo:
Tres brauos ſam, onde por mais que anime
Seus vaſſalos o Abexim vaſſalo,
Mal pode reſiſtir a furor tanto,
Que lhe naõ ſeja a confiança pranto.

Reſiſte quanto póde, mas que monta
Que os pés dos ſeus dam aſas á victoria
Dos Portugueſes, que a paſſada afronta
Conuertem brauos em dobrada gloria:
Qual vida a duro fio, ou aguda ponta
De eſpada, paſſa logo da memoria,
Qual em corpo queimado he morte viua,
Qual á merce do imigo ſe catiua.

Ve o Niſa Maluco cada dia
Crecer ſua deſonra, e noſſa fama,
Onde eſperando o fim de quem porfia
A conſelho géral a todos chama:
E quando cada hum pronto pendia
Do que apertando a boca o roſto inflama,
Vem que antre enojado e deſcontente
Dezia: Oo que vergonha do Oriente.

Como a poder ramanho mil ſomente
Reſiſtem tanto? como a tanto forte
Varaõ infama a peregrina gente,
Com tanto danno já, com tanta morte?
Que me val conuocar todo Oriente?
Que aproueitaõ ſinaes de feliz ſorte?
Se ſos dous Capitães mal acordados
Antre ſi, nos tem já desbaratados?

Como ſe póde crer que poſſa tanto
Num campo raſo gente deſcercada,
A tanta ferrea bala, a tanto canto,
Cada vez mais inteira e eſforçada?
Naõ vos faça varoens temor e eſpanto
Ver na fraca cidade já arraſada
Tanto furor, pois ſua fortaleza
Naõ creo que he ſenaõ voſſa fraqueza.

Abri

Abri abri o peito á confiança,
E triumphay da mais ſuperna gloria
Que nunca ſuſpirou longa eſperança,
Que nunca eſcreueo antigua eſtoria:
Buſcay á patria voſſa ſegurança,
Tendo o peſado jugo na memoria
Que tendes na ceruiz, ô gente forte
Que melhor vida ahy que onrada morte?

Iſto dizendo, logo em furia ardendo
As armas tomaõ os brauos militantes,
Por huma e outra parte diſcurrendo
Tambores roucos, trombas ſibilantes:
Onde todos num corpo remetendo
Soprando vem os feros Elefantes,
Bate-ſe em roda a cercada gente,
Entraõ os Mouros já ouſadamente.

Neſta braua porfia eſperto e aſtuto
O Mazcarenhas tudo prouendo anda,
A refrear o intento reſoluto,
Que o fim quer dar á belica demanda:
Caindo já queimado o pouo bruto
Das tranqueiras por huma e outra banda,
Lá na praya o Pereira, e o forte Melo.
Fazendo roxa a terra, e o Rey amarelo.

Rumor confuſo donde a fama voa,
E victoria nas bocas ja publica,
Vem ver o Rey o bem que ſe apregoa:
Que logo em mal ſe ali lhe verifica:
Turbado e triſte de terror ſe coa,
Quando do ſangue que ſe ſacrifica
A Maſoma, correndo negros rios
Ve nelle, enuoltos tantos corpos frios.

Suas

Suas bandeiras rotas derribadas
Ve com cruel eſtrago miſerando
Anima as gentes jà deſeſperadas,
Noua ventura outra vez prouando:
Remetem como jà deſeſperadas
Com maõs cortadas, bocas aferrando,
Outras vandeiras pondo nouamente,
Mas tudo abate a Portugueſa gente.

Acodindo ao rumor da braua guerra
Lionel de Souſa, brauo caualeiro,
Que do mar cuyda ſer tomada a terra,
Onde ſeguia hum Malabar ligeiro:
Do rio com temor ſe deſaferra,
O coſſayro, emparo verdadeiro
Que determina nam negar a vida,
Que lhe concede entam liure ſahida.

Ve o Rey Mouro a perda, e determina
Co longo tempo (que conſume tudo)
Ir acabando a gente peregrina,
Que nam pode acabar o ferro agudo:
E alli nam ha maneira de ruina
Que nam intente o Abexim ſeſudo,
Mao pouco aproueita força e arte,
Que Deos peleja pola noſſa parte.

Saõ cento e tantos mil os conjurados,
E no mais Portugueſes que oytocentos,
Sem muros pela terra e mar cercados,
Batidos ſempre de canhoens violentos:
Do ceo chouendo agudos e quadrados
Penedos, que trabucos turbulentos
Aſſopram: Deos ſocorro aos ſeus naõ nega
Que de Goa, Damaõ, e Diu lhe chega.

Eſtes

Eſtes contam os modos das ſecretas
Conjuraçoens que o Mouro ſolicita
Cos brauos Coles, e crueis Sarcetas,
Liga que ſeu intento a facilita:
E como manhas prontas e diſcretas
De Aluaro Pirez (que lhes jura eſcrita
Ajuda contra imigos) deſordenaõ
O que os da liga em ſegredo ordenaõ.

Iá neſte tempo Ruy Gonçaluez tinha
De ſam Domingos arraſada a eſtancia,
A qual repayra como entam conuinha,
Que memoria parece de Numancia:
Duas peças prantando nella aſinha
Mas renouada a ſoberba eſtancia
Do enemigo, foy eſcuſa a traça,
Que tudo o Caçapo lhe eſpedaça.

Das caſas lá de Xiralobo batem,
E das de Eitor Sampayo, aquella parte;
Iá outra vez em roda nos combatem,
Iá ſe renoua o furor de Marte:
Os Portugueſes ja por terra abatem
Todo o firme pendaõ, todo eſtandarte
Que prantaõ os imigos nas tranqueiras,
Iá perdem apos das vidas as vandeiras,

Dom Nuno Alurez Pereira, e o forte Melo
Sendo terribelmente combatidos,
Paſſando ſempre a fio de cutelo
Os Mouros mais famoſos e atreuidos:
He ſitio que he forçado defendelo,
Pois naõ ſeraõ ſem elle ſocorridos,
Braua peleja ſempre aqui ſe traua,
Onde onra anima, e furor agraua.

Mas ja de Luys Freire se acabaua
O gouerno da terra que regia,
Quando dom Iorge o Baroche entraua
Na ſucceſſaõ que dantes naõ queria:
Que como vio a onra que ganhaua
No perigo que o cargo prometia,
Diz ao Viſorey que ao que ſe punha
Era de ſua cobiça teſtimunha.

Onde poſto em caminho a Chaul chega,
Quando as caſas da praya combatidas,
Sobeja confiança entaõ as entrega,
Com tanta onra, e perigo defendidas:
Da repentina entrada fica cega
A gente, que põe termo a tantas vidas,
Nas logeas ficam muitos esforçados,
Que ja mais podem ſer do imigo entrados.

Eſtes depois que vem quedo e ſeguro
O imigo na força ja ganhada,
A força ali de ſangue e ferro duro,
Saindo fazem liure e largam eſtrada:
Muitos foraõ daqui ao Reyno eſcuro,
Muytos dos noſſos entraõ na eſperada
Gloria, e muytos ficaõ mal feridos
Com ſoberana onra recolhidos.

Queria ali dom Iorge (vendo o aperto
Da cercada cidade) dar no imigo,
Mas dom Franciſco capitaõ eſperto
Ve duuidoſo o fim, e certo o perigo,
Vinhan-ſe ja chegando os Mouros perto
Da triſte terra ſem nenhum abrigo,
Entra o inuerno ja que deſengana
O Mouro, e anima a gente Luſitana.

Mas

Mas ja do mes de Iunho eraõ paſſados
Bem vinte e quatro, quando determina
Niſa Maluco, ja nos atraſados
Fortes fazer a vltima ruina:
Saõ diſto os Portuguezes auiſados
Onde neceſſidade induſtria enſina,
Tranqueiras e repayros reformando
Outras nouas defenſas fabricando.

Fazendo o Capitam breue lembrança
Aa forte gente, ali nunca eſquecida
De ſua obrigaçam, co a confiança
Que a tam firme conſtancia era diuida:
Dizendo a grande gloria da eſperança
Que tendes antre as mãos offerecida
(Illuſtres caualeiros) me ſegura
Duma nunca tam proſpera ventura.

Vedes que voſſo eſforço he voſſo eſcudo;
E que o remedio eſtá no braço forte,
Que vida nunca temeo o ferro agudo,
Que naõ foſſe depois dobrada morte?
Oo varões ſem temor, bem vedes tudo,
E como intenta a derradeira ſorte
Eſte enemigo ja deſconfiado,
A morrer ou vencer determinado.

Fazey hum nouo exemplo a todo mundo
De conſtancia, valor, e fortaleza,
Moſtray com voſſo braço furibundo
Do Luſitano peito a alta grandeza:
Iſto dizendo, irado e rubicundo,
Vendo cheos de orgulho e de braueza
Os Portuguezes, ſae que pouco eſtima
O Mouro que ao combate, os ſeus anima.

Ia

Ia para ſam Franciſco o Rey caminha;
Sendo de Pedro e Paulo o ſancto dia
Chegado, e o ſol meo termo tinha
Paſſado e duas oras ja pendia:
Quando todo o arrayal marchando vinha,
Que bem tomar o mundo parecia,
Naõ ſo huma cidade derribada,
De corpos nam de muros rodeada.

O brauo Aſalaſcaõ vem pola parte
De ſam Franciſco, onde o Rey eſtaua,
Terço que o Capitam ſabio reparte,
Conforme ao dano que dali eſperaua:
Saõ coatro brauos que eſcurecem Marte
Os que aqui põe hum delles ſe chamaua
Ioaõ da Sylua Barreto, e os de outro nome
Saõ Diogo Soares, Rodrigo Ome.

Outro de alto valor a conta enchia,
Que Lourenço de Brito era chamado,
Mais de oito mil Aſalaſcam trazia,
A fora os Liſcarins guarda do eſtado:
Aqui mais ſangue a guerra prometia,
Lugar dos mais feroces procurado,
Aqui onde o Rey julga o fraco, e o forte,
Deue deſtar mais certa a onra, e a morte.

E o Sulatecaõ brauo rodea
La na miſericordia derribada,
A dom Sebaſtiaõ, que mas recea
Deſaſtres de onra, que furor de eſpada:
E onde Ruy Gonçalvez remedea
A capela, e eſtancia ja arraſada,
O caualeiro triſte aſſi chamado
Eſtà de armas de negro todo armado.

Mais

Mais de seis mil o seguem gente bráua,
E o cruel Fartecaõ a praya pisa,
Onde com tres esquiua guerra traua,
Soberba traz, e Barbara diuisa:
Aqui dom Ioaõ de Sousa o Mouro agraua,
E dom Nuno Aluarez de seu braço o auisa,
Aqui co elles Manoel de Melo
O faz vermelho á vezes e amarelo.

Com vinte de socorro anda sómente
O Mazcarenhas tudo vigiando,
Está em ala a enemiga gente,
O final da batalha já esperando:
Todos arremetendo juntamente,
Vindo diante feros trombejando
Armados Elefantes de castelos,
E de vandeiras, que era espanto velos.

Vem cheas estas torres de madeira,
Que sobre ombros neruosos se edificaõ,
De brauos Mouros, gente arcabuzeira,
Onde mais altos que as estancias ficaõ:
Naõ pasmaõ os Lusos vendo verdadeira
Sua destruyçaõ, mas verificaõ
Seu estranho valor, já disparando
Ferreas canas, os brutos espantando.

Dá hum pelouro e outro em cada bruto,
Que cada guia espedaça yrado,
Naõ fica o campo de seu sangue enxuto,
Iá foge cada hum amedrontado:
Onde o Fartecaõ vem resoluto
A dura morte já determinado,
E a tres comete que nenhum o teme,
Onde qual ronco tormentoso geme.

Aqui o Souſa, o Pereira e o Melo;
Com tanto esforço como acordo, abatem
Aa força de rigor e de cutelo,
Os que lha eſtancia ſem temor combatem:
Anima o Mouro o pouo já amarelo
De eſpanto, mas os tres nam ſo rebatem
A furia popular, mas a ſoberba
Do Farteçaõ, com maó cruel e acèrba.

Iá Ruy Gonçaluez neſte tempo eſtaua
Afrontado de eſquiua e braua gente,
A maõ cortando, que Ceſtaõ ferraua
Que nelle fica preſa eſtreitamente:
A huns derriba, a outros abraſaua
Cuma lança que traz de fogo ardente,
Mas hùma bomba que lhe dà o queima,
E nem por iſſo deixa a onrada teyma.

O caualeiro triſte, aqui pretende
Vingar ſua payxaõ na vida alhea,
Mas dura empreſa o Canará emprende,
Que nunca hum mal a outro remedea:
Pois em ſam Franciſco onde contende
O feo Aſalalcaõ, de entranhas chea
E de mortos, tem feita outra tranqueira
A Luſitana eſpada carniceira.

Aqui o Brito, o Sylua, o Albergaria,
E Rodrigo Ome, fazem tanto danno
No imigo, que lhe he pranto a porfia,
E a firme confiança deſengano:
Acha o Mouro peſada a zombaria
Do riguroſo ferro Luſitano:
Iá os mais esforçados enfraquecem,
E bem conhecem ali que o naõ conhecem.

Mas

Mas na misericordia o temeroso
Sulatecam, cumprir quer a promessa
Que faz ao Rey, e alli mais porfioso
Aa morte de sua gente dá mòr pressa:
Comete, fere, anima riguroso,
Hum fende de alto a baixo, outro atraessa
Na curua Cimitarra, e rebatido
Torna de nouo fero e atreuido.

A morte busca, mas o braço forte
Defende o corpo orrido e membrudo
A quem despreza a vida foge a morte
A quem só vida quer falece tudo:
Pois dom Sebastiaõ da mesma sorte
Embebe aqui, e ali o ferro agudo,
Do forte Mem de Ornelas ajudado,
E de Agustinho Nunez esforçado.

Onde Antonio de Teiue acode e anima
O filho (que he sua vida) á morte onrada
Porque amor de tal pay mais preza e estima
Sabrosa fama, que couarde espada:
Mas o Sulatecam trepa por cima
Da turba sanguinosa destroçada,
E a setima vez brauo arremete
Onde segura entrada aos seus promete.

O que vendo o Capitam prudente
Iá da yra rasgado o sufrimento,
Entra rompendo á enemiga gente
Dando o pago de tanto atreuimento:
Naõ pode já sofrer a furia ardente
Aquelle fero Mouro corpulento,
Que mal ferido triste se retira,
E á prospera victoria as costas vira.

Seguem os Luſos logo o disbarate
Que lhes deu com ſeu fim o ſancto dia
No fim de noue meſes de combate,
Onde tanto ſe canſa e ſe porfia:
Doze mil perde o Rey de Balagate,
E vergonhoſa paz depois pedia,
Mortos em terra, e os Luſos vencedores,
Daõ a quem os ſaluou juſtos louuores.

Ves aqui Rey o fim da braua guerra,
Que tanto marauilha a noſſa idade,
Que gente valeroſa a eſpada aferra,
Que iguale tal conſtancia e lealdade?
Em terra alhea, quem tam fraca terra
Nunca liurou de tanta aduerſidade?
Reſponde o Mouro: Certo qne me eſpanto
De como tanto tempo pode tanto.

E proſeguindo auante com louores
A que o Luſo naõ moſtra pronto ouuido,
De engrandecer naõ canſa os vencedores
Com tal deſygualdade de partido:
Niſto, encontraõ do campo corredores,
Que o arrayal deixaõ recolhido,
Onde vam deſcanſar, e onde ſe ordena
Silencio ao ouuir, repouſo á pena.

CANTO DECIMO QVINTO.

Faz Sebaſtiaõ reſenha de ſuas gentes, e parte de Arzila com ſuas batalhas ordenadas, e o Maluco ſabendo que elle nam quis aceitar a paz que lhe ofereceo, e que o vinha buſcar, ordena tambem as ſuas, e o vem receber ao caminho.

O Conſtancia (virtude ſublimada)
De quantos hes no mundo aborrecida!
Que leuaõ do repouſo a conta errada,
Pois ſem ella naõ tem repouſo a vida:
Quando chegaſte a ſer tam contraſtada
De couſas, que a alcançar a pretendida
Couſa, naõ foſſes ſempre aſſaz baſtante?
Ou quem perdeo jamais em ſer conſtante?
Conſtancia, he virtude e he coluna
De todas as virtudes: he nobreza
Eſcudo contra o vicio que importuna,
Triumphadora em fim da natureza:
Vence os mais dos encontrõs de fortuna,
E ſo ao coraçaõ quieta firmeza,
Por que nada mais canſa e mais laſtima
Que quando hum peito nam ſe determina.

Vede

Vede que defendêra huma cidade
Taõ longe de ſocorro, e deſcercada,
Senaõ fora a conſtante lealdade,
Que dà vigor ao peito, e força à eſpada:
Na morte adquire e da perpetuidade,
Na vida paz, e onra ſublimada,
Quem naõ ſera conſtante? pois que alcança
Por ella naõ mentir nunca a eſperança?

Contada tinha o Cunha a guerra braua
Ao Mouro e o Rey Luſo recolhido
Era nas tendas ja, de quem no agraua
Por naõ poder vingar-ſe, aſſaz ſentido:
Quando depois que o claro ſol douraua
Os cumes dos outeiros, e o florido
Campo de nouo eſtaua florecendo,
E cada erua em fim reuerdecendo.

E que aos manſos boys os lauradores
Na ceruiz põe o jugo, e os paſſarinhos
Cantando, huns deſamor, outros amores
Saem ſuſpirando ao ar dos curuos ninhos:
E que pacendo vinhaõ as freſcas flores,
Atras dàs mães os ſimples cordeirinhos,
Partir querendo o Luſo, ali deſſenha
Fazer primeiro publica reſenha.

Para o que chama o Gama e dom Duarte
Miniſtros do governo deſta guerra,
Por quem a gente logo ſe reparte,
Que ja deſeja entrar na fertil terra:
Ao longo ali do freſco Tagadarte
Que murmurando vem da patria ſerra
Os eſcoadrões feroces ſe eſtendendo,
As ricas tendas logo ſe abatendo.

Deſ-

Desfraldando-se a tremula vandeira
Que duas fós piramides continha
Brosladas, e esta era a auentureira
Aonde toda a flor do mundo vinha:
A estes deu o Rey o dianteira
Escoadra, que dous mil non mais continha,
Mas cada hum por coatro pelejara
Se lhe naõ fora o tempo, e sorte auara.

Logo os Tudescos vem desenrolando
Das astes as insignias coarteadas
De preto e amarelo, ao justo mando
De seus ministros todas ordenadas:
Seria o soberbo e fero vando
Das gentes de luzente aço armadas
Naõ todos os tres mil que se fizeraõ,
Que os mais no clima calido morreraõ.

O Romano Marques ja repartindo
Vinha os seus, que foraõ setecentos,
Em pouco mais de mil se resumindo
Os Espanhois de mil e noue centos:
Em fim que todos juntos (concluindo)
Seis mil vinhaõ a ser, com mais seiscentos,
Afora os de caualo, e Mauritanos,
Naõ se contando os terços Lusitanos.

Saõ coatro Coroneis da Lusa gente,
Hum Tauora e Francisco se chamaua,
Outro dom Miguel, que decendente
Dos Loronhas no timbre se mostraua:
O terceiro varaõ, sabio, prudente,
Que nestes coatro terços se contaua,
Que tambem ordenando a gente vinha,
De Vasco da Sylveira o nome tinha.

O quar-

O quarto que gêral das galès era
Cujo nome he Sequeira, no mar fica;
Mandado pelo Rey que danno eſpera,
Da vinda que de Turcos ſe publica:
Pois cada hum dos tres, da gente fera,
Que o Sequeira deixou, ſe redifica
Dos doze mil antre elles repartidos
Quando por coroneis foraõ elegidos.

Mas ainda que entaõ os repartiraõ
A tres mil cada hum, cos que morreraõ
E para as naos os Capitães pediram,
Em caſi noue mil ſe reſolueraõ:
Porque tambem a muitos deſpediram,
Co filho do Xarife a quem quiſeraõ
Os Mouros do ponente em Mazagaõ
(Vencidos do temor) beijar a maõ.

O Xarife ſegundo ſe dezia
Antre gente de pè e de caualo,
Dous mil ou pouco mais leuar deuia,
Podendo eu mal aqui certificalo
Dom Antonio da Cunha a conta enchia
Que nunca ja deixou de acompanhalo,
E logo os Tanjarinos ſe ordenauam
Que caſi coatrocentos ſe contauam.

Coatrocentos a fora a braua gente
De pè, que ſetecentos ſer deuiam,
A quem gouernaua o Capitam valente
Alexandre, que ao Manho o preferiaõ:
Põe-ſe a caualo o Rey ledo, e contente
Com dous mil, que naõ cuido que ſeriam
Indo os mais à ligeyra, e acubertados
Os menos, e ametade eraõ criados.

Em

Em fim toda a gente que podia
Tomar armas, seriam os ja contados
Vinte e dous mil, se a conta naõ mintia,
Os mais delles à guerra pouco vsados:
Tres mil e coatrocentos, que seria
A gente de caualo, e os mais soldados
Dezoito mil, entrando mais seis centos
Muitos delles robustos, corpulentos.

Catorze peças vam de artelheria
De campo, aos de Malta encomendadas,
Que hum Cunha, outro Mezquita se dezia
Pessoas na Milicia esperimentadas:
Para dez dias so se apercebia,
Das cousas que já hyaõ em carretadas
O arrayal, e assi tudo ordenado
Parte o Rey infelice e acelerado.

Vae diante a uangardia caminhando,
Depois a retaguarda a passo lento,
As pisadas a traz hya pisando
Com vagaroso e froxo mouimento:
O mar, a terra, os brutos se espantando,
Do belico e fero ajuntamento,
O sol mudando a cor, de luz auaro,
De enfiado e medroso, menos claro.

Treme já de terror o grosso Atlante,
Treme toda a Numidia, e Lybia ardente,
Que no seco terreno Garamante
Naõ cuyda escapar a Maura gente:
Ajuntan-se nas praças de Trudante
Os que por larga idade ou inocente
Estaõ em roda, co a orelha pronta,
Ao que o errante passageiro conta.

As

As aues que de medo ao ceo ſe acolhem
Delá com temor caem, nenhuma eſcapa,
Os animaes às grutas ſe recolhem,
Se algum por caſo ou ventura eſcapa,
Até por muito tempo a terra tolhem
Veſtir-ſe da florida e verde capa
Que lhe deu natureza, indo marchando
Numa nuue de pó, o ſol turbando.

Entretanto o Capitaõ de Arzila,
Que Pero de Mezquita ſe dezia,
Enxugando as lagrimas que eſtila,
Aa cidade os enfermos recolhia:
Armas, carros quebrados recopila,
E tudo o que ao partir lhes eſquecia,
E o general do mar ferro leuando,
As velas vae ao vento desfraldando.

As proas vira da ſoberba armada,
Contra Larache triſte ſoſpirando,
E os olhos outra vez á terra amada,
Por onde vaõ os Luſos caminhando:
Ve de arneſes a terra ſemeada,
E de eſtandartes varios ondeando,
Ouue pifaros, vozes ſibilantes,
Ouue iſtrumentos roucos, diſſonantes.

Mas deixemo-los ir, huns nauegando
Para Larache, outros deſcontentes,
O inculto deſerto atraueſſando,
Entregando-ſe a dannos euidentes:
E tornemos aonde me eſperando
Eſtaõ as belicoſas Mauras gentes,
Que com razaõ tereis de mim querelas,
Se naõ tratar tambem das couſas dellas.

Bem

Bem vos deue lembrar como partido
O Turco embaixador pera ſua terra,
Do Rey asperamente reſpondido
Com inumana e ſanguinoſa guerra:
O qual deſta maneira deſpedido,
Pos varios caminhos ſe deſterra,
Para Marrocos triſte caminhando,
Em quanto o Luſo ſe anda preparando.

Chegando em pouco tempo ao belicoſo
Maluco que inda andaua ſoſſegando
Os que temiam o jugo riguroſo
De brandas aparencias duuidando:
Com aſpeito peſado e temeroſo,
Na rouca voz as nouas declarando,
Dizendo como o Luſo guerra dura
Contra elle, e contra os ſeus fazer procura.

E que eſtaua jà apercebido
De todos os petrechos neceſſarios,
Buſcando (aſſegundo tinha ouuido)
Muitos para eſta guerra eſtraordinarios:
E que deuia já de ſer partido,
Segundo ſe ajuntauaõ os aduerſarios,
Gente fera, cruel, nunca domada
Tam dura na rezaõ como na eſpada.

Iſto dito, o Maluco deſcontente
Começa a pôr em ordem defenderſe,
Do mal futuro, o temor preſente
Lhe fazendo de tudo aperceberſe:
Tempo em que o Luſo Rey na terra ardente
De Arzila, naõ procura de eſquecerſe,
De ſeu intento, onde do esforçado
Suphieni, entaõ foy ſalteado.

To-

Tomando tanta colera ſobeja
O fero Turco, em ver medo tamanho
Nos ſeus, que co a terra e ceo peleja,
Temendo todos ſeu furor eſtranho:
Naõ vendo ora ja em que ſe veja
Naquelle largo e ſanguinoſo eſtanho,
Que Abdelà lhe afirmou que piſaria,
Quando nelle lhe diz que acabaria.

Lembrança com que em fim ſe reſumio,
(Vendo que o Luſo Rey tanto o deſpreza)
Num aſtuto conſelho, e aſſi adquirio
Dobrados corações, e fortaleza:
Chamando os principaes que perſuadio,
A duuida naõ terem na certeza,
De o Xarife tomar de Chriſto a ley,
E dar a coroa e terra ao Luſo Rey.

Que filhos, que molheres tributarios
Sem fazenda, ſem ley, ſem liberdade,
Ficariam nas mãos dos aduerſarios,
Em perpetua miſeria e aduerſidades:
Que naõ era rezaõ que mercenarios
Ficaſſem dos que bruta crueldade
Sempre fariaõ nelles como imigos,
Pois ficauaõ ſenhores, naõ amigos.

Apos iſto lançar pregões mandou,
Que todos ſe juntaſſem breuemente
Co elle, com taes penas, que obrigou
A tè a mais fraca e inutil gente:
Correos por mil partes derramou,
Por tudo o que poſſue na Lybia ardente,
Onde os mais com temor e eſpanto acodem
Como melhor, e mais depreſſa podem.

Guerra

Guerra franca concede, promettendo
Deſpojos liures (o que ſe publica)
De tal maneira os animos vencendo
Que nenhum que armas tome em caſa fica:
Cada hum vem à morte oferecendo
A vida, que com goſto ſacrifica,
Por ſua ley, fazenda, liberdade,
Vede ſe morreràm de boa vontade.

De la do Promontorio de Ampeluſa
Os feros moradores ſe ajuntaraõ,
E os que abitaõ os vales de Eretuſa,
E os Nacomones cuydo naõ ficaraõ:
De Boecam do monte a quem Meduſa
Conuerteo em tal forma, os mais deixaraõ
O amado repouſo, e vem o remoto
Bruto que ſe mantem do enfermo Loto.

Vem os que dos Arganies tiraõ azeite
Com que de negro os cabelos cingem
Com Galha frita, barbaro enfeite,
E os que por roupa ſo hum lançol cingem:
Os quaes frutas por paõ, por agoa leite
Vſam, que agoa jamais ou doce Esfinge
Prouaraõ, vem tambem o bruto atroce
Que da Anafega come o amacaõ doce.

Os Marroquis, os Fezios, Mequinenſes,
Os Suſos belicoſos, Trudantinos,
Os Barbaros maluados Tremecenſes,
Os falſos e inumanos Tagarinos:
Os da progenia dos Cartaginenſes,
Que inda temem o valor dos Saguntinos,
Marmaricos Cirenos inſolentes,
E as preuerſas Garamantes gentes.

Nun-

Nunca se vio na Lybia ygual espanto,
Nunca tanto feruor, tanta ousadia,
Nunca Rey nouo e estranho pode tanto,
A quem por força a gente obedecia:
Godos, nem Lomgobardos, poder quanto
Este ajuntou, tiueraõ nenhum dia,
O qual vendo que o Rey Luso abalaua
De Arzila, as escoadras ordenaua.
O real estandarte desfraldalo
Mandando, como os Turcos costumauaõ,
Que he hum lançol cum rabo de caualo
Em\cima, onde tropheos memoravaõ:
O alferez começa a menealo,
E logo ao som de trombas se juntauaõ
Os que de arrogancia, e esforço cheos
Aos caualos tascar fazem-nos freos.
Andando o gèral (que era chamado
Saide) os de caualo repartindo,
E Tabhaà, a quem era encommendado
A infantaria, os terços diuidindo:
Hamete a quem foy o nome dado
De Principe, com muitos acodindo
Que oito mil seriaõ de caualo,
A qual mais ledo vem acompanhalo.
Este era do Maluco irmaõ, e amigo,
E mais dous mil se afirmaõ que traria,
Escopeteiros todos bons comsigo,
Inda que a fama nisto desuaria:
Vinha Mumem Greuei duro enemigo,
Com gente de caualo, que seria
O numero feroz, bem coatrocentos,
E o Genoues Hali com mais seiscentos.
E

E Abbedelcarim ſo gouernaua
Mil e quinhentos, todos de caualo,
E Mahamete Heldede ali empunhaua
Com duzentos a lança, bom vaſſalo:
Manſor Goterre a antena ali apertaua
Com trezentos, no rijo e duro calo,
E a Haſſim oitocentos o ſeguiaõ
De arcabuzes, e alguns lança eſgrimiaõ.

Manſor Elche Virrey de Miquines
Seiscentos tem comſigo atiradores,
E co Chaya eſtampaõ mais os pès
Mil e quinhentos duros egreſſores:
Muça, que a ſaluaçaõ toma ao reues,
Seguindo de Mafoma os vãos errores,
Trezentos de alabardas gouernaua,
Em quem mais ſe o Maluco confiaua.

Outros muitos que agora naõ nomeo
Por naõ canſar quem me ouue, ali leuauaõ
Qual mil dos que na ſela atando o freo
Com ardentes pelouros atirauaõ:
Qual dous mil, dos que com largo paſſeo
De tres em tres a fio ſe ordenauaõ,
Com ſuas eſpingardas atirando,
Piques antre elles naõ ſe coſtumando.

Ia de Alarbes, Gabailes, enfinito
Era o numero deſta gente fera,
Que para tudo aqui pôr por eſcrito
Nem com pena de ferro me atreuera:
Polo que atras dos mais vos tenho dito,
Podeis julgar, que quem perder eſpera
Patria, fazenda, ley, que quanto pode
Ajuntar, que com tudo à guerra acode.

Oiten-

Oitenta mil deziaõ que seria
O numero da gente de caualo,
E que a de pè contar-se naõ podia;
Por onde eu posso mal aqui contalo:
Mas o que mais parece que deuia
Ser, he que naõ querendo assi assomalo
Menos deuiaõ ser, mas conta certa
Eu a naõ sey, por ser a fama incerta.

Pois o Maluco as gentes ordenadas
Tendo já, começaraõ a passo lento
As vandeiras de cores coarteadas
A irem tremolando ao brando vento:
Nos anafis ou gaytas costumadas
Formando som o sopro violento,
Sinal dando da orrida partida,
E ao Maluco já da breue vida.

Vindo secando fontes e altos rios,
Tornando os pastos em area inculta,
Com trombas, com tambores, e assouios
O mundo atroando a turba multa:
De varias cores ricos atauios
Traziaõ, com furor donde resulta
Guerra cruel, caualos arremessaõ
E rio Sabut turbo atraessaõ.

Nos campos Alcaçaricos assentaõ
O arrayal, que Idaspicos parecem,
Quando nelles as eruas apacentaõ
Os que a Symiramis tanto obedecem:
Ali na quantidade representaõ
Aos que com Cangiista e Batho decem;
E os de Tutila e Atila, e os sem conto
Com que Xerxes passou ao Elespponto.

Ali

Ali esperam os já atribulados
Enfermos Lusitanos, que caminhaõ
Sedentos e famintos, taõ cansados
Que casi sobre as pernas se sostinhaõ:
Quaes os que já da patria desterrados
Co infelix Pompeo, a vida tinhaõ
Por mais pesada, e infelice sorte,
Do que podiaõ ter a propria morte.

Assi os tristes vaõ de serra em serra,
De vale em vale, gente parecendo
Mais para ospital, que para guerra,
De pura fome os mais esperecendo:
Cos arneses alguns caindo em terra,
Sofrer as armas tanto naõ podendo,
E outros atras ficando dando o alento
Eraõ de animais feros mantimento.

Ali se a caso algum na terra lenta
Agoa descobre com astuto modo,
Beber o lodo nagoa o naõ contenta,
Sem beber juntamente o grosso lodo:
E assi a terra à terra ali sustenta,
Tornando-se depois em terra todo
Porque o mantimento máo, e enfermo
Lhes poem á triste vida breue termo.

Se a caso algum caualo de cansado
Dali naõ póde já passar auante,
Antre desculpas logo espedaçado
Dos que porfiaõ á toda, he num instante:
Naõ se achando o bem afortunado
Que quinhaõ delle tem, por mal andante,
Em leuar para a fraca companhia
Taõ sabroso manjar, tal yguaria.

Em fim de eruas agreſtes venenoſas,
De carnes de noſſo vſo diferentes,
De agoas turbas, e lagoas limoſas
Se ſuſtentauaõ as Portugueſas gentes:
Naõ bebendo nas claras e ſaboroſas
Do Douro e Tejo, liquidas correntes,
Mas em lagos, e brejos fedorentos,
Cheos de varios bichos peçonhentos.
Naõ adormecem em dourados leitos
Da Arabia feliz, ou da rica China,
Nem debayxo de opulentos teitos,
Com paramentos de ouro, ou prata fina,
Naõ cubrindo do ar os moles peitos,
Co a Moſcouia felpa Zebelina:
Mas com groſſas e fortes armaduras,
Pondo ás cabeceiras pedras duras.
Naõ piſam apoſentos lageados
Daquelles parios marmores luzentes,
Nam dos jaſpes de Epiro miſturados,
Com concerto dè cores diferentes:
Que os pés de eſtrepes duros treſpaſſados,
E mordidos de perfidas ſerpentes,
A hum faz Seps apodrecer os oſſos.
A outros Peſtrer arrebentar de groſſos.
Do Iaculo, e de Emorrois prouando
O venenoſo, e ſanguinoſo efeito,
E daquellas que em ſono vaõ matando,
Que a namorada Egypcia pos ao peito:
Doutras ſerpes mordidos, como quando
A Deos temor, e a Moyſes reſpeito
Perdendo os de Iſrael, perdemnas vidas
Como gentes ingratas e omecidas.

Pois

Pois caminhando assi os Portugueses,
Iá bem desenganados de esperanças,
Huns sem saude, outros sem arneses,
Outros para bordoens cortando as lanças:
Vendo já o principio dos reueses
Que daõ do tempo as desiguaes mudanças,
Sobre huns altos outeiros se alojaraõ
Onde ali alguns dias esperaraõ.

Descansa ali o Rey, porque esperaua
Gente, que elRey de Espanha prometida
Lhe tinha, da qual já desesperaua,
Quando naõ quis perder tempo á partida:
O qual Rey so por isso a dilataua,
Mas vendo a eficaz e endurecida
Vontade, sem vontade lha mandaua
Cum Capitaõ que Aldana se chamaua.

O qual de Arzila ousadamente parte
Atrauessando a Barbarisca terra,
Por ribeiras do frio Tagadarte
Fazendo so co nome espanto e guerra:
E como gram saber, prudencia e arte,
Dentro em si o forte peito encerra
Iá, sem arrecear os euidentes
Dannos, seguras leua as brauas gentes.

Indo os enfermos e armas recolhendo,
Presa a que os Alarues acudiaõ,
De perigo tamanho os defendendo,
Em quem mil crueldades já faziaõ:
A tras de si os Barbaros trazendo,
Que ladrando de fora o perseguiaõ,
Marchando em fim com sua escoadra fera,
Atè a onde o Luso Rey o espera.

Mas isto baste agora lingoa minha;
Que ja cansados tens prontos ouuidos,
Pois da promessa atras que feita tinha
Saõ os termos que dey casi compridos:
Descansa hum pouco aqui, que muito asinha
Acompanhando peitos afligidos,
O fim dirás das gentes Lusitanas
Qual Farsalico estrago, ou rota em Canas.

****

CANTO DECIMO SEXTO.

Chega o Aldana, e parte se el Rey dos outeiros, tem pareceres sobre naõ passar auante, e decendo aos campos de Alcaçar ordenamse as batalhas, onde ouueram vista os arrayaes hum do outro, e dilatando-se a batalha para o outro dia, em amanhecendo se começaõ a trauar os guerreyros.

O cobiça enganosa, vaá, faminta,
Dos que seruem-na fama por senhora,
Gloria que sempre o mais difícil pinta,
Esperança, que em fim sempre se chora:
Vento, que onra chamado, inda que minta
Quanto mais vay fugindo mais se adora,
Com que dannos aos teus vassalos pagas,
E com quantas mintiras os afagas!
De inquieto trabalho, e vida aflicta
Meo sempre, e de negros desamparos,
Bens que inda nam-nos dás, quando os limita
A dura maõ de tempos maos, e auaros:
As tuas leys embora estabilita
Pois sempre as corrompem exemplos claros,
Chamente gloria, fama, e ser diuino,
Que depois choraraõ seu desatino.

Olhai

Olhay com que promeſſas mintiroſas
Os triſtes Luſitanos deſterrados
De ſeu repouſo, e patria, às riguroſas
Mortes os leua a todos enganados:
Que victorias, que ſombras fabuloſas,
Que teſouros, que titulos, que eſtados,
Que tropheos, que glorias lhe oferece,
Polo que da ambiçaõ dalguns conhece.

Quanta fome que ſofrem, quanta ſede,
Camanhos ſobreſaltos, quantos medos,
Onde o fruto de tal trabalho vede,
Quam poucas vezes faz ſeus olhos ledos:
Afliçaõ ao repouſo aqui precede,
O mal ao bem, olhay-me que ſegredos
Saõ eſtes, com que a natureza vmana
Tapando os olhos ſempre em fim ſe engana.

Ia alojado o arrayal eſtaua
Nas alpeſtricos montes Africanos,
E o terreſtre ſapo aſſouiaua
Perſuadindo a Talpe ſeus enganos:
Todo o animal diurno repouſaua
Ia reſſonando os ruſticos ſerranos
Do grilo a ſuſſurrante melodia,
Demetica Samponha parecia.

Quando ſoa rumor de gente armada,
Que por detras do arrayal caminha,
Qual ſcintinela auiſando brada,
Qual ſem alento ja de temor vinha:
Leuanta-ſe a gente aluoroçada,
Que grande preſſa crê que lhe conuinha,
Onde deſordenada às armas corre,
E perturbada aqui e ali diſcorre.

Hum atropela o miſero ſoldado,
Que mal deſperto guerra eſtá ſonhando,
Outro ſem armas vay deſatinado,
Encordoadas tendas derribando:
Aqui fica hum caualo embaraçado,
Outro ſem dono vay ali ſaltando,
Crece o rumor, e a deſordem crece
Tudo o que ſe arrecea ali parece.

Qual familia que dorme deſcuydada
Da porta que deixou ao roubo aberta,
Que a pequeno rumor acautelada
Co pronto ouuido eſtá muda e deſperta:
Onde bradando ja deſatinada,
Tirando do temor ſoſpeita certa,
Vay tropeçando pola ſombra eſcura,
Turbada do que o medo lhe afigura.

Naõ de outro modo a confuſa gente
Com turbado furor diſcorre, e grita,
Louuor futuro, e temor preſente,
A grandes feitos neſte caſo a incita:
Bradaõ todos ali ao Rey potente,
Que dar nos enemigos lhe permita,
Mas logo vem ſer gente Caſtelhana,
Que traz ao Luſitano o forte Aldana.

Chega o Aldana ouſado, e reconhece
O arrayal que ja ſe apercebia
Amiga e braua gente nos parece,
Conuerte-ſe o receo em alegria:
O dia eſperaõ todos que eſclareça,
Que para todos foy alegre dia,
Onde deſcanſa a gente que caminha,
Que todauja ja de preſſa vinha.

E quan-

E quando do Orizonte rutilauaõ
Os rayos dos translucidos arreos
De Flegom, e Pyrois, que atropelauaõ
A quarta Eſphera maſtigando os freos:
Ia o arrayal dali aleuantauaõ
Os Luſos, de futuro eſpanto cheos,
E de doença crua e deſumana,
Onde o Rey faz do campo meſtre o Aldana.

Crecem miſerias, faltaõ matimentos,
Conuertem eſperanças em receos,
Aplacam os viris atreuimentos
Que hyaõ de ſegurança, e furor cheos:
Deſenganaõ-ſe ja de penſamentos,
Com que repartem os Barbaros tropheos,
Mas vaõ com tudo auante, onde publicaõ
Que por ſeu Rey as vidas ſacrificaõ.

Oo lealdade nunca viſta, e ouuida,
Oo animo feroz duro e conſtante,
Oo eſtranheza nunca acontecida,
De que he bom que ſe o mundo todo eſpante:
Perder hum ſo a doce e cara vida,
Pola gloria que a fama depois cante
Delle, couſa foy ja que o mundo vio,
Mas lealdade tal, nunca ſe ouuio.

Regulo, Curcio, Bruto, aſſaz leaes
Foraõ, pois que da patria a liberdade
Co as vidas compraraõ as de ſeus paes,
E com tal morte ao nome eternidade:
Mas eſtes ainda o foraõ muito mais,
Pois ſomente por pura lealdade
Patria, fazendas deixaõ, e onras, vidas,
Ao ſacrificio leuam oferecidas.

Sen-

Sendo de tam leal conſtancia o fruto
Culpas que inda lhe dam gloria abatida,
Naõ ſe ver deſta magoa hum roſto enxuto
Nem ſe perder ſomente huma ſo vida:
Nam dando hum filho ſo (Grego tributo)
A máy, mas tres, e coatro, offerecida
Tendo a fazenda ao Rey, e eſpoſo amado
Que tambem ve depois ſacrificado.

Hora qual foy a gente, quaes Metelos,
Quaes Decios mais leaes, quaes afamadas
Matronas, que ofereceraõ aos cutelos
As vidas dos eſpoſos deſejadas:
As Tudeſcas pertendem ſocorrelos
Saindo-ſe co elles carregadas
Perdendo ſo fazendas que deixaram,
Mas as Luſas em fim tudo entregaram.

Pois indo aſſi doentes e canſados
Os Portugueſes, pola eſtranha terra,
Vem ao longe vales cultiuados
E abitida huma alpeſtre ſerra:
Correm alguns que andauaõ derramados
Leuando ante ſi eſpanto e guerra,
Mas os ſylueſtres rudos lauradores
Deixam vazia a caſa aos vencedores.

Vazia acham a palhaça aldea,
Da ſeluatica gente que fugia,
Senhores ficam da fazenda alhea,
Que como propria ali ſe repartia:
Ruinam as choças ja onde ſe atea
Crepitante furor, que brauo ardia,
E logo vam buſcando polas brenhas
Os que fugindo ſoltam as creſpas grenhas.

Ia seguem hum Alarbe alto e membrudo
Que sacodindo a barba a hum so naõ teme,
Naõ tem espada naõ, nem curuo escudo,
Mas cum bastaõ na mam furioso freme:
Nas costas sente ja o ferro agudo,
E dà hum brado que a Numidia treme,
E apos isto volta, e hum golpe atira
Que casi sem alento hum Luso estira.

Os outros logo juntos arremetem,
E a pura força no terreno o estendem,
Huns os neruosos pés em laços metem
Outros as grossas máos atras lhe prendem:
Em quem o vencerà todos competem,
E aferrados variamente pendem,
Hum da velosa coxa e cotovelo,
Outro do negro e orrido cabelo.

Bem como quando o Alacrae enojado
Das mordaces formigas, que a porfia
Crecem sobrele, onde preso e atado
Se ve leuar por limpa e estreita via:
Que ja de seu poder desconfiado
Naõ quer executar o que podia,
Assi o fero bruto deste geito
Trazido foy ante o Real conspeito.

Ao qual o Rey pergunta se sabia
Que gentes o Maluco conuocàra,
E quanta de caualo e pé trazia,
E onde, e de que modo se alojàra:
Ao que o Mouro nada respondia,
Torcendo a molesta, e aflicta cara,
O que visto do Rey, manda soltalo,
Que mais ligeiro corre que hum caualo.

Ou-

Outros tomar poderaõ os corredores
Do campo, mas taes preſas ſam vedadas,
Que naõ querem tomar os lauradores
Os Luſos mas vencer gentes armadas:
Sendo eſtes entaõ deſcobridores
Das couſas antre nos deſordenadas,
Vindo vender ao campo mantimentos,
Notando a ordem dos alojamentos.

Deſtes ſoube o Maluco como eſtauam
Os Luſos nuns outeiros alojados,
E que ja de vencer deſeſperauam,
Fracos, doentes, poucos e canſados:
Os quaes ainda aſſi determinauam
Polas bocas dos tiros, que aſſeſtados
Eſtauam numa ponte, entrar ſem medo,
No como cada hum ſe moſtra ledo.

Mas ponderando bem o forte Aldana,
E dom Duarte, o perigo em que ſe punhaõ
Cos que gouernaõ a gente Luſitana,
A eſtoruar tal ida ſe diſpunhaõ:
Auiſados por gente Mauritana,
E por muitos que o perigo teſtimunhaõ,
Que fugiam de là porque eſperaſſe
O Rey, até que a gente ſe paſſaſſe.

Neſte tempo o Xarife ali chegou
Com alguns que do Turco vem fugindo,
Eſtar para morrer certificou
Seus ſecretos deſſenhos deſcubrindo:
O qual ao Luſo Rey os preſentou
O que ja determina preſumindo,
E como que das nouas ſe alegraua,
Deſta maneira o Mouro começaua.

Ouue as nouas senhor que estes vassalos
Teus, sem engano algum querem contarte.
Se queres ser alegre em escutalos,
Ou se em serem taes está alegrarte:
Podes por caualeiros estimalos,
E sabe que dos Mouros a mór parte
Me prometem de vir para mim cedo,
Se o arrayal está três dias quedo.

Tambem dizem (se assi posso afirmalo)
Que a voz commũa era que caminham
Mais de oitenta mil so de caualo,
Afora os muitos mais que de pé vinhaõ:
Nas gentes que acodem a vér nam falo,
Que estas numero certo algum naõ tinhaõ,
Por onde tam terribel aparelho
Te deuera fazer mudar conselho.

Quanto acudirme a gente eu certo o tenho,
Pois com esta promessa e esperança,
Te trago taõ seguro como venho,
Posto que tu me hes toda a segurança:
Ao que a minha ley, e a barba empenho,
Se isto basta a fazerte confiança
E apos isto a maõ corre por ella
Por mostrar a certeza da cautela.

Tem ali todos prontos as orelhas,
Ouuindo aquellas nouas temerosas,
Que leuantar lhes fazem as sobrancelhas,
E apertar as bocas pegajosas:
De faces amarelas e vermelhas
Naõ faltando visajes orgulhosas,
Onde o Aldana como confiado
Em seu esforço, assi fala enojado.

Re-

Retirar nos conuem, que o retirar
A tempo, esforço he, e nam temor,
Pois em se huma batalha dilatar
He o mais fraco ás vezes vencedor:
Ia que se pode assi desbaratar
O imigo, nam he muito melhor
Que auenturar batalha? agora o sabio
Conselho nos conuem do astuto Fabio.

A batalha por hora dilatemos,
Que o tempo o enemigo desbarata,
E o arrayal secreto leuantemos,
Que he cousa mais segura, e mais barata:
E aquelle Capitaõ forte imitemos
Que nos cornos dos bois os lumes ata,
Leuando o arrayal todo comsigo
Por enganar o inadeuertido imigo.

A Larache nos vamos, costeando
O rio sempre, indo a retaguarda
A tras hum pouco os Mouros dilatando,
Até nos socorrer de gente a armada:
E ali do que conuem nos reformando,
Com gente de refresco descansada,
E com canhoens mais grossos e mayores,
Seremos sem perigo vencedores.

Que os Mouros que o Maluco reconhecem,
Por Rey, já de famintos e medrosos,
Alguns se vaõ, e os mais desobedecem,
Do sucesso da guerra duuidosos:
Onde ali dos agrauos que padecem
Dos Turcos, e de seu senhor queixosos,
Que casi está morrendo, huma mudança
Ia mais vista, fará pouca tardança.

Isto

Iſto dizendo, muitos concluyram
Neſte conſelho, e outros blaſonando
Caſi como enojados ſe ſorriram,
Por boa a retirada naõ aprouando:
Dizendo, que depois ſe as coſtas viram,
Que os eſcoadroens ſe iram deſordenando,
E que com medo a gente perderia
A onra, e nam ſomente a artelharia.

Onde hum vendo o deſtroço pouco onroſo
Que em ſe retirarem certo eſtaua,
Como forte, leal, e valeroſo,
Aas duuidas que auia replicaua:
Danoſo he cometer, e mais danoſo
Era o fugir entaõ, no que moſtraua
Ser forçado buſcar ao enemigo,
Por naõ auer outro melhor abrigo.

E com lingua liberta e eloquente,
Começa: Oo que fraqueza naõ eſperada,
Oo que deſonra para a Luſa gente,
Em temor cego (cuido) ſo fundada:
Onde a victoria for clara, euidente
Que merece o valor da forte eſpada?
Que gloria he vencer preyto vencido?
Em que ſerá o forte conhecido?

Quanto mór for e mais certo o perigo,
Tanto vencelo fica mor victoria,
Quanto mais duro e forte he o imigo
Tanto ao vencedor fica mór gloria:
Até o ſer vencido traz conſigo
De duro aduerſario obrigatoria
Fama, pois que o esforço conhecido
Do vencedor, deſculpa he do vencido.

Di-

Deueras ter primeiro bem cuidado
O que ſe te oferece por diante,
E naõ eſtar ſuſpenſo e enleado,
Quando o remedio he ſo ir auante:
Tornar no fim atras o começado,
He de peito ſem ſer, fraco, inconſtante;
Po iſſo Rey comete ouſadamente
Que aſſi animaràs a fraca gente.

Paſſaremſete os Mouros, já vieram
Se o que he para naõ crer determinaram;
Pois tempo, ocaſiaõ, modos tiueraõ,
Com que por te enganar deſimularam:
As miſerias entendo que ſouberaõ
Que teu arrayal paſſa, e duuidaraõ
De gente que o perigo e fome chora,
De poder ſer por armas vencedora.

E aſſi com promeſſas te enganando,
Te querem conſumir os mantimentos,
Conſtrangidos de aperto te obrigando
A partidos depois, duros violentos:
Rompe, rompe, aos teus logo abalando
Os timidos e froxos ſufrimentos,
Porque ſe elles vencerem o vam receo
Tu porás ao Maluco e ó mundo freo.

Outras couſas, e outras lhe dizendo
Outros muytos que ao Rey falar pretendem
Verdade, ſeu valor ſuſpenſo vendo,
Cuja reſoluçam confuſa entendem:
Tantas razoens no caſo ſe mouendo,
Dos que ſobre elle com razam contendem
Que o Rey como enojado da porfia,
A pratica danoſa ſuſpendia.

Yroſo

Yroſo e enojado, como quando
No caudeloſo rio duuidoſo
Ceſar dos ſeus, na lança ſe encoſtando,
Antre arrogante eſtaua temeroſo:
Que vendo as razoens que eſtaõ alegando,
Nam ſofrendo razoens peito animoſo,
Iacta eſt alea dizendo, terça a lança
Como que de vencer tem ſegurança.

Aſſi o moço fero e carrancudo
Reſponde, ſem ouuir outra repoſta,
Ou ſeja de inorante, ou de ſeſudo
Como ſeja da pratica propoſta:
E animoſamente contra tudo
A vida a todo o perigo já diſpoſta,
Perder naõ arrecea, e em furia arde,
Cuidando que já o tinhaõ por couarde.

Deſalojar mandando o arrayal
Logo, e que caminhe a fraca gente,
Que ſe podia ter em pè bem mal,
Quanto mais caminhar fraca e doente:
Naõ faltando quem tenha a mao final
O caminharem taõ ſeguramente,
Porque quem defenderſe naõ procura
Alguma confiança o aſſegura.

Ouſado aſſi o Rey, aos campos dece
De Alcacere, de feco feno cheos,
Quando a menhaã roſada lhe aparece,
Por cima la dos montes Nabateos:
Aqui algum ſe enfia outro emmudece,
Vendo-ſe já no fim dos arreceos,
Aqui ſe fazem verdes e amarelos,
E a muitos ſe lhe arriçãnos cabelos.

Chama

Chama aqui o Aldana e dom Duarte,
E os mais Capitaens fortes prudentes,
E ali os eſquadroens co elles reparte
Polos lugares mais conuenientes:
Anda brauo e feroz por toda parte
Ordenando as mal inſtrutas gentes,
Que cos fardeis num ombro caminhauaõ;
E noutro o pique, ou arcabuz leuauaõ.

Aqui os Coroneis vendo preſente
O perigo que já ſe oferecia,
A qual mais animoſo e diligente
Cada hum por ſeu cabo diſcurria:
E cada Capitaõ obediente
Aa ordem que lhe dauaõ obedecia;
Alferes ondeando em todas partes
Os roxos e amarelos eſtandartes.

Iá o illuſtre e jouem Capitaõ
Dos que auentureiros ſe nomeaõ,
O carrego entrega a ſeu irmaõ,
E primo que dum nome ambos ſe arreaõ:
Aluaros Pires ſam, e a diuiſam
Com que ſe os nomes delles deſenleaõ,
He que chamando ſe ambos de hum ſo nome
O da Peſqueira hum tem por ſobrenome.

Pois eſtes á mor força de perigo,
Poem as vidas cos ſeus auentureiros:
Leuando á maõ ezquerda ali comſigo
Os Tudeſcos tambem dos dianteiros:
A tras por aſſombrar mais o enemigo
Vaõ hum pouco tambem por companheiros
Os valeroſos e inclitos Romanos
Dum lado, e doutro lado os Caſtelhanos.

Aqui indo aſſeſtada a artelharia,
Que o Mezquita e o Cunha gouernauaõ,
A tras logo a bagaje ſe eſtendia,
Onde ſe os do ſeruiço agaſalhauaõ:
Dos quaes hum eſcoadraõ ſe ali fazia,
Que com baſtoens os carros rodeauaõ,
E o que baſtaõ nam tem, ſo ſe apercebe.
Aa luta, e o imigo aſſi recebe.
Dom Miguel de Noronha a hũ lado vinha,
E Franciſco de Tauora a outro lado,
Co terço que cada hum regia e tinha,
Deſque partem do Reyno a ſeu mandado:
E lá na reteguarda atras caminha
(A quem foy tal lugar encomendado
Como deuia ſer) o da Sylueira,
Que nas gales ficou o de Sequeira.
Aa maõ dereita o Rey Xarife fica,
E Cid Albiquirim cos mais vaſſalos,
Que hum chapeo, e barrete o outro embica
Porque poſſam dos outros diuiſalos:
A Tangerina eſcoadra os redifica,
Que atras eſtam ſomente os que caualos
Eſpoream, que os outros repartidos
Foram por outras partes diuididos.
Logo mais para tras o valeroſo
Duque de Aueyro, forte e bom vaſſalo,
Auiſado, cortes, ſabio, animoſo,
Eſtá ſo com trezentos de caualo:
Todo o de peito ouſado e belicoſo,
Quis neſte dia aqui acompanhalo,
E doutra parte os mais com dom Duarte,
Seguem del Rey o purpuro eſtandarte.

Doze

Doze caualos leua, quaes natura
Nunca pintou de tam fermosas peles,
Nam se vendo jamais nunca em pintura
De Achemenio Raz, taes como aquelles:
A cor tem de azeitona já madura,
O Caroucho, naõ sendo o melhor delles,
O Barde corredor de azul manchado,
Parece de proposito pintado.

Outro que ricamente acubertado
De carmesi, o chaõ pisa com graça,
Do fruto tinha a cor quando dourado
O verde ouriço abre e espedaça:
O outro Medelim era chamado,
Outro o Bonito, e todos de alta traça;
Huns ruços, e alazoens, e de outras cores:
Manhosos, bem talhados, corredores.

Num Persio vay o Rey, que do Oriente
Por nunca vista, e estranha marauilha:
Lhe manda o Visorey de lá em presente,
Cuja may dizem ser dos ventos filha:
Corre taõ leue, e ligeyramente
Que em mole area naõ estampa a trilha,
Neruosos braços, cascos ensocados,
Sodras nas coxas peitos releuados.

Pescoço curto, e cernelha erguida,
Rosto seco, pequeno, olhos saltados,
Barba coadrada tem, boca comprida,
Ouuidos naõ pequenos, espantados:
Seladouro de palmo, anca fendida,
Que nella podem bem jugar os dados,
Meam tem a estatura, o cabo toma
Bojo, naõ grande, e estrigada a coma.

Arnes leua que de aço e ferro miſto
Naõ teme bala de arcabuz que o tope,
Elmo nunca taõ forte, e eſtranho viſto,
Que Piramom fizeſſe, ou Eſterope:
Eſpada com que eſtende a ley de Chriſto,
Lança que em ſangue Agareno enſope,
E ſobre tudo o coraçaõ que leua,
Que mais que nenhuma arma lhe releua.

Doze pajes diante a terra piſam,
Com inſinhas reaes de Rey potente,
Que de varias diuiſas ſe diuiſam
Saudoſa memoria à patria auſente:
Valor exemplaõ com que o mundo auiſam
Da onra, e primor da Luſa gente,
Hum lança leua, outro o eſtoque agudo,
Outro a celada, outro o forte eſcudo.

Reys darmas outros doze vaõ tambem,
E leuaõ a tiracolo atraueſſadas
Maças de prata, indo mais alem
Soando trombas roucas acordadas:
De amarelo e azul pendentes tem
Tremolando vandeiras coarteadas,
Indo atroando os Barbariſcos vales,
Em gualdrapas de purpura atabales.

Doçaynas, charamelas doutra banda,
Vaõ fazendo ſonora melodia,
Quaes de Aliate Lidio, quando manda
Contra os Milecios braua a infanteria:
Coſtume antigo em belica demanda
Que ſe Creta e Eſparta permitia,
Os Litus dos Romanos enſinando
Que as trombas vaõ a guerra deſpertando.

Pois

Pois assi as batalhas ordenadas
Começa o Rey alegre a discorrelas,
As gentes nam couardes, mas cansadas,
Segurando das timidas querelas:
Trazendo ali aquelas celebradas
Palauras de Marcello, quando nellas
Anima, e enuergonha os seus Romanos,
Dizendo, os corpos vejo Lusitanos.

Bem como quando o brauo Leonida
Com seiscentos sos reprime e enfrea
Aquella soma tanto sem medida,
Que tanto já no mundo se recea:
Que os seus para o inferno ali conuida,
Co a terribel e funesta Cea,
Assi o Luso com sobejo aniso,
Os seus conuida entaõ ao parayso.

Neste tempo o Maluco descuydado
(Vendo as escoadras feras) naõ andando,
Que de tudo aduertido e acautelado,
As mauras gentes já anda ordenando:
E inda (duma febre atormentado
Casi no derradeiro estremo estando)
Trabalha em quanto viue que a victoria
Lhe dé depois de morto onrada gloria.

Qual Codro, e qual Decio valerosos
A reposta nas Tripodas sabida,
Que por ficarem os seus victoriosos
Trocaõ por clara fama, a doce vida:
Assi o Mouro contra os temerosos
Prodigios, e sentença já comprida
Que lhe Abdelá primeiro pronostica,
A desejada vida sacrifica.

Man-

Mandando desfraldar logo as vandeiras
De varias cores, que ao brando vento
Tremolando as ordenaõ nas fileiras,
Os que do campo tem o regimento:
Que como tem ſoſpeitas verdadeiras,
Que os mais faziaõ oculto fundamento,
De ſe paſſarem ao Luſo, atropelando
A dura terra, os andaõ vigiando.

Co ſitio ſe acomodaõ, repartindo
Conforme a elle a belicoſa gente,
Polo campo a eſtendendo, e diuidindo,
Doutro modo do noſſo differente:
E qual a noua lũa vem ſaindo
De tres dias non mais reſplandecente,
Hum cerco fazem, qual ordena Iuba
Quando de Curio ouue a rouca tuba.

Dà o dereito corno o Turco o uſado
A ſeu irmaõ, de esforço e entendimento
Cheo, e a Haldede aſſinalado
Groſſo, robuſto, aſpero, e cruento:
E a Mumen Greuei, duro, esforçado,
Feo, barbudo, fero, e corpulento,
E Halbedelcarim, e a Hali maldito,
E a outros que dizelo era infinito.

Os Alarbes, e gentes das montanhas
Gabailes, Mouros menos esforçados,
Gentes que à guerra vem crueis e eſtranhas,
Todos vaõ neſte corno acomodados:
Que fizeram em nós depois façanhas,
Delles ficando por detras cercados,
Quando a furioſa gente inaduertida
Leuaua ja os Mouros de vencida.

No

No corno ezquerdo que era mais piqueno
Que da parte do rio nos cercaua,
Pisando vem Suphieni o seco feno,
Que a sua ley de nouo interpretaua:
Hassan tambem no arido terreno
Os pés de casi couado estampaua,
Vem Aganuz tambem medonho à vista,
Que naõ parece auer quem o resista.

Com Mansor outros muitos se continhaõ
Que por ser breue escuso de dizelos,
Logo diante os de mosquetes vinhaõ,
E de arcabuzes, que era espanto velos:
Os Andaluzes co Chaya caminhaõ,
Que muito era tambem para temelos
Vem Tabahà gouernando a infantaria,
E trinta peças mais de artelharia.

Muça mais para tras a guarda daua
Ao enfermo Maluco, governando
Trezentos de alabardas que leuaua,
Todos à morte ali se conjurando:
Sôm de gaitas que mal se concertaua,
Vindo diante hum pouco sibilando,
Qual com mãos pueris se vario ordena
Em tenras canas de comprida auena.

Atabaques, e trombas (costumadas
Ia na Arabia deserta) se tocando,
Cornetas roucas pouco concertadas,
Os Africanos campos atroando:
Gentes ja polas serras leuantadas,
Brutas, o fim da terra vigiando,
Voando as aues ja que o feiticeyro
Fizeram (inde mal) taõ verdadeiro.

Pois

Pois assi as batalhas ordenadas;
Quando nacendo vem o sol dourado;
Marchando vam as gentes enojadas
Cada hum a morrer determinando:
E as pontas dos dous cornos affastadas,
Quaes de nouilho a jugo naõ domado
Nos vem ja de bem longe ameaçando,
Deste modo cercarnos procurando.
Mas porque o seco feno lhe estoruaua
Poderem dar batalha, e porque entendem
Que deste modo a guerra se acabaua,
Por toda a parte em roda logo o acendem:
Que como a crua chama se ateaua
Na arida materia, assi pretendem
Queimar os Portugueses que isto vendo
O feno vaõ de cá tambem acendendo.
Cobrem-se os arrayaes, e dura terra
De espesso fumo, arde a seca palha,
Tem primeiro hum fogo co outro guerra,
Fenece em meo a crepita batalha:
Cada enemigo a arma dura aferra,
Mas por entaõ dilataram-na batalha,
Vendo que o sol decendo ao frio Ocaso
Queria entrar no lento e escuro vaso.
Porem estando à vista os arrayaes
Alguns Mouros correndo se passauaõ
A quem constrange o medo a ser leaes,
Onde com tudo a muito se arriscauaõ:
Ou porque pode o interesse mais
Que a fe que ao Maluco quebrantauaõ,
Ou por amor, passando ao aduersario
Vem quaes os pares no Olimpio pario.

E como as aues que a monçaõ chegando
De mudarem terreno, ja ſubidas
No alto Abila, o mar atraueſſando
Nas leues aſas põe as doces vidas:
Que de rapaces aues que voando
Apos ellas, ſam ſempre perſeguidas,
Humas leuando a vante o firme intento,
A outras faltando a ventura, e vento.

Aſſi rompendo vem por tantos dannos
(Cuſtando a vida a alguns) eſtes correndo,
Que paſſar ſe queriaõ os Mauritanos,
Sem duuida por certo prometendo:
O que faz eſperar os Luſitanos,
Mas vendo vir alguns arremetendo
Como quem ſeus eſforços exprimentaõ,
Com pelouros de ferro os afugentaõ.

Apartaõ-ſe os Mouros, porque o dia
Chegado tinha ao curſo limitado,
E apos do ſol correndo ſe eſcondia
No outro Emiſpherio deſejado:
Que como o feiticeyro lhes dezia
Ser infelix tal hora, e lhe he vedado
Darem batalha entaõ, ſe recolheraõ,
E os Luſos vendo-os ir ſe detiueraõ.

Detem o campo o Rey pio animoſo,
E junto ali o arrayal aſſenta,
Do rio Magazem falſo enganoſo,
Que ora ſe mingoa ora ſe acrecenta:
Aqui pois no repouſo trabalhoſo
Polas ſombras eſcuras apacenta
O penſamento, e aqui e ali varia,
A leue e vagabunda fantaſia.

Yma-

Ymagina que ſe vencedor fica
Que Emperador ſerà da Lybia ardente,
Cuyda na fama eterna, e preſa rica,
De que ficarà rica a Luſa gente:
Templos, teitos ſoberbos edifica,
E eſtados ja reparte juntamente,
Ve-ſe ali ir no alcance, e mil tropheos
Pendentes ja dos muros Vliſſeos.

Rebolue em outro bordo o penſamento,
E ve-ſe roto, e ja desbaratado
Pondera o eſtrago crù, ſanguinolento,
E quanto em tal perda era culpado:
Põe os olhos no graue ſentimento
Que duraria eterno em ſeu eſtado,
Nas Matronas que ficaõ de giolhos,
E aqui ſe lhe arraſaraõ dagoa os olhos.

Neſte tempo o Xarife naõ entregando
Seu confuſo cuidadó ao eſquecimento,
Que de huma parte e doutra ſe virando
Quietar o naõ deixa o penſamento:
Onde da dura cama leuantando
O corpo afliſto, ja ſem ſofrimento,
Por junto a Maghazem moue o paſſeo,
Conſiderando o circulo Lacteo.

Vendo as dezoyto eſtrelas (dos irmãos
Que Leda em dous ouos deu ao mundo)
E as treze de Friſo (que das mãos
De Atamante ſe ſalua furibundo:)
As trinta e ſete vè (do que cos sãos
Conſelhos, fez a Achiles taõ jocundo)
E as corenta e duas, nota entanto,
Que a Tindaro cuſtaraõ tanto pranto.

Vè

Vè mais yrado o animal Nemeo,
E Acario recolher na vrna lenta
As lagrimas, que correm polo seo
D Erigone afligida, que lamenta:
Treme o Cangrejo alí do Escorpio feo,
E a Libra desygual hum braço assenta
Outro leuanta, e o animal barbudo
Chora de ver sem pelle o inuicto escudo.

Ve Saturno peruerso, e fulguroso
Iupiter, Marte todo de aço armado,
Phebo naõ ve, que o manto tenebroso
Está por toda a Lybia derramado:
De Venus ve o rosto lagrimoso,
E Mercurio do carrego priuado
De embaxador de paz, e a filha bela
De Latona, turbada e amarela.

A Cinosura, e Calisto espreita
As Arcades ve brauas, e quebrado
O carro: Cassiopela naõ se enfeita,
O Oriom co Drago ensanguentado:
Andromeda co pay, e a Nao desfeita,
E a Lebre fugir do leuantado
Ladro de Ecuba, a Lyra a voz consume
Mudando a cor o Cisne, e o costume.

Onde suspenso está na branca area,
Cercado ja de confusam, e espanto,
Morfeo pouco e pouco o turba e enlea,
Cae dos cerrados olhos lento pranto:
A Lũa as claras agoas alomea,
O rio corre mansamente entanto,
E so de quando em quando alí se ouuia
Huma das aues que mais foge ao dia.

Em

Em seu temor está ali enleuado,
Quando ve vir hum velho venerando;
Co peito sobola agoa leuantado,
A corrente cos braços apartando:
De muitas Nymphas era acompanhado,
Muitos atras o vinhaõ ali guardando,
Pessoa de respeito parecia,
Que grande compayxaõ o enternecia.

Vestido vinha a vso Imperial
(E os mais armados, que era espanto velos)
Na maõ trazia hum Cetro de coral,
E huma Coroa de lyrios amarelos:
Numa Vrna caualga de cristal,
E limos verdes eraõ seus cabelos,
E longa barba, os peitos de espadanas
Cobre, e saem das costas verdes canas.

Os outros todos vinhaõ atras armados
Deste, a quem a muita idade arruga,
Com espadas de ossos de pescados,
E rodelas de negra tartaruga:
Das ricas Pynoteres enconchados,
Que rico às vezes fazem o que as esbruga,
E nas cabeças buzios por almetes,
Que pareciaõ proprios capacetes.

As Nymphas muitas dellas com volantes
Cobriaõ meo peito a tiracolo,
Rodeando as gargantas de diamantes,
Otras de finas perolas o colo:
E todas taõ fermosas, e galantes,
Que muito pouca culpa dera a Apolo,
Se assi como se fez pobre pastor
Se transformara entaõ em pescador.

Pois

Pois o coroado velho assi chegando
Ao Rey sem Reyno que outro omẽ parece
De la do rio a voz aleuantando,
Oo Xarife (lhe diz) que te adormece:
Recorda ja, recorda miserando,
Que toda a esperança te anoitece,
E aguarda no perigo em que te vejo,
Lugar ao tempo, e tempo a teu desejo.

Deixa-me estar catiuo e oprimido,
Do Turquesco cruel, braço robusto,
E naõ te aparte o desygual partido,
(Sendo vencido aqui) do Cetro justo:
A razaõ faz que o erro e arrependido
Modera às vezes o rigor injusto,
Naõ percas tam sem tempo deste geito
Co a esperança certa onra e respeito.

Ha doo meu Rey, do pouo Mauritano,
E deste triste velho taõ cansado,
Naõ seja por tua causa o Lusitano
Sangue, por minhas agoas derramado:
E por mostrar a dor do graue danno
Que teme, todo em lagrimas banhado,
Pouco e pouco, se em agoa desfazia,
Com toda a mais chorosa companhia.

Onde o dormente Mouro ali vacila,
Confuso na turbada fantasia,
Naõ cansando ja mais de diuertila,
Que variamente errando desuaria:
Nas magoas que afegura choro estila,
Nas glorias que ymagina chega o dia,
Que a nocturna nouoa desatando
Faz o trabalho ymano irse ordenando.

Pois

Pois vendo-se da luz a embaxadora
Venera estrela, o Rey triste e turbado
Graue mostraua o coraçaõ, que chora
Ao pio Luso, já determinado:
O qual rindo lhe diz que sonho fora
Tudo quanto lhe tinha já contado,
E proseguindo, aqui lugar me ordena
De entanto aparar a grossa pena.

CANTO DECIMO SETIMO.

Ajuntaõ-se as batalhas, e desordenando-se, se perdem os Portugueses.

PErdido vae quem com caminho errado
Quãto vae mais auante mais se embrenha,
Iá fica de perigos rodeado,
Ou se torne, ou caminhe, ou se detenha:
Vede quanto conuem ser bem cuydado
Qualquer caso e perigo antes que venha
Olhay sem fio de prudencia o danno
Com que ameaça o laberinto vmano.

Está o Luso Rey co imigo á vista,
Que já por todas partes o rodea,
Conuem ou que se renda, ou que resista;
Nenhum outro caminho o remedea:
Naõ vè a ora que co elle enuista,
Que quem tragado tem o que recea,
Se de si proprio a victoria alcança
Como pode temer a imiga lança?

Naõ

Naõ monta ao Xarife o que propunha,
(Vencido de temor) que o moço pio
Eſtoque cinge, e groſſa lança empunha,
Tudo o mais ſendo entao já deſuario,
A belicoſa tromba teſtemunha
Iá ſeu valor, que faz o Turco frio,
Hum ſacerdote já traz leuantado
Nas mãos, a Chriſto ali crucificado.

Poem os olhos a gente entriſtecida
No gram poder do Barbaro inſolente,
Onde com muda lingoa e cor perdida,
A morte repreſenta ver preſente:
Qual o que largas contas faz à vida
Tendo já de coſtume ſer doente,
Que o medico lhe diz que vae morrendo
Aſſi de nouo eſtaõ contas fazendo.

Correm pola memoria o duro corte
Que ſe aparelha á triſte gente Luſa,
Lembra-lhe a doce vida, e amarga morte,
Fica ſuſpenſa, e com razaõ confuſa:
Mas com peito veril, robuſto, e forte,
Imprimir lhe naõ pode o medo eſcuſa,
De naõ porèm nas mãos da lealdade
Molheres, filhos, vidas, liberdade.

Onde todos por terra já banhados
Em mar de contriçaõ e penitencia,
Pedem a Chriſto perdam de ſeus peccados,
Que nunca aſſi nos negará clemencia:
Tomando as armas apos iſto ouſados,
E veſtindo o valor de diligencia,
Paſſaõ o rio alem, e ardido feno,
Do fertil campo, e arido terreno.

Num

Num ombro as armas, noutro o mãtimẽto
Leuaõ, turba-se o rio, os carros gemem,
Soa o rumor das vozes torbulento,
Naõ so os campos, mas as serras tremem:
Abuitres daõ atras asas ao vento,
Esperando a batalha, os peitos tremem,
Vendo que em baixa voz se comunica,
Que grande mortandade sinifica.

Pisam Chahamida (que era assi chamado
O campo, que em Mourisco diz Adarga)
Já aparece o Orizonte rodeado
De imigos, ao Xarife vista amarga:
Que qual o curuo Iris, ou inneruado
Arco, a que Turquesco braço auarga,
Parece que pretende o pouo immundo.
Deste modo abraçar o largo mundo.

Agora Virgem pura alta Senhora
Inspiray vos em mim huma voz diuina,
Hum nouo alento, com que cante agora
O triste fim da gente peregrina:
Cercada está de morte, mas bem fora
De passar polo jugo e paz Candina,
Dá o Sol lume já estraordinario
Como quando temeo a Belisario.

Turba confuso a luz serena e clara
Como quando mostrando altos segredos
Cobre de dó a radiante cara,
Os Lidios inuestindo os brauos Medos:
A dor que mostra ali naõ se compara
Aa que causa no mundo tantos medos,
Quando a Romana prole a espada ingrata
Por Cesar e Pompeo disbarata.

E ten-

E tendo já deixado o amado berço:
Cuberto assi de pranto doloroso,
Passando casi ja o diurno terço
O triste e escuro dia sanguinoso:
Dispara de emprouiso o ferreo Berço,
O Falcaõ, e Camelo temeroso,
O Leaõ, a Espera, a Culebrina,
Que parece que o mundo se arruyna.

Saem polas bocas dos canhoens ardentes
Espessas nuues, que se estaõ torcendo
Como rabos de Dragos e Serpentes,
Varios nós fazendo e desfazendo:
Vaõ polo ar depois, em differentes
Formas, castelos, montes parecendo,
Os pelouros crueis causando entanto
A huns descanso eterno, a outros pranto.

Deyxaõ por onde vaõ praça vazia,
Rodaõ robustos membros palpitando,
Ve o triste seu braço ou perna fria,
Ir os proprios amigos derribando:
A cabeça do quarto que pendia,
IESVS, parece estar pronunciando,
E o coraçaõ no bofe inda pegado,
Ao doce nome se abre aluoraçado.

Onde o Cunha e Mezquita, que entenderaõ
Ser tempo de pór fogo aos grossos tiros,
Animaõ os bombardeiros, que estenderaõ
Os braços, cos murroens polos sufpiros:
Aqui a terra, o mar, e os ceos tremeraõ,
E voaõ polo ar fumantes giros,
Firmando-se os celestes mouimentos,
Titubando hum espaço os elementos.

Sae do metal vazio o rayo ardente,
Ora hum trouaõ, ora outro ali se ouindo,
Respondem os do imigo juntamente,
De negro fumo os campos se cobrindo:
Ouuem-se as magoas da ferida gente,
Que aos amigos socorro estaõ pedindo,
Voa a cabeça polo ar rinchando
Do caualo que fica perneando.

Vaõ diante as carretas do polouro
Que nellas dá, por terra espedaçadas,
Vindo chegando o belicoso Mouro,
Apos de setas, dardos, bombardadas:
O Luso tambem qual yrado touro
Sacudindo as garrochas que fincadas
Em si ve, neste tempo está bramando,
De remeter ao imigo desejando.

Mas porque os Mouros vem a passo lento
Os nossos pouco e pouco rodeando,
Querem que passe o estrondo turbulento,
O ar em tanto se desafumando:
Onde rompendo a yra o sufrimento
Quam perto huns estaõ doutros se mostrando
Naõ podendo sofrer tamanha injuria
Remetem os Lusos com dannosa furia.

Tudescos remetiaõ, e auentureiros,
A ordem antes proposta preuertendo,
Vaõ como bons e fortes caualeiros,
O dano a muitos delles entretendo:
Disparaõ nelles logo os mosqueteiros,
Vaõ co temor da morte enfraquecendo,
Da no Tauora ali huma bala ardente,
E logo outra no primo juntamente.

Passa

Passa as entranhas outra ao valeroso
Tudesco, que os Tudescos gouernaua,
Confunde-se o escoadraõ, e temeroso
Cada hum, passar auante receaua:
Leuanta nisto o Mouro belicoso
Huma grita que as nuues penetraua,
Grita tambem a queda companhia,
Que se recolha a que onrada morria.

Retira-se isto vendo, a mal sufrida
Gente depressa, hum pouco destroçada,
Perdendo a onra hum, e outro a vida,
A troco inda de fama desonrada:
Entra a gente que vem rota e vencida
Polo meo da que inda está ordenada,
Vanse co ella os escoadroens turbando,
E pouco e pouco assi desordenando.

Bem como quando por Othom os Romanos
Contra o Grego Basilio a lança apertaõ,
Que juntamente cos Venezianos
Os escoadroens inteiros desconcertaõ:
Assi se misturaraõ os Lusitanos,
Saõ casos que na guerra a caso acertaõ,
He a culpa de muytos menos graue
Posto que ri Philipo de Lansgraue.

Mas pois Ladislao entra nesta conta
Com Estrigonia, donde o mal lhe veo,
E Segismundo, quando a yra pronta
Turquesca os presos corta polo meo:
Console-se Luys na ygual afronta,
Que se o Mogacio campo deixa cheo
De tropheos, naõ ri Veneza delle,
Que Homarbei desculpa a nos e a elle.

Pois co a meſma deſordē os meſmos danos
Caem ſobre os Portugueſes a porfia,
Cae o Marques dos inclitos Romanos,
Banhando em tibio ſangue a terra fria:
E hum dos Coroneis dos Luſitanos,
Que Tauora por nome ſe dezia,
Tambem doutro pelouro o alento eſpira
Depois que ao ceo os turbos olhos vira.

Cae hum e ourro forte Capitam,
Cae Alexandre em terra mal ferido,
E trabalhando pola vida em vam
Foy do trabalho e morte em fim vencido:
Aqui os mais dos valeroſos ſam
(Daquelles que já tenho referido)
Mortos, e dos que o nome naõ declaro
Aqui por ſeu valor o fazem claro.

Acaba aqui a mais da Luſa gente,
Tudo ſam magoas triſtes, altos gritos,
Tudo pedir perdaõ ao omnipotente
Senhor, tudo pelouros enfinitos:
Acode hum a quem a bala ardente
As entranhas paſſou (que ſeus contritos
Peccados inda teme) ô vos Senhora
Sede vos peço minha valedora.

Outros com outras magoas ſemelhantes
A quem mais breuemente a morte toca,
Vozes roucas nas linguas tremolantes
Mormuraõ dentro na viſcoſa boca:
Eſtrago com que aos triſtes circunſtantes
O temor a mayor temor prouoca,
Reſtrigindo-ſe tanto cos eſquiuos
Pelouros, que andaõ os mortos como viuos.

O que

O que vendo os imigos em alto grito
Victoria vem dizendo, mas de ouſados
Muitos vaõ ver o Reyno de Cocito,
Da Luſa eſpada os mais eſcarmentados:
Do poder furibundo e infinito,
Iá neſte tempo caſi rodeados
Os eſcoadroens, num corpo reprimidos,
Que eſtaõ do eſtreito cerco reſtringidos.

Pola parte do rio vem pegando
Cos Mouros do Xarife os que ſeus foraõ,
Forçadamente os triſtes deſejando
De conſeguir o fim que depois choraõ:
O miſturado ſangue miſturando,
Iá derramado em terra, eſtes que adoraõ
A Mafamede, todos Mauritanos,
Duma ley, duma patria, aſſi inumanos.

Cortaõ pernas, cabeças, ventres, braços,
Paſſaõ co agudo ferro entranhas, peitos,
Abreuiaõ das vidas os eſpaços,
Chorando o fim para que foraõ eleitos:
Cortaõ corpos em dous e tres pedaços,
Que totalmente ficaõ ali deſfeytos,
O que vendo o Xarife e os Africanos,
Aos eſcoadroens ſe encoſtaõ Luſitanos.

Mas o Duque de Aueiro naõ ſofrendo
Tal medo, cos que ali tinha conſigo,
Com deſuſada furia remetendo,
Poem em fugida o temeroſo imigo:
A groſſa e aguda lança ali metendo
Por hum e outro peito, e armado imbigo,
Aos que encontra as pernas reuirando,
Ajuda de Maſoma demandando.

E o

E o Xarife apos elle de corrido
Com fera viſta os Mouros já derriba;
Incuruado na lança, e recolhido
Na ſela, onde os pés com força eſtriba:
Que qual cae do caualo mal ferido,
E trabalha ſubir com preſſa arriba,
Qual a morte tragando, ſe rebolue
Nas proprias tripas, onde o corpo embolue.

Pois o Franca e o Pita valeroſos,
Cos Tangerinos, já crueis enſopaõ
As lanças nos imigos, que orgulhoſos
Co elles ſem temor os peitos topaõ:
E por cima dos triſtes deſditoſos
Os ferrados caualos já galopam,
Entranhas, e miolos palpitando
Polo vermelho campo derramando.

E elRey da outra banda, e dom Duarte,
Que neſte meſmo tempo a lança empunha
A Hamete, e a Mumen daquella parte
Cos que ſeguindo o vaõ vence e repunha,
Derriba ora hum e outro eſtandarte,
Furor que já a Saide terror punha,
Iá vaõ victoria em alta voz gritando
Os que vencidos caem atropelando.

A redea ſolta o Mouro vay fugindo,
De ſeu ſangue vermelha a terra fica,
A hum do ventre as tripas vaõ ſaindo
Do peito a outro corre o ſangue em bica:
Ora hum, ora outro, aqui e ali caindo,
Que ſeu caualo em vaõ açouta e pica,
Qual viuo do eſtribo arraſto pende,
E qual os rabos dos caualos prende.

Qual

Qual morrendo, cos pés e braços treme,
Qual os terrenos olhos em aluo vira,
Qual do caualo em terra dando geme,
Qual dando a alma, o corpo inerto eſtira:
Qual a vida vendendo cara, freme,
Executando a riguroſa yra,
Qual ſe cruza, e entrega por vaſſalo,
E qual ſobe no alheo ou ſeu caualo.

Noua que a fama leua murmurando
De boca em boca ali ligeyramente,
A tê dar no Maluco, que tragando
Eſtaua a morte feo e deſcontente:
Que vendo que ſe vinha retirando
A toda a preſſa a Agarena gente,
Naõ podendo beber trago taõ forte,
Bebeo entaõ o damargoſa morte.

Torna a fama voando num inſtante,
Suſurrando eſta noua pouco crida,
Naõ vaõ co a victoria por diante
Por auerem-na couſa por vencida:
O que vendo os que abitaõ no Atlante
Auendo por deſordem conhecida
Naõ ſe mouerem os turbos eſcoadrões,
Animaõ outra vez os corações.

E cercando com grita a retaguarda,
Nas coſtas daõ dos que co Duque abatem
Caualos, em que foge a gente parda,
Que cos ferrados pés a terra batem:
Na outra, que ſeguindo el Rey naõ guarda
As coſtas, porque mais a disbaratem,
Daõ com ſoberua furia ouſadamente,
Pondo em aperto a pouca e forte gente.

Mas

Mas logo viraõ os fortes Luſitanos
(Que ja dous mil naõ cuido que ſeriaõ)
Cercados de infinitos Mauritanos,
Que bem corenta mil ſe contariaõ:
Aqui de caſos triſtes e inumanos,
E da funeſta grita os ceos ſe abriaõ,
Cobrem no campo aqui membros e entranhas,
Vem ſe naõ viſtas e orridas façanhas.

Volta o Xarife o roſto, apreſſa ouuindo,
Com que o rumor das armas retinia,
Ve que de Hamete vaõ os ſeus fugindo,
Que dum golpe non mais alguns fendia:
Eſtriba ſe elle entaõ feroz, brandindo
A lança, que ſobraço ja metia,
Quando Hamete (que os olhos nelle tinha)
Do meſmo modo à redea ſolta vinha.

Encontranſe os dous Mouros valeroſos,
Quaes enojadas ondas, retumbando
O ſom do encontro pelos cauernoſos
Vales, hum largo eſpaço o murmurando:
E ſendo no paſſar pouco ditoſos,
Dos corpos e caualos ſe topando
Aa terra cada hum por detras veo,
Quebrando-lhes as cilhas polo meo.

Caem os fortes varões amortecidos
Crece ſobrelles infinita gente,
Rompem o ceo Numidios alaridos,
Porque o furor aſſi mais ſe acrecente:
Eſtaõ em terra eſtes dous vencidos,
Co razaõ cada hum pigro e dormente,
Naõ canſam ali os ſeus de ſocorrelos,
Onde acabaõ os mais por defendelos.

Accde

Acode ali Goterre, e Haſſan, robuſto,
Quando ja o Xarife ſe leuanta,
E com peſada maõ o Mouro injuſto
A fe e ley magnanima quebranta:
O ferro faz ficar na carne juſto,
Depois que malha corta, e coura de Anta;
Cae outra vez o Rey do golpe inorme,
Que caſi o fende, e diferente dorme.

Chega niſto Albiquirim, banhado
Todo em ſangue de Agareno imigo,
Rompendo aquella gente denodado
Por ſocorrer a ſeu ſenhor, e amigo:
Ve-o por terra morto derribado,
E ve que Hamete (ja em pé) no embigo
A eſpada lhe punha, e eſquiuo brada
Naõ ponhas em teu Rey Hamete a eſpada.

Apos iſto a cruel Alfanja eſgrime
Naõ temendo dos muytos a pujança
Como que mais que a vida a morte eſtime,
Em tomar de ſeu Rey juſta vingança:
Onde o irmaõ Ajus que nalma imprime
A magoa de taõ aſpera lembrança,
Co elle juntamente ali remete,
E diante no mor perigo ſe mete.

Fere, mata, deſtrue, o moço ouſado
Quantos diante topa, mas comprida
A conta de ſeus dias, foy forçado
Por-lhe limite a morte á onrada vida:
Encontra com Heldede, que enojado
De ver-lhe a roupa ja toda tingida
De Mauro ſangue, a elle ſe arremeſſa,
E a lança no peito lhe atraueſſa.

Cae

Cae com terrena cor o moço forte,
Co a boca negra os olhos escondendo,
Ve o Duque de Aueiro a crua morte
(Que o campo aqui e ali vae discorrendo:)
Remete embebendo o agudo corte
Em tres que deixa por detras gemendo,
E contra os que se opõe o ferro aperta
Depois que bem na sela se concerta.

A huns derriba, a outros fere e mata,
Que a furia em nenhum Mouro modera,
Rompe escoadrões, fileiras desbarata,
Ia ninguem por diante ousado o espera:
Qual porco agreste sae da espessa mata,
Que bate a orelha abrindo a boca fera,
Lebreis, Sabujos, ante si leuando,
Huns e outros ferindo e devorando.

Assi o forte Duque vae rompendo
Polos crueis imigos denodado,
Muitos co elle entaõ caras vendendo
As vidas, por ficar seu nome onrado:
E Albiquirim atras, jamais erguendo
Em vaõ a curua espada, assaz vingado
Deixaõ o moço Ajus e o Rey dos Mouros
Passando auante quaes furiosos touros.

Fica o Xarife ali morto, e cercado
Do proprio pouo seu, que o desentranha
Qual Anteam em Ceruo transformado,
Que dos cães proua a vorace sanha:
Que hum na garganta ali encarniçado,
Outro no ventre ja, nunca tamanha
Troca de tempo auaro e dura sorte
Se vio, nem taõ cruel e bruta morte.

Dà

Dà o rumor no pronto e aberto ouuido,
Do valeroſo Cunha, que ſeguindo
Vem ſeu Real ſenhor, ja mal ferido,
O ſangue à morte o caminho abrindo:
O qual no corpo morto e ja vencido,
Vendo tal crueldade, preſumindo
Ser aquelle o Xarife, a liberdade
Que lhe deu, pos nas mãos da lealdade.

E aſſi na bruta turba encarniçada
O caualo lançando arrebatado,
O braço dà a adarga, a maõ à eſpada,
Terribel, riguroſo e denodado:
Corta, deſmalha, abate a deſcuydada
Gente de tal furor, e acelerado
Qual aceada chama em ſeco feno,
Paſſa matando o Barbaro Agareno.

Mas naõ eſgrime longo eſpaço, quando
O medonho Aghanuz co elle ſe topa
O corpulento lombo corcouando
Sobre animal que indomito galopa:
E a lança quatro veſes ſopeſando
No tenro peito deſpedida enſopa,
Caindo turbo della atrauéſſado,
Iunto do amado Rey o ſeruo amado.

Ia qual com curua fouce o Gallo rudo
Vae derribando o maduro trigo,
Hya eſgrimindo o Duque o ferro agudo,
Por antre o pouo Barbaro enemigo:
Quando lhe paſſa hum pelouro o eſcudo,
Que abre porta nas coſtas polo embigo,
Onde do mortal golpe ali turbado
Os olhos ergue ao ceo pronto enfiado.

Di-

Dizendo: Oo Senhor da Eterea corte
(Ia co a boca hum pouco denegrida)
Liuray por voſſo amor da eterna morte
A quem por voſſa fe ſo perde a vida:
E apos iſto lembrando-lhe a conſorte
Que traz no coraçaõ ſempre metida,
Da turba viſta choro que cahya
Moſtra que amor co a morte ali porfia.

Anima amor a voz rouca e tremante,
Que a doce e amada eſpoſa ali nomea,
Naõ podendo paſſar mais por diante,
Que a mortal turbaçaõ a lingua enlea:
Cae pallido em terra o triſte amante,
Quando chegaua a palaura e mea,
Banha de ſangue o já roxo terreno,
Tem cos olhos no ceo roſto ſereno.

Naõ era, naõ tal guerra, como aquella
Em que o ſenhor dos Mermidoens ouſado
Toma por força a fadada eſcarcela
Ao fabuloſo Cirne malfadado:
Neſta naõ val eſforço nem cautela
Que igual he o couarde, do eſforçado,
Naõ com lanças nos ferem os feros mouros
Mas com infinitiſſimos pelouros.

Com pelouros derribaõ os que ſeguindo
Vaõ o já morto Duque por vingalo,
Hum e outro, a jui e ali caindo,
Eſtrago importuno de contalo:
O peito co a lança logo abrindo
Suphieni, ao que ali cae do caualo
Naõ perdoando a vida a lança crua,
Nem ós da propria Secta e patria ſua

Onde

Onde os de Tanjar já desenganados
De saluaçaõ alguma, vendem cara
A vida, e como fortes e esforçados,
Na escura morte fazem a onra clara:
Aqui o Franca, e o Pita denodados
Vendo que lhe era já a fortuna auara,
Debayxo dos direitos ombros metem
As lanças, e ós imigos arremetem.

Vaõ ora hum e outro derribando,
Outros pondo em fugida, mas a sorte
Que o triste fim lhe andaua já ordenando,
Abreuia o tributo a fera morte:
Porque Aganuz a caso ali encontrando,
Do valeroso Pita o peito forte,
Lhe faz da vida ao fim breue interualo,
Caindo polas ancas do caualo.

Passa-lhe o agudo ferro o ventre armado
Que por mil partes já aberto estaua,
Vae por diante o Mouro acelerado,
Que mortos pisa, e viuos derribaua:
Por outra parte Hassan fero enojado
O velho Franca derribado achaua,
Que como ve que a elle se reuira,
A lança de arremesso ali lhe atira.

Cae della atrauessado o triste Franca,
E inda assi feroz se leuantando
Remete a hum que aguda alfanja arranca,
A seus pès só dum golpe o derribando
Mas outro a maõ neruosa a barba branca
Duas vezes ousado ali voltando,
Por huma cutilada que recebe
No velho peito a larga espada embebe.

Da

Da outra parte elRey a grita ouuindo
Do enemigo, que por detras vinha,
A vencedora gente deſtroindo,
Da qual a mayor parte morta tinha:
Na maõ a lança ali terza brandindo,
E contra os enemigos encaminha,
Fortemente na ſela em pè ſe eſtriba,
E tudo o que acha morto ao chaõ derriba.

Ali o fero Barde naõ deſmaya,
Que qual Ariom de Adaſtro celebrado
Encontra outro que tinha a pele baya,
Sobre o qual vem hum Mouro forte, ouſado:
Eſte a el Rey encontra co a azagaya,
Que qual firme penhaſco ao rolo inchado
De furioſas ondas firme, e quedo,
Lhe parece que topa num rochedo.

Mas el Rey caſo delle naõ fazendo
Contra hum tropel que vinha a lança apreſta,
E ſobre ella encuruado vae rompendo
A hum o ventre, a outro o peito e teſta:
Aqui qual Tigre Ircano remetendo
A quem manada ruſtica moleſta
No cercado curral, que dos nouilhos
As entranhas leuaua para os filhos.

Quebrando a lança, a larga eſpada tira,
A huns cortando pernas, a outros braços,
Qual pelouro, qual dardo ou lança atira,
Que nas armas ſe fazem mil pedaços:
Ia hum tropel contra elle ſe conſpira,
Que remetendo vem dos omens baços,
Dà hum pelouro ali no Barde ardente,
Que em terra cae co Rey ſupitamente.

Crece

Crece aqui gente duma e doutra parte,
Mas fazem ao forte Rey largo interualo
Os que militaõ ali co duro Marte,
Atè que lhe trouxeraõ outro cavalo:
Aqui cercaõ os Mouros o eſtendarte
Luſo, que dom Luys leal vaſſalo
Defendendo, cahyo co elle abraçado,
O cavalo dum tiro treſpaſſado.

Onde poucos mancebos acodindo
Para quantos os Mouros entaõ eraõ
Vaõ os peitos dos Barbaros abrindo
Que cercalos no meo pretenderaõ:
Cabeças, pernas, braços dividindo,
Dos que depois em vaõ ſe arrependeraõ,
A ſeu Rey rodeando e defendendo,
Que a vida moſtraõ eſtar aborrecendo.

Eſtà cercado o Luſo, e o vencimento
Vendo bem claro ja da Luſa gente,
Os olhos leua ao ceo e o penſamento,
Com coraçaõ turbado e deſcontente:
Dizendo: Oo diuino entendimento,
Que tudo medes là direitamente,
Como permites que victoria veja
Quem contra tua fe ſenhor peleja?

Em mi que ſo fuy cauſa deſte danno,
Executa o caſtigo de meu erro,
E naõ no triſte pouo Luſitano,
Paſſado caſi todo a chumbo e ferro:
Quebranta o furor deſte Africano,
E livra os teus Senhor deſte deſterro,
Deſterro, pois de ti deſamparados,
Vaõ de vencida ja desbaratados.

E apos

E apos iſto brandamente vira,
Os olhos ao Tauora que eſtaua
Turbado, o qual mudo ali ſuſpira,
Que a dor á triſte voz lugar naõ daua:
Amor o cerca, e temor o admira,
De lagrimas os olhos arraſaua,
Vendo que como quem ſe deſpedia
Deſta maneira o moço lhe dezia.

Oo meu leal e verdadeito amigo,
Em quem eu tiue ſempre confiança,
Bem vedes ja victorioſo o imigo,
E de meu Cetro a cruel mudança:
Da ſalvaçaõ incerta o certo perigo
Nos tira de remedio a eſperança,
Para que he dar á dor mais largo eſpaço,
Abre caminho à morte o duro braço.

Vamos buſcar no riguroſo corte
Do enemigo a fama ja abatida,
Onde onra ſe acha ali ſe buſque a morte,
Onde acaba a eſperança acabe a vida:
Iſto dizendo, o leal conſorte,
Que a furia ve do Rey embrauecida,
Cos olhos no perigo lhe replica
Que a vida tudo adquire e purifica.

A vida tudo ali lhe diz que alcança
Que deſculpa, conſerua, e vinga tudo,
Que tem ſempre no imigo pronta a lança,
E atada a lingoa ouſada ao pouo rudo:
A morte ſendo ſempre da eſperança
Terrena o fim, mas embraçando o eſcudo
O furioſo Rey arde orgulhoſo
Batendo as pernas ao animal fugoſo.

E qual

E qual em curua rede o namorado
Delfim, vae penſatiuo e ſaudoſo,
Do piſcatorio laço deſcuydado
Ia do rumor das vozes temeroſo:
Que junto á terra vendo-ſe cercado,
As barbetanas bate furioſo,
Na freſca malha, larga porta abrindo
Ao meudo eſcoadraõ que o vae ſeguindo.

Aſſi o brauo moço arremetendo,
No boſque de ferrados Freyxos,
Vae ſeguro caminho aos ſeus fazendo
Rompendo ventres e barbudos queixos:
Hum cae ſem alma, outro cae gemendo,
Chouem ſobrelle ſetas, dardos, ſeixos,
Ligeyro acode aqui, e ali ſe vira
Onde por elle algum dos ſeus ſuſpira.

Naõ de outro modo que Lioa yrada
A quem turba Numidica rodea,
Cos arriçados filhos da afumada
Gruta ſaindo, de braueza chea,
Que á vingança cruel determinada
Por antre a ruda plebe eſquiua e fea
Mordendo, os dardos rompe e desbarata
O eſcoadraõ, diuora, eſcala, e mata.

No pronto ouuido dando da furioſa
Máy a voz, ja canſada e afligida
Dum filho e outro, que com rigoroſa
E aſpera braueza acaba a vida:
Onde ſaltando incerta e duuidoſa
Aqui e ali cruel e embrauecida,
Quando hum amor a chama, outro a ſuſpende,
E aſſi mais chea de yra o vulgo offende.

Co a meſma braueza o Luſitano
Liura muitos ali da morte dura,
De tamanho furor tamanho dano
Enchendo de almas ja a barca eſcura:
Diante leua o pouo Mauritano,
E a hum do coto a maõ ſe dependura,
E doutro a barbuda face pende,
Outros co ferro graue talha e fende.

Pois os que atras o vam acompanhando
Tiram do danno alheo eterna gloria,
Mas fica ſepultado o eſforço, quando
Porfia e canſa em vaõ contra a victoria:
Huns vaõ crecendo, outros vaõ mingoando,
Partido deſygual de triſte eſtoria,
Cae hum e outro, que valor naõ monta
A breue fim ſe chega a breue conta.

Por outra banda o inclito Duarte
Tambem anda por terra derribando
Os que encontra, acodindo a toda parte
Onde ſocorro e ajuda eſtaõ bradando:
Que qual inuicto e furioſo Marte
A miſeranda plebe atropelando,
Rompendo vae por antre quem lho empede
Por dar fauor e ajuda a quem lha pede.

Onde Albedelcarim por dar vingança
De tamanho deſtroço, as redeas larga
Em banda, e a elle ſe abalança,
A alfanja numa maõ, na outra a adarga:
Mas Duarte enreſtando a groſſa lança
Ao caualo tira a graue carga
Fazendo-o ir por terra ali rodando
Por cima dos que eſtaõ fauor bradando.

An-

Andando neſte tempo encarniçado
Hali, o rudo vulgo eſpedaçando,
O feno que de ſangue eſtá empapado,
De corpos ſem cabeça ſemeando:
Qual famelico lobo no cerrado
Corral, vae os cordeiros degolando,
O que vendo dous Condes, brauamente
Rompendo vão pola Agarena gente.

O do Redondo ſam, e o de Linhares
Na guerra forte, e na paz bem quiſto,
Enueja faz o par aos doze pares,
Rompendo vão os que não crem em Chriſto;
Soaõ as triſtes vozes populares,
E por Hali o certo perigo viſto,
A defeſa empoſſiuel ſe ordenaua,
Quando por ali Saide atraueſſaua.

Montando muito pouco a noua ajuda,
Que o braço de Linhares chega ouſado,
E faz que apos ſi leue a eſpada aguda
(Dũ golpe) touca de hum e ombro armado;
A outro dum reues a boca muda
Ao celebro, que no chaõ eſtirado
Pola orelha arreueſſa, e alma eſpira,
Onde turbada a turba as coſtas vira.

Vaõ por diante atras da inica gente,
Que ſem concerto a tombos vae fugindo;
Qual impetu de ſupita corrente,
Varios caminhos ſem caminho abrindo:
Vaõ por detras ladrando juntamente
Outros muitos, as lanças eſgrimindo,
Eſtando já ferido o forte Aldana,
Rodeado de gente Mauritana.

Eſtaua o triſte a pé feito em pedaços,
Vendendo cara a vida trabalhoſa,
Rodeado daquelles homens baços,
Que lhe procuraõ morte rigurosa,
Onde Tubhabá a eſpada com dous braços
Eſgrimindo cruel e temeroſa,
No tempo que a cabeça o triſte adarga
Lha mete elle a ſeu ſaluo pola ylharga.

Ve iſto o Gama, a quem já deſempara
A força de cansado, que correndo
A huma e outra parte, nunca achara
Seu Rey, a ſeu officio reſpondendo:
Que como vio que o Mouro atraueſſara
O peito ao Capitam, arremetendo
Duas portas á morte de hum abrio,
Que entra por onde o ſangue lhe fugio.

Mas Albedelcarim diſto enojado,
A maõ ezquerda á gola de aço eſtende
Do triſte velho, na dereita alçado
Tendo o terçado, que elle ao Mouro prende:
E em quanto hum e outro eſtá occupado,
Em duas partes lhe a cabeça fende
O membrudo Manſor que entaõ chegaua
Quando ao Mouro o Gama derribaua.

O que acertou de ver o velho Conde
Da Videgueira, que ouuindo a preſſa
Onde o rumor das armas mais reſponde,
A hum na groſſa lança ali atraueſſa:
No peito a outro logo a eſpada eſconde,
Onde qual dardo ou lança lhe aremeſſa,
Qual ardente pelouro, e em fim acertado
Foy do caualo morto derribado.

Con-

Contar caſos eſtranhos, e eſpantoſos
Eſforços nunca ouuidos, cutiladas
Naõ viſtas, por eſtenſo a valeroſos
Dar o louuor de couſas ſinaladas:
Seria imitar a fabuloſos,
Pois quem conta façanhas deſuſadas
Em pago do aliuio que procura
Ao ouuinte, o credito auentura.

Dos que ſomente tenho referido,
E particularmente nomeado,
Faço mençaõ nõmais por ſer ſabido
Ser cada hum dos mais taõ eſforçado:
Euito a ſer proluxo e mais comprido,
Caquilo a que meu conto eſtá obrigado,
E por iſſo naõ poſſo tratar delles,
Por naõ auer tambem papel parelles.

Mas tornando a ſeguir minha jornada,
Qual animoſo aqui e ali galopa,
Qual embacia e bóta a terza eſpada,
Qual a lança no Elche ou Mouro enſopa:
Qual com valor e furia denodada
Co caualo o de ſeu imigo topa,
Entendendo-ſe claro que puderaõ
Vencer, ſe os de pé os ſocorreraõ.

Mas a gente confuſa e apertada,
Chea de eſpanto, dentro ſe metia
No eſcoadraõ da já deſordenada
Turba, como cada hum melhor podia:
Qual de ouelhas (lanigera manada)
No largo campo juntas ao meo dia
Humas a outras ſombra ſe fazendo,
Sa vae no meo huma e outra metendo.

Aſſi

Aſſi o rudo pouo amedrontado,
Huns com outros guardados e eſcondidos;
Num corpo reprimido, e apertado,
Andauaõ mais medroſos que corridos
Cada vez mais crecendo o acelerado
Furor dos enemigos e alaridos,
Onde por ſe liurarem deſta afronta
Apalpaõ já ſe o retirar lhes monta.

Mas ali Baſtiaõ depois que encima
Foy do Bonito (qual o feroz Xanto
De Palux) a ſua gente tanto anima
Que faz aos ſeus vergonha, e ao Mouro eſpanto
E como a onra mais que a vida eſtima (
Rompendo os enemigos, tudo quanto
Diante ſe lhe poem por terra lança,
Banhando em ſangue ora huma ora outra lãça

Vae furioſo tudo atropelando,
Mas logo ao encontro hum Mouro eſquiuo
Lhe ſae a dianteira lhe tomando,
Moſtrando bem ſer o Virrey altiuo:
O qual a Cimitarra leuantando
Com que naõ cuyda que ficaſſe viuo,
Hum golpe ſobre o elmo lhe carrega
Que perturbado ao arçaõ ſe pega.

Fica ſentido o moço e enuergonhado
De verſe aſſi ferir, a eſpada aperta,
E ao Mouro remete, que adargado
Por bayxo tem a alfanja mea cuberta:
Dalhe com tanta força o moço yrado,
Que ſe em cheo de gume entaõ lhe acerta,
Sem duuida ficara ali partido,
Mas vay com tudo ao chaõ amortecido.

Paſſa

Passa auante feroz, e o rosto vira
A Mansor, que matando hum Luso estaua,
Ao qual de reues hum golpe atira
Que adarga, touca, e carne lhe cortaua:
Logo o Chaya co elle se conspira,
E cada hum a alfanja leuantaua,
Polo partirem ambos polo meo,
Mas muy ao contrario o fim lhes veo.

Que o Rey vendo o perigo que naõ teme,
As pernas ao caualo a pressa bate,
Por antre ambos passando, e dando geme
Em Mansor, que atordido a terra abate:
Encontrando ao Chaya que freme,
Vendo dum só tamanho disbarate,
Sendo com tudo delle mal tratado,
Mas passa por diante assaz vingado.

Indo-o seguindo o seu Tanora amado,
Que nunca em nenhum tempo o desampara,
Companheyro lhe foy no alegre fado,
Nam-no deixa de ser na sorte auara:
Naõ lhe mudou o amor mudarse o estado
Ygual na doce vida, e morte amara
Segue sempre o seu Rey: ô grande amor
A que chegar naõ pode algum louuor.

Amor que nunca outro o ygualou,
Fe, amor, que enuergonha a Labieno,
Ao qual Efestiaõ nunca chegou,
O de Zopiro sendo mais pequeno:
De Teseo, e Perito naõ cantou
A fama tanto amor, nem o que o terreno
Da patria deixa, só de amor vencido
Por Scipiaõ, foy nunca taõ crecido.

Vaõ

Vaõ apos elle os mais ouſadamente;
Caualos, Mouros, tudo derribando,
Crece em ſocorro da Agarena gente
Poder immenſo balas atirando:
No caualo delRey dá huma ardente,
Torcendo os olhos cae no chaõ eſcumando,
Salta ligeramente fora delle,
Lanças, pelouros, chouem ali ſobre elle.

Dalhe hum pelouro e outro, retinindo
Nas duras armas de aço, temperadas
Por tal arte que a tudo reſiſtindo
Naõ temem ſetas, dardos, nem lançadas:
Por mil partes andaõ ali ferindo
Os Mouros, que ſe foraõ ellas fadadas
Como as de Eƈtor e Achilles, naõ duuido
Que fora mais depreſſa ali ferido.

Mas a artifice tempera moderna
Excede a toda a outra fabulada,
Ou ſeja de Vulcano, ou dagoa Auerna,
Taõ temida no mundo, e deſejada:
E o braço que com força e arte gouerna
Aquella aguda, e ſanguinoſa eſpada,
Inda lhe foy ali melhor reparo,
Que faz que a muitos cuſte o orgulho caro.

He meo ali do orrido limite
Da Mauritana deſditoſa vida,
Onde conuem que a dor e temor grite
Na mortal ora e triſte deſpedida:
Ali o Rey, porque a furor incite
Os que tinhaõ a furia já perdida,
A dous derriba, e faz largo terreno
Bem à cuſta do Barbaro Agareno.

Sobin-

Sobindo no Cabreira outro caualo,
Qual o famoſo Silaro ligeiro,
Ve morto hum e outro leal vaſalo,
Determina de ſer-lhes companheiro:
Naõ ouſa nenhum Mouro de eſperalo,
Por mais que ſeja forte caualeiro,
Mas por de tras o vaõ ſempre ferindo
Adargados diante lhe fogindo.

Como acontece quando rodeada
(A triſte Aue que aborrece o dia,)
De varios paſſarinhos, que enojada
Sae ja do tronco, ou curua penedia:
Onde a turba volante amedrontada,
Qual carcareja, chilra, ou aſſouia,
Indo diante timidos voando,
E muitos por detras a depenando.

Por eſte modo vay o Rey potente,
Cercado de ameaços e alaridos,
Aos quaes acode infinita gente,
Com dardos, lanças, e farpões compridos:
Concorrem Portugueſes juntamente,
Voaõ ja os pelouros eſcondidos,
Caem por mil partes muytos ſem ventura,
De mole ſangue enchendo a terra dura.

Ouue-ſe hum e outro breue eſtrondo,
Couſa bem certa dalgum longo pranto,
Cae de improuiſo o Conde do Redondo
Quem naõ teria ali com magoa eſpanto?
Mas atras a eſperança os olhos pondo
No ceo eſte varaõ, ſolta entretanto
A voz extrema, que cortada fica
Nos beiços quando ali perdaõ replica.

Aon-

Aonde a belicosa iniqua gente
Os escoadrões rodea, que esperando
Estaõ sem defensam confusamente
A dura morte que os vae tragando:
Aqui a frecha, o dardo, e a bala ardente
A hum e outro, os annos limitando,
Fazem espessa nuue, e negro teito
Depois rios correr de cada peito.

Qual prenhe trouoada no furioso
Inuerno, quando o ceo turba e rodea,
Que do vmido ventre tenebroso
Com granizada chuua o chaõ semea:
Assi sobre o Luso valeroso
Tudo o consume, e nada o remedea,
Parecendo fazerem-se eruas Mouros,
E chouerem do ceo setas, pelouros.

Desta maneira os tristes sem ventura
Acabaõ, onde hum moço a espada braua
Bruta de sangue enche a praya escura
Dos que descendem da engeitada escraua:
Dom Iorge Telo he, porque ja jura
Corrida fama dos que celebraua,
De naõ cantar nenhum valor passado
Pois este deue ser so celebrado.

Este o Guyaõ do Luso Rey trazia,
Sem temor remetendo brauo, e ousado
E a fama dos Erois escurecia,
Que tanto illustra o siglo ja passado:
Morto hum caualo, e outro lhe cahya,
Cuma maõ no Guyaõ, noutra o terçado:
O nome Lusitano alto e preclaro
Faz ali a pesar do tempo auaro.

Ora

Ora vede se hum moço he assi estimado
Taõ valeroso, de tam poucos annos,
De quem o Mouro está mudo e pasmado,
Que seriam os outros Lusitanos:
Entenda-se que o menos esforçado
Lhe coube em sorte mil dos Mauritanos,
Mas inda que a hum tres mil couberaõ
Nem por isso vencer tantos puderaõ.

Era a soma infinita que rodea
(Por todas partes) os desbaratados,
O viuo ali debayxo se menea
E grita em vaõ, dos corpos trespassados:
Algum se quer valer de ajuda alhea,
E ve depois os braços ir pegados
No cabo do caualo que passaua,
Que sem no arrancar lhos arrancaua.

Outros aferraõ co furor da morte
As pernas dos cansados caualeiros,
Vindo ambos a terra desta sorte,
A ser por força nella companheiros:
A boca a outros pisando algum consorte
Calando vaõ os acentos derradeiros
Da triste voz, que a quem remedio brada
Lhe acaba ali a vida trabalhada.

Onde o inuicto Bastiaõ esgrime
O ferro, que a dar mortes acostuma,
Correndo ali do sanguinoso crime
Rios de licor negro, e ardente escuma:
No coraçaõ do imigo espanto imprime,
Oo quem tiuera aqui Meonia pluma,
Para fazer (no como aqui peleja)
Espanto a Achilles, e Alexandre inueja.

Fa-

Façanhas faz o moço, mas cercado
Dos mais brauos e fortes Agarenos,
Está qual brauo touro agarrochado,
Precatado dos barbaros acenos:
Onde o Tauora vendo-o em tal estado
Se vae a elles, tendo ali por menos
Por em prisam perpetua a vida amada,
Que ver a de seu Rey taõ arriscada.

E com vmilde aspeito a voz leuanta,
Dizendo, este he o Rey dos Lusitanos,
Que tanto vos aflige, e vos espanta,
Conhecendo seu ser por vossos danos:
Nunca se a ley magnanima quebranta
Antre Erois, por onde Mauritanos
Naõ chegueis a prouar o ferro agudo,
Pois naõ ganhando nada perdeis tudo.

Thesouros e estados vos seguro
Se todos imos oje a saluamento,
O que por minha ley e meu Rey juro,
Assaz bastante, e firme juramento:
Responde aquelle Barbaro conjuro
Que naõ tem por seguro fundamento
O que lhe diz, em quanto a braua espada
Naõ for do moço Rey ali entregada.

Torna o fiel vassalo ao inuicto Luso,
E o duro partido lhe pratica,
O qual se turba e rodea confuso
Do que sem seu querer se comunica:
E nouamente de furor infuso
A espada aperta, e o caualo pica,
Dizendo, doce morte he morte onrada,
Perder a vida si, mas nam a espada.

Feri-

Ferido vae no rosto o moço yrado,
Quando já aos imigos arremete,
Vae inda de alguns seus acompanhado,
Por antre os dardos o caualo mete:
Vencer hum so a tantos he escusado,
Posto que o duro braço lho promete,
Leua na terza espada que menea
A sua propria vida, e a morte alhea.

De negros corpos negras almas manda
A negra casa de perpetuo pranto,
Hum de Maloma o fauor demanda,
Outro do Alcoram blasphema entanto:
Cercamno já por huma e outra banda,
Cos rostos tintos de amarelo espanto,
E qual pelouro lança, ou dardo atira,
Qual o comete, e arrasto se retira.

Inuicto anda, mas que lhe aproueita,
Que a rigurosa morte endurecida
Chegado tem ao fim a conta estreita
Da mal lograda e trabalhosa vida:
Hum ombro desarmado hum Mouro espreita,
E a espingarda aponta ali comprida,
Sae a bala cruel, e ao moço acerta,
Deixando a sangue e a vida a porta aberta.

Naõ cae o Rey, mas pallido se apea
Do caualo, que escumando espira
Doutro pelouro, e com furor rodea
Os golpes que já enraõ sem força atira:
Onde de se a esperança chea
(Co coraçaõ no ceo) a alma suspira,
Dizendo: Oo bom Senhor, Senhor de tudo
Quem se pòde saluar sem vosso escudo?

Lem-

Lembraiuos deſte pouo deſtoçado,
E deſta alma turbada, e arrependida,
Pois quem perde por vos a vida e eſtado,
Naõ perde naõ, mas ganha Imperio e vida:
Iſto dizendo, o Tauora banhado
Em ſangue, co a cabeça ali partida,
Morto cae a ſeus pés, onde fazia
A outros companheiros companhia.

Cae outro corpo logo ſem cabeça,
E doutro co a cabeça o coarto inteiro,
Doutro a pender o figado começa,
Do ventre que rompeo o arcabuzeyro:
Morte naõ ha que ali ſe naõ padeça,
Onde o Rey no extremo derradeiro,
De Real ſangue jà fazendo hum rio,
O aluo roſto banha em ſuor frio.

Vae o duro acidente ali cobrindo
De mortal ſombra a pallida figura,
A viſta eſconde, os aluos deſcobrindo,
Todos toldados já de neuoa eſcura:
E a denegrida boca hum pouco abrindo,
Reclinando a cabeça na armadura,
Saluça pouco e pouco, onde a ditoſa
Alma ſae triumphante e glorioſa.

Morreo Baſtiaõ, ó morte que fizeſte:
Porque cortado em flor aſſi leuaſte
Das mãos das eſperanças? que temeſte
De poderes perder? ou que ganhaſte?
Que gloria te ficou do que venceſte?
Que goſto da triſteza que deyxaſte?
Oo auara, inuicta anotomia,
Arrogante, cruel, nocturna Eſtria.

Pois

Pois ficando sem Rey a gente toda
Começa de ferver mais restrigida,
Os Mouros apertando sempre a roda,
Sem resistencia a vendo ja vencida:
Onde qual nas carretas se acomoda,
Qual sae dalli aborrecendo a vida,
Sendo feito em pedaços num momento,
Qual se afoga num mar sanguinolento.

Naõ de outro modo que qual a manada
De manso gado no ilheo de area,
Pouco e pouco ali acomulada,
A que enchente Nilotica rodea:
Que dagoa restringida e circulada,
Crecendo sempre a acelerada chea,
Depois de ser o enxuto della entrado
Qual se afoga ali, qual sae a nado.

Assi tanto que os Mouros atreuidos
Os vaõ por huma parte e outra entrando
Rompendo o ceo com trombas e alaridos
Se vaõ tambem os tristes derramando:
Onde por varias partes diuididos,
A varios perigos se entregando
Aos imigos largo lugar deraõ
Com que à poluora fogo nos puseraõ.

Toca o fogo o enxofre salitrado,
Que paga a quem o põe o atreuimento,
Sobe ao ceo o rayo acelerado,
Com terribel estrondo torbulento:
Carretas, bois, de lá tudo queimado,
Caindo cafi ja desfeito em vento,
Hum breue espaço em fim da nuue ardente
Chouendo sobre nós ardida gente.

Caem

Caem assadas entranhas fumegando,
Ossos sem carne ja em caruões feitos,
Correm alguns sem boca ali bradando
Outros mostraõ as costas polos peitos:
Em disformes figuras lamentando,
Fazendo orribilissimos aspeitos,
Vaõ apos os amigos que espantados
Benzendo-se lhe fogem amedrontados.

Por outra parte outros conhecendo
A crueza dos Barbaros maluados,
Buscar vida sem onra naõ querendo
Estaõ ja à morrer determinados:
Em tranqueiras ali se refazendo
De piques, bois, caualos jarretados,
Onde se vem naõ vistas estranhezas,
Desusado valor, brutas crueзas.

Saindo huns, que he magoa e espanto velos
A rasto, e co as mãos, e boca prendem
Polos gumes os Barbaros cutelos,
Com que depois em vaõ o imigo ofendem:
Outros remetem so cos cotouelos,
Que dos cotos as mãos cortadas pendem,
E algum metendo o corpo pela lança
Do enemigo, pouco e pouco o alcança.

Pernas se vem ali, que penduradas
Por fraca pele de cortada coxa:
De naõ arremeterem enuergonhadas
Deixaõ o corpo atras que manco afroxa,
Cabeças vaõ saltando regaladas:
Roncando ainda a garganta roxa,
Fazendo taes visagens, que esgremindo
Lhe vaõ diante os barbaros fugindo.

An-

Andando Saide neſte tempo eſquiuo,
Aceſo em yra, vendo que duraua
Tanto, contra poder taõ exceſſiuo
Gente que ſó co nome pelejaua:
Naõ deixa o ferro agudo corpo viuo
Morde e atropela a beſta que leuaua
Como a de Diomedes inumano,
Ou de Artibio o cavalo ſoberano.

E deſte modo o campo diſcurrendo,
Vio hum pequeno, e fero ajuntamento,
Que eſtaua huma carroça defendendo
Cum deſuſado e nouo atreuimento:
Onde ſer gente braua conhecendo
Que de morrer fazia fundamento,
Chega, e meneando a eſpada eſquiua
A huns derriba, mata, a outros catiua.

Onde depois que a preſa certa tinha
As cortinas abrio ſoberbamente
Do coche onde o moço Duque vinha
Sobre ſeuero hum pouco deſcontente:
Que como a face ſobre a maõ ſoſtinha
Naõ temendo mor mal que o mal preſente
Naõ faz caſo do Mouro, que enojado
O faz levar dalguns acompanhado.

Brahem que doutra banda brauo e ouſado,
Derriba o que contra elle o braço atreve,
Tambem ja de catiuos rodeado,
Bem moſtra ao mundo o valor que teue:
Nenhum naõ anda pois deſoccupado,
Que cada hum he tempo que ja leue
Preſa a triſte gente deſtroçada,
Até da morte ali deſamparada.

Mas porque aqui hum nouo ſentimento
A voz me interrompeo rouca e canſada,
De renouar tamanho perdimento
A lingoa me ficando á magoa atada:
Quietar quero o ſoluçoſo alento
Que inda vejo no colo pendurada
A corda, e depois que a voz mais clara
Sair, direy dos mais a ſorte auara.

****

CANTO DECIMO OVTAVO.

Acabanſe de deſtruyr os Portugueſes, fazem os Mouros nouas crueldades nos catiuos: contan-ſe algumas couſas particulares. E dom Diogo de Souſa, ouuindo e ſabendo em Larache a triſte noua, ſe torna para o Reyno, onde ſe faz grande pranto.

NEnhuma aduerſidade ou caſo duro
Por móres males que traga conſigo,
Pode jamais trazer mal taõ eſcuro,
Como he vir a poder do enemigo:
Quem viuirá de caſos maos ſeguro?
Quem pode adiuinhar o oculto perigo,
Quando guardado eſtá para taes dannos
Como os que ſe ordenaraõ aos Luſitanos.

Certo

Certo naõ ſey qual he taõ deſcuydado,
Que em ſeu trono ſeguro eſtar preſume,
Pois o tempo naõ dá ſeguro eſtado,
Mas varialos ſempre he ſeu coſtume:
Que foy de tanto Imperio já paſſado?
Qué do ſiglo dourado? em fim reſumem
Tudo em nada o tempo: e naõ me eſpanto
Fazer dos Luſitanos outro tanto.

Andauaõ (como atras vos tenho dito)
Os Mouros, huns e outros catiuando,
Saindo a muitos o canſado eſpritu,
Polas feridas que eſtaõ resfolegando:
De theſouro riquiſſimo infinito
Os corpulentos ombros carregando,
Auendo muito poucos omens viuos,
Que naõ eſtem já entaõ, ou vaõ catiuos.

Das altas ſerras donde eſtauaõ vendo
A batalha cruel, os inumanos
Alarbes, neſte tempo já decendo,
Vendo rotos os poucos Luſitanos:
Que de groſſos baſtoens ſe apercebendo
Para fazerem nelles nouos dannos,
Co elles vem ferindo brutamente
A já ferida, e deſaſtrada gente.

Eſtes fazem naõ viſtas crueldades
Nos que mortos no já coalhado, e frio
Sangue, moſtram as brutas feridades,
Que em ſuas carnes faz o agudo fio:
As antigas crueis enemizades
Naõ lhe deixando ter nojo ou faſtio
Do negro ſangue, que huns eſtaõ bebendo,
Outros os corpos palidos mordendo.

Outros polos barbudos roſtos feos
De paos toſtados metem agudos bicos,
Outros leuaõ de roupa os ombros cheos,
Outros enterraõ os enfeis inicos:
Todos entaõ ali dos bens alheos
Deixando para ſempre os filhos ricos,
Enchendo a fio vales e carreiras,
Imitando companhas formigueiras.

Naõ achou o que a fama de Cartago
Tanto a peſar de Roma aſſi ſoblima,
Tantos aneis no ſanguinoſo eſtrago,
Nem deſpojos de tanto preço e eſtima:
Nem aquella que deu a Cyro o pago
Da aurea ſede, no remoto Clima,
Nem o que pos a toda Perſia freo,
Tanto theſouro achou, tanto tropheo.

Mas deixando embebidos e occupados
Eſtes que nos deſpojos ſe enriquecem,
Vamos apos dos triſtes deſtroçados,
Que em varias partes, vario mal padecem:
Fiquem os que ficaõ dando roucos brados,
Antre os que delles naõ ſe compadecem
Chorem ſeu mal, que mal ſe remedea
O que ſo pende da merce alhea.

Depois que polo campo ſe eſtenderaõ
As triſtes gentes que ficaraõ viuas,
Da batalha, que as vidas defenderaõ,
Para entregar a mortes taõ eſquiuas:
As que os Mouros puderaõ ali prenderaõ
E a punho, e corda leuam-nas catiuas,
As outras vaõ ſeguindo derramadas
O Mouro Albiquirim deſordenadas.

Vaõ

Vaõ as pisadas deste alguns seguindo,
Que passa polo imigo ousadamente,
Porque os Alarbes foraõ presumindo
Que era o que Alcaide foy da mesma gente:
E por isso o intento prosseguindo
Cada qual por caminho differente,
Huns por brenhas se metem, e aruoredos,
Outros por curuos e orridos rochedos.

Vaõ todos dar nas maos (da mesma sorte)
De seus dannos, por larga e aberta estrada
E quando fugir cuydaõ á fera morte,
Entaõ a vem mais crua aparelhada:
Que qual ensanguentando o duro corte
Com duro braço de luzente espada,
E qual em seu caualo confiado
Determina passar o rio a nado.

Huns atras outros indo atrauessando
O sanguinoso Magazem, que cheo
De mortos já, no sangue se afogando
Co a vida acabauamno receo:
Qual de lagosta desazado bando,
No repentino lago e acario seo,
Que o verde campo alaga, onde a corrente
Leua junto co a viua a morta gente.

Assi muitos ali já mergulhando
Fazendo ponte aos outros que passauaõ,
Onde a agoa e a morte yguaes cortando
Da vida aos tristes corpos despojauaõ:
Torcem a vista os caualos mastigando
O duro freo e as prantas afirmando,
Borbulhando no pegajoso fundo,
Doutro que falta em cima furibundo.

Onde

Onde de bruços hum, e outro de ilharga;
Dos Mouros inda aqui alanceados,
Tragaõ os triſtes morte mais amarga
Que nunca viraõ tempos já paſſados:
Hum deita fora dagoa o braço e adarga,
Que inda no fundo teme os feros dardos,
A outro a alma ali ſair duuida
Aberta vendo tanta porta à vida.

Nunca em ſi tamanho eſtrago viraõ
Por Valerio os Sabinos no Anieno,
Nem as que os montes Caſpios poſſuyraõ;
No Termodonte mormoro e ſereno:
Nunca Limphas taõ negras ſe tingiraõ,
Nem tanto ſangue turba o Araſſeo e Reno;
Rodo, Danubio, e o Tibre claro vem
Que mais negro vay quelles Magazem.

Pois outros que caminhos deſuiados
Fizeraõ como ſua culpa ordena,
Tambem cuydaõ fugir de ſeus peccados
Podendo mal fugir a culpa à pena:
Dos quaes contar os caſos deſaſtrados
A que a permiſſaõ juſta os condena,
Seria naõ dar fim ao prometido
E ficar em ſoluços conuertido.

Mas porque todauia o rouco alento
Cantando o mal alheo, pacifique
Em certo modo o meu, hum perdimento;
E fim de amor he bem que ſe publique:
Porque quem delle fez ſeu fundamento,
Tambem naõ he razaõ que eſcuro fique
Ao mundo, ſendo exemplo a magoados
Fins de amor, de contino deſeſtrados.

Vem

Vem cos Tudeſcos huma dama bela,
Com quem foy liberal a natureza,
As partes que reparte juntas nella
Pondo, como a que tanto eſtima e preza:
Pode quem tudo pode aſſi rendela,
Que patria, pais, e tudo em fim deſpreza,
Por ſeguir ſeu amado, e doce eſpoſo,
Hum ſoldado Tudeſco valeroſo.

Eſte depois de já desbaratado
O campo todo, poem a eſpoſa amiga
Nas ancas de hum friſam acoſtumado
Para taõ dura e aſpera fadiga:
Indo rompendo valeroſo e ouſado,
Pola gente cruel, e enemiga,
Que atras o hya ſempre perſeguindo,
Com lançadas a hum, e outro ferindo.

Vae chorando a coytada ali abraçada
Co doce amigo, o roſto atras voltando
De purpura veſtida, eſcabelada,
Sempre do imigo o eſpoſo ali eſcudando:
Qual nas ancas de Neſſo a ingrata amada
Dianira, que a frecha arreceando
Teſa a orelha já do braço forte,
Com que ó Centauro, Alcides deu a morte.

Aſſi vae a Tudeſca, e juntamente,
A fere amor, e a canalha fera,
Que mais ſente de amor o mal que ſente,
Que daquelle em que certa a morte eſpera:
Vede como he hum doutro differente,
E quam pouco lhe ali entam doera
Perder a vida nam viuendo della.
Que lhe doy por alhea de perdella.

Mil

Mil magoas vae dizendo a sem ventura;
Mil temores a cercam, e desconfiam,
Sobre quem lhe dará á morte escura
Fortuna impiedosa, e Amor porfiam:
Antecipa-se aqui a sorte dura,
Vendo que amores já a consumiam,
E faz que hum Alarbe a lança atire
Antes que assi de amor a triste espire.

Passa o ferro cruel, cruel e agudo
As entranhas da inclita donzela,
Quem lhe dando bradou, ditoso escudo
Pois tua vida pode defendela:
Fica o esposo aqui palido e mudo,
Que naõ pareceo dar a lança nella,
Como à verdade deu mais crua nelle,
Passando o corpo a ella, e a alma a elle.

Onde o turbado amante bem quisera
Voltar para vingar a morte crua,
Se obrando rogo-lho naõ defendera,
Com' que a empresa lhe estorua a presa sua:
Dizendo: Esposo meu se se perdera
A minha vida só sem essa tua,
Comprando-a taõ barata, aqui co ella
Ganhara o grande gosto de perdella.

Mas como cà sem vós ficar eu posso?
Como apartar nos póde o tempo imigo,
Se he verdade que estou no peito vosso
Como sempre nesta alma estais comigo?
Olhay a obrigaçaõ deste amor nosso
A quanto vos obriga doce amigo,
Seja dambos de dous só huma a sorte,
Só huma a vida, e huma a mesma morte.

Torna

Torna o amante entaõ a ir proſeguindo
Seu caminho, ja tenro da brandura
Com que o vae a triſte perſuadindo,
Que tornara de cera huma pedra dura:
Vanſe ja dos imigos encubrindo
Por hum ſoueral, e orrida eſpeſſura,
Onde ao pé duma aruore que acharaõ
Mais triſte e eſcondida, ſe apearaõ.

Ali ja do perdido ſangue, o belo
Roſto da linda dama, amortecida
Caindo, da mortal ſombra amarelo
Ficou, e a boca hum pouco denegrida:
Por cima lhe ficou ſolto o cabelo,
E os ôlhos pouco abertos, eſcondida
A viſta tendo, e colo reclinado
Cum braço em terra, e outro derribado.

Naõ de outro modo a viua cor perdendo,
Que quando ja da ruda maõ cortada
A candida açucena, vay pendendo,
Em pouco eſpaço palida e mudada:
A matutina graça emmurchecendo,
Aquella ſuavidade transformada
Ia em triſtes memorias, do bem caro
Que taõ de preſſa leua o tempo auaro.

Aſſi a triſte pallida jazia
Na dura terra, junta de ſeu eſpoſo,
Que maldizendo a ſorte as mãos torcia,
Da certa morte inda duuidoſo:
Onde de quando em quando interrompia
O impetu do alento ſoluçoſo,
A voz deſordenada, e diſſonante,
Ora graue e aguda, ora tremante.

Di-

Dizendo: Oo doce amor, doce esperança,
Esperança ja nam, pois vos partistes,
Deixando-me soo cá a triste lembrança,
Para mór magoa, de memorias tristes:
Em que me confiey? Ah confiança
Como no fim em fim sempre mintiste,
Ah porque crua morte, e Alarbe bruto,
De meu sangue leuaste o ferro enxuto.

Como de ti meu bem partir poderey?
Ou como poderey viver sem ti
Que naõ viuas comigo? onde estarey
Que tu nam estejas lá, eu esteja aqui?
Ah quanto em ser teu amor ganhey,
E quanto em te perder meu bem perdi,
Pois que me fica ca bela consorte
Senam só desastrada e escura morte?

Isto dizendo, o rosto descobrio
Da descorada e ja morta donzela,
Que parece que morta inda sentio
Chegar-se o seu amado esposo a ella:
Ou seja que inda amor se nam sahyo,
Ou inda a alma delle dentro nella
Estaua, ou que fosse por ventura
O que o desejo às vezes afigura.

Elle co a voz tremante, o rosto lento
Ajunta ao que frio e morto estaua,
Olhando se respira o tibio alento,
Ou se o coraçaõ lhe palpitaua:
Renoua-lhe outra vez o sentimento
Amor, que so por isso o enganaua
Ia tomara viuer naquelle engano,
Mas torna em fim a lamentar seu dano.

Onde

Onde os Mouros que andauam derramados
Por antre a ſeluatica floreſta,
Ouuindo os roucos e triſtonhos brados
Com que reſponde Eco á voz funeſta:
Por ella áquella parte ali guyados,
Que de eſpaço em eſpaço afflicta e meſta
Soaua, o lugar lhe determina
Que eſconde o triſte, e morta perigrina.

Os quaes vendo ali tal auentura,
(Co a condiçaõ preverſa embrauecida)
Metem a ceruiz do triſte em priſam dura
E em continua morte a morta vida:
O qual co coraçaõ da dor eſcura
Partido, reſiſtindo a tal partida,
Pondo á defenſa braua fracos braços,
Foy feyto logo ali em mil pedaços.

Eſte foy o ſucceſſo deſaſtrado
Dos dous leaes amantes ſem ventura,
Mal que deue de amor ſer eſperado
Quando num grande bem nos aſſegura:
Foy de hum catiuo tudo iſto contado
Que eſcondido eſtaua na eſpeſſura,
Onde preſo tambem no meſmo dia,
Teue a muitos coitados companhia.

Mas tornando aos que ſeus danos ſeguyaõ,
Alguns por varios modos ſe ſaluaraõ,
Outros que de canſados naõ podiaõ
Correr, aos imigos ſe entregaraõ:
Aguns a caſo ali apareciaõ,
Que cuidando ir auante atras tornaraõ,
Os quaes de ſeus deſpojos carregados,
Vaõ atras os imigos maniatados.

Em

Em manadas andauaõ os Mauritanos
Dum cabo a outro o boſque diſcorrendo,
Buſcando os eſcondidos Luſitanos,
Que o mais eſpeſſo delle andaõ rompendo:
Mais que brutos Hircanos inumanos
Nelles o zelo crù, ſatisfazendo
Com naõ viſtas e ouuidas crueldades,
Ygual no danno, titulos, e ydades.

E aſſi ſempre trazendo pronto o ouuido
A todo o ſuſpiro, onde a lembrança
De tanto mal faz inda a hum afligido
Lançar maõ de qualquer fraca eſperança,
Por hum lugar ſombrio e eſquecido,
Que prometia livre ſegurança,
Ouuem grande rumor, de hum deſgarrado
Caualeiro, que vinha deſcuydado.

Eſte como do campo ſe ſayra
A ſeu perdido Rey ſempre buſcando,
Depois que nam-no achou as redeas vira
Naõ: ò reues da ſe que o eſtá obrigando:
O Conde eſte era Dodemira,
E a lança no arçaõ atraueſſando,
Num caualo taõ froxo caualgaua
Qua à força de eſporadas caminhaua.

Trazia as armas rotas, e a eſpada
Neſte tempo, metida na bainha,
A celada, e a loriga enſanguentada,
Dos Mouros que no boſque mortos tinha:
Onde ouuia chamar a voz canſada
Por ſocorro, o caualo naõ detinha,
Liurando alguns dos Barbaros malvados,
Que leuauaõ ante ſi preſos e atados.

Pois deſte modo aſſi atraueſſando
O boſque agreſte, orrido, e deſerto,
De mais de cincoenta que eſcutando
Andauaõ, foy o Conde deſcuberto:
Remetem a elle todos alulando,
Onde da vida o fim alguns tem certo,
Eſpera o caualeiro, e como eſpera
Naõ ſey que peito forte o naõ temera.

Ao canſado caualo as redeas vira
Que qual peſada barca ſe rodea,
E logo apos iſto a eſpada tira,
De ſangue hum ſobre outro toda chea:
O que vendo hum alarbe a lança atira
Que inda que nenhum perigo naõ recea,
Se com tudo ſe della naõ guardara
O peito ſem defenſa lhe paſſara.

Logo todos os outros enojados
De ter taõ pouco medo, ſopeſando
As lanças, arremetem denodados,
Em muitos contra hum ſe confiando:
Mas os que chegaõ perto eſcarmentados
E feridos de morte ali ficando,
Lhes faz com que moderem a ouſadia
Temor tirando ſempre da porfia.

Com tudo hum que antre elles mais ouſado
Preſume ſempre em tudo ſinalarſe,
O caualo lhe encontra, que canſado
Folgou co a ocaſiaõ de deſcanſarſe:
Naõ pode ſer taõ cedo leuantado,
(Que o caualo naõ quis aleuantarſe)
Que os Mouros ſe naõ lancem ali ſobrelle;
E todos peguem duramente nelle.

Sendo

Sendo preſo cruel e eſquiuamente,
E logo deſarmado num iſtante,
A pè o leua aquella bruta gente,
Fazendo-o caminhar ſempre diante:
Que porque era dos outros differente
A hum lugar dali pouco diſtante,
O caminho contentes vaõ ſeguindo,
Onde eſtaõ os deſpojos repartindo.

Ali depois de eſtarem deſcanſados,
Conſultaõ em deſpir o varaõ forte,
Que jà dos deſcorteſes e maluados
Por aliuio eſperaua a fera morte:
Olhae aonde ao triſte eſtaõ guardados
Os meos de taõ dura e iniqua ſorte,
Olhay que o que tomou para valerſe
Nas preſſas, foy cauſa de perderſe.

Viraõ-lhe a roupa, e logo lhe enxergaraõ
Hum colar rico, onde cobiçoſos
Sobre elle huns com outros pelejaraõ,
Que amizade naõ dura antre enuejoſos:
Em tanto as máos atras outros lhe ataraõ,
Com termos inumanos riguroſos,
Onde elles, vendo ja ſua deſuentura
De giolhos ſe poem na terra dura.

Eſtá em terra o conde e com receos,
Cercando-o ali lembranças confiadas,
Leuanta ao ceo os olhos dagoa cheos,
Os olhos, porque as máos ja tinha atadas:
Daõ huns ſobrelle a outros golpes feos,
Crece o rumor e feras cutiladas,
Huns o defendem q̃ outros lhe naõ cheguem
Outros por muitas partes o perſeguem.

Ofere-

Oferecido ao ferro riguroſo
Eſtá, qual ante bruto carniceyro
Que aguça o cutelo ſanguinoſo,
O manſo e pacifico cordeyro:
Onde da doce eſpoſa o amor perfoſo,
Amor ſempre taõ firme e verdadeiro,
Lhe dobra a dor que ſente no receo
Que o atormenta do tormento alheo.

Dizendo: Oo doce amor ó doce eſpoſa,
De bem tam caro, amor que nunca fora,
Como eſtarás alhea e deſejoſa
De ſaber o que faz teu eſpoſo agora:
Que temores te afligem a alma ſaudoſa,
Que chora ſem ſaber o porque chora,
Com que enganos te amor diverte aſinha,
Do que te o coraçaõ triſte adeuinha.

Que riguroſa voz ſerá a primeira
Que polo pronto ouuido murmurando
Leue eſta triſte noua verdadeira
Ao coraçaõ que a eſtá certificando:
Como turbada ficarás e inteira,
Differente ſuceſſo aſigurando,
Mas como ja da graue dor vencida
Te ſerá eſta morte eſcura vida.

Quem pudera cuydar que deſta ſorte
Vieſſe a perder o que naõ tinha,
Perco a vida aqui e acaba a morte,
Naõ em mi, mas em ti a vida minha:
E apos iſto o nome da conſorte
Que dentro da alma num ſuſpiro vinha,
Lhe faz humedecer cada popila
Por onde o coraçaõ magoas eſtila.

Crueis

Crueis e esquiuos golpes retinindo
sobre a cabeça ja do sem ventura,
Hum errado fendente a terra abrindo,
Outro acertando a palida figura:
Os figados pendentes lhe saindo
Por huma parte e outra da centura,
Banhando a terra ali de sangue, e de agoa,
Que as duras pedras cõmouera a magoa.

Estado onde ja de cor terrena
A voz erguendo ao ceo, fraca e cansada,
Diz: Oo senhor livray da eterna pena
(Com perdoar-lhe a culpa) esta alma errada:
De tamanho poder merce pequena
A poderá fazer bemauenturada
Pequena naõ a quem por esse meo
Fica de todo bem (vendo-vos) cheo.

Isto dizendo hum que a presa rica
Mais sentia perder, bramando de yra
Ao nefando Mafoma o sacrifica,
Cum golpe que a cabeça ao corpo tira:
Saltando vae o rosto, e mudo fica,
Com boca negra os lentos olhos vira,
Sae-lhe de sangue da garganta hum rio
Enuolto fica nelle o corpo frio.

Outras cruezas móres vos contara
Que estes faziaõ a muitos que tomauaõ,
Se o que vos prometi mo naõ estoruara,
Ou soluços contalas me deixaraõ:
Basta que todos vem da roda auara
Do tempo o rigor, e inda ficaraõ
Peor que os mortos os que ficaõ viuos,
Pois em poder do imigo vaõ catiuos.

De

De varias partes de despojos cheos
Os Mouros caminhauaõ, carregando
De todas as maneiras de tropheos
Os captivos que vem aguilhoando:
Leuaõ seus bens o tristes como alheos,
Aas tendas onde estaõ sortes lançando
Sobre a repartiçaõ os Mauritanos,
De ouro, prata, catiuos, sedas, panos.

No Campo os tres dias estiueraõ,
Que aos victoriosos se permite,
Onde o Visorrey por Rey elegeraõ,
Como lhe ensinou o Rey do auerno Dite:
Nos quaes a muitas cousas ordem deraõ,
E quelles a quem pos morte limite,
A largos fundamentos, que na dura
Terra estauaõ, deraõ sepultura.

Sendo tantos os mortos Mauritanos,
Que naõ hauia máos que os enterrassem,
Deixando aos animaes os Lusitanos,
E ás aues que nelles se fartassem:
Mas porque se confundam os inumanos,
E de seu Alcoraõ se naõ jactassem,
No campo alguns mezes estiueraõ,
Onde casi nenhuns se corromperaõ.

Plenaria remissaõ de seus peccados
Lhes tinha concedida o Padre Sancto,
Morrem contritos, morrem confessados,
Suspende os infieis confuso espanto:
Quer Deos mostrar nos corpos traspassados
Em certo modo de milagre, quanto
Estima as almas dos que na sua Corte
Eterna vida tem por breue morte.

Ia tinha os despojos recolhidos
O Rey, quando o Rey morto a buscar manda,
Aonde dous catiuos escolhidos
Deraõ a ordem à funebre demanda:
Aceitaõ o partido, mas partidos
Os corações, por huma e outra banda
Vay ja hum Portugues do Rey mandado
D'alguns Mouros com tudo acompanhado.

Por antre o negro sangue ja coalhado,
Vaõ os palidos corpos retombando,
Onde hum fendido do cruel terçado
Polas costas se vay desentranhando:
E outro de lançadas trespassado
Donde se estaõ as tripas pendurando,
Vaõ reboluendo com turbados peitos
De ver os varios e mortaes effeitos.

Naõ com tanto soluço a bela Argia
Contra o mandado do cruel Creonte,
No arrayal os mortos rebolvia,
Duuidando em qualquer palida fronte:
Quando aquella triste companhia,
Do cadeuero mais erguido monte,
Tombando hú sobre outro, e com gram magoa
Renouaõ as chagas sangue, e os olhos agoa.

Ali se vira o parente e amigo,
Ali o irmaõ, o pay, e o filho amado,
E algum vingança tal em seu enemigo,
Que lhe pesara ver-se taõ vingado:
Vede quando de magoa traz consigo
O odio piedade, em que estado
Ficaria o que vae da morte incerto,
Achar o que ama morto por acerto.

Naõ

Naõ sey como contar vos possa aquella
Interna dor que os tristes vaõ tragando,
Pois que vedes que so lembranças della
Vos està dagoa os olhos arrasando:
Auante naõ me atreuo de ir por ella
Que se me està o coraçaõ rasgando
Em fim os mortos todos reboluendo
O Luso moço foraõ conhecendo.

Conhecem ser aquelle o sem ventura
Rey, qne de nos serà sempre chorado,
Que se o longo tempo algum mal cura,
Pequeno he, se o naõ faz dobrado:
De madeira lhe ordenaõ sepultura,
Onde metido o corpo tresspassado
Banhados todos em funebre pranto,
Mil lastimas estaõ dizendo em tanto.

O que vendo Duarte em voz cansada
Que num suspiro da alma lhe sahya,
Com pratica seuera e auisada
Aos que trazem o Rey assi dezia:
Em quam estreita e infima morada
Cabe o que no mundo nam cabia!
Vede em que para o discurso humano,
Que valer te enganou ah Lusitano!

Que Foy da pompa e Cetro sublimado?
Que foy de teu comprido pensamento?
Por quem perdeste a vida, e rico estado,
Que nos chegou a tanto perdimento?
Foy lealdade em nos conselho errado
Pois se nam deue ter a errado intento,
Tu deste asas a teu proprio dano,
De quanto pranto hes causa, ah Lusitano!

Iſto dezia em lagrimas banhando
O graue roſto e turbado peito,
Com ſuſpiros a dor delle arrancando
Que ja naõ cabe no lugar eſtreito:
De quando em quando os olhos inclinando
Ao terreno, mas Real aſpeito,
A Maura gente tanto enternecendo
Que em lagrimas ſe eſtauaõ deſſazendo.

Por huma e outra parte corcouados
As maõs neruoſas no ataude leue,
Pegando muitos, prontos, e admirados
De como ſe deſcuyda o viuer breue:
O roſto em ver que ali ſomos tornados
Naõ ha nenhum que palido naõ leue
Leuando alli a ſer inda catiua
Juuta co corpo morto a magoa viua.

Vaõ qual triſte familia encapuzada,
Que atras da negra e funebre tumba
A ſoluçoſa voz triſte e canſada
Dentro nos roucos peitos lhe retumba:
Coatro leuantando a carrega pezada,
Dum ſo, que lhe caleja a ceruiz cumba
Vendo-ſe o que o corpo á alma deue
Pois a juſta o fara depois tam leue.

Eſtaua o nouo Rey no nouo eſtado
Quanto podia eſtar hum Rey contente,
Temor futuro do mal já paſſado
Lhe perturbando o prazer preſente:
Ouue gritar o pouo atormentado
Catiuo, piadoſa e triſtemente,
Nam-no commoue a magoa, mas a yra,
A vingança que teme e que ſuſpira.

E qual

E qual Cambiſes jà victorioſo
Do infeliz Pſanietico, inumano
Flagela tanto o pouo lagrimoſo,
Que lhe naõ chega o temor ao danno:
Aſſi o Rey preuerſo e riguroſo
Gloria lhe he o tormento Luſitano,
De mil cruezas ſendo executores.
Os Barbaros maluados vencedores,

Nunca tormentos deraõ mais eſquiuos
Os Maximinos, nem Maxencio yrado,
Que faz com que os mortos matem viuos,
De corrupçam o viuo ao morto atado:
Nem do que dá ós miſeros catiuos,
A ſeus caualos por manjar vſado,
Nem os que os ventres dos animaes rompem,
Onde dentro os culpados ſe corrompem.

Já Phalarides de quem foy Perilo
Bem juſtamente aſſi galardoado,
Que dentro no metal ſe rii de ouuilo,
O que ouuera nos taes de ſer vſado:
E Aſtiajes que muda a meſa o eſtilo,
Fazendo que no ventre ſepultado
Seja de Arpago o filho, nunca acharaõ
Tormentos quaes os Mouros inuentaraõ.

Huns por neruoſas pernas dependuraõ
Qual Jauali, dum pao atraueſſadas,
E aſſi o ventre por mil partes furaõ,
Até que as tripas ſaõ arreueſſadas:
A outros polas coſtas os procuraõ
Abrir (que eſtaõ abertas de lançadas)
A força de duriſſimos flagelos,
A outros tiraõ vnhas e cabelos.

Que

Que lhe dem os theſouros que engoliraõ
Lhe dizem, e cruel e eſquiuamente
Os corpos feridos em eſtrepes viraõ,
As prantas lhe metendo em fogo ardente:
Muyto grandes tormentos conſentiraõ
Porque nefandos rogos naõ conſentem,
Tudo ſam gritos, vozes doloroſas,
Tudo gemidos, magoas lagrimoſas.

E porque aqui hum cazo laſtimoſo
Me enterneceo o coraçaõ aflito,
Porque fuy eſtimunha, ao doloroſo
Trance ſerá bem que fique eſcrito:
Naõ ſendo inda muito riguroſo
Para os que vos podera ter já dito,
Que naõ digo, porque de pura magoa
Senaõ conuertaõ os coraçoens em agoa.

Numa tenda de Alarbes inumanos
Eſtauam alguns catiuos, eſperando
Riguroſos tormentos, crueis dannos
Sobre o que eſtam os Mouros conſultando:
Correu os olhos polos Luſitanos
Num cuytado Tudeſco os afirmando,
Que eſcolhem para bruto ſacrificio
Com que cuydaõ remir ſeu malificio.

Entende o triſte a ſentença aduerſa,
Naõ quer ſayr da tenda, mas forçado
Poſto no campo aruore transuerſa,
He por todas as partes decotado:
Qual oliua do vento ao ceo reuerſa,
Da curua fouce e ruſtico machado,
Derramadas dos rudos he em roda
Que em pouco eſpaço a eſpedaçam toda.

Aſſi

Assi o sem ventura ali pendendo
A huma e outra parte desmembrado,
De magoa está a terra enternecendo,
Mas naõ o cruel zelo encarnicado:
Que a qual mais fero o corpo desfazendo,
Por derradeiro o colo já cortado
Cae o triste fazendo companhia
Aos palpitantes membros que regia.

Já neste tempo os Mouros leuantando
O Arrayal pelo final que tinhaõ,
Os catiuos fidalgos procurando
O Rey, que ocultamente nelle vinhaõ:
Indo-se esta noua publicando
Polos que cos despojos já caminhaõ,
Sendo parte saberem o que procura
O Rey, para infinita desuentura.

Porque cada hum vendo mal cumpridos
No fim da guerra e prospera victoria,
Os premios antes della prometidos,
Promessa sempre vaá, e obrigatoria:
De sem razaõ tamanha mal sofridos
Sendo seu o trabalho, e alhea a gloria,
Cos catiuos fugiaõ polas serras,
Derramando-os depois por varias terras.

Onde casos estranhos mais que vmanos
Esforços nunca ouuidos temerarios
Feitos, que feitos sam de Lusitanos,
Faziaõ nos peruersos aduersarios:
Que depois que se viaõ em tantos danos
Por lugares sombrios solitarios
Naõ teme hum a muitos, termo vsado
Do Portuguez, inda que amarrado.

Hyaõ

Hyaõ os triſtes que era magoa velos
Polos peſcoços prezos, caminhando
A força de duriſſimos flagelos,
Que as feridas lhe vaõ enſanguentando:
Nas gargantas lhe punhaõ os cutelos
Os Mouros, com temor, e arreceando
Inda os forçoſos braços maniatados,
Eraõ de noite a coartos vigiados.

Mas pouco lhe aproueita, e monta tudo
Que coraçaõ onrado naõ conſente
Afronta, onde hum co dente agudo
Corta o laço em quem vae aſperamente:
Outro de mayor força e mais membrudo
Rompe os ferros, e contra a Maura gente
Que deſcuydada eſtá dormindo a feſta,
So cum baſtaõ lhes faz dura requeſta.

Outros de noite huns a outros ſoltando,
Aos dorminhocos daõ, para auiſalos
De como lhes conuem que os vaõ tratando
Quando mal ſe guardarem de guardalos:
As armas e veſtidos lhe tomando,
Sobindo-ſe nos proprios ſeus caualos,
Que conhecidos pela Luſa lingua
Saõ tomados depois á pura mingoa.

Os mais catiuos que em varias manadas
Caminhaõ co arrayal, triſtes e aflictos,
Cheos de crueliſſimas lançadas,
Padecem mil tormentos infinitos:
Forças tiraõ das forças já acabadas,
Muitos dando apos ellas os eſpiritos,
E os que andar naõ podem por diante
Feytos ſam empedaços num inſtante.

Vaõ

Vaõ quaes aquelles triſtes e ſaudoſos,
Iſraelitas, quando preſos foraõ,
Das Babilonios, que nos deleitoſos
Eſtromentos que deixaõ, os bens memoraõ?
Onde Eufrates e Tigris caudeloſos,
Das lagrimas que ali ſobre elles choraõ,
Turbaõ a clara lympha, e naõ me eſpanto,
Pois agora o Sabut faz outro tanto.

Mas deyxemo-los ir, que naõ pretendo
Tratar aqui mais delles neſta eſtoria,
E tornemos a armada (ſe perdendo
A nam foſtes com magoas da memoria)
Vae dom Diogo o brauo mar rompendo
Para Larache, aonde eterna gloria
Determina ganhar, mas o preuerſo
Succeſſo lho eſtoruou, em tudo aduerſo.

Porque eſtando guardando o mantimento
Que por ſer de ſeu Rey conuem guardalo,
A que ſe obrigou por juramento,
Porque naõ poſſa em nada diſpenſalo:
Tendo por limitado regimento
Naõ cometer o forte, e ali eſperalo,
Ate que com victoria ter co elle
Venha, para o louuor ſer tambem delle.

Eſtando ancorado, e duuidoſo
Da victoria que elRey lhe prometia,
Ouuem todos o orrido, e eſpantozo
Eſtrondo, da infernal artilharia:
De duas legoas ſoa o temeroſo
Som, que claro a mais de ſeis ſe ouuia,
Julgam todos que o Rey batalha daua,
E que em algum perigo grande eſtaua.

Poem-

Poem-ſe todos entaõ co as maõs erguidas,
Cos giolhos nas taboas pegajoſas,
Ao piadoſo Deos pedindo as vidas
Emparo a tantas Luſas deſditoſas:
Apos de rogos lagrimas caydas
Polas faces, naõ foram entaõ poderoſas
Para eſtoruar que a gente peregrina
Naõ proue de ſeu erro a diſciplina:
Grande victoria ali ſe certifica
Antre o concurſo de ſeu nome amigo,
Onde hum cobiça já a preſa rica,
Outro deſpreza o valor antigo:
Niſto turba-ſe o Sol, e ſem luz fica,
Do prodigio inferem roto o imigo,
Lançaõ juyzos vãos e mintiroſos,
Nos caſos que traçauaõ venturoſos.
Mas apos iſto ouuem hum rouco eſtrondo,
Que parece que o mundo ſe arruynaua,
Vendo ſubir hum globo ao ceo redondo
De negro fumo, que o dia eclipſaua:
Varias couſas eſtaõ entaõ propondo,
Do que podia ſer, como alcançaua
Cada hum co juyzo fuſco, e incerto,
Dizendo hum e outro deſconcerto.
Eſte eſtrondo foy, que os Mouros deraõ
Aa poluora dos triſtes Luſitanos
Fogo, que os das naos mal entenderaõ,
Eſtando alheos de ſeus proprios dannos:
Seos olhos polas agoas eſtenderaõ
Como fizeraõ os inclitos Romanos
Duuidoſos da ſorte de Tarquino,
Temendo eſtando o furor Sabino.

Que

Que dos escudos rotos e quebrados,
E dos troços das sanguinosas lanças,
Polo Anieno ao Tibre encaminhados,
Conhecidos, lhe afirmaõ seguranças:
Nam estiueram ali tam descansados,
Festejando promessas de esperanças,
Atrebuindo as saluas que lhe dauaõ
Os Mouros, a que a terra jà largauaõ.

Com tudo dom Diogo como astuto
Vendo tam mao final, a hum atreuido
Luso mandou no que faria instruto,
Que em Barbaresco trajo vae vestido:
Pouco depois, co rosto pouco enxuto,
Numa fragata hum velho que escolhido
Para tal noua foy, chegando a armada
Co a noua infeliz e desastrada.

Joaõ Dorta se chamaua a alma aflita,
Que se desfaz em lagrimas que estila,
Mandado foy do capitaõ Mezquita,
Que por goarda ficou na forte Arzila:
O qual co a presença soo incita
A lastima, que mal pode encubrila,
Quem claramente ve o que diria
O velho que formar voz naõ podia.

Começa o triste e acaba soluçando
Quando diz o começo, o fim resume,
Sabe (dezia) senhor, e aqui calando
Sem mais, dentro na boca a voz consume:
Tornaua, tudo he já perdido, e quando
Que proseguia o capitaõ presume,
Meneando a cabeça a estoria cala,
Que naõ pode com lagrimas contala.

E indo

E indo pouco a pouco aſſi alcançauaõ,
As nouas que trouxeraõ os que eſcaparaõ,
Todos ſem cor eſtatuas ſemelhauaõ
Depois que para huns outros ſe olharaõ:
Huns com bocas abertas ſe regalauaõ
Os olhos, outros beiços apertaraõ,
Onde começa o Capitaõ prudente
A deſcobrir a dor que nalma ſente.

Oo deſeſtrado caſo, ó Rey (dezia)
Nacido para meo de tal danno,
Quantos annos de gloria num ſo dia,
Perdeo ſem culpa o nome Luſitano:
Como jactar te deues Barbaria,
Que lugar te dará taõ ſoberano
A fama iniqua, e como em fim cantado
Será teu nome, e ſempre celebrado.

Vencer-ſe quem coſtuma a ſer vencido
Coſtume he do tempo e da fortuna
Mas quem te já venceo ficar rendido
Em teu poder, he laſtima importuna:
Naõ foy valor, mas tempo em fim cumprido
Que eſperaua chegar ora oportuna,
Para dar fim aos triſtes Portugueſes,
Como tinha apalpado tantas vezes.

Que deſculpa co mundo ter ſe deue
Que do ſoceſſo ſo o louuor tira?
Que terá maõ na pena do que eſcreue
O que ſómente a voz vulgar reſpira:
Se o erro popular tanto ſe atreue
Que qualquer deſuentura em culpa vira
Sem ſaber a razaõ do procedido,
Naõ vendo mais que ſó o acontecido.

O quem

Oo quem fora tam bemauenturado,
Que ante ſeu Rey tiuera companhia
A tanto caualeiro taõ esforçado
E naõ chegara a ver taõ triſte dia:
Como de aparecer ſerey ouſado
Sem o Rey que a meu carrego trazia,
Ante as matronas triſtes e ſaudoſas,
Máes, parentes, irmãs, filhas, e eſpoſas?

Proſſeguindo com magoas ſemilhantes,
Com efeitos de dor eſquiua e crua,
Ajudado dos Nautas circunſtantes,
Cuja magoa naõ he menos que a ſua,
As ancoras leuando os mareantes,
Trabalho com que a teſta a todos ſua.
Dando as velas aos ventos que ſopranaõ,
Para o porto de Arzila onde ancoranaõ.

Ali antre os fidalgos conſultado
Foy, que mandem recado ô Reyno aflito;
Sendo hum correo logo deſpachado
Com tudo o que paſſou bem largo eſcrito
Paſſa o menſageiro o mar ſalgado,
Inſtruto bem no que lhe tinhaõ dito,
A Betica atraueſſa e Andaluzia
A Lisboa chegando hum triſte dia.

Chega o correo aos coatro Regedores
Que no Reyno ficaraõ gouernando,
Cercados de perigos e temores
Que os coraçoens lhe andam adeuinhando:
Preguntam: ſam os noſſos vencedores
Ou que nouas trazeis? mas ſuſpirando
O triſte, a dor interna naõ encobre,
Que tudo em ſoluços lhe deſcobre.

Abrem

Abrem as cartas logo lagrimoſos
Varoens, e vem mais certo tudo nellas;
Prouem nas couſas como induſtrioſos,
Em quanto podem dar reſguardo a ellas:
Mas os peitos das Luſas receoſos,
Vendo que ſe encubriaõ as couſas dellas,
E que as almas que dentro nalma tinhaõ
Lhe fugiraõ, murmuraõ o que aduinhaõ.

Naõ podendo encobrir-ſe a noua tanto
Que a fama que corrura em pranto andaua;
Naõ foſſe o meo do terribel pranto
Que já aqui e ali ſe começaua:
Que huns efeitos de magoa, outros de eſpanto
Nas praças rodeando o que contaua
A triſte noua fazem, outros bradando
As longas barbas vaõ arrepelando.

Daõ nos prontos ouuidos das cuytadas
Luſas (que a qualquer noua atento eſtauaõ)
Aquellas vozes roucas e canſadas,
Que bens perdidos triſtes recitauaõ:
Naõ lhe dando lugar (certeficadas
O que ſem poder crer ja arreceauaõ)
A graue dor, a ter lugar o auiſo
Por naõ lhe ſer doudice, amor, e ſiſo.

Saem logo humas de caſa, ao brando vento
Solto o cabelo, onde pendurando
Se vae a rota touca o roſto lento,
E veſtiduras de prazer raſgando:
Outras em taõ terribel ſentimento
A cor perdida, em terra derribando
Os froxos braços, como já difuntas,
Eſtaõ nas praças, e nos templos juntas.

Ou-

Outras fazendo mais crueis efeitos
Da dor que as atormenta, que contalos
Naõ quero a liures, pois que por defeitos
Naõ ſabendo de amor, deuem julgalos:
Ellas tem os eſpoſos em ſeus peitos:
Mas perdendo a eſperança de logralos
Moſtrauaõ, que naõ ſam bens de verdade
Os que trazem apos ſi qualquer ſaudade.

Chegando já entaõ a triſte armada
Que ſem ſenhor, ſem gente, e ſem alegria
Vinha, de negro toda embandeyrada,
Vede agora que pranto aqui ſeria:
A gente polos altos derramada
Por huma, e outra parte diſcorria,
Enchendo o ceo de gritos doloroſos,
Que firmauaõ os rios caudeloſos.

Em tanto os que gouernaõ ſabiamente
O Cardial para ſeu Rey chamando,
A tal lugar peſſoa conueniente,
Conſeruaçaõ do Reyno procurando:
Aos Principes Chriſtãos em continente
Por correos de tal caſo auiſando,
E em fim, que a tudo entaõ ali ſe acudia
Como o negocio, ou tempo o requeria.

Mas quem chegou ao fim taõ laſtimoſo
Que prometeo, aqui ſurto reſpira,
De paſſar eſte valle tenebroſo
Canſada já a deſcontente Lyra:
Com tudo ſe ao pranto doloroſo
Que tanto ha que chora e que ſuſpira
Deres Senhor fauor, eu vos ſeguro
Que por contar naõ fique o mais futuro.

LAVS DEO.